A OPÇÃO PELA ESPADA

Cmte P.A.Marangoni

A OPÇÃO PELA ESPADA

Cmte. P.A.Marangoni

Copyright 1998 by Pedro Alberto M. Rodrigues Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro , SP , Brasil)
Silva,Pedro Alberto Marangoni Rodrigues , 1949 -
A opção pela espada / Pedro Alberto Marangoni Rodrigues Silva. -- Espírito Santo do Pinhal , SP : P.A.M.R. Silva, 1999.

1. Escritos de soldados 2. História Militar 3. Memórias autobiográficas I . Título.

99- 0927 CDD- 355.0092

Índices para catálogo sistemático :
1. Memórias de guerra : Autobiografia : Ciência militar 355.0092

Composto e impresso no Brasil - Printed in Brazil

"Todos os homens sonham, mas não da mesma forma. Os que sonham à noite, nos mais fundos recantos de suas mentes, despertam ao amanhecer para descobrir que tudo não passara de vaidade. Mas os sonhadores do dia são homens perigosos, pois podem lutar por seus sonhos de olhos abertos e convertê-los em realidade. Foi o que eu fiz."

T. E. Lawrence, "Seven Pillars of Wisdom"

ÍNDICE

Cap. I - LEGIÃO ESTRANGEIRA FRANCESA
- A seleção dos recrutas.....10
- Córsega - o treinamento.....12
- A prisão.....15
- Dezembro, 25, Natal na Legião.....18
- Prisão novamente - torturado.....19
- Adeus Córsega..... 27
- Rumo a Portugal.....28

Cap. II - MOÇAMBIQUE
- A revolução.....32
- Milícias africanas no Niassa.....32
- O batismo de fogo.....35
- A revolta de 7 de setembro.....39

Cap. III - RHODÉSIA
- Os comandos.....44
- No antigo Congo Belga.....45

Cap. IV - ANGOLA
- O primeiro avião.....60
- Começa a instrução.....62
- Atingido pela antiaérea!.....64
- O primeiro combate.....67
- Garimpando aviões.....69
- O desastre militar no Caxito.....71
- Acidente.....73
- Blindados ao ataque.....75
- Minas!.....77
- O inferno nas sete curvas.....81
- Combate nos ares.....93

- Bombardeio à capital inimiga.....94
- A grande ofensiva.....99
- O começo da derrocada.....115
- Combate de tanques.....145
- O fim.....148

Cap. V - NA GUERRA DE INFORMAÇÕES

Cap. VI - RESISTÊNCIA MOÇAMBICANA
- De volta ao combate.....169
- A Resistência se fortalece.....176

Cap. VII - ESCRITOR "REACIONÁRIO"!
- O best seller.....181
- A cilada.....182

Cap. VIII - LEGIÃO ESTRANGEIRA ESPANHOLA
- A instrução - recruta novamente!.....191

EPÍLOGO

PREFÁCIO

Início da década de setenta.

Cinco anos de vida militar no Brasil me apontavam um caminho e um inimigo comum à Civilização Ocidental.

Por quê esperar que ele viesse à nossa casa, ao nosso País? Por quê não combatê-lo onde quer que estivesse?

Aos 23 anos de idade era piloto de jato e paraquedista, mas teria que aprender a lutar com os pés no chão, na infantaria, se quisesse sobreviver... Lancei-me ao desafio e os anos que se seguiram suplantaram até os meus mais audaciosos sonhos.

Da Força Aérea do Brasil a infante na Legião Estrangeira Francesa; de instrutor de Educação Física a chefe de Milícias na guerra colonial em Moçambique; de piloto de observação a comandante de um Grupo Blindado na guerra civil em Angola; de guerrilheiro a instrutor de comandos na Rhodésia; de agente de informações na Espanha a "escritor reacionário" em Portugal...

Escapando de ciladas, perseguido como marginal perigoso, tornei-me novamente legionário, desta feita na ilha de Fuerteventura, nas costas do Sahara Espanhol. Era um ciclo que se fechava, em oito anos de lutas, em dois continentes, em oito países, sob sete bandeiras.

CAP. I

LEGIÃO ESTRANGEIRA FRANCESA

Meados de 1972, Paris.

Mala na mão esquerda, olho para trás contemplando Fonteneau-sur-le-Bois como um mundo a esquecer. Passo firme e decidido, como sempre quando me sinto fraco e indeciso, aproximo do Fort de Nogent, carrancudo e atarracado Posto de Informação da Legião Estrangeira. Sorrio. - "Deixa de ser idiota, a Legião não existe mais , já fazem uns vinte anos!!"

Um Legionário de 1ª classe, com seu inefável quepi branco vem ao meu encontro, desconhecendo o fato de que ele "não existe há mais de vinte anos", segundo meus colegas de Fôrça Aérea.

- Volunter?

- Oui.

- Vien avec moi!

As cinco palavras bastam para me levar até um Adjudant alemão, responsável pelo recrutamento. Seu francês é regular, seu passado um tanto menos... Conversamos. Pergunta-me sobre Hitler, respondo em alemão, o que o faz sorrir largamente, deixando vagar suas recordações por algum tempo, ajeitando-se na cadeira.

Algumas perguntas de ordem técnica, apresento os meus documentos absolutamente desnecessários, que são guardados em um envelope, juntamente com todos os papéis pessoais que possam me identificar. Torno-me contra vontade, Pablo Riveira, nascido em Sant-Anna(?), Brasil, aos 16 de novembro de 1951. Nascido em 1949, ganho dois anos de vida sem qualquer ônus de minha parte, informa divertido o Adjudant. Não pude conservar meu nome verdadeiro.

- "É para te proteger, chapeuzinho", diz o lobo mau...

Faca de dois gumes, quem procura por Pedro só encontra Pablo, mas também por Pablo ninguém reclamará em caso de "acidentes", tão comuns na Legião.

Exame médico preliminar, meu cabelo mais curto se torna, cai o engatinhante bigode a que dei à luz a bordo do "Augustus C", quando cruzava o Atlântico, duas semanas atrás, vindo do Brasil.

Recebo farda provisória, com os botões à parte: é o meu primeiro contato com o "demerdez-toi". Um legionário se desenrasca sempre, informa ríspidamente o sargento do almoxarifado. Um fio elétrico acabou fazendo as vezes de linha e agulha para mim, de maneira satisfatória. É, teria que me agilizar se quisesse acompanhar os largos passos da velha e rude legião...

Um grande e pesado capote, boina verde, gravata, e uma semana

depois me vi dentro de um trem, com meus colegas de sorte e infortúnio- gregos, turcos, franceses, alemães, portugueses, um americano, um canadense, todos a caminho de Marselha.

Nos camarotes aquecidos, os franceses se juntam e cantam, os estrangeiros se separam e pensam.

Eu, na experiência que vou adquirir num dos melhores e mais duros cursos de infantaria do mundo. O grego, na droga que quer vencer; o americano, ex-detetive, na prisão que escapou quando descobriram seus negócios com a heroína; o turco, na traição de seus companheiros de revolução; o português, no capitão que matara na Guiné.

Os sem-história, vão a caminho dela. A passos largos, nem sempre conscientes.

Nos bolsos de todos, dois pacotes de "Gauloises Caporal" e trinta francos para a viagem. É a mãe Legião cuidando de seus recém-nascidos.

Na barra do capote, levava eu porém algo mais: uma pequena Browning 6.35, carregada. Quem vai para algo que "não existe" deve se precaver.

Marselha, madrugada.

Troca de trens, ninguém fala, entorpecidos de sono e fugindo da fria estação ferroviária. Quatorze quilômetros adiante, Aubagne, a ordem de saltar novamente e subir para dois caminhões militares que esperavam. Umas quantas curvas pelas estreitas ruas da vila e passamos pela guarita listrada de vermelho e verde da sentinela do 1º Regimento Estrangeiro de Infantaria.

Distribuição pelos beliches, sono curto. Alvorada. Café puro, pão, uma lata de conserva fechada e sem chave. Proibido o porte de facas. Demerdez-toi...

A SELEÇÃO DOS RECRUTAS

Testes, mais testes. Turnos de guarda à noite, com capacete e baioneta. Prova de conhecimentos gerais na própria língua do voluntário. Reflexos, exames médicos profundos. Resistência, acordar às 04:45h, corrida de dez quilômetros no frio de inverno europeu, com uniforme completo, jaqueta e botas.

O grego viciado é o primeiro a cair; o detetive americano lhe segue. A ambulância vai atrás recolhendo. Mantendo-me no grupo da frente, entre os cinco primeiros. Estou em plena forma, é fácil mas os companheiros passam a respeitar mais o meu pequeno porte.

Um italiano se rebela, é espancado e preso. Na outra manhã, já com uniforme de prisioneiro, varre as ruas do quartel sob guarda armada.

Continuamos sendo selecionados, pressões por todos os lados. Se alguém estourar é melhor que seja agora. "Força-se a barra" ao máximo. Chove. Ordem aos E. V. (engangés volunters): colocar as capas e ao ar livre, mudar um monte de paralelepípedos para uns dez metros à esquerda. Toda a tarde de um domingo consumida nisto. Sua-se debaixo das vestimentas plásticas. Na cabeça, a chuva gelada. Serviço terminado. OK, muito bom, refazer o monte no local original...

Num almoço, um português veterano se aproxima:

- ei, pá, soube que és brasileiro! Que fazes aqui neste inferno? Fuja enquanto podes!

Conta estar há dois anos na Legião e agora vai ser destacado para Djibout, no Afair Francês, à beira do mar Vermelho.

Narra espancamentos, assassinatos e suicídios; pensa em desertar e me convida. Na próxima sexta feira dois parentes o virão apanhar na fronteira com a Espanha. Insiste e eu desconverso. Ele some, não tenho mais notícias. Todos os dias, desde que foi fundada, a Legião sofre deserções, mas ainda não é meu caso, tenho os planos delineados.

Passam-se duas semanas. Formatura. Impecáveis, levamos sobre o ombro a marca vermelha dos aprovados para receberem instrução militar. "Rouges" somos chamados agora.

Rígidos, olhar à frente. O Ten. Cel., pessoalmente, lê o resultado dos testes, as aptidões.

- Pablo Riveira! aproxima-se e me cumprimenta. Fui o 1º da turma, apto para paraquedista e operador de mísseis... Me deseja boa sorte e assegura que terei uma carreira sem obstáculos na hierarquia. Não está nos meus propósitos, mas agradeço.

Fardas agora sob medida, mochilas completa às costas, em cada mão um saco de lona pesadíssimo, com o "enxoval". Coluna por um, somos engolidos pelos dois portões escancarados do ferry-boat "Fred Scamarone", no porto de Marselha.

Destino, Ilha de Córsega.

No salão onde passaremos a noite, cada um ajeita sua cadeira de lona. Os árabes, marroquinos ou argelinos prudentemente se afastam, mas não sem um olhar de desprezo. O passado de rivalidades entre árabes e legionários está firme e presente, e não raras vezes uma cabeça rola pelos bairros baixos de Marselha.

Uma cabeça rola. Literalmente falando. Tradições...

Viagem tranqüila, noite sem sono, sol e ilha aparecendo ao longe. Contornamos a estreita ponta norte e aproamos Bastia, nosso porto de destino.

CÓRSEGA - O TREINAMENTO

A "quente ilha do Mediterrâneo" que confortavelmente imaginava, depois do para mim inédito inverno europeu, recebeu-me com um ar gelado e um céu azul pálido, indiferente. Bastou que a escada fosse arriada para estarmos novamente metidos em caminhões militares, rumando para as estreitas e sinuosas estradas da ilha, sempre para o interior, sempre mais alto.

Sentados nos veículos abertos, apertados um contra o outro, sofríamos o vento frio, as orelhas e mãos enregeladas e doendo, assistindo o passar de riachos transparentes em leitos de pedra, mais pedras, os arbustos rareando. O grego passou-me um pedaço de chocolate e tentamos conversar, esfregando vigorosamente as mãos e batendo os pés no assoalho do veículo.

Com seu sofrível português, recordava a boite que possuíra no Brasil, anos atrás, e o calor das noites e das mulheres... mas o frio falou mais alto e como um bando de corujas, seguimos mudos até Corte, local do 2º Regimento de Estrangeiro de Infantaria.

Algo apreensivo, olhei para as montanhas cobertas de neve ao redor. Quente ilha do Mediterrâneo, pensei com azedume...

Nosso destino final dominava a paisagem. Uma velha fortaleza, com muralhas orlando a crista de uma pequena montanha rochosa. Enormes casarões, longas escadas de pedra, dezenas de túneis e salas subterrâneas, a famosa "Cidadelle"!

Na muralha principal, em enormes letras de metal, aquilo que é definição da Legião para os legionários: LEGIO PÁTRIA NOSTRA.

Já não se pede, já não se falam outras línguas. Aos gritos, ordens são dadas em francês. Seja quem for, alemão, turco, grego, tem que ouvir e cumprir. Demerdez-toi! Estamos iniciando a lendária recruta da Legion Ètrangere...

Visita ao novo lar: com nossa mochila e os dois sacos de lona, pesando por volta de 45 Kg, vamos "conhecer" em passo acelerado a fortaleza. Sem parar. O pátio. A enorme escada. Outra. A muralha. Alguns caem de fadiga mas são obrigados a se arrastarem. Minhas pernas tremem, não se diminui a marcha. No fim das muralhas, as prisões, cubículos de 1x1m por 2m de comprimento, onde se encaixavam os presos, sempre deitados. As latrinas, lajes de pedra avançadas no abismo, com um furo no meio por onde se via o solo centenas de metros abaixo.

Pálidos, ensopados de suor, empurrados aos pontapés pelos instrutores, chegamos enfim ao que será o nosso alojamento: Salões de 5x12m, com teto abobadado, abaixo do qual se perfilam beliches. A limpeza

é impecável. Exigem-nos rigidez absoluta nos arranjos dos armários, onde é colocado o material de cada um. As pilhas de roupas teem que obedecer o tamanho padrão; o garfo e faca de campanha cruzados sobre a caneca...

Dão-nos a tarde para os arranjos e para decorarmos a apresentação individual, escritas nos armários com giz:

Legionnaire Riveira,
Un mois de service
Companhie Canalez,
Section Bryot,
À vous ordres, mon...

Para qualquer pedido, mesmo para fumar, requer-se a apresentação em voz alta. Na sua falta, a resposta infalivelmente será um soco no estômago, ou na melhor das hipóteses "dix pompes" (dez flexões de braço).

Alvorada às 04:45h, limpeza do alojamento. Com escova de dentes, faz-se brilhar as frestas entre os ladrilhos do chão; com escovas de sapato, deixam-se impecáveis as escadas. Limpeza pessoal: é proibido o uso de barbeadores elétricos. Todo fio de barba encontrado será arrancado. Todo botão desabotoado será cortado fora com uma faca.

Não se perde tempo. Na primeira semana já se monta e desmonta o fuzil automático, do qual reconhecemos todas as peças apenas pelo tato. Na segunda semana, atira-se: de pé, ajoelhado, deitado, em movimento. Sub-metralhadora, bazooka, granadas. Rastejar, rolar, rastejar. Táticas de combate, luta corpo a corpo.

A roupa é lavada à tarde, quando sobra tempo, e enquanto seca, o dono fica ao seu lado, para evitar que ela se "evapore", nas mãos de um mais esperto.

Cantamos. "Kep Blanc" é a principal, o nosso hino. Cantam-se velhas canções alemãs, canções guerreiras da Segunda Guerra Mundial (40% dos legionários são alemães, e os antigos, ex-nazistas fiéis ao passado).

Corre-se. Com o gelo fino que se forma nos caminhos de pedra, estalando sob nossos pés. Mas vamos nos enrijecendo... O grego não agüenta mais, só pensa na deserção.

Lenaud, um francês do nosso grupo, colega desde o primeiro dia em Paris também sonha com a fuga. Começam a haver confabulações entre um grupo de cinco ou seis recrutas descontentes.

Esqueço que existo, esqueço dos privilégios que gozava na Força Aérea. Esqueço que nunca recebi ordens que não fossem de oficiais. Faço tudo com raiva, cega. Sempre tentando o impossível. É a única maneira de seguir em frente. Se parar para pensar, não agüentarei.

Os cinco elementos da nossa secção desertam, não respondem à

chamada noturna e o alarme é dado por um sino que vibra nervosamente na escuridão. Patrulhas armadas com carabinas e acompanhadas de cães saem atrás.

Um dos fugitivos quebrara um braço. Saltaram para a liberdade pela muralhas traseiras de Cidadelle, e um francês resvalara e rolara pelo precipício, escapando da morte por pouco. Passam cinco dias nas montanhas mas são capturados sem resistência, famintos e gelados.

São atirados na sinistra prisão do 2º REI, uma centenária igreja desmoronada, cujo teto foi substituído por arame farpado, e no seu interior construídas duas celas para 14 homens cada e oito solitárias de1x2x2m. A torre, com sua cruz no topo, continuava intacta. Iria olhar muitas vezes para ela no futuro...

O treinamento continua; topografia militar, orientação noturna, ordem unida. Estamos aptos para receber o mundialmente conhecido quepi branco, tornando-nos legionários em instrução, deixando pois a denominação de "enganges volunters", além de ganharmos o esperado direito de sair do quartel uma vez por semana. Corte nos espera, não com muita boa vontade. Antes porém, uma ordem: a 2ª Section deverá ir ao "pub" (bordel). E lá vamos nós, quarenta homens com a missão de nos servirmos das quatro mulheres que estavam escaladas no dia!

Em todo quartel da Legion há um bordel, assistido pelo médico militar, além de um bar e durante a instrução, pelo menos uma vez o uso destas instalações é obrigatório, sendo a despesa descontada no soldo.

Botas reluzindo, uniformes cuidadosamente revistados pelos instrutores, estamos perfilados ante as muralhas, no ponto mais alto de Cidadelle.

Em todas as torres, legionários em farda de gala empunham tochas e fazem com que a velha fortaleza brilhe solitária no meio da noite. Toda guarnição está presente, e a banda dá início ao Hino da Legião. O momento é fantástico, impressionante. Um discurso seco e forte nos avisa dos direitos e deveres de nossa nova vida.

Depois, a pergunta:

- Quereis ser legionários?

E o nosso sim, numa só voz, ecoa pelas paredes de pedra.

Declarados legionários, retiramos boina verde de instrução e a substituímos pelo quepi branco que está a nossa frente, numa banqueta.

Mais dois meses e a instrução será dada por finalizada. Estamos avançando. Estou conseguindo.

A PRISÃO

O Natal chega, e o quartel se prepara para ele. Mas de repente a rotina é quebrada:

- Revista!

Me sinto empalidecer...

Passara, por três vezes, em Paris, Marselha e no primeiro dia em Córsega, por outras revistas semelhantes, e sempre consegui despistar minha Browning 6.35. Crendo que não haveria mais surpresas deste tipo, passei a portá-la por debaixo da jaqueta. A violência mesmo entre colegas de seção era grande, e não estava em meus planos acabar com uma faca nas costelas. Uma arma de fogo mantinha os valentões afastados, pois de simpático nada tinha, sempre fechado em mim e com poucos amigos.

Agora, em pleno pátio, vigiado, não tinha modo de me livrar da incômoda arma.

Chega minha vez. Perfilado. O instrutor tateia minha perna, bate na cintura e sentindo um volume metálico, pergunta:

- Lata de sardinha, Riveira? Enfia a mão e retira a arma com um assobio de assombro, erguendo-a para que todos vissem.

"Estou tramado", foi o meu único pensamento...

Levado à presença do comandante da companhia, Capitão Canalez, declaro ao intérprete que a encontrei no alojamento.

Não acreditam. Finjo que não entendo francês, para ganhar tempo. Acabo passando a noite numa prisão, na Cidadelle.

De manhã, novo interrogatório. Repito a história. Sou enviado para a igreja do 2º REI em caminhão fechado, escoltado por um alemão da Polícia Militar.

Através do Cabo Garcia, um brasileiro criado na Espanha, sou interrogado pelo Capitão Gyot. Mas Garcia só fala castelhano e francês, por isso forço um português arrevesado para que não me compreendam. Discutem o caso em minha frente, sem imaginar que estou entendendo palavra por palavra. Prossigo com a minha história de sempre.

À noite sou levado à "igreja". Abrem o portão do muro externo, entramos, atravessamos o pátio em direção do alojamento coletivo. Empurrado para dentro, a porta tranca-se atrás de mim.

Sou recebido por um bafo de ar quente e azedo, forte.

No interior da escura cela, três beliches encostados um no outro, e no pequeno espaço que sobra, uma latrina e um fogão de ferro, à lenha, para aquecimento. Dois presos estão sentados em suas camas e outro, de uns cinqüenta anos, está defronte ao fogão.

São três franceses, presos por roubo. O mais velho me "interroga". É tão azedo como o cheiro que domina a cela. Os outros dois são mais folgazões, um deles, Boubolle, gordo como uma bola de sebo, cozinheiro.

Após ser "inquirido" pelo velho que era o líder da cela, saltei para a parte superior de um beliche e adormeci cansado.

Madrugada, ainda escuro. O ferrolho da porta salta com violência.

- De pé!

Entram os PMs, e em segundos estamos vestidos, calçados e enfileirados no pátio. Começo a tomar conhecimento da rotina da prisão.

Com o velho na frente, os outros dois saem, cada um com um balde na mão. Com um gesto, o PM ordena que eu fique no pátio gelado, enquanto fecha a cela por fora. Sai o último PM, deixam-me só no recinto externo, que é coberto por arame farpado.

- Ei, pssiu!

Olho em volta à procura de quem me chama. O som vem de uma das solitárias, e observo pelo pequeno orifício que há na porta. Encontro outro olho!

- Ei amigo, tens um cigarro aí?

A resposta é negativa pois não fumo, e de qualquer maneira os cigarros teriam de ser contrabandeados para dentro da prisão, sofrendo punição rigorosa quem for pego com eles.

O enregelado ocupante da solitária fica desolado.

É Kirkop, o marroquino, que virá a ser um grande aliado no dia a dia. Preso no cubículo há mais de cem dias, é um perfeito conhecedor de truques da prisão, de onde é "freguês" assíduo, desde que ingressou na Legião, 18 meses atrás.

Ex-membro do GOLE (Grupo Operacional da Legião Estrangeira) desertou em Bonifácio, no sul da ilha, com dois colegas armados. Travara um furioso tiroteio com as patrulhas de busca e Kirkop foi capturado ileso, após ver um companheiro morto e outro ferido. Deverá ir, segundo ele, para a temível Section de Prove, os trabalhos forçados da Legião, onde, até para comer o preso tem que continuar em pé e correndo no mesmo lugar; na Section de Porve não se anda nunca.

Pergunto pelos meus colegas que desertaram, diz que foram transferidos, não se sabe para onde.

Barulho de ferrolho no portão, interrompemos nossa conversa proibida. É o café que chega.

Cada qual apanha uma caneca. O PM de 1ª classe Filling, um alemão, abre a cela de Kirkop e coloca uma lata com café no chão. O pequeno e escuro marroquino saltara da cama, e perfilado se apresentava sorridente.

Filling lhe fecha a porta na cara, sem dizer qualquer palavra. De dentro da cela escuto um alegre "merci mon caporal" gritado pelo irreverente prisioneiro.

O PM Filling pareceu-me boa praça. 14 anos de Legião Estrangeira, levava no peito as "tiras" de quatro medalhas, em duas das quais se liam as palavras Indochina e Argélia, onde as ganhara em combate. Subira na hierarquia até Adjudant-chef, uma espécie de Sub-tenente, mas de gênio impulsivo como a maioria dos legionários agredira um capitão, sendo rebaixado a legionário de 2ª classe, posto mais baixo na escala! Poderia, visto seu tempo de serviço não renovar o contrato, mas preferiu continuar na Legião mesmo depois da queda. Já não sabia viver "lá fora".

O outro PM chamava-se Bandeira, um espanhol forte como um touro e burro como o próprio. Dizia-se ex-campeão de boxe da Espanha e gostava de realizar suas façanhas de força bruta, muitas vezes às custas dos prisioneiros. De gênio instável, alternava demonstrações de amizade com distribuições de pancadas ao menor deslize.

Depois do café fui designado para lavar os vasilhames usados, e mal terminara, levado novamente a presença do capitão Gyot para nova sessão.

Abriu uma gaveta, mostrando uma pistola automática e perguntando se era minha. Esperei que Garcia me traduzisse e respondi que não, pois aquela era uma Mauser 7.65, modelo antigo.

O Capitão gostou, mostrando-me outras pistolas que fui identificando pela marca, calibre e qualidade. O interrogatório deixou de ser formal, transformando-se em troca de idéias sobre armas e à respeito do Brasil. Assegurou-me que desde que com a minha 6.35 não houvesse cometido nenhum crime em França, não teria problemas, sendo comum as apreensões de armas, como me mostrara. Se tivesse realizado algum ato marginal em França, em caso de expulsão minha da Legião, a Gendarmeria seria avisada. Mas só em caso de expulsão provocada por problemas internos, e nunca por qualquer ato marginal ocorrido fora, antes do meu engajamento.

De consciência tranqüila, sem crimes nas costas e desejoso de não voltar a prisão, declarei finalmente, em francês correto, para espanto do tradutor e do Cap., que a arma era minha, para defesa pessoal.

Na mesma tarde fui enviado de volta à Section Bryot, prosseguindo a instrução e crivado de mil perguntas, até mesmo pelos veteranos, sôbre a prisão da "igreja", que todos imaginavam palco de torturas sem fim. Desconversei, alimentando a lenda.

DEZEMBRO, 25, NATAL NA LEGIÃO

Mesmo na Legião Estrangeira, para muitos o berço dos sem pátria, dos deserdados pela sorte, da escória da humanidade, o natal é comemorado.

Os legionários reunidos num grande salão assistem a um show, e depois, chamados um por um, recebem os votos de feliz natal em seu idioma de origem e um presente. O meu foi um barbeador a pilhas e um relógio despertador chinês, que acabei trocando por um rádio.

A ceia é farta, o vinho, com um rótulo de "Reserve Especial de la Legion Ètrangere", traz o escudo do regimento. As lareiras acesas, nas mesas, desde o legionário de 2ª classe até o coronel comandante. Os grupos cantam canções tradicionais de suas pátrias, sou instado a cantar.

Contra vontade, auxiliado por dois portugueses, cantamos a única música conhecida pelos meus parceiros: Mulher Rendeira!

A bebedeira prossegue até as três da manhã, mas às 5h já estamos de pé para a rotina diária. No reveillon a cena se repete, mas no dia dois de janeiro, todo o Regimento, com exceção do pessoal de serviço, faz uma marcha forçada com equipamento completo pelas montanhas, que termina em passo acelerado, até o quartel. É para retirar as impurezas do corpo, armazenadas durante as festas do fim de ano, argumenta o Comando...

E o tempo passou...

De piloto militar me transformei em infante, com bons conhecimentos de combate em terra.

Para o Comando, é chegado o tempo de sermos transferidos para as companhias operacionais. Irei para o 2º Regimento Estrangeiro de Paraquedistas, em Calvi, na própria ilha de Córsega.

Mas meus planos são outros, e já tenho os conhecimentos que necessitava para entrar em ação. E não será em Córsega que lutarei pelo Ocidente; a frente de batalha há muitos anos está em outro continente que não Europa:

ÁFRICA!

O contrato com a França é de 5 anos; não desertarei pois preciso de meus documentos que se encontram em Aubagne, no 1º Regimento. Tenho que ser mandado embora, expulso ou não, mas de forma que receba meus papéis de volta. Ainda não conheço os truques internacionais, estou engatinhando num mundo de aventuras, e por enquanto o passaporte me faz falta.

- Mon Capitan, não desejo mais permanecer na Legião!

Espanto dos adjuntos, risos de escárnio, o Capitão Canalez pede explicações ao mesmo tempo que categoricamente afirma:

- Ninguém sai da Legião antes de cumprir o contrato; só morto ou desertando, se conseguir. Estamos numa ilha, lembra.

Misturo o mais que posso as minhas explicações, sou de propósito vago e incoerente. Alego problemas psíquicos, entre outros.

- Terá que partir para a Companhia que for designado, sem mais discussões, declara Canalez;

Pois então solicito ser preso, pois recuso-me a ir!

Canalez ergue suas sobrancelhas, se cala, pensa um momento, pega o telefone e disca calmamente.

- Gyot?

- Canalez. Tenho aqui um amigo seu, que quer retornar a prisão; parece que gostou daí. Riveira...

Escuta alguns segundos e prossegue:

- Oui, le petit brasilien, outra vez...

Explica por cima o caso e entendo que mandarão me buscar. Sou colocado em sentido na sala, enquanto aguardo a escolta. Já estou preso, ótimo!

A PRISÃO NOVAMENTE - TORTURADO

Na "igreja" recebem-me como veterano, é a segunda vez que lá apareço. Há alguns presos novos, mas os antigos continuam; sou saudado por Kirkop, encarapinhado nas grades acima de sua solitária. O velhote ladrão conta-me que o marroquino fizera das suas novamente. Cansado da solitária, saltara para as grades colocadas acima da porta e gritara a manhã inteira, sendo derrubado de lá por fortes jatos d'água, lançados por mangueiras manejadas pelos PMs, que depois o agarraram, enquanto um enfermeiro lhe aplicava um calmante.

Kirkop assegura-me que se divertiu à beça; tudo é válido para se distrair, após uma centena de dias num cubículo!

O Capitão Gyot e o Adjundant-Chef Jaske, um australiano, são amáveis comigo, conversam, tentam me dissuadir da idéia. Sinto-me mal em causar-lhes problemas, mas não posso passar cinco anos "marcando passo" na Legião.

Optam por deixar-me de "molho" na prisão, o que deverá segundo eles, mudar meu modo de pensar.

A rotina não é tão má, e me distraio rachando lenha para o aquecedor. Somos poucos e não se preocupam muito conosco. Numa solitária está "detido" um enorme porco que os PMs ganharam. Mandam-nos prepará-lo. O infeliz animal é dependurado pelas patas traseiras nas grades da cela,

e Bandeira não abre mão de uma demonstração de força, quer matar o porco com um soco na cabeça...

Acaba com uma terrível dor na mão, enquanto o suíno grunhe a todo pulmão. Uma machadada acabou com o sofrimento do animal.

Com um maçarico queimamos as cerdas, e em pouco tempo estava esquartejado. Desviamos alguns pedaços, que foram assados à noite no aquecedor, temperado com um pouco de sal que Filling nos havia contrabandeado.

E lá passei uma semana, até que resolveram apesar de minha resistência, devolver-me a Companhia Canalez. Insistem que será melhor cumprir o dever e que a "ligeira indecisão de minha parte" logo passará.

Não há mesmo maneira; simularei uma deserção. Fujo e depois volto, sempre com a mesma história, problemas psíquicos... Vamos ver quem agüentará mais tempo essa brincadeira, eu ou a Legião.

Desta feita porém, iria pagar um bocado mais caro...

Noite fria, faltam uns 10 minutos para a revista do toque de recolher, antes do toque de silêncio.

Com o pretexto de devolver um capote de campanha que emprestara, saio do alojamento. Ao invés de descer para o pátio, dirijo-me à parte da fortaleza que não é mais usada, e após passar desapercebido por uma sentinela que tiritava de frio, introduzo-me em um dos subterrâneos. Ando tateando por uma centenas de metros, encontro vários caixotes de madeira, deito no meio deles. Pretendo passar ali a noite, enrolado no capote, enquanto as patrulhas procurassem por fora da Cidadelle. Depois voltaria e me apresentaria ao Capitão, que teria que começar a acreditar, se não em meus "problemas mentais", pelo menos no meu firme propósito de deixar a Legião.

As coisas não saíram bem da maneira que imaginava.

Logo durante a revista foi dado o alarme e o sino tocado. Dava para escutar algumas ordens gritadas e cachorros latirem, ao longe. Depois tudo ficou em silêncio e adormeci...

Acordei sobressaltado e senti um frio me paralisar; sem me mexer um milímetro, escutei passos próximos, vozes e alguns segundos depois vi o clarão de uma lanterna.

Estavam no subterrâneo!

Embora preferisse me apresentar voluntariamente pela manhã, para dar um tom mais complicado aos meus atos, também não me importava em ser pego antes. E felizmente a patrulha que entrara no túnel não trazia cães.

Chegaram aos caixotes onde eu estava metido, ali o subterrâneo curvava a direita e terminava. Vasculharam primeiro o fundo, e depois a lanterna começou a focar as caixas. Entre duas delas, minhas botas

apareciam; a luz iluminou-as e se fixou nelas.

As conversas cessaram por um momento, me pareceram indecisos, mas de repente três guardas se abateram sobre mim, enquanto os caixotes se desmoronavam, com estardalhaço. Nada adiantaria reagir, pois não pretendia escapar de fato, e adotei uma postura fetal, abraçado aos joelhos para oferecer menos área às pancadas.

Mas antes disso, um pontapé já havia fraturado uma costela. Firmemente seguro, fui sendo levado de volta. Procurei desligar-me o mais possível de tudo, entregue a uma apatia total, a melhor maneira para resistir. O tratamento que me esperava não seria suave, com certeza.

O "comitê de recepção da igreja" já estava a espera, comandado pelo Adjudant-Chef Jaske, o australiano. Fiquei mais tranqüilo, ele se mostrara amável, dias atrás.

- Olá Riveira, ça va? perguntou sorridente.

Abri a boca para responder mas nada consegui articular; uma formidável cotovelada, dada pelo sorridente e "amável" Jaske me lançara ao solo, sem fôlego! Ato contínuo, fui literalmente erguido do solo por dois PMs e jogado nas traseiras de um Citroen fechado. Os dois homens, armados com carabinas também entraram, a porta foi fechada e o veículo arrancou.

- Le "petit brasilien" vai sofrer um bocado, comentou um PM;

- Certeza! - respondeu o outro-fará a plote, Jaske já me disse.

A plote é uma espécie de tortura, reservada aos desertores da Legião com o fito de desencorajar as fugas. Está expressamente proibida pelo Comando-Chefe, mas na prática nunca deixou de ser aplicada. Teoricamente eu não era um desertor, pois pelo período de tempo passado após a chamada noturna, tratava-se apenas de "absense ilegal" ou falta não autorizada. Mas já era a terceira vez que ia para a "igreja", e uma boa lição se fazia necessária!

Eu também, em sã consciência, concordava plenamente com eles!

Não fui levado diretamente à prisão; com alguns pontapés colocaram-me numa sala. Nariz apoiado numa parede, pés distantes dela uns 80 cm, sem dobrar o corpo e com as mãos para trás, aguardava os PMs aprontarem o material para o plote.

Deixava minha mente vagar, longe, não fixava atenção nas pessoas nem na terrível dor no nariz. Volta e meia, um soco nos rins me lembrava que não deveria dobrar o corpo; caia ao solo, mas imediatamente, vencendo a dor, assumia a posição inicial. Permanecer no chão significava pontapés adicionais. A costela fraturada ainda não doía, mas eu sabia que algo não ia bem com ela.

- Tragam o brasileiro!

Já não sentia o nariz. Lá fora vi a prisão a uns 500 metros;

separando-nos, um pátio coberto de cascalho.

- Ao chão!

Antes que me inclinasse, um golpe seco nas costas me ajudou.

- Rastejar!

E lá fui eu, em direção à velha e famigerada igreja; estava em forma, rastejar não constituía segredo nem esforço para mim. Mas a distância e o cascalho pesavam.

- Mais depressa! mais depressa! - e os gritos sempre acompanhados de pontapés...

Quando cheguei aos portões, os joelhos e cotovelos da farda estavam em farrapos. No pátio interno, pude ver uma seqüência de caixa espalhadas e o chão molhado. Entrei rastejando e deveria ir contornando as caixas que formavam uma pista sinuosa, mas sem tocá-las. Cada vez que isso acontecia, retornava, sempre se arrastando ao portão e recomeçava.

Deixavam que eu chegasse quase ao final e alguém derrubava o último obstáculo.

- tocou! volta ao princípio!

Sangrava pelo cotovelos, joelhos e dedos, pois exausto, tinha que me agarrar ao solo e puxar pelo corpo para poder avançar. Diminuía a velocidade e imediatamente a barriga das pernas e as mãos eram pisoteadas.

Por um momento pensei em levantar-me, e com toda a energia possível, correr e tentar estourar a cabeça de encontro ao muro. Varri o pensamento covarde da mente, vi tudo aquilo como um desafio e ganhei novas forças. Iria rir de todos eles. E agüentei, não me dobraram. Não pedi "água" um só instante. Quando, noite adentro, encostado à parede, me acertavam o estômago, caia, o vômito escorria pelo uniforme esfarrapado e sujo de sangue, mas imediatamente levantava e me perfilava.

Fizeram que eu tirasse os cordões das botas e o cinturão, e após molharem a cela atiraram-me para dentro. Na solitária a temperatura era baixíssima, terrível para alguém criado num clima tropical como o Brasil. A cama, três tábuas em cima de duas barras de ferro, chumbadas na parede. Nada de colchão ou cobertores. Tudo molhado, inclusive meu uniforme.

Sem força para tentar me aquecer, deitei sobre as tábuas; o corpo começou a tremer incontrolavelmente. Ainda tentei parar mas compreendi que era uma reação de defesa do organismo perante a baixa temperatura, e me abandonei.

Praticamente saltava sobre o simulacro de cama. Os dentes pareciam se quebrarem, pela velocidade que batiam. E assim foi durante o que restava daquela noite, sem dormir um só segundo.

Pela manhã, percebi todos os ruídos característicos do começo do

dia na prisão. Batera nas paredes laterais para tentar conversar com Kirkop, mas as celas pareciam vazias. Realmente, eu era o único ocupante das "geladeiras".

Ouvi a porta do alojamento coletivo ser aberta e o pessoal sair. Indagavam que estaria trancafiado na solitária, pois eu chegara durante a noite, quando dormiam. Filling informou que era o "petit brasilien", o que provocou uma gargalhada do marroquino, que já cumpria a rotina normal da prisão, fora da pequena cela.

Recebeu em troca um murro no estômago por rir em forma, o que não o impediu de achar engraçadíssimo o fato de eu estar pela terceira vez na igreja. Pela sua experiência, sabia que ninguém voltava mais de duas vezes num período tão curto.

Saíram para o café, retornando logo após. Os PMs saíram, não sem antes transmitirem a ordem que lhes fora dada pelo Comando: eu não deveria receber alimento.

Gelado como estava, sentindo o cheiro de café quente, a ordem soou como uma tortura a mais.

Mal o portão se fechara e o pequeno orifício de inspeção na porta se abriu; era Kirkop, que arriscando-se a voltar à solitária, queria saber o que acontecera comigo desta vez. "Materializou" um cigarro não sei de onde, e queria introduzi-lo pela porta mas para sua incompreensão recusei aquilo que era considerado um verdadeiro tesouro! Expliquei-lhe que não fumava, me faria mal. Pediu para que eu esperasse um pouco e desapareceu. Daí a momentos, uma mão surgiu entre as grades acima da porta, empunhando uma caneca cheia de café quente! Bendito marroquino! Subi na lata que servia de latrina e apanhei aquela "dádiva dos céus" desfazendo-me em "mercis"!

Queimei a língua, mas que maravilha aquele calorzinho no estômago. Senti-me refeito. Deitado na cama, deixei o tempo arrastar-se.

Dormi pesadamente, acordando com o barulho do ferrolho correndo. A porta abriu-se e Bandeira entrou gritando:

- De pé! Não sabes que não pode deitar durante o dia? Apresentação!

Atrás dele surge Filling que interviu em meu favor, manda o espanhol embora e me explica que devo permanecer em pé ou sentado durante o dia, e cada vez que a porta se abrir tenho que me perfilar, se apresentar, não como legionário e sim como "punido" e citar não a Companhia e sim o motivo da prisão. Deixa no chão uma marmita - já é hora do almoço! - e fecha a porta. Dormira seis horas, profundamente.

Devoro a comida quente com as mãos pois não há talheres. Alimentado, o sono volta, durmo sentado, encostado à parede. Cada vez

que o portão se abre, tenho um sobressalto, mas deixam-me em paz. Nos dias que se seguem, o único contato que tenho com o exterior é na hora das refeições, quando colocam uma marmita no chão e recolhem a outra.

Sinto uma dor aguda quando me movo, na altura do rim esquerdo. Reclamo por um médico, mas não há resposta. Me é difícil abaixar. Todos os dias são exatamente iguais, não sei há quanto tempo lá estou. A lata de dejetos deixa a cela com um cheiro insuportável; minhas roupas também cheiram mal.

Filling me manda sair. Contempla os três cobertores que trago mal escondidos debaixo da cama e nada diz. Kirkop os havia passado um a um pelas grades.

A claridade me ofusca. Para minha surpresa, no pátio estão dois desertores da minha Seção, justamente o grego e Lenaud, o francês. Primários e arrependidos, os outros três haviam sido "anistiados", mas o grego e Lenaud recusam-se, querem ser expulsos e permanecem presos, sendo reenviados para a igreja.

Os dois me olham, perguntam com um gesto de mão: para que? por quê estamos ali? Por quê estamos reunidos? Também não tenho a menor idéia.

Mas tudo logo se esclarece: vamos a princípio tomar banho!

Despidos, passamos por debaixo de um cano de uma polegada, de onde jorra água gelada, mas que é bem recebida. Tenho dificuldade até para me ensaboar, a região de meu rim esquerdo doi intensamente, desde a noite da plote. Sem toalhas, corremos no mesmo lugar, arroxeados pelo vento frio que desce das montanhas. Ordenam que lavemos nossos imundos uniformes, e os dependuramos no arame farpado para secar.

Cada um recebe roupas de um tecido grosso, castanho, usado pelos prisioneiros. Não se permite que usemos o quente traje de malha por debaixo da jaqueta. Coluna por um, mão para trás, passo acelerado, somos conduzidos até o barbeiro. Cabeças raspadas a zero, sempre correndo com as mãos às costas, rumamos agora para o hospital, pequena construção a uns 1000 metros de onde estamos detidos.

Injetam-me duas vezes entre as espáduas algo que não sei o que é nem me respondem quando pergunto; aproveito e falo com um enfermeiro sobre minha costela. O médico é chamado, apenas palpa-me e diz que não é nada, apenas mais um "golpe" de preso querendo escapar do serviço. Não temos direito a reclamações...

De volta a prisão, somos deixados, para surpresa minha, no pátio. Acabara-se a solitária!

O grego conta-me que o cabo Garcia, o brasileiro que servira de

intérprete entre mim e o capitão Gyot, havia ido de licença a Paris, onde juntamente com outro, assaltara um banco, trocara tiros com a "flic" (polícia) e estava preso, aguardando ser expulso para que possa ir à julgamento! É, os legionários eram mesmos imprevisíveis...

O dia a dia corre relativamente suave para nós, às vezes saímos para efetuarmos pequenos serviços e à noite, trancafiados na cela maior, nos reunimos em torno do fogão, conversando.

Chega outro preso, é colocado na solitária. Pela manhã Kirkop como sempre corre espiar pelo buraco e faz a maior festa ao identificar o novo ocupante: Filling, o PM!

Fôra acusado de facilitar a deserção de um legionário, e lá estava, agora como colega, o bom Filling. Na mesma tarde é colocado conosco, e tem que sofrer a gozação de todos, principalmente do seu mais antigo preso, o marroquino! Mas o velho legionário não se altera, e à noite, nossa reunião em volta do fogo é enriquecida com suas histórias de combates na Indochina e Argélia, onde havia sido ferido.

Minhas dores pioram e finalmente consigo com que me façam uma radiografia, acusando claramente a fratura. Mas não fico no hospital como tinha esperanças, continuo na prisão, isento de realizar qualquer serviço.

Dois presos deverão sair diariamente no caminhão do lixo, é um trabalho pesado, pois tudo é depositado em tambores de 200 litros, que tem de serem despejados sobre a alta carroceria do veículo. Kirkop salta logo, de mão para cima, como voluntário. Não compreendo no momento, mas à tarde, na sua volta, tudo fica claro.

Vem bêbado como uma vaca, cantando feliz, apesar das ameaças dos PMs em fazê-lo voltar à "geladeira"! Os cozinheiros, cientes das privações que passam os detidos, colocam no lixo garrafas com uns quatro dedos de vinho no fundo, assim como petiscos, disfarçados. Para nós, isso era um verdadeiro tesouro, principalmente o álcool.

Mal saem os PMs, e o marroquino saca das pernas de sua calça, presentes para todos; queijo, salame, doces! Promete que me trará cerveja, o que cumpre no dia seguinte.

Dias se passam; o coronel em pessoa comparece à prisão, de surpresa.

- Formar em linha!

Cada um, perfilado, se apresenta. Conversa informalmente, todos obviamente se mostram arrependidos de seus delitos, com exceção de mim, Lenaud e o grego. Falo o mais alto que posso em sua frente, embora com respeito, que não pretendo de maneira nenhuma continuar na Legião. Faz algumas anotações e se retira.

Lenaud, que lhe dissera palavras de baixo calão é colocado novamente

na solitária. Mas esquecem de que ele amarra as calças com uma corda, o que é proibido e perigoso. Desesperado, pois julgava que o coronel em sua visita iria anunciar o nosso desligamento da Legião, o que não aconteceu, tenta o suicídio.

Especialmente construída, a cela não traz lugar para se amarrar um laço; faz com a corda uma espécie de torniquete no pescoço, onde enfia um pedaço de tábua que quebrou da cama, e começa torcer a corda com ele. A asfixia não é completa e ele se atira semi inconsciente no fundo da cela.

O PM que traz a comida ao abrir a porta se espanta, fecha-a imediatamente e sai correndo. Não entendemos o que está acontecendo, e o PM volta acompanhado do capitão Gyot e do Adjudant-Chef Jasque. Desfazem o "torniquete", retiram o francês da cela, tentando reanimá-lo. Estão nervosos, pois arriscam-se a um indesejável inquérito se Lenaud morrer. Ele está bem, mas faz a sua cena, e o efeito é ótimo, pois vai ter bons resultados para nós que queremos ser desligados.

O processo será acelerado dai em diante e o francês não retorna à solitária. Uma semana depois, sou chamado à presença de um Ten. Coronel. Comunica-me solenemente que sou declarado insociável, perigoso e indesejável à Legião Estrangeira, que terei meu contrato anulado e poderei ir para onde quiser, mas jamais! poderei retornar à Legião! Não deixo transparecer o júbilo que sinto, consegui sair da legião, vivo, sem desertar, receberei meu passaporte e vou embora com uma fabulosa experiência em técnica de infantaria, exatamente o que pretendia. Anuncia que o grego e Lenaud também irão pois se trata de uma "limpeza na casa".

Entro na prisão anunciando a boa nova, os dois companheiros exultam, os veteranos não acreditam, acham que entendi mal. E começam a ter certeza disto quando os dias começam a passar e nada acontece, ninguém sabe de nada.

Estamos aflitos e somando-se a isso, o Adjudant-Chef Jaske, inconformado com o que julga uma pena leve demais para nós, resolve complicar a vida dos detentos. Os últimos dez dias que lá passamos foram terríveis, contados minuto a minuto.

O toque de silêncio já não significava mais tranqüilidade. Mal pegávamos no sono e a porta se abria, éramos jogados no pátio à marchar e a cantar, debaixo de pancadaria. Voltávamos para a cela e de repente tudo recomeçava. Os PMs revezavam-se, já nem tirávamos a farda para dormir; a cada barulho de ferrolho, sentia um frio no estômago.

Dez dias marchando pelas madrugadas, cantando, os braços erguidos até pesarem como chumbo...

Kirkop, em verdadeira façanha, consegue encher os dois baldes de

limpeza com vinho, quando fazia um trabalho no armazém do almoxarifado. Cobertos com os panos de chão e com o rodo e a pá mergulhados na bebida, voltou tranqüilamente para a igreja-prisão.

Mal começara a noite, bebemos até secarmos os baldes. Fracos, logo nos embriagamos e desatamos a cantar, o mais alto que podíamos! Um francês que não pertencia ao nosso grupo protestou, levou uma tremenda surra e ficou no chão a sangrar abundantemente. Foi quando a PM entrou, reforçada e furiosa. A pancadaria foi feia, mas nada conseguiram fazer conosco; não nos mantínhamos em pé!

O francês, levado para a enfermaria, falou pelos cotovelos, delatando todos nossos truques. Não seria nada fácil a nossa vida de agora em diante...

Senti-me algo traidor na manhã seguinte, quando sem esperar, recebi, juntamente com os outros dois liberados, nossa farda de passeio, com a ordem de nos prepararmos para a viagem.

Chegara o dia!

A alegria foi um pouco apagada, ao pensar que o pessoal que ficava iria arcar com o peso dos castigos pela noitada anterior. Despedi-me de todos; Kirkop afirmou que também não ficaria muito tempo na Legião, deu seu nome verdadeiro e o endereço em Casablanca, desejando-me sorte. Bom amigo, agradecera-me por não tratá-lo de maneira racista, como faziam os franceses.

ADEUS CÓRSEGA

Partimos. Foi bom ver Corte se perder à distância. Estava um pouco envergonhado pela maneira correta e polida com que os Capitães Gyot e Canalez se despediram de mim, demonstrando até uma certa amizade, depois de tudo que fizera. Mas havia um ciclo a cumprir, e eu não recuaria. África me esperava.

Novamente em Bastia, agora para partir. Que diferença se operara em mim, desde a última vez que lá estivera! Já me sentia preparado para enfrentar desafios maiores. Sabia o que era dor, sabia o que era resistência, o que era auto-controle. E sabia o que lá fora aprender: manejar um morteiro, uma bazooka, uma metralhadora. Atacar, defender-se. Obedecer. Não me arrependera. Se sofrera, fôra por opção própria, a Legião continuava a merecer todo meu respeito.

Mas não pude evitar um suspiro de alívio, quando o navio se afastou daquela ilha...

Viagem sem novidades até Aubagne; Lenaud e Meskonos, o grego, ficam no alojamento de trânsito. Eu, considerado "perigoso", continuo preso

por mais seis dias. Recebemos nossos documentos de volta, a bagagem civil e mais uma passagem de trem para o local de destino de cada um: o grego para Paris, Lenaud para Strasbourg, sua cidade natal, e eu, que iria para Lisboa, para Irun, já dentro da Espanha, na fronteira.

Sem olhar para trás, afasto-me dos portões do 1º REI e da Legião Estrangeira Francesa...

Marseille, Bordeaux, Hendaye, durante toda a longa viagem não respirei tranqüilo; o episódio da "Browninng" podia trazer complicações com a "flic", se fosse comunicado. Só descansei quando, passado Hendaye, deixei de ver a Gerdarmerie e deparei com os Carabineiros espanhóis e seus bizarros chapéus. Estava em Irun, Espanha.

Comprei um bilhete para Lisboa, e enquanto aguardava, fui almoçar, tudo copiosamente regado com um bom vinho tinto. França e Legião pertenciam definitivamente ao passado.

RUMO A PORTUGAL

Embora na Espanha eu pagasse uma taxa extra por "velocidade" do trem, o mesmo era à carvão, e nos vagões o aquecimento não funcionava. Mas tudo estava bem para mim, ia preparando meu plano de ação.

Portugal, para onde me dirigia, era o país ideal que buscava. Sem problema de idioma, com um estatuto de direitos e deveres entre brasileiros e portugueses, que me tornava praticamente um cidadão de lá, e uma guerra em três frentes de batalha: Guiné, Angola e Moçambique, contra o mesmo inimigo que poderia ameaçar o Brasil. Ainda que soubesse que a dupla cidadania não abrangesse o serviço militar (evitando a fuga de portugueses que não queriam ir à guerra, para o Brasil), iriam tentar driblar este fato desde que meu posto de oficial fosse respeitado.

Entrei no país por Vilar Formoso e desembarquei em Santa Apolonia, Lisboa. Após inadvertidamente me emaranhar pelos meandros do medieval bairro de Alfana, cheguei à baixa comercial da cidade, onde acabei encontrando um pequeno hotel bem localizado e me instalei.

De posse de um mapa turístico e uma lista telefônica, comecei a contatar os Centros de Recrutamento que me interessavam.

Fui bem recebido em todos estes lugares, mas aparecia logo um problema: era o primeiro caso no gênero que lhes aparecia e não sabiam como agir, terminando sempre num jogo de "empurra" para setores cada vez mais incompetentes.

O que não sabia ainda, é que somente uma organização trabalhava bem em Portugal, em matéria de combate e informação: a DGS, ex-PIDE,

a temível polícia política. Formavam e treinavam grupos de profissionais, os Flechas, de extrema mobilidade e agressividade, principalmente para a luta em Angola, abrangendo depois Moçambique. Iríamos nos encontrar e sermos bons amigos, mas não agora.

Nada a fazer. Tenho pressa, quero partir para a África.

Uma vez lá será mais fácil me entrosar no mundo da guerra. Faltam colaboradores para as Missões Católicas em Moçambique, me ofereço, e após receber o estatuto de igualdade sou contratado como professor de Educação Física em Marrere, distrito de Nampula, no centro-norte daquela colônia africana.

Nampula é a capital militar de Moçambique; estou no caminho certo.

O pessoal das Missões é simpático, a diferença dos ambientes que saltei em poucos dias é enorme, completamente opostos: de legionário a missionário! Aviso que recusarei qualquer tipo de remuneração. É uma maneira de compensá-los, e pretendo realmente trabalhar durante todo um período escolar, como forma de adaptação ao mundo africano.

Cap. II

MOÇAMBIQUE

Após uma entrevista num programa de rádio e uma reportagem numa revista católica, já como cidadão português, embarco num vôo noturno na TAP com destino a Beira (Moçambique), via Luanda. A guerra já se faz presente: o Boeing 707 português não tem permissão para sobrevoar países africanos e sua rota é uma longa curva em torno do continente negro. O mesmo acontece com os aviões sul-africanos.

A noite passa tranqüila e ao amanhecer estamos aterrissando em Luanda, capital de Angola. Piso em solo africano pela primeira vez, sinto-me bem. A escala é apenas para abastecimento e em seguida estamos no ar. Sobrevoamos Salisbury, capital rodesiana, última cidade importante antes de chegarmos à Beira, centro urbano da costa do Oceano Índico e o porto que alimenta Rhodésia, isolada do mundo por um bloqueio econômico imposto pela Inglaterra.

Uma Kombi me leva para o Hotel Moçambique, moderno e confortável. As conversas, em dialeto local, são totalmente incompreensíveis para mim, mas todo nativo fala também português. Noto o movimento contínuo de tropas, principalmente os GEP, Grupos Especiais Paraquedistas, cujo quartel é em Dondo, nas proximidades.

Durmo no hotel, seguindo de manhã para Nampula, num Boeing 737 da DETA, a companhia aérea que realiza vôos domésticos. A maior parte dos passageiros é militar; estamos nos aproximando da zona de guerrilha.

Cruzamos o rio Zambeze e Quelimane, cidade situada em sua foz. No meu destino final sou esperado pelo enorme e patriarcal padre Patrício, chefe da sociedade Missionária na Região. No aeroporto, alinham-se dois Fiat G-91, com "colmeias" de rockets sob as asas, helicópteros Alloete III, C-47s, e os transportes de paraquedistas, apelidados pelos nativos de "barriga de ginguba" (amendoim). O número de viaturas militares é enorme, predominando os pequenos Unimogs, chamados de "burros do mato" pela sua versatilidade e resistência, e as gigantes Berlietz, caminhões de transporte geral.

Por todo lado se vêem os "comandos" com seus camuflados e lenços coloridos no pescoço, empunhando as G-3 alemãs ou pequenas Uzi, israelenses. E a maior parte destes homens de elite eram negros moçambicanos, que não queriam que o caos se apoderasse de sua terra.

A cidade, que percorro no VW do padre Patrício é um grande quartel; nitidamente ela vive às custas dos militares. Mas não tenho tempo para

observações, pois sou levado para Marrere, distante 15 Km de Nampula. Um complexo constituído de hospital, escola primária, oficinas, plantações de algodão e escola de professores de Posto Escolar; nesta última é que darei instrução de E. Física.

Sou bem recebido, acabo me tornando também professor de Ciências Naturais e Trabalho Manuais-Desenho, pois a falta de docentes é crítica.

Este período é de vital importância, pois assimilo a realidade das colônias africanas, tomo conhecimento da política ali realizada e me entroso com os militares de todos os níveis.

Com o Diretor da Escola, padre Alexandre, passo a conhecer melhor Portugal e suas tradições, bem como os Macuas, a tribo da região, sobre os quais o dedicado padre havia escrito vários contos e preparava agora um dicionário. Foi realmente a melhor maneira de entrar na África. Como professor de E. Física mantenho minha forma ao mesmo tempo que aperfeiçoou meu método de comando, aplicando-os aos nativos. Comandar em África não é ao mesmo que em países da Europa ou América.

Com o professor Quina, o português que irei substituir no Marrere, fazemos uma viagem de uns vinte dias pelo distrito de Nampula, Zambézia e sul do Niassa, na fronteira com o Malawi, onde entramos em companhia do chefe da DGS local.

Por aquela fronteira costumam cruzar secretamente os recrutas da Frelimo, a Frente da Libertação de Moçambique, que farão instrução na Tanzânia, voltando depois com seu terrorismo covarde. Lidera o grupo um ex-auxiliar de enfermagem de Lourenço Marques (hoje Maputo), Samora Machel. O verdadeiro líder, Mondlane, morrera na explosão de uma bomba, que Samora imputara à DGS. Nunca ficou provado...

No sul do Niassa encontro as Milícias de Intervenção; está aí algo que não conhecia e que poderei ingressar. São profissionais, não pertencem ao Exército e tem a função de patrulhar estradas, defender aldeamentos, proteger os trens de carga / passageiros dos ataques e das minas. Enfim, no Niassa, zona de combate, existia todo o esquema de recrutamento que em Portugal seria impossível encontrar devido a burocracia.

Depois que Quina parte para o sul, fico com sua motocicleta, uma Zundapp 200, com o qual percorro as trilhas e aldeias próximas do Marrere, conversando com os nativos, principalmente com os régulos, autoridades tribais tradicionais reconhecidas pelos portugueses, mas que a Frelimo procura derrubar. São nossos aliados e tem grande influência na conscientização do povo, contra a propaganda marxista e racista dos guerrilheiros.

Em Nampula existe, a exemplo de em toda a colônia a OPVDC,

Organização Provincial de Voluntários para a Defesa Civil, que abrange todos os voluntários e lhes proporciona treinamento militar e armas. É uma forma de manter uma reserva de efetivos, pronta para intervir caso necessário, sem que se tenha que deslocarem tropas da Metrópole. Pretendo me inscrever, mas os acontecimentos viriam apressar meu processo de entrosamento com o mundo militar africano.

A REVOLUÇÃO

25 de abril de 1974!

Revolução em Portugal; os famigerados "cravos vermelhos". O resultado da covardia e da ingenuidade dos jovens oficiais portugueses, inocentes úteis nas mãos dos comunistas.

Marcelo Caetano e Américo Thomaz são depostos; os agentes da DGS, presos. Começa dissolução do Império Português, vendido à Moscou.

Peço demissão. E. C. um amigo que havia chegado recentemente do Brasil substitui-me na Escola.

Surgem os boatos de tentativa de independência unilateral de Moçambique e que seria apoiada pelo rodesianos, temerosos de perderem seu apoio e se verem cercados por países de maioria negra marxista. A tropa portuguesa não oferece credibilidade, não se pode confiar nos oficiais. Apenas os Comandos esboçam uma reação contra a entrega da colônia ao inimigo, aos terroristas da Frelimo, como pretendem os golpistas, que apresentam estes últimos como heróis nacionalistas, ferindo o brio das tropas especiais.

Vôo para a capital, Lourenço Marques, à procura de informações concretas; todos estão confusos. No Consulado Rhodesiano consigo um visto de entrada, e após dois dias e uma noite num trem, estou em Salisbury.

Lá a reação é aberta, os grupos se reúnem nas pensões portuguesas, e duas facções distintas começam sua organização visando a tomada do poder, a exemplo do que fizeram os colonos rodesianos, anos atrás. Mas mesmo a primeira vista o que se pode deduzir é que não sairão do planejamento: existem mais "generais que soldados", estão longe de conseguir a disciplina necessária para obter o sucesso.

MILÍCIAS AFRICANAS NO NIASSA

Em Moçambique não há trégua, a guerra continua e estou livre para a luta. Volto para o Niassa, no norte da colônia e contato os setores que me interessam. Me vejo finalmente de arma na mão, com mais 39 milícias

africanos na defesa de Cóbue, um aldeamento às margens do Lago Niassa. Para lá não há estradas, a pista de pouso foi destruída pelas águas e o único meio de transporte são os barcos da Marinha Portuguesa.

É zona 100%, como chamam os lugares onde os terroristas pululam, sou o único branco num raio de centenas de quilômetros.

Como o consegui? Simplesmente aproveitando a balbúrdia que reinava em todos os setores administrativos e militares, depois da revolução.

O lugar era protegido a ferro e fogo por uma companhia de Fuzileiros Especiais, que seria retirada, pois estavam, ao contrário dos guerrilheiros, deixando de lutar em todas as frentes, abandonando a população indefesa à mercê dos assassinos da Frelimo, desejosos de vingança e poder.

O quartel, antiga missão de propriedade da Consolata, ficaria vazio. Ofereci-me para ocupá-lo, para evitar que fosse depredado pelos nativos, até que voltasse a ser usado como missão.

Aceitaram, e para lá rumei, numa lancha de desembarque da marinha, em seis horas de balanço nas vagas do lago.

Os fuzileiros preparavam para deixar o quartel. Armados até os dentes, com as fitas de munição de suas MG enroladas no peito e morteiros 60 em posição, continuavam atentos nas montanhas, temendo um ataque de última hora.

A bandeira portuguesa foi arriada pela derradeira vez naquelas paragens, jogando por terra o duro trabalho de gerações inteiras de jovens que ali deram seu sangue e suor em nome da Pátria.

O oficial cortou com sua faca de combate as cordas do mastro, para que a bandeira da Frelimo não subisse tão cedo. De um lado a Companhia toda formada, do outro, eu, sòzinho, e no momento desarmado, assistindo a cerimônia. Para a maioria, eu só podia ser algum terrorista, pois nunca um branco ficaria só num lugar que fora preciso uma companhia inteira de aguerridos fuzileiros para defendê-lo.

Meu único meio de comunicação com Metangula, a base naval, era um rádio. Qualquer auxílio que necessitasse demoraria no mínimo três horas, com as lanchas rápidas intervindo. Na aldeia, situada abaixo do quartel, ficariam 39 milícias, africanos, armados com fuzil Mauser modelo 1908...

Como numa retirada em combate, os fuzileiros afastaram-se em lanchas de desembarque, com a vigilância dos lança-foguetes de uma patrulheira colocada ao largo.

Quando os últimos preparavam para embarcar, uma cápsula de sinalização "very-ligth" ergueu-se aos céus, no extremo da antiga pista de pouso. Os guerrilheiros davam sinal de sua presença...

Entardecia, e quando o pequeno comboio sumiu à distância no lago,

voltei para o quartel; 39 salas vazias me esperavam num prédio cercado de trincheiras e arame farpado.

Abri minha mala retirando dela duas granadas defensivas, que comprara dias antes de um soldado em Vila Cabral, capital do Niassa. Com um arame, amarrei uma delas à uma das folhas da porta do quarto, enquanto que outro arame ia de sua cavilha de segurança até um furo no meio da folha seguinte, apenas introduzido, sem prender. Sai, fechei-as, e travei o arame por fora. Se alguém tentasse mexer no quarto, forçando as portas, a granada explodiria. Obviamente eu não estaria dentro.

Com a outra granada debaixo da camisa, percorri a escura trilha de uns 500 metros até a casa do Administrador da aldeia, situada no topo de uma elevação. O administrador (uma espécie de prefeito) também era africano, um ex-membro dos Grupos Especiais Paraquedistas, portando de confiança. Era o responsável direto pelos milícias, e eu faria minhas refeições em sua casa.

Opinava ele que eu, como único branco em uma zona de 100% já estava cheirando a cadáver, pois era alvo em potencial para os terroristas. Cedeu-me uma FBP 9mm, cópia portuguesa da Smeisser alemã (sub metralhadora), seis carregadores de munição e mais duas granadas. Acertamos que eu poderia inspecionar e trocar idéias para a melhora da defesa do dispositivo montado pelos milícias, que encontrara repleto de falhas. Com isso aos poucos, iria assumindo o controle total da situação, para alívio do Administrador que nada queria com estes tipos de responsabilidade.

Naquela primeira noite voltei ao quartel, mas não me dirigi ao quarto. Subi por uma escada de madeira a uma espécie de sotão, situado no centro do edifício e puxei-a para cima; a janela dominava uma grande área e o sótão tinha ligação com o resto do teto. Estava limpo, com as paredes cobertas de fotos de mulheres nuas.

Nada mal, agradeci mentalmente ao fuzileiro que tivera a idéia de transformar o cubículo em quarto. Preparado, adormeci tranqüilo, com a arma ao alcance da mão, na minha primeira noite na zona de combate real; desta vez não se tratava de manobras, como fazíamos no Brasil...

Começava minha vida de combatente substituindo a uma Companhia inteira! Como princípio estava bem, pensei, queria lutar, exercer a profissão, e agora estava com guerrilheiros inimigos até na sopa.

A noite passou e o Frelimo não deu o ar de sua graça.

Considerava a primeira noite de aldeamento, sem os fuzileiros, crucial, mas a princípio os terroristas não pretendiam atacar de imediato.

Logo pela manhã, troquei minha roupa civil pelo traje verde das

milícias, embora oficialmente continuasse uma espécie de missionário, e percorro o aldeamento em companhia do administrador.

O "dispositivo de defesa" simplesmente não existia. Os milícias deixavam suas armas nas palhotas e iam pescar. Reuni o pessoal e indiquei quatro pontos estratégicos, onde mandei que cavassem trincheiras. Organizei um sistema de rodízio, já que não podia impedi-los de procurarem alimentos e passei a controlar pessoalmente o estoque de munição e granadas ofensivas, que os nativos desviavam, respectivamente para caçar e pescar.

À beira do lago, lanço algumas rajadas para me acostumar com a metralhadora portuguesa, que por sinal falha bastante quando da ejeção da cápsula. Depois, sozinho, começo minhas patrulhas diárias, explorando as redondezas. Havia sinais de presença de inimigo nas proximidades, mas os dias se passavam, e nada...

...Num achado interessante, deparei-me um dia, mato cerrado adentro, com dois túmulos, cobertos de tijolos e com cruz, nitidamente de europeus. Gravados, dois nomes de mulher, Eleonora Mirian Lizzi e Charlotte T. Elza, e a data de 29 de agosto de 36 (29-Aug-36) em inglês. Missionárias? Aventureiras? que mistério continha aqueles túmulos escondidos? Na década de trinta, mesmo para um homem, a região do Niassa se constituía num território perigoso e desconhecido. Nenhum nativo soube ou quis me dizer algo à respeito...

O barco que semanalmente vinha de Metangula trouxe um "reforço", um guarda PSP (Polícia de Segurança Pública), também africano, armado de G-3 (fuzil automático), o que melhorava nosso pequeno arsenal. O guarda Abdul tornou-se um auxiliar precioso, tinha consciência militar, ao contrário dos ociosos milícias.

Um nativo, cujo desaparecimento estávamos investigando, reapareceu na aldeia, com notícias interessantes. Fôra capturado e posteriormente libertado pelos guerrilheiros, que lhe interrogaram sobre a saída dos fuzileiros, na qual não acreditam, pensando numa cilada. O nativo confirmou, mas disse-lhes que haviam ficado "trinta brancos, bem armados", mentira que provavelmente estava fazendo com que adiassem o ataque ao aldeamento, pois pretendiam saquear a cantina, como era costume fazerem nas vilas desprotegidas.

Pelo rádio, informavam-nos sobre ataques a lugares próximos abandonados pelos portugueses. Em Cóbue, sem novidades.

O BATISMO DE FOGO

Era o dia 2 de Agosto de 1974 e jantava com o guarda Abdul, na

casa do Administrador, que havia viajado para Vila Cabral há uma semana, no barco da marinha. No momento eu era o dono do lugar. Cansado de carregar a metralhadora inutilmente, deixara-a no quartel, e, banho tomado, vestia um confortável traje civil.

São 19:40h. Quando vou cortar um pedaço do apetitoso peixe grelhado colocado à minha frente, uma longa e estridente rajada de Kalashinikov AK-47 rasga o silêncio da noite, tomando-me totalmente de surpresa. Voam vidros partidos, e o som vem de muito perto da casa!

Em frações de segundos estou rastejando para o quarto, Abdul para a cozinha, e o criado correndo, deixando cair a bandeja metálica com estardalhaço. Os tiros espoucam pelo lado do aldeamento.

Todos os palavrões possíveis vem à minha cabeça! Desarmado, com roupa clara, pego como um principiante que pensava não ser!

Agachado, protegido pelo muro de um metro e meio de altura que prudentemente cerca a casa, corro para o abrigo contra morteiros. Abdul chega e salva a situação, pois vem com sua G-3.

Responde fogo, dando-me cobertura enquanto corro para o quarto do quintal, onde apanho uma pistola Walter 9mm e as granadas que posso, retornando ao abrigo.

Da parede ao nosso lado, saltam lascas de rebôco, dos projéteis AK-47 e PPSH russas. As informações que temos é que os ataques tem sido feitos com um canhão sem recuo de 76mm. Se o usarem estaremos perdidos.

Estamos em posição mais alta que o inimigo, mas este avança para nós, confundindo-se no meio do alto capinzal. São dois grupos de oito ou nove homens cada e se auto protegem. Economizo munição tentando ver os clarões das armas, para depois disparar naquela direção.

Abdul está em dificuldades com a G-3; estarrecido, verifica um pouco tarde demais, que os carregadores que trouxera eram de FN, um fuzil Belga, e não se encaixavam em sua arma! Começa a esvaziá-los para carregar o único que serve, e com isso paramos praticamente o fogo. O inimigo está perto e atira a esmo.

Passa-se uma idéia pela cabeça, perdidos por um, perdidos por mil: levanto-me, subo ao tôpo do abrigo completamente desprotegido, destacando com minha roupa clara do céu negro e grito:

- Frelimo! Frelimo!

Por um momento os terroristas param de atirar e escutam. Penso em passar-lhes a conversa que a guerra acabou, a revolução, etc, etc, mas a pausa dura apenas alguns segundos. Uma saraivada de balas passa por mim, retalhando um mamoeiro ao lado!

Com um sonoro “f. da p.” gritando com toda a vontade, encerro

minha carreira de parlamentar, dando graças porém a já famosa falta de pontaria dos adversários.

Salto para o solo e faço o que me resta fazer: muito barulho, blefar com nosso poder de fogo.

Atiro três granadas em rápida sucessão para a baixada onde já se escutam ruídos de homens e descarrego um pente da Walter; Abdul, no mesmo momento metralha com a G-3. O efeito é bom, e as granadas parecem que atingiram alguém. Os guerrilheiros que não esperavam encontrar reação e estavam próximos, recuam; os que no aldeamento tentavam saquear a cantina não o conseguem devido a uma inesperada defesa de dois milícias, e seguindo sua tática de sempre, batem em retirada, pois ficaram tempo demasiado atacando e reforços podem chegar. Mal sabem que isso é quase impossível!

Com alguma comida roubada e seis mulheres raptadas, a gloriosa Frelimo desaparece.

Recarregamos nossas armas e após uns terríveis dez minutos de silêncio total, salto pelo muro, seguido de Abdul e desço a aldeia, empunhando a Walter no meio da escuridão. É loucura, mas prefiro isso que o suspense de aguardar entrincheirado no alto da elevação onde estava.

Mas o inimigo realmente fugira. Com exceção dos dois que defenderam a cantina e suas famílias, os restantes milícias haviam abandonado as armas e saltado para o lago, entre os caniços, ou se metido no meio do mato!

E assim recebi meu batismo de fogo, no topo de uma colina africana, e juntamente com Abdul, rechaçara um ataque de guerrilheiros que possuíam superioridade em efetivos e material, o que não fora suficiente para lhes suplantar a covardia.

Abaixo da casa encontramos carregadores de AK-47 e um saco de comida, provavelmente abandonados por um ferido. Não consegui contato com Metangula através do rádio e resolvemos dormir, mas vestidos e prontos a nos defendermos de uma segunda investida.

Aos primeiros clarões da manhã, mandei que buscassem as baterias do gerador e as troquei pelas do rádio, que estavam fracas.

668, 668, 668,666 chamando!

668 era Metangula e 666 éramos nós.

- Prossiga 666!

- 666 atacado, sem baixas, seis nativos raptados, vamos sair em patrulha.

Repeti a mensagem, esperei o entendido.

- 666 solicita três carregadores para G-3, munição para a mesma e se

possível uma MG-42 para reforço, câmbio!

Com a metralhadora MG, entrincheirado em cima do morro, poderia anular com sucesso as investidas do inimigo, mesmo em superioridade de número. Seus ataques não eram contundentes, e em caso de resposta rápida e eficaz, retrocediam sempre.

- OK, Abdul, vamos ver o que podemos fazer;
- Não é Abdul, é Pedro que fala, câmbio;
- ?!
- O "missionário"? Confirme!
- Positivo!

Em Metangula acharam estranho um missionário pedindo uma MG, e mais confusos ainda ficaram quando ao meio do dia chegou uma lancha da marinha com um grupo de combate, e me encontraram fardado e armado!

Acabara de chegar da patrulha, que havia seguido a pista dos guerrilheiros, pista aliás facílima de encontrar, dado o sem número de objetos que deixavam cair em sua pressa de se distanciar para não serem interceptados. Iam em direção a N'go, uma aldeia distante duas horas de barco de Cóbue.

Avisei a marinha e também 666A (N'go) via rádio. Eles não possuíam armas automáticas nem granadas e precisavam se precaver.

Recebemos o pedido, menos a MG, e a lancha da marinha retornou. Saberia depois que o Comandante da Base Naval interrogou o padre da Consolata sobre minha pessoa. Na confusão daqueles tempos pós revolução, ninguém podia confiar em ninguém, mas muito menos impor-se. Que seria eu? De que lado realmente estava? Também não os daria muito tempo para saber...

No dia 4 de agosto, ao anoitecer, ouvimos o som seco do canhão sem recuo e um metralhar distante. Era N'go sendo atacado como previra, e malgrado meu aviso, foram colhidos despreparados. Desta feita atacaram com canhão sem recuo, destruindo o posto policial, matando um guarda e ferindo outros. A população embrenhou-se pelo mato e os poucos milícias fugiram de canoa para Metangula.

N'go ficou deserta.

Pela rádio, uma ordem, eu deveria voltar no mesmo barco que estava levando o Administrador para Cóbue. Embarquei com granadas, munição e uma Walter.

Em Metangula, uma surpresa: eu era tido como agente da Frelimo, apesar do ataque que sofrera. Mas verdade seja dita: incompreensivelmente o mesmo grupo que destruíra N'go, apenas "arranhara" Cóbue, quando lá estava! E um grupo de oficiais da marinha queria de mim nada menos que

um contato com os guerrilheiros, para um cessar fogo! O mesmo pedido me foi feito, através do padre local, pelo Bispo anglicano, que chegara da capital Lourenço Marques e queria conversar com os "legítimos representantes do povo"...

Ora, todos sabiam que os contatos nas aldeias era sempre os professores nativos, que negavam veementemente tal fato.

Mas para mim, estrangeiro, "missionário", e com os boatos que lançaram à minha volta, não tive problemas. Cheguei à uma aldeia próxima de Metangula e me dirigi diretamente ao professor, que nunca vira antes, e falei-lhe sobre o encontro com a Frelimo, como se seu envolvimento com terroristas fosse para mim um fato conhecido e normal. Achando-se entre colegas, o professor caiu no conto e se abriu. Avisou a um grupo que se encontrava próximo, e o primeiro encontro se fez, com o Bispo anglicano. Quanto ao encontro com a marinha não sei se veio a se realizar, pois as atenções se voltaram, subitamente para algo mais alarmante: a tentativa de independência unilateral de Moçambique!

A REVOLTA DE 7 DE SETEMBRO

Alerta absoluta nos quartéis. A Rádio Clube de Lourenço Marques foi ocupada pelos revoltosos; os emigrantes portugueses da Rhodésia estão cruzando a fronteira, outras rádios são ocupadas.

É o dia 7 de setembro de 1974.

A prisão da capital é invadida pelo povo, centenas de agentes da DGS que lá se encontram são libertados.

Daniel Roxo, líder das milícias do Niassa, lança um apelo para que elas colaborem com a revolta. Lanço mão de um Land Rover da Missão e reunindo os milícias com rapidez, lhes explico a situação e peço que se metam no mato com suas armas caso a Marinha tente desarmá-los.

Nesta confusão não sou incomodado, e instalado na casa do padre, sigo os acontecimentos pelo rádio. Dois dias se passam e os rebeldes se consolidam. Muitos militares aderem, toda população está nas ruas, mas pacificamente. Até agora nenhum tiro foi dado, mulheres e crianças ocupam as rádios da colônia.

No dia 10, a reviravolta. Tropas do Exército mandadas por comunistas, esmagam violentamente a "caseira" revolução. Moçambique já estava vendido, e era preciso entregar a mercadoria em dia.

Blindados e tratores empurram o povo para longe dos edifícios ocupados. Em conluio com a Frelimo, os nativos dos arredores, dirigidos por agitadores profissionais, invadem as ruas, queimando, saqueando,

violentando as brancas de qualquer idade, sob a complacência das Forças Armadas Portuguesas.

Os "comandos" são proibidos de saírem às ruas, o governo pensa em desarmá-los.

Tomo um taxi aéreo e saio de Metangula, indo para Vila Cabral, onde tenho que esperar uma semana pelo reinicio dos vôos para o sul. Neste curto espaço de tempo, sou contatado por um grupo de "progressistas", que sabedores da minha intermediação no encontro Frelimo-Bispo, pedem minha colaboração. Como sempre, não me faço de rogado e infiltrado no esquema posso sabotá-lo melhor.

Para o encontro não tenho dificuldades: o padre superior da Consolata e mais outro padre italiano já me haviam falado de suas relações com os "turras" (nome dado aos terroristas), e através deles, três guerrilheiros se apresentam em Vila Cabral, fazendo uma "palestra" à população local, demonstrando a todos o seu despreparo e ignorância! E para o cumprimento da minha "nobre missão em prol da independência", tinha livre acesso a qualquer hora ao gabinete do governador do distrito, além de um avião caso necessário!

Neste interim, em Nampula, o brasileiro E. C., na OPVDC, participara ativamente na revolta, e agora, com uma viatura, ajudava os comandos do Exército Português a desertarem rumo à Rhodésia. Fugirá por sua vez para a África do Sul.

A opressão é grande em todo Moçambique. O Governo dá praticamente a colônia de presente à Frelimo, que nem efetivos tem em número suficiente para controlar apenas a capital. Tropas da Tanzânia, fantasiadas de "guerrilheiros nacionalistas" começam a entrar no território.

Chego em Lourenço Marques a tempo de participar da revolta dos comandos. Inconformados com que viam, com a covardia das tropas regulares assistindo mulheres brancas sendo violentadas e mortas, os grupos especiais se sublevam, e nas ruas da capital, atacam os homens da Frelimo que se pavoneiam como vencedores da guerra. Estes se defendem até com lança-foguetes, aumentando o número de mortos civis. Batalha nas ruas.

Os nativos invadem novamente a cidade. Em um carro particular enfrentamos nas esquinas, com granadas e armas ligeiras, a corja de assassinos que a tudo saqueiam e destroem.

De Portugal vem a ordem de embarcar os comandos; muitos fogem para a Rhodésia, engrossando as fileiras dos que pretendem retornar de armas na mão.

A violência da Frelimo e os marginais, agora livres para saciar seus instintos, aumenta contra os brancos. Me escondo numa paróquia - sempre os padres me salvando! - e aguardo os ânimos se acalmarem para fugir daquela fogueira.

Os africanos fazem controles nas ruas em grandes grupos, barrando e roubando os carros que se aventuram a passar. Muitos são incendiados, e caso reajam, os ocupantes são imediatamente massacrados. As brancas, em hipótese alguma podem sair às ruas.

Foi restabelecido o tráfego ferroviário e resolvo partir. Levo minha arma na bolsa tiracolo, juntamente com quatro granadas de mão.

O padre me dá uma carona em seu VW, e mal dobramos a primeira esquina deparamos com uma turba armada, que revista os carros e as malas! Na calçada, ainda arde um Ford Escort, tombado por eles...

Somos barrados e cercados pela multidão negra. Minha bolsa está à vista no banco de trás, mas nunca conseguiria sacar a arma ou as granadas em tempo. E irão revistá-la!

Sinto-me empalidecer intensamente, acabou-se, me vejo massacrado até a morte. Se puder agarrar minha arma, venderei caro minha pele. Só sinto pelo padre, estou desolado, o infeliz não sabe de nada e pagará igualmente. Decido que tentarei reagir quando forem apanhar minha valise, pois estarei perdido de qualquer maneira.

O padre abre o porta-luvas para mostrar que não há nada , e o negro, com a cabeça metida dentro do carro olha para tiracolo no banco traseiro. Deixo de respirar.

Subitamente pergunta

- Não é o senhor padre?

- Sou sim meu filho.

- Ah, bom, passa, passa!

E a massa humana abre caminho para o VW, que arranca devagar, levando como passageiro um aprendiz de guerreiro semi morto de tensão...

Não mais abri a boca, afundado no assento, até me despedir daquele santo padre!

Com o bilhete comprado, não mais me arriscaria inutilmente, agora que faltava pouco para abandonar um inferno em que muitos brancos haviam deixando o pêlo. No banheiro desfiz-me do pequeno arsenal no cesto de lixo, e tranqüilo fui esperar a hora da partida.

Ainda seria revistado duas vezes durante a viagem por guerrilheiros armados, a quem tive que dar explicações sobre o funcionamento do meu pequeno barbeador à pilhas, para eles uma granada. Um inclusive saltou comicamente para trás, assumindo posição de defesa, ao ouvir o zumbido do aparelho!

Foi com alívio que os vi descer do trem, e 100 metros à frente cruzamos por uma placa onde estava escrito: Vila Salazar-Rhodésia. Adeus Moçambique, ou melhor, até breve, voltarei!

Fui ao vagão bar e deixei que as “Lions” vazias se enfileirassem em minha frente...

Cap. III

RHODÉSIA - ZAIRE

Quando a locomotiva freiou suavemente na agradável estação de Salisbury, já sabia para onde ir: 11, Baker Avenue. A pensão era só de portugueses, pequena e bem localizada. Já lá estivera da outra vez, e me tornara amigo do proprietário, que fazia questão de pertencer à chamada "reação"!

Cumprimenta-me efusivamente, relata suas aventuras (havia passado a fronteira quando da revolta de 7 de setembro) e me informa que a desforra está em marcha.

Telefona de imediato para um dos "chefes", segundo ele:

- Tenho um "gajo" importante para vocês, foi legionário, é piloto e esteve metido no 7 de setembro também. Está aqui na minha frente.

- Escuta algo que não lhe agrada, responde rapidamente:

- Não , não lhe dei seu nome, fique tranqüilo, ok, ok, ele ficará aqui.

Desliga e diz que o contato virá à pensão me entrevistar, tratando de arrumar um quarto em seguida, enquanto me deixa a par das novidades.

Nos arredores de Salisbury estão os "flechas" da DGS, que juntamente com seu chefe, Major Alves Cardoso, fugiram de Moçambique com todo equipamento possível. São recebidos pelo Rhodesian Army, com o qual passam a trabalhar.

Constituem uma excelente "task-force" para uma provável contra revolução e o que é mais importante, continuam unidos.

Espalhados pelas pensões e guest-houses, muitos comandos desertores, entre eles alguns que foram auxiliados pelo meu amigo E.C. durante a fuga. Dão-me notícias suas, no momento está em Johanesburg com uns amigos do "Wild Goose Club"; está em boas mãos.

Os "planos" de contra revolução se fazem nos bares, em calorosas discussões regadas à Lion e Castle, as cervejas locais.

Travo conhecimento com o Capitão Valdemar, dos comandos, e o Alferes Esteves, dos Pisteiros de Combate e nos tornamos amigos.

Sou rapidamente entrevistado pelo emissário do grupo em formação, que diz contar com apoio da África do Sul e Rhodésia, e passo a ter minha estadia paga por eles. A única ordem é esperar.

Passo a conhecer melhor o esquema quando sou requisitado para o grupo de Segurança nos escritórios da Organização. Trata-se de uma série de salas num dos andares de um edifício na própria Baker Avenue, à poucos metros do Centro de Recrutamento do Exército. O chefe, ou melhor, o que apareceria como chefe, é o dissidente da Frelimo, Miguel Murrupa, que

ocupara um alto posto quando ainda na Tanzânia. É pró ocidental e pretende criar um governo de harmonia entre brancos e negros.

Mas está completamente desorganizado, entregue às mãos oportunistas ou inexperientes, como seu "lugar-tenente", auto denominado "Capitão Gravata", um sonhador e despreparado "contra-revolucionário", a quem entregou a organização militar.

Os mapas cobrem as paredes, com setas, círculos, quadrados, triângulos, nas mais variadas cores e tamanhos, tudo extremamente decorativo e "igualzinho aos filmes de guerra"!

Este ridículo é trágico, pois para aí são desviados os esforços, verbas e pessoal operacional que poderiam ser úteis se bem dirigidos. Desta maneira vão sendo diluídas as forças contra revolucionárias, num momento que o governo de transição de Moçambique era tão frágil que cairia até com um simples empurrão.

Chega à Rhodésia, Jorge Jardim, um político e homem de negócios, bem conhecido em Moçambique pelo seu dinamismo, e a quem se imputava a criação de um grupo mercenário para reagir contra a Frelimo. Hospeda-se no Salisbury Hotel, à 13 quilômetros da Capital com sua numerosa família e o Major Abecassis, dito seu "ajudante de ordens".

Sou designado para observar seus movimentos e lá me instalo como hóspede. Nos primeiros dias nada me escapa. O movimento dos veículos, as pessoas que os visitam e os roteiros que percorrem. Mas nada dessas informações é usado, pois se telefono para que siga o carro tal, chapa tal, que saíra com o político as tantas horas, a confusão está feita. Não conseguiam nem articular um simples controle dos seus passos na cidade.

Neste interim, E. C. chega à Rhodésia, vindo de Joahnesburg, e se diverte com o que lhe conto. Também é recrutado como "especialista em tanques" e tem sua estadia paga!

O "sinistro" Capitão Gravata, futuro Comandante em Chefe do exército invasor está escrevendo à máquina; E. C. está a seu lado verificando uma lista de recrutas. Batem a porta.

O capitão não para de trabalhar e ordena em voz baixa:

- Se eu parar de escrever, você salta para o lado!

E.C., sem muita vontade para farsas, explode em uma gargalhada, constrangendo o "herói" e prejudicando a carreira, como me confidenciou mais tarde, divertido, o brasileiro que já com sua dose de aventura em Moçambique, decidiu retornar à Pátria.

Por minha vez não perco mais tempo também, e prefiro observar as simpáticas e charmosas filhas do político, ao invés de brincar de espião...

Passo a ter discussões homéricas nos escritórios, tentando induzi-los a realmente produzirem algo, mas nada surte efeito.

Vivem de sonhos...

OS COMANDOS

Os flechas começam a se aproximar e um dia avisam que o "patrão"(Alves Cardoso) quer me falar.

Nos arborizados jardins atrás do Monomatapa Hotel, será o encontro. Enquanto converso com o "segundo em comando", o Major entrevista outro indivíduo contatado. Despedem-se e saem em sentido contrário, o flexa manda-me segui-lo.

Encontro-o mais à frente num banco e me apresento.

Pede minha opinião sobre a Organização em que eu estava (que muitos diziam ser ele o chefe verdadeiro), e não tenho pejo de criticá-la como inoperante e ridícula; é sua opinião também, e categoricamente avisa que nada haverá em Moçambique. São apenas boatos e bravatas, os recursos foram desperdiçados irresponsavelmente.

Seu grupo, o único realmente operacional fará a contra revolução, não diz onde nem quando, e eu lhe interesso como piloto.

Sem qualquer dúvida acredito no homem que é o militar mais condecorado em combate do Exército Português; não se trata de outro nebuloso "Capitão Gravata" e ao contrário dos outros grupos, tem realmente o apoio da Rhodésia, através do Special Branch (Serviço Secreto).

Mudo para um apartamento da Gail Flats, na Jameson, a avenida principal, e ali tenho a função de captar e anotar toda transmissão referente aos combates entre os grupos rivais angolanos. Nada é certo, mas começa a ficar claro que nosso objetivo será Angola.

Aceleram-se as entrevistas, e realmente uma seleção rigorosa é feita. Somos avisados que iremos contribuir para uma independência, não como mercenários-nada receberemos-mas sim, como futuros membros das forças armadas em formação.

Um visto de entrada turística me é dado para preencher. País: Zaire, ex-Congo Belga; endereço: Delegação da FNLA, Frente Nacional de Libertação de Angola, de Holden Roberto, o líder pró ocidental.

Alves Cardoso fora contratado pela FNLA, com o intuito de treinar e enquadrar os novos comandos do ELNA, o exército de Holden, que se preparava para uma batalha pelo poder contra seu rival Agostinho Neto, marxista, e seu movimento fantoche dos russos, o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola).

Este último recebia ajuda dos cubanos e da Brigada Internacional, constituída de alemães orientais, checos, etc. e Holden tinha que se precaver ou seria esmagado.

Em julho de 1975, embarquei num Boeing 737 da Rhodésian Airwais com destino a Johanesburg, juntamente com Simões, um "flecha" de quase dois metros de altura.

Lá, no próprio aeroporto Jan Smuts, orientados pelas instruções recebidas, encontramo-nos com o Major Alves Cardoso, e juntos partimos em um vôo da Sabena que escalará Kinshasa, ex-Leopoldville, a capital zairense.

NO ANTIGO CONGO BELGA

O DC-10 belga aterrou no aeroporto N'Djli; no estacionamento, dois gigantescos aviões cargueiros C-191 do Military Air Transport, da Fôrça Aérea dos Estados Unidos. Placas nos prédios avisavam da proibição de fotos.

Ainda na escada, o Major é recebido por um Ministro da FNLA e nos dirigimos para a sala VIP, onde somos apresentados a outros membros da Frente de Libertação. Éramos os precursores do grupo e vínhamos preparar sua chegada, e os angolanos não escondiam o quanto esperavam de nós.

Em minutos nossa bagagem foi liberada, sem passar pelos demorados trâmites legais, e levam-nos para o Intercontinental, o melhor hotel do Zaire, onde, confundidos com guarda-costas do major, fomos alojados no apartamento ao lado do seu, após o ocupante anterior ser delicadamente transferido para outro!

Da janela vejo o rio Congo, preguiçoso e inteiramente coberto de plantas aquáticas, a contornar o hotel. Na outra margem, o para nós incômodo Congo-Brazaville, que apoia o MPLA.

Ocupamos o tempo de espera dividindo-o entre a piscina e os dois bares do Inter. Cinco dias passados e chega a primeira leva, sob o comando do Capitão Valdemar, assessorado pelo Alferes Esteves.

Haviam sido secretamente transportados de Salisbury para a Base Aérea de Gwelo, no interior da Rhodésia, e ali embarcaram num velho C-47 pilotado por belgas. Atravessaram a proibida Zâmbia e escalaram em Lumumbashi, ex-Elizabethville, onde dormiram, seguindo finalmente para o aeroporto de N'Djli, onde os esperávamos.

Maldizendo a sacolejante viagem rasante através das montanhas, subiram apressados para as Kombis (made in Brazil) da FNLA e foram

levados para o Hotel Matonguê, nos arredores.

Entrei no C-47 com alguns sacos vazios e transportei para fora, o mais discretamente possível, algumas braçadas de G-3, AK-47, e uma RPG-2 (lança granada), que levei numa kombi para a sede da FNLA.

Depois, com Simões, deixei o Inter e nos reunimos ao grupo, no "execrável" Matonguê, onde uma verdadeira multidão de prostitutas enchia o pátio frontal do prédio! A notícia da chegada de duas dezenas de hóspedes brancos significava dinheiro para elas, que surgiam de todos os cantos, de ônibus, taxi ou a pé.

E o pessoal por sua vez não se fazia de rogado perante as robustas mulheres zairenses, com seus exóticos penteados em forma de antenas…

Nossa presença é um tanto quanto ostensiva: as refeições são coletivas, numa única e comprida mesa no restaurante "Pic-Nic", português, situado no centro da cidade. Se o major entra, todos se levantam, fazendo às vezes que incautos fregueses que ali almoçam, saltem das cadeiras, seguindo a maioria!

Não nos demoraremos em Kinshasa. A sede da FNLA ocupava um quarteirão da cidade, e era uma espécie de pequeno quartel, de onde a entrada e saída de viaturas era constante. Lá nos reunimos e conversamos informalmente com Johny P. Eduardo, um dos líderes da Organização e que fôra Ministro no governo de transição, quando da tentativa malograda de passar o país para os movimentos de libertação, sem luta. A situação no momento a grosso modo era a seguinte: após umas semanas de violenta luta na capital, Luanda ficou nas mãos do MPLA que controlava também as vilas vizinhas; a UNITA, (União Nacional para Independência Total de Angola) dominava o sul do país, chefiada por Jonas Savimbi, e no norte, tendo como capital política, a cidade de Carmona, imperava a FNLA. Seria em Ambriz, a capital militar, que iríamos formar a elite de combatentes que Holden desejava.

Depois da conversa, subimos para duas Kombis, e apertados, seguimos para a fronteira com Angola. Viajamos pela noite adentro, e chegamos com a luz do dia no país que pretendíamos ajudar a construir.

Cap. IV

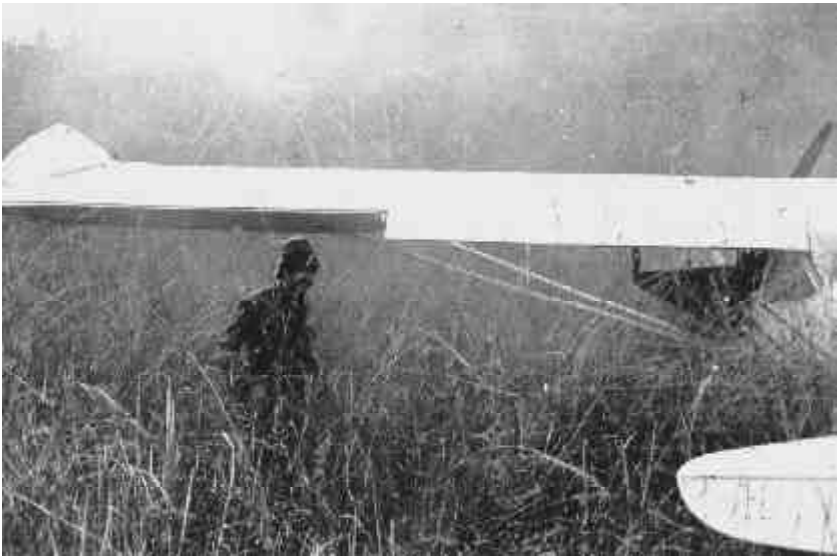
ANGOLA

Centro de Formação de Pilotos
Militares - Natal - RN
O Início da Jornada

Os Flechas em treinamento de tiro instintivo

Os Flechas treinados pela D.G.S.

Em Ambriz começa o treinamento dos comandos



O Auster logo após o acidente em Carmona

Pancrácio, o Toureiro, com seu conversível camuflado

A mina da Barra do Dande. Ao centro, o condutor ferido, que seria evacuado para Kinshasa

O comando Remédios, num campo minado

Em Ambriz, prontos para a partida. Da esquerda para a direita Ten. Paes, morto, Simões, ferido, Remédios, ferido, o autor e atrás Lopes II, desaparecido em combate.

Rumo a Balacende. O autor, com um grupo de comandos, bate as laterais da estrada.

Explosão da Ponte Freitas Morna

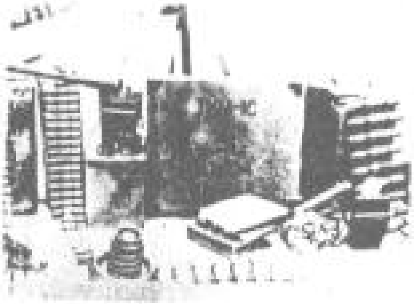
Posição Rio Onzo. Na torre do blindado, a divisa: a morte tem mêdo de nós!

Morro dos Asfaltos. Da esquerda para a direita, atrás: Paiva, Lopes, Daniel,
O autor, Nelson, Morteirete, Simões Comprido,
Cap. Valdemar. No centro, de camiseta preta,
o Cel. Santos e Castro

Angola Livre e Nacionalista Esmaga as Forças Imperialistas do MPLA / UNIAO SOVIETICA

[illegible]

O POVO ANGOLANO CONTINUA A RECEBER TODOS OS DIAS E TODAS AS NOITES AS DOSES DE MENTALIZAÇAO COMUNISTA ATRAVES DA FAMIGERADA EMISSORA OFICIAL DE ANGOLA. O «CUBANO» (PELAS IDEIAS E PELA TRAIÇAO) AGENTE DO **IMPERIALISMO** SOVIETICO RUI MONTEIRO E O MENTIROSO E FANTOCHE «COMANDANTE» JUJU (COMANDANTE DA RETAGUARDA) DIVULGAM MENTIRAS SOBRE AS POSIÇOES POLITICO-MILITARES DA FNLA, ENQUANTO AS FORÇAS REACIONARIAS, IMPERIALISTAS E MERCENARIAS DO MPLA/UNIAO SOVIETICA PERDEM TERRENO E SAO DERROTADAS NO CORAÇAO DA 1ª REGIAO MILITAR.



[illegible]

[illegible]

CONVIDAMOS A IMPRENSA INTERNACIONAL E OS VERDADEIROS JORNALISTAS, OS QUE AINDA NAO SE ENCONTRAM VENDIDOS AOS COFRES PUBLICOS DO MINISTERIO DA INFORMAÇAO, A VISITAR AS LOCALIDADES DE QUICABO, BALACENDE, CAXITO, SASSA, FAZENDAS TENTATIVA, LIBONGOS, JIUNE, BARRA DO DANDE, PORTO QUIPIRI, BEIRA BAIXA E DEZENAS DE OUTRAS, QUE SE ENCONTRAM NAS MAOS DO **ELNA**, SOB A BANDEIRA DA LIBERDADE DA FRENTE NACIONAL DE LIBERTAÇAO DE ANGOLA.

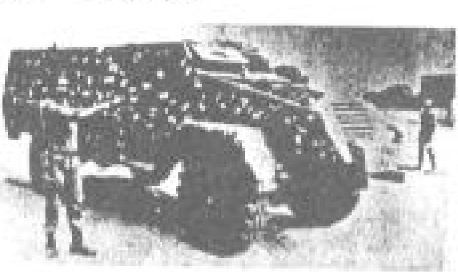
DESAFIAMOS OS CRIMINOSOS DROGADOS DAS FAPLA A DESMENTIR A DESTRUIÇAO E CAPTURA DE A DOS SEUS BLINDADOS SOVIETICOS (VEJAM AS FOTOS), A PRESENÇA DE INSTRUTORES RUSSOS, CUBANOS, TCHECOS, ARGE-

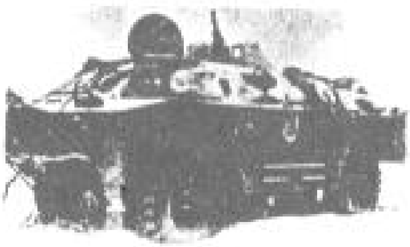
[illegible]

NOS, MOÇAMBICANOS, GUINEUS, CONTROLANDO AS ACÇOES DOS «BANDOS DROGADOS» E A DISPARAR AS ARMAS RUSSAS DA **BRIGADA INTERNACIONAL** DENOMINADA PELO **MPLA** DE «UNIDADE DE INTERVENÇAO».

POVO DE LUANDA! A FNLA ENTRARA NESTA CIDADE, SEM DESTRUIÇOES E SAQUES, PARA EXPULSAR OS ASSASSINOS VERMELHOS E RESTAURAR A PAZ COM A VERDADEIRA INDEPENDENCIA QUE TODOS NOS ESPERAMOS. É TEMPO **DE RESISTIR DENTRO DE LUANDA! LIBERDADE E TERRA PARA TODOS! A VITORIA E NOSSA!**

VIVA O PRESIDENTE HOLDEN ROBERTO! TODOS JUNTOS NA LUTA FINAL DA LIBERDADE! — UPA/F.N.L.A.





[illegible]

Desafiamos a Corja Criminosa da Informação Vermelha a Desmentir Estas Fotos e a Visitar as Posições Conquistadas

FNLA

MPLA

LAGOA DO PANGUILA

A

MISSEIS EM CAMINHÕES

FUNDA E CATETE

MISSEIS

CANHÃO 130

OBUSES 140

MORTEIROS 120

CAXITO

GRANJA

PEDREIRA (QG)

PALHOTAS

PÂNTANO

PANHARD 60

PANHARD 90

1ª PONTE

CASAS

CAMINHÃO ZAIRENSE

PÂNTANO

2ª PONTE

NINHOS DE MORTEIROS E METRALHADORAS

CANHÕES ANTI CARRO

MORRO DO QUIFANGONDO

MORRO DA CAL

ÁRVORES

AVANÇO MÁXIMO DA INFANTARIA DO ELNA

LUANDA

ALCANCE MÁXIMO DOS MISSEIS 122 LANÇADOS DO PONTO (A)

RIO

ALCANCE MÁXIMO DOS MORTEIROS 120

INFANTARIA COM RPG-7

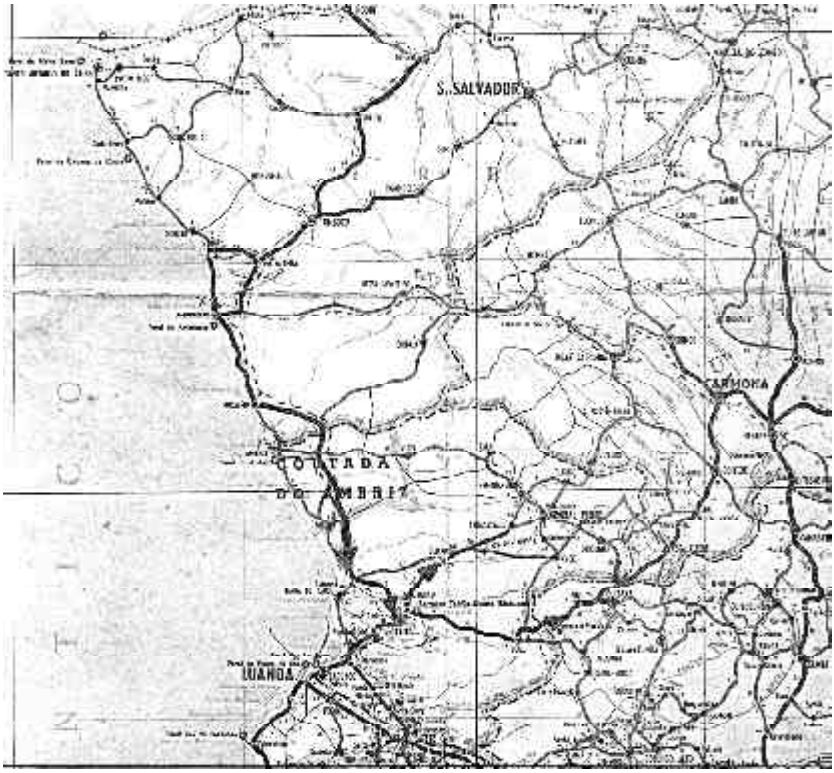
LINHA D'ÁGUA

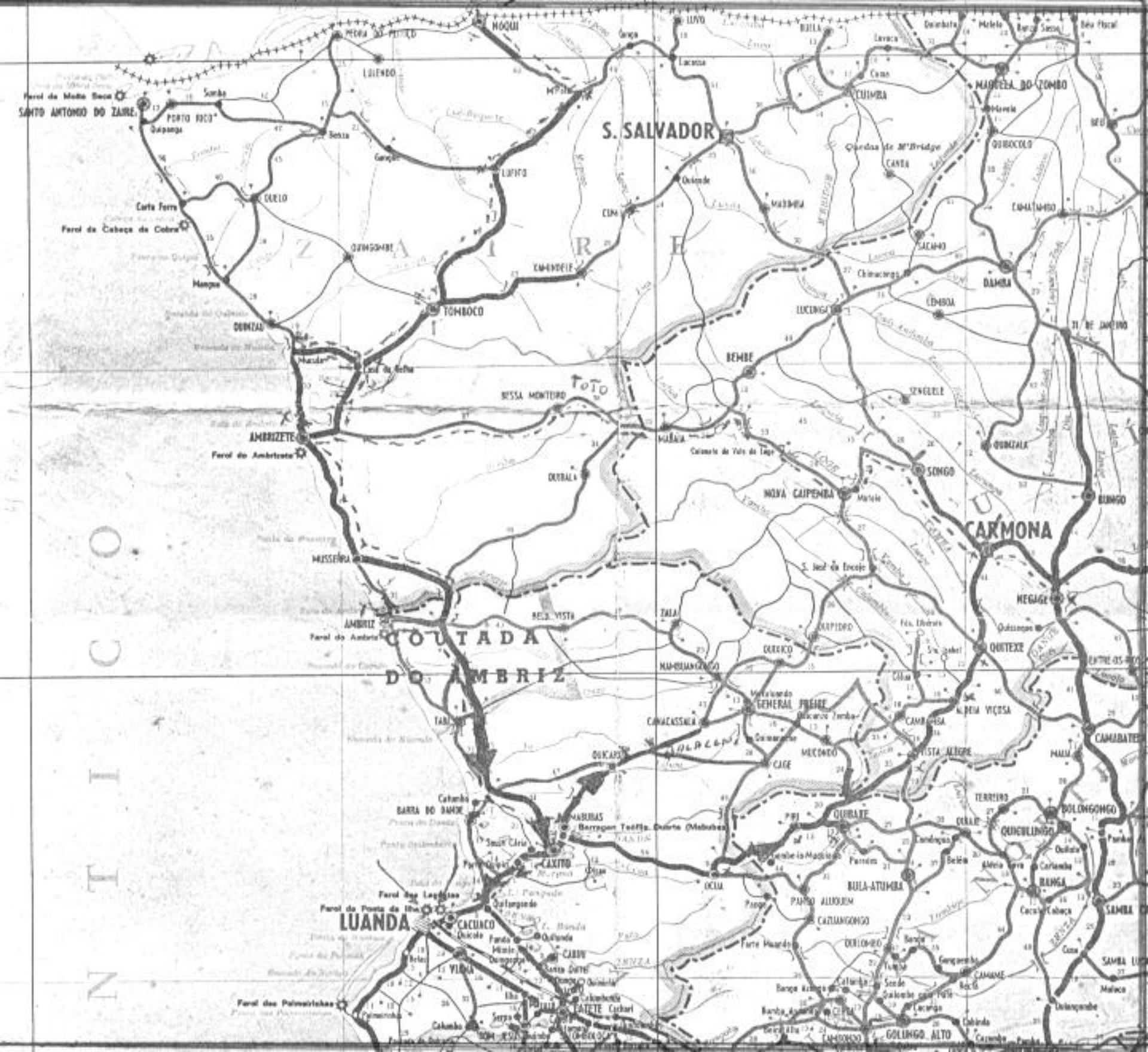
MORTEIRO 81 (PROVAVELMENTE)

ALCANCE MÁXIMO DOS MISSEIS 122

OCEANO ATLÂNTICO

BATALHA DO QUIFANGONDO


S. SALVADOR
ARMOHA
LUANDA



Z A I R E
N T I C O
COUTADA DO AMBRIZ
S. SALVADOR
CARMONA
LUANDA
SANTO ANTONIO DO ZAIRE
PORTO RICO
Ferol de Molte Seca
Ferol de Cabeça de Cobra
Ferol do Ambrizete
Ferol do Ambriz
Ferol dos Lagostas
Ferol da Ponta da Ilha
Ferol dos Palmeirinhos
MOQUI
LUVO
BULA
LUENDO
LUFITO
QUELO
QUINGOMBE
KAMINDELE
TOMBOCO
DUNZAL
AMBRIZETE
AMBRIZ
MUSSERRA
BESSA MONTEIRO
TOTO
BEMBE
LUCUNGA
DAMBA
SACANO
CUIMBA
MADUMBA
CANDA
QUIBOCOLO
CAMATAMBO
MAQUELA DO ZOMBO
SENGUELE
SONGO
NOVA CAIPEMBA
QUINZALA
BUNGO
NEGAGE
QUITEXE
ALDEIA VIÇOSA
VISTA ALEGRE
CAMBATE
BOLONGONGO
QUICULUNGO
BANGA
SAMBA
GOLUNGO ALTO
CAMANONDO
CAMAME
BULA-ATUMBA
PANDO ALUQUEM
CAZUANGONGO
QUILOMBO
QUIBAXE
OCUA
GENERAL FREIRE
CAMBAMBA
MUCONDO
CAGE
CANACASSALA
QUIPEDRO
QUIXICO
ZALA
BELA VISTA
TABI
QUICAPO
MABUBAS
CAXITO
CACUACO
VIANA
CABUIU
FATETE
TOMBOCO
SOM JESUS

Frente Nacional de Libertaçao de Angola
Front National de Libération de l'Angola
« F. N. L. A. »

Département :
Tél. 25751 - B. P. 1320

AMBRIZ, 15 de Setembro de 1975

N/ Réf. Nº

V/ Réf. Nº

ORDEM DE MISSÂO

O IRMÃO PEDRO ALBERTO RODRIGUES DA SILVA, DESLOCA-SE AO TOTO EM MISSÃO DE RECONHECIMENTO.

AS AUTORIDADES MILITARES E CIVIS DA FNLA DEVEM PRESTAR TODA A COLABORAÇÃO, PARA BOM CUMPRIMENTO DA MISSÃO.

Ambriz, 15 de Setembro de 1975

O PRESIDENTE,

HOLDEN ROBERTO

O grupo do rio Onzo. Na extrema esquerda Cap. Valdemar, na extrema direita “Passarão”.

A primeira localidade, Luso, estava praticamente abandonada. Em um prédio sujo e com os vidros quebrados, onde ondulava a bandeira amarela e branca da FNLA, meia dúzia de guerrilheiros fizeram o controle de nossas viaturas sem opor obstáculos, graças ao passe assinado pelo próprio Holden.

Nas poeirentas estradas antes atulhadas de transportes militares portugueses, nada se via. Não cruzamos com nenhum veículo até chegarmos em São Salvador, uma próspera vila nos tempos anteriores à revolução de 25 de abril.

Na pista de pouso ainda estacionavam dois aviões particulares, e pelo menos uma centena de brancos ainda ali viviam, desprezando o êxodo para a Europa e confiando na futuro. Fomos acolhidos com alegria, e ali almoçamos.

Seguimos em frente até chegarmos ao litoral, na agradável vila Ambrizete, que também demonstrava sinais de esvaziamento, com o comércio praticamente paralisado e poucos brancos. Dali, uma estrada asfaltada corria até Ambriz, nosso destino.

Já era noite feita quando penetramos na cidade. Ali o movimento aumentava, notava-se grande atividade de militares, inclusive grupos femininos, sempre armados com a pequena Uzi, a eficiente pistola-metralhadora israelense.

Ambriz, à beira mar, assentava-se sobre uma ponta escarpada, que ia progressivamente suavizando até se transformar em praia. Possuía algumas ruas pavimentadas e a avenida principal terminava em uma praça, defronte da qual destacava-se a silhueta baixa e escura da fortaleza, uma centenária construção militar portuguesa, agora transformada no principal quartel do Exército de Libertação Nacional.

As Kombis passaram pelo portão do forte e estacionaram no centro do pátio. Saltamos para fora, esticando o corpo cansado da longa e incômoda viagem.

Os soldados negros, de longe, nos miravam com curiosidade.

Dá-nos as boas vindas Hendrik Val Neto, Ministro da FNLA, talvez o mais influente de todos, pois realmente trabalha na linha de frente, longe das mordomias de Kinshasa, e Holden lhe é grato por isso.

Explica-nos as pobres condições de vida do local, a falta de alimentos e conforto, desculpando-se pelo mínimo que nos pode oferecer. Um pequeno lanche foi preparado numa pensão, a única que ainda funciona, e de lá mesmo somos distribuídos pelos diversos alojamentos na vila, pois no momento não é possível ficarmos todos reunidos.

Isto não me agrada, pois divididos e espalhados nos tornamos fracos num local onde sabemos que nem todos pensam como o presidente Holden,

muitos são contra a presença de brancos no ELNA.

Alguns ficam na própria pensão, outros em casas particulares cujos donos fugiram para a Europa, e eu fico só, alojado no hotel dos "oficiais", construção de dois andares em frente à pensão. O quarto é razoável, o comandante que me instala consegue um mosquiteiro, e procuro tomar um banho. Não há água corrente, e o pessoal lava-se no pátio, com latas que enchem num reservatório… os banheiros estão imundos, ninguém se preocupa com a limpeza.

Recordo-me que afinal estamos em guerra, que mais queria eu?! Sem banho, resolvo dormir, que o cansaço já se faz presente e amanhã é dia de trabalho, pois ajudar a construir uma nação é serviço pesado e não se pode perder tempo!

Às seis da manhã estamos tomando café na pensão. Um padeiro ainda trabalha na Vila, embora com limitadíssima produção, e num "louvável esforço" consegue nos oferecer pequenos bolos doces. Produz também diariamente uns 50 pãezinhos, para consumo na residência do Presidente, quando este permanece em Ambriz. Volta e meia conseguiremos alguns pães, verdadeiros tesouros naqueles tempos.

Agradeço deveras o alojamento "oficial", mas agarro minhas trouxas e vou para uma residência particular, onde está o Taborda, velho amigo dos tempos da Rhodésia. Com seus quase 50 anos, não deixou de lado o caráter aventureiro, desde que como Capitão, enfrentou os massacres no início da década de sessenta em Angola, quando bandos da UPA iniciaram a guerrilha na colônia, incitando a matança dos brancos.

Estes, colhidos de surpresa, sem armas, foram mortos às centenas; mulheres, crianças, nada escapou. Os poucos e mal armados efetivos militares tiveram que se superarem na defesa das vilas, povoados e das próprias vidas, visto a enorme desigualdade de números em relação à sanguinária massa humana que tudo destruía.

A UPA era atualmente a própria FNLA, e o chefe, o mesmo Holden Roberto, agora humanizado e longe do fanatismo dos anos sessenta.

Paradoxalmente, antigos inimigos se aliavam contra um perigo maior, o marxismo e a escravidão russo-cubana.

A residência é ampla, e quase todos acabamos por nos mudar para lá, espalhando os colchões pelo chão. Algumas africanas voluntárias farão limpeza e lavarão a roupa.

O grupo se reúne na fortaleza, onde após assinarmos um recibo, entregam-nos uma comprida caixa de isopor. Dentro, um fuzil automático FN belga, novinho em folha. Apanhamos também munição suficiente para os quatro carregadores. Quando estamos neste afã, dois jatos Fiat G-91 da

Fôrça Aérea Portuguesa sobrevoam rasante, em reconhecimento. E um grupo de brancos armados é uma notícia interessante. A FAP, baseada em Luanda, pode passar a informação para nosso inimigo, o MPLA.

E a FNLA nada pode fazer, pois a ordem é não atirar nos teoricamente "neutros" aviões portugueses…

De volta para casa, vamos retirar a graxa que protege a arma e deixá-la operacional, consumindo nisto toda a manhã.

O PRIMEIRO AVIÃO

Durante o almoço chega o Major Alves Cardoso, que me ordena deslocar até Carmona, a mais populosa cidade do norte de Angola, à fim de conseguir um avião no aeroclube local, que usaremos para reconhecimento. O Major pretende deixar-nos o mais rapidamente possível independentes, em termos operacionais, para que nossas ações não sejam prejudicadas pela natural incapacidade militar dos africanos, acostumados com guerrilhas e não guerra clássica como se estava desenvolvendo aquela.

Num Land-Rover, sigo na manhã seguinte, e embora continue em trajes civis, levo comigo agora o inseparável fuzil.

Em Carmona a vida transcorre quase normalmente, não fosse os restaurantes servirem prato único e a cerveja escassear. Sou hospedado num bom hotel, de vários andares, à serviço da FNLA.

Nas ruas ainda se encontram as "patrulhas integradas" constituídas de soldados portugueses, UNITA e ELNA; a Polícia da Segurança Pública ainda controla o tráfego, sem muito interesse. Os carros, repletos de africanos, rodam com gasolina de aviação em sua maioria, foram simplesmente apanhados no aeroporto ou nas ruas e funcionam com ligação direta.

Ao chegar no aeroporto posso sentir os efeitos da guerra civil, dezenas de famílias brancas se amontoam pelo chão do saguão principal, sem condições de higiene e alimentação. Esperam pelos aviões da FAP, que fazem uma ponte aérea diária com Luanda, de onde serão repatriados para Lisboa.

É um espetáculo degradante mas nada posso fazer; cada chegada do avião provoca cenas de quase pânico, dos que temem serem deixados para trás.

No aeroclube, jogado às moscas, além de uma dezena de valiosos paraquedas esportivos "para-commander", "papillon" e outros, estão dois Cessnas, um Auster e um Cherokee. Este último é particular, e dos outros apenas um pequeno 150 não está em pane. Para vôos de reconhecimento, o

Auster seria o ideal, mas na sua falta, o "Cessninha" poderá fazer o serviço satisfatoriamente, pousa e decola curto de qualquer estrada ou terreno!

O piloto do Cherokee se oferece para me instruir no comando do 150, pois eu estava acostumado com jato, pesado, e não com o leve e frágil aparelho. Voamos quase duas horas, até que eu deixasse de entrar alto na pista e passasse a aproveitá-la no início.

Realmente era engraçado pilotar algo tão delicado em guerra, quando na paz do Brasil pilotava um versátil e rijo T-37, birreator!

Rebuscando as gavetas da secretaria do Aeroclube, consegui mapas, régua, transferidor e um computador manual Jeppsen, tudo o que eu necessitava para navegação aérea, resolvendo voltar para Ambiz.

O Major Moura, do Exército Português, que se passara para a FNLA pede-me uma carona, e na manhã seguinte, mal clareara o dia empurramos o avião para a bomba de combustível, enchemos os tanques e partimos, sem que ninguém perguntasse por nada!

Na cabeceira da pista olho o tempo; não estava nada bom, mas não quero demorar mais em Carmona, meu trabalho é preciso na frente de combate. Manete ao máximo, acelerei o 150 pela faixa asfaltada, segurando-o rasante até conseguir uma boa velocidade; puxei o manche, e numa "chandelle" (curva em ascensão) ganhei altura, aproando Ambriz a 270º.

Mas Carmona era cercada por montes e tive que subir para transpô-los, penetrando sem mais alternativas na densa camada de nuvens que cobria a região.

Somente aí é que procurei pelos instrumentos de navegação, e simplesmente não encontrei, apenas um indicador de curva, trabalhando com grande retardo. Cercado pela densa massa branca, desorientei-me e quando dei por mim o avião estava saindo da camada, em "parafuso"!

Os reflexos falaram mais alto, e ao notar as montanhas "girando" abaixo, "acordei", lancei o manche à frente e chutei o pedal com violência, saindo da perigosa manobra sem maiores conseqüências que um susto. O leigo major nem deu pela coisa, todo sossegado em sua cadeira.

Já desperto, com mais respeito pelo avião, penetrei cuidadosamente na camada até rompê-la, quase 4000 pés acima. Com o sol a aquecer-nos e o tapete branco aos nossos pés, voei pela bússola magnética, fazendo de quando em quando, correções do vento, "às cegas", pois nenhum ponto tinha para me localizar.

Passado pouco mais de uma hora, tempo previsto para a viagem, as nuvens continuavam sólidas lá em baixo. Resolvi, sempre no palpite, voar mais 15 minutos na rota, e depois iniciei a descida.

- Olho aí fora Major, se veres alguma montanha me avise!

- OK!

No litoral não havia elevação, mas a nossa "navegação por palpite" não me oferecia a certeza de que fôra realmente para lá.

Reduzi o motor e comecei a penetrar na camada, suavemente, e em cinco longos minutos a terra apareceu, estávamos exatamente em cima da praia, com Ambriz à nossa esquerda, visual!

Mostrei a vila ao meu companheiro, que não acreditou na "eficiência" dos cálculos feitos:

- Não é possível, deve ser Luanda!

- Que nada, é Ambriz, retruquei seguro de mim… e com uma rasante sobre o quartel, anunciei minha chegada.

Preparava-me para o pouso, quando fui cortado e saudado por um bimotor Beech, era Holden Roberto que também regressava de Carmona. No solo, estava o jeep Toyota do nosso grupo esperado, mas antes, perfilei-me logo à saída do bimotor para receber e cumprimentar o Presidente, como fizeram todos os presentes.

Magro, alto, sempre com óculos escuros, Holden demonstrava no falar e no agir, simplicidade e calma. Depois que os conflitos entre os movimentos de libertação se transformaram numa aberta guerra civil, ele permanecia a maior parte do tempo em Ambriz, seguindo de perto as operações militares, muitas vezes debaixo de fogo para desespero de seus auxiliares.

COMEÇA A INSTRUÇÃO

Em casa haviam novidades me esperando: uniformes verde oliva, botas americanas, excelentes, e um toque de grupo especial: boinas vermelhas. Deveria me dirigir à fortaleza, onde recebi uma pistola automática FN de 9mm, com coldre e cinturão de lona, tudo na embalagem original. Esta arma era reservada somente para os "comandantes", e atuava como um símbolo de autoridade visto que no Elna não se usavam divisas. Todo aquele que comandava era "comandante" e seus auxiliares, sargentos.

O nosso quartel estava em franca atividade. Ao grupo fôra destinado um grande terreno à beira-mar, com um prédio que serviria de alojamento aos homens que iam ser treinados. Estes eram cerca de trezentos, escolhidos das diversas unidades do ELNA, além de 16 cadetes que haviam terminado um curso na Academia Militar da Tunísia. Deveríamos transformá-los em Comandos Especiais, ponta de lança para as ofensivas do Exército de Libertação Nacional de Angola.

A instrução já seguia seu curso, selecionando-os. Meus 20 companheiros se esforçam para incutir nos instruendos o melhor de seus

conhecimentos de combate. Um trator cava uma pista de obstáculos e prepara um stand de tiro na praia. A atividade é frenética; por todos os lados, a boina vermelha já aparece como símbolo de eficiência profissional.

Estou livre para cuidar somente do avião, e saio atrás de uma autorização para retirar 200 litros de gasolina da fortaleza. Consigo isto com Hendrik Val Neto, que encontro visitando nosso quartel em companhia de um branco, aparentando mais ou menos 50 anos e aspecto militar; trata-se do Coronel Santos e Castro, criador dos "comandos" no Exército Português e ex-governador da província do Kuanza-Norte, em Angola. Agindo como uma espécie de "adviser" (consultor militar), passou a coordenar as ações bélicas dos diversos grupos da área, e em especial, o nosso.

Na saída da vila existe uma garagem sem portas, com largura suficiente para o Cessna 150. Coloco lá o tambor de combustível e taxio meu avião pelo meio da rua até estacioná-lo neste prédio, onde fica sob a guarda de uma organização juvenil, que se aloja ao lado. Na falta de filtros, côo a gasolina numa boina e com uma lixa apago o nome do aeroclube, colocado na fuselagem, e passo uma demão de tinta no local. A "Fôrça Aérea da FNLA" está pronta para a ação!

Com permissão do Major, realizo algumas passagens sobre o stand de tiro lançando feixes de granadas, e um colega, Remédios, metralha com uma G-3 pela pequena janela, em vôo rasante. É sempre bom treinar este tipo de improvisação, e o tempo me iria trazer situações reais idênticas a estas.

Em uma semana o número de selecionados descera a cem. Quase todos, no início, se diziam guerrilheiros com "anos de guerra", mas mal sabiam empunhar um fuzil. Outros queriam desfilar pela cidade com seu uniforme de comando para impressionar as garotas, mas nada de se esforçarem no treino.

Os mais velhos, ou que haviam assumido postos de chefia durante a guerra colonial, ressentiam-se de serem mandados por brancos.

Dos cadetes, apenas um ficou. E assim, peneirados, restou uma boa equipe para se trabalhar.

Eu próprio dei aulas de guerra urbana, mantendo a disciplina como fazia com meus alunos em Moçambique: segurando uma cobra.

O negro, malgrado sua vivência na selva, teme qualquer cobra, não distinguindo a venenosa de uma inofensiva.

Numa certa tarde depois da instrução, resolvi demonstrar como se limpava e preparava o ofídio. Isto feito, para não desperdiçar a carne, levei-a para a pensão como "tira gosto". A pobre senhora que estava ao meu lado

fritando salsichas, perdeu o apetite ao ver a cobra, sem pele e vísceras, a se contorcer na frigideira- "meu Deus, como a fome é cega"!, exclamou, abandonando o fogão às pressas…

Lembrei-me que conquistei os alunos em Moçambique, através de uma cobra. Havia começado como professor à poucos dias, e todos estavam ainda um pouco inibidos comigo. De repente, um corre-corre dominou o ambiente. Espremidos num canto, olhavam amedrontados para uma respeitável cobra deslizando pela porta, sala adentro.

Fingindo estar tudo normal, perguntei o que é que se passava.

- Uma cobra entrando na sala, professor!

Ao que retruquei:

- Atrasada não entra! Peguei-a pela cabeça e calmamente levei-a para fora da aula, voltando como se nada acontecera…

ATINGIDO PELA ANTI-AÉREA!

Entre Ambriz e Luanda, em outras palavras entre nós e o inimigo, havia vários pontos estratégicos de maior ou menor importância.

O primeiro, vindo de Ambriz para a capital, era o rio Onzo, com suas duas pontes, uma na estrada principal (asfaltada até Luanda) e outra menor na fazenda Tabi, quase à beira-mar. Depois tínhamos os Libombos, com outra ponte e grandes plantações, destacando-se a fazenda Lifune, de onde saía uma estrada de terra até a Barra do Dande, uma pequena vila com um farol marítimo e uma longa ponte, já parcialmente destruída várias vezes, tanto pelas Faplas (o exército do MPLA) como pelo ELNA, nas suas intermináveis retiradas e avanços.

A importância da Barra do Dande, é que por ali se chegava, via fazenda Martins de Almeida, até Sassalemba, já na reta para o Morro da Cal, de onde se avistava Luanda. Isto sem passar pela estrada principal, mais complicada militarmente falando, devido ao Caxito, uma vila de porte médio, de onde partiam bifurcações rodoviárias para o norte e para o próprio Morro da Cal, mas através da grande ponte de Portoquipiri, na fazenda Tentativa, um grande canavial e usina de açúcar. Caxito, situado numa baixada e com várias vias de acesso, era indefensável.

Em toda essa região a frente era maleável, e alternadamente, os exércitos rivais estavam às portas da capital inimiga.

No momento, Caxito e Barra do Dande pertenciam ao ELNA, mas a fazenda Martins da Almeida já era terra de ninguém, pois as Flapas estavam em Sassalemba.

Foi para Martins de Almeida que decolei às pressas, mal aterrara de

um vôo local em Ambriz. Na pista acenava-me o Major André , chefe de uma equipe de especialistas em explosivos, e um excelente militar. Antes que cortasse o motor, pediu-me que o levasse para a Barra do Dande, pois as tropas regulares do ELNA, indisciplinadas, estava abandonando a posição sem motivo e era preciso ver o que por lá acontecia, para não sermos pegos de surpresa.

Quinze minutos após sobrevoávamos a Barra. Apenas na remendada ponte sobre o rio Dange, é que havia alguns soldados. A vila, deserta. O major pediu-me que seguisse em frente, para a "terra de ninguém".

Continuei a 400 pés de altura, despreocupado.

- Não dá para ir um pouco mais alto, não?

- Dá não major, o teto está baixo…

Não estava tão baixo assim, mas acontece que eu gostava de ver o que se passava no solo.

Aparecem as casas de Martins de Almeida, e aproo o nariz para lá. Tudo parece deserto, mas o major perscruta com seu binóculo.

- Está vendo ali, embaixo daquela árvore grande? Parece um blindado!

Deve estar vendo demais, pensei, e realmente nada enxerguei.

- Dê outra passada!

Comecei a girar em torno da árvore, à baixa altura. O major confirma o blindado e diz que estão apontando a metralhadora para nós. Pelos binóculos vê os clarões contínuos na boca da arma e grita para que eu caia fora dali.

Desta vez eu acredito, pois uns estalidos capazes de causar calafrios se ouviram no avião: a entrada e saída de um projétil no alumínio da fuselagem!

Manetes à frente, manobrei rapidamente procurando oferecer a menor silhueta ao inimigo, embora a mais "indigesta", nossas costas. Ao invés de mergulhar para não dar ângulo de tiro ao inimigo, subi, confiando na dispersão dos tiros. Ganhando altura, mesmo atingido poderia planar até as linhas amigas.

Aparentemente ilesos, escapamos para o campo da Fazenda Lifune, a fim de avisar que se preparassem, pois as Faplas estavam avançando.

Não fosse o major me indicar, não saberia distinguir a pista de pouso, da trilha que passava ao lado.

- "A pista é aquela onde há cabritos pastando…"

A exígua faixa de terra, pedregosa e acidentada, terminava na parede da casa da fazenda, e o vento estava na pior direção possível.

Tentei por duas vezes descer contra o vento para frear

satisfatoriamente aquela "pipa" que tinha nas mãos, mas a casa atrapalhava a reta final. O jeito foi pousar com vento de cauda, empurrando-nos contra a parede.

Segurando o avião no motor, isto é, com o mínimo de potência e velocidade para aguentá-lo no ar, vim rasante espantando cabras e galinhas, em direção à casa. Cortei o gás, mas nada do avião colar no solo. E a casa se aproximando!

- Ponha isso no chão!

- Já vou major!

- Empurrei o 150 para baixo e grudei-o na pista, carregando nos freios. Paramos à uns cinco metros da parede…

Duas boas companhias lá estavam, graças aos seus Comandantes, Rebelo e Vilela, portugueses, que se sacrificavam na luta pela libertação de Angola. Ambos haviam sido heróis nos combates em Luanda e possuíam uma equipe veterana e fiel. Com eles, vários outros portugueses da mesma fibra: Pancrácio, ex-toureiro, com sua metralhadora chinesa, uma anti-aérea de 12.7mm montada num jeep Toyota; "Passarão" inimigo capturado a quem pouparam a vida, Pereira, e muitas outras "figuras raras". Com cabelos tocando os ombros e longas barbas, faziam a guerra nas mesmas condições dos africanos, bastante duras para um branco em matéria de alimentação e conforto relativo.

Desligava o painel do Cessna, quando o major, que já saltara me chamou:

- Dê uma olhada aqui! – e apontava para a empenagem furada a tiro…

Fôramos alvejados, mas apenas na "carcaça", sem atingir os cabos de comando que por ali passavam. É, até que eles não estão tão mal de pontaria assim, erraram nossa cabine por menos de dois metros…

As companhias alertadas entraram em prontidão e decolei logo a seguir rumo Ambiz, para que lá se providenciassem os reforços necessários, visto que no Lifune não havia blindados nem armamento pesado, ao contrário do inimigo que até mísseis possuía.

Holden avisado, quer voltar comigo à Barra do Dande, malgrado o sol estar se pondo e o aeroplano não oferecer condições de segurança ideais para um chefe de estado.

É convencido a partir num Land-Rover, e os Comandos Especiais são chamados como reforço. Irão também duas Panhard 90, auto-metralhadora ligeira equipada com um canhão de 90mm e uma metralhadora coaxial na lateral, rodando com pneus Michellin sem câmara. É frágil mas pode fazer o papel de artilharia auto transportada.

Um jeep com canhão sem-recuo de 106mm, de fabricação israelense (patente da Colt americana) servirá de barragem anti-tanque - já se tem notícias de desembarques de carros de combate pesados russos, do exército cubano, nas proximidades de Luanda – e um morteiro 120mm tentará o duelo com os mísseis 122mm do inimigo, os famosos "órgãos de Stalin" russos.

Os comandos especiais-instrutores e instruendos – foram distribuídos em Land-Rovers e caminhões Mercedes e o comboio partiu, já noite. Farois em black-out, só víamos sombras e vultos, falava-se baixo.

O PRIMEIRO COMBATE

Ao chegar no Lifune, fomos cair no meio de uma debandada geral das tropas africanas que não possuíam chefia à altura, completamente desmoralizadas e abandonadas. Com o apoio dos comandantes Rebelo e Vilela, e à vista das autometralhadoras e dos comandos, foi possível conter a retirada.

Silenciosamente marchamos para ocupar a Barra do Dande que se transformara em "terra de ninguém". Umas centenas de metros antes, as viaturas pararam. Recebemos ordem para aguardar e eu como piloto do grupo, não tinha responsabilidades alí, e acabei dormindo dentro do jeep. Quando acordei, todos já estavam em posição, depois da ponte. Lá me instalei, como o grupo inteiro, no barranco que margeava a estrada logo à entrada da vila.

A escuridão era completa e os mosquitos invadiam o ar aos milhões.

Arma ao lado, tentei dormir com luvas de couro, boina enterrada na cabeça e um lenço no rosto, o que me protegeu razoavelmente, enquanto alguns companheiros foram literalmente devorados pelos insetos.

Quando os primeiros clarões do dia apareceram, fomos penetrando na vila, casa por casa. Outro grupo contornou-a em direção ao farol e aos pequenos morros que dominavam o local. Outro, realizou a "picagem" da estrada e das trilhas em busca de minas. (a picagem é feita com uma vara em cuja ponta se fixou aguçada ponta de metal, que é enfiada no solo. O método é perigoso para o operador mas eficaz, desde que efetuado com perícia.)

Havia sinais da presença das FAPLA: caixas e latas vazias de rações de combate portuguesas. Quanto a nós, ainda se iria tentar improvisar alimentação, pois não tínhamos o generoso governo revolucionário português a nos proteger, como fazia ao nosso inimigo.

Alí estacionamos, enquanto que as duas Companhias de Vilela e

Rebelo partiram para a conquista de Martins de Almeida, avançando cautelosamente pela estrada de terra, reforçadas pelas duas Panhards.

Só interviríamos em caso de se encontrarem em dificuldades, mantendo com eles um permanente contato rádio.

O inimigo que sistematicamente recusava um encontro frontal, começou a martelar a coluna atacante com cerrado fogo de morteiro 81. O avanço continuou, embora os primeiros feridos começassem a cair. Em grupos de três ou quatro, eram evacuados para a retaguarda.

Só os víamos passar, ansiosos por ajudá-los.

Pelo rádio informam estar à vista da fazenda, mas pregados ao solo pois o avanço sob fogo de morteiros na arrancada final custará muitas baixas.

Ordem para nos deslocarmos finalmente!

Seríamos a proteção do morteiro 120, incumbido de romper com os ninhos dos "81". Saltamos para as viaturas e disparamos pela estrada até a escola, situada à poucos quilômetros da Fazenda. Aí foi assentado o morteiro pesado, que passou a bater as posições das FAPLA. Espalhados pelos flancos, fazíamos a proteção .

Eu, praticamente autônomo devido minhas funções, comecei a vasculhar as casas da redondeza com Remédios, o meu auxiliar no avião. Encontramos um pombal, ao qual os pombos, soltos quando da fuga dos donos, voltaram em busca de comida. Com barulhenta e desastrada perseguição, agarramos dois, que meu companheiro colocou numa sacola juntamente com sal grosso, de uma caixa que lá havia.

Com água na boca, antevíamos o banquete, pois estávamos sem comer desde a tarde anterior.

A uns 100 metros de nós, na escola propriamente dita, o major André estava sentado, sossegado, apesar dos incômodos e seguidos estrondos de morteiro 120. Com as pernas esticadas, olhou o descampado a sua frente e comentou para o colega ao lado:

- Já imaginou se cai um míssil bem aqui na nossa frente?

Pois caiu!

Parei de coletar tábuas para o "churrasco" e olhei para cima; o som semelhante a um gargarejo se fez ouvir, e formidável explosão ocorreu perto da escola. Logo a seguir outro e mais outro, pontilhando com precisão a nossa área.

Os técnicos cubanos ao verem seus aliados sendo colhidos pelo morteiro do ELNA, avançaram, e com plataformas montadas em caminhões entraram em ação disparando salvas do míssil 122, batizando assim a nossa Companhia na sua primeira intervenção.

A reação foi recuar, mas a observação dos tiros subsequentes mostrou-

nos que eram de barragem, avançando sempre, tentando destruir o "120". Mantivemos a posição colados ao solo, e a mortífera chuva passou a cair à nossa retaguarda.

O inimigo retira diante do avanço das duas Companhias que tomam a fazenda, por sua vez bombardeada pelos fugitivos.

Sofrendo mortos e feridos que abandonam no terreno, as FAPLA acabaram em desenfreada e incontrolável debandada.

Rebelo e Vilela, aproveitando o moral alto da tropa, avançam sem encontrar resistência, ocupando Sassalemba e o Morro da Cal, chegando a 24 quilômetros de Luanda em um só dia!

Sem muito tempo, lançamos os dois pombos numa fogueira, sem depená-los, e depois de salgados, foram devorados como uma iguaria…

Chegamos à fazenda, capturando ainda três soldados inimigos e recolhendo um ferido. Os africanos ao invés de escoltá-los à retaguarda, trataram de espancar selvagemente os prisioneiros, que escaparam da morte graças a intervenção pessoal de Holden Roberto, que os colocou sob nossa guarda.

Pela fazenda, vários animais tiveram que ser sacrificados, feridos por estilhaços e projéteis durante o combate.

-"Deixe isso para os que vão ficar aqui de guarda, você volta para Ambriz, homem!", irritou-se o major.

Era o Remédios, que não satisfeito com o pombo, arrastava um porco, sem uma das patas, arrancada por estilhaços…

O grupo, não mais sendo preciso, retornou para a instrução de rotina, enquanto a guerra permitisse.

GARIMPANDO AVIÕES

Quanto a mim, outra missão me esperava: ir ao Negage, cidade próxima a Carmona, onde estava aquela que fora a maior base aérea de Angola na guerra colonial.

Na base abandonada às pressas pelos portugueses, estavam dois "Auster", e iria procurar trazer um para o grupo, pois eram muito superiores ao "150". Avião inglês, construído para vôos de observação, asa alta e portas transparentes, era todo em tela (lona) e possuía um possante motor em relação ao seu peso.

Peguei uma carona num Focker Friendship que transportava munições, avião este que fora "desviado" da companhia aérea que fazia vôos domésticos em Angola. O piloto simplesmente partira de Luanda e aterrara em Ambriz, passando a trabalhar conosco.

Ao sobrevoar Negage, meus olhos brilharam com verdadeira "gula": no estacionamento havia um North American T-6, o velho "tê meia", que fora usado com sucesso como avião de ataque ao solo por vários países. Com uma máquina daquelas, poderia dobrar a potência de choque dos Comandos!

Aterramos. Em meio dos enormes hangares desertos surgem militares africanos. A farda é portuguesa sem os distintivos e galões. Um, tenente, é o comandante da base, e o outro, major, é o sub-comandante!

Acontece que apesar do chefe ser tenente, o sub-chefe dito engenheiro eletrônico(?) achava-se no direito de ser no mínimo um major…

Apresentações feitas, me deixaram à vontade, após indicarem o apartamento onde ficaria. Fui direto ao T-6.

Aparentemente estava em boas condições, mas se fôra deixado para trás, algo havia. Retirei a lona que cobria a nacele, e saltei para a cabine. Na bolsa do piloto encontrei um "check-list", e passei a fazer a revisão preliminar. O motor estava "inibido", não podia girar, totalmente coberto por uma graxa protetora. Somente um especialista poderia pô-lo em condições, e não a curto prazo.

Fui procurar os aviões de reconhecimento, que não estavam no pátio, talvez tivesse mais sorte com eles.

Era triste ver aquela imensidão de edifícios, residências e hangares abandonados. Nas salas, papéis espalhados pelo chão, gavetas e cofres abertos. Nas portas, as placas de "proibida a entrada", "sala dos pilotos", "comandante", etc; todos os móveis maiores ou mais pesados lá permaneciam.

Nos hangares, silenciosos, peças e equipamentos às centenas, e num deles, os dois aviões Auster de que haviam me falado.

Pintados de branco cinzento, traziam nas asas a cruz de malta vermelha. Deles, somente um possuía condições de vôo aparente. Ajudado por um português de Negage, empurrei o avião para fora e fizemos-lhe um check completo. Depois despejei um balde de gasolina no tanque e acionamos o motor.

Não demorou a pegar, mas no teste, quase parou quando desligado o magneto esquerdo. A queda de rotações era grande, e com um mecânico permutando peças do outro Auster, talvez se conseguisse colocá-lo operacional. O mesmo problema do T-6, a necessidade de um especialista, praticamente impossível de se encontrar.

Nada feito, mas o português me deu uma boa informação: o Auster de Carmona estava em pane estrutural, o motor girava bem.

O problema que existia era na cauda, entortada depois de um acidente.

Com um pouquinho de jeito… Pois vamos lá, para Carmona novamente!

A agonia dos brancos no aeroporto continuava, e a cidade também definhava, repleta de parasitas políticos e militares de opereta. Viviam embebedados e circulando em carros roubados aos brancos, com o ministro N'gola Cabangu sempre cercado de prostitutas baratas. Exceção à regra, alguns comandantes e o ministro Daniel Chipenda, ex-líder de uma facção do MPLA que se passara para a FNLA, e um dos poucos que se preocupava com um problema que saltava à vista: a fragilidade das defesas de Carmona, a capital política de Holden.

Apresentei-me no QG, onde recebi um apartamento e autorização de refeições num bar, pagas pelo ELNA. No aeroclube vistoriei o Auster, e achei que com aquele se poderia fazer algo. Um soldador começou o serviço de desentortar, cortar e ligar.

A falta de material era crítica e o conserto se arrastava, passou-se uma semana e ainda lá estava. Neste entremeio, apareceram dois aviões cargueiros DC-6 da Cruz Vermelha com medicamentos e um Hércules C-130, militar mas sem identificação, trazendo munições diversas que em Carmona de nada serviriam.

Enquanto que por ali sobravam, na frente de combate eram escassas, e neste momento, sem que eu soubesse, os Comandos Especiais estavam enfrentando sérias dificuldades no Caxito.

O DESASTRE MILITAR NO CAXITO

Era começo de setembro e o inimigo tomara as localidades de Mabubas – uma usina hidrelétrica – e Sassa, ambas vizinhas da vila do Caxito, que estava mais uma vez ameaçado de cair.

A guerra tornara-se mais voraz, pois a data prevista para independência, 11 de novembro, estava se aproximando e todos queriam abocanhar uma fatia maior de território, para procurar ganhar o reconhecimento internacional.

Na semana que estive fora, meus colegas tiveram que por duas vezes interromper o treinamento para agüentar com alguma tentativa de ruptura na frente de combate, pois não havia outras companhias organizadas e com moral alto que as comandadas por brancos. Infelizmente e sem racismo, esta era a verdadeira situação.

Foram chamados para contra atacar em Mabubas e Sassa, que libertaram em poucas horas, voltando para Ambriz, após serem substituídos pela tropa regular.

Lá chegando, outra informação: esperava-se pesado ataque vindo do

Úcua, em direção ao recém conquistado Sassa. Havia também ameaça no Morro da Cal e era preciso a presença dos Comandos Especiais.

Como nem as tripulações das autometralhadoras eram confiáveis, entregaram duas delas, equipadas com morteiro 60 de culatra e duas metralhadoras Mag. 7.62mm para serem equipadas pelos Comandos. Sob a chefia do tenente Paes foram para o Morro da Cal, onde reforçaram o dispositivo de defesa e a moral de duas Companhias regulares lá estacionadas.

O restante – todos os instrutores e os melhores instruendos –num total de sessenta homens, montaram uma emboscada na estrada do Sassa, próximo ao Caxito, colocando algumas minas anti-tanques na pista. Não possuíam nenhum equipamento pesado além de uma velha metralhadora Breda, italiana.

Na manhã de 7 de setembro o inimigo atacou em força nas duas frentes: no Sassa com 6 blindados e compacto contingente de infantaria; no morro da Cal, com tropas do chamado "poder popular"- velhos, mulheres e crianças, bêbadas, drogadas e insufladas para o combate – transportadas por helicópteros da Força Aérea Portuguesa que os lançaram em toda a volta da nossa posição, cercando-a.

Outras tropas atravessaram o rio Dange e entraram no Caxito, cortando a retirada dos dois grupos do ELNA.

O combate foi sangrento, pois pela primeira vez o inimigo encontrava forte reação. Praticamente sós, as duas "Panhard 60" dos comandos retalhavam os atacantes, destreinados civis armados que se lançavam contra os blindados, servido de "carne para canhão" aos Fapla e cubanos, que vinham logo atrás.

Era impossível conter tal onda de fanáticos alcoolizados, que passavam por cima dos cadáveres e continuavam a marchar.

As duas autometralhadoras foram pouco a pouco sendo impotentes para se defenderem, pois a infantaria protetora há muito desaparecera, entre mortos e desertores.

Um impacto de bazooka atinge de raspão a torre do blindado do tenente Paes, que tem seu braço imobilizado; a outra Panhard quebra a barra da direção. Mas já não podem recuar para o Caxito, tomado pelos grupos infiltrados através do rio.

O conhecimento do terreno os salvou: entraram por Sassalemba e passando por Martins de Almeida, saíram na barra do Dande, levando na torre os tripulantes de um dos blindados, abandonado por não ter condições de marcha.

O grupo que estava emboscado no Sassa não teve a mesma sorte.

O inimigo caiu na armadilha, mas como um elefante num alçapão para pássaros. Perdeu dois blindados nas minas mas continuou com os outros quatro, enquanto que a infantaria, encabeçada por elementos totalmente embriagados, batia desordenadamente com rajadas as laterais da estrada, nem se preocupando com o pequeno grupo de Comandos, que num autêntico tiro ao alvo lhes causava grande número de baixas.

Os comandos, inevitavelmente ultrapassados pelo inimigo, procuraram romper o cerco que se fechara às suas costas, caindo nos canaviais incendiados da fazenda Tentativa. Ali, quatro dos vinte companheiros foram mortos ou capturados: Machadeiro, Pereira, Fernandes e Quintino. Dos instruendos africanos, muitos morreram carbonizados.

O restante dos Comandos Especiais, brancos e negros, dissolveram-se em grupos de dois ou três e procuraram voltar às nossas linhas, agora no rio Onzo, pois a Barra do Dande, Lifune e Libombos estavam nas mão do inimigo, que rompida a resistência dos poucos comandos nada encontrou pela frente, a não ser as covardes tropas regulares que batiam em retirada sem oferecer resistência.

Não fosse pelo grupo do Major André, que armadilhou a ponte sobre o Onzo, as Fapla e cubanos poderiam num só passeio ir até Ambriz, surpreendendo Holden em sua capital militar!

Famintos, feridos, lutando contra atiradores que surgiam por todos os lados, os Comandos foram pouco a pouco retornando, alimentando-se de rações retiradas aos mortos insepultos que juncavam as matas próximas a estrada. O combate havia custado caro para ambos os lados.

ACIDENTE!

Colocado ao par dos acontecimentos por um piloto que viera de Ambriz para Carmona, e sabendo que quase todos os meus colegas que escaparam estavam perdidos na mata, acelerei minha volta de qualquer maneira. Tinha que voar sobre a "terra de ninguém" para localiza-los e lançar-lhes ajuda.

Um DC-6 aparece na pista e dele descem dezenas de homens brancos. Reconheço alguns portugueses da Rhodésia, que vem ao meu encontro acenando, trata-se do segundo grupo de selecionados, cerca de uma centena! Chipenda quer retê-los por ali, pois compreende seu valor para defesa de Carmona, e desvia-os para Negage, onde ficam alojados. Mas no outro dia partem para Ambriz, pois estão sob as ordens de Alves Cardoso, responsável pelo seu recrutamento. Carmona teria que se contentar com elemento nativo…

Quanto a mim, decolarei com o Auster, mesmo parcialmente consertado. Um repórter uruguaio, que já sofrera três desastres aéreos, me pede uma carona… Leva muito material impresso para a FNLA, que coloco no banco traseiro junto com a rara caixa de Gin, que consegui no Negage.

Com todo esse peso saio taxiando para a pista. Um dos freios não funciona, o avião dá giros em volta de si mesmo quando tento mantê-lo na reta. Depois de muito esforço, coloco-o na cabeceira e acelero ao máximo.

Ele arranca, tento de imediato aliviar a bequilha consertada para não força-la, mas o peso é muito. Ultrapassamos cinqüenta metros e de repente, um baque: a cauda cedeu! O avião aproa a direita e sai da pista, quebrando as luzes de sinalização e saltando como um canguru.

Corto o motor, colo o manche na barriga para mantê-lo no chão sem pulos, enquanto que o repórter desliga magnetos e bateria, no seu quarto acidente aéreo !

O Auster enfia-se pelo capim adentro, bate de frente num barranco e tomba para a esquerda, imobilizando-se sobre a asa partida. Os depósitos cheios de gasolina não se rompem, e saltamos para fora sem um arranhão.

Na mesma tarde saio para Ambriz de carona. Mal chego, pego o 150 e parto à procura do pessoal, de quem há vagas notícias.

Todos conhecem o meu Cessna, e sobrevôo repetidamente a "terra de ninguém" em círculos, saudando e depois indicando o rumo a tomar.

Chega a Ambriz o segundo grupo, que são alojados num clube transformado em quartel, com várias salas e cercado de muros. São reservados cinco quartos e um apartamento aos veteranos, que para lá se mudam aos poucos, a medida de sua volta do desastre do Caxito. Em duas semanas estávamos quase completos novamente.

Nossos instruendos, já testados em combate, estavam prontos. Não havia mais tempo para treinos, e os Comandos Especiais foram transformados em um grupo de penetração rápida, recebendo para isso o melhor equipamento disponível, embora ridículo, se comparado aos recursos cubanos.

No nosso pátio alinhavam-se uma Panhard 90, duas Panhard 60, duas Panhard VTT (veículo de Transporte de Tropa), um Jeep com canhão sem recuo de 106mm, um morteiro de 120mm, rebocado por jeep, três caminhões Mercedes, um jeep com metralhadora antiaérea 12,7mm, e um jeep para o comando chefe.

Para nós era esplêndido, pois nos deixava operacionalmente livres, como desejávamos.

As informações obtidas de Luanda eram de que mais batalhões cubanos desembarcariam, sempre trazendo material pesado e tanques russos,

modernos.

A FNLA pediu auxílio ao Zaire para equilibrar a balança da guerra, mas a fraca ajuda foi um Batalhão, que de novidade trazia os canhões antiaéreos de 20mm, tiro rápido, ótimo contra infantaria e veículos leves. Contra tanques e mísseis, nada, sempre as frágeis Panhard…

Mas desta vez todo o ELNA iria à frente, tentar de uma vez por todas vencer a luta, antes que os cubanos escravizassem Angola.

BLINDADOS AO ATAQUE

Larguei o avião no hangar e assumi o comando de uma VTT, equipada com duas metralhadoras MAG 7,62 e lançadores de fumaça. Teria sob minhas ordens, além do condutor, o metralhador traseiro; eu manejaria a MAG dianteira. Dentro do veículo levaríamos um grupo de combate – 10 homens – com armamento completo, minas, munições sobressalentes e granadas.

Vilela atacaria Beira Baixa, Santa Filomena e Santa Margarida. Nós e os zairenses atacaríamos os Libombos, Lifune, Asfaltos. Divididos a partir daí, um grupo regular tomaria a Barra do Dande, Martins de Almeida e Sassalemba; os zairenses, o Caxito, Portoquipiri, e juntar-se-iam com os regulares em Sassalemba, atacando juntos o Morro da Cal. Os Comandos Especiais dobrariam à esquerda, antes do Caxito, tomando a represa das Mabubas e entrando na perigosa zona montanhosa para a conquista de Quicabo, Balacende e a junção com as forças de Vilela em Santa Margarida.

O batalhão zairense com mais homens e recursos quis tomar a iniciativa e suas Panhard formaram a vanguarda da coluna.

Ultrapassamos o Onzo e avançamos para os Libombos, nosso primeiro objetivo, rolando lentamente em fila indiana pela estrada.

Era uma sensação nova para mim, sentado no alto da VTT, com a mão descansando sobre a metralhadora, a fita dourada das munições, o ronco poderoso dos motores, os nativos saudando e aplaudindo nossa passagem… começava a descobrir as emoções da Cavalaria, iria trair a aviação!

Os grupos de combate zairenses batiam as laterais, progredindo abertos em linha pelo capim. Os morteiros alvejaram as elevações suspeitas, enquanto que a vanguarda inimiga fugia para o mato, recusando o combate, como era normal; naquela guerra ,sempre vencia quem atacasse!

A defesa avançada na frente das Fapla, era feita com blindados anfíbios russos, equipados com metralhadoras pesadas ou canhões de tiro rápido. Por falta de informação ou por pensar que nosso avanço era mais

lento, dois deste veículos em alta velocidade encontraram-se subitamente com as Panhard zairenses. Ambos os lados abriram fogo, mas uma Panhard 60, menos potente, foi a primeira a arder. O canhão antiaéreo disparou e acertou um dos anfíbios, que saltou desgovernado para o capinzal, imobilizando-se em seguida. O outro blindado russo, sem diminuir a velocidade, tentou uma curva para escapar mas rolou pelo barranco, acabando com as rodas para cima. Os tripulantes saltaram e tentaram fugir, sem se deterem aos gritos de "alto". A antiaérea fez fogo novamente, e os projéteis de 20mm, explosivos, despedaçaram os corpos.

A beira do asfalto, havia apenas um pedaço de corpo, da cintura para cima, as pernas deveriam estar em outro lugar por perto; gritei para um colega que me apanhasse os carregadores de AK-47 que estavam no cadáver, pois precisava deles. Ao puxá-lo pelo braço, as vísceras se derramaram pela estrada!

Mais à frente, um cérebro, intacto, jazia separado de seu corpo, alguns metros afastado, numa massa informe…

Chegamos aos Libombos com toda a força e vontade; enquanto os inimigos corriam através das palmeiras e bananeiras, eu metralhava em leque, dando rajadas curtas por entre a mata.

Os do grupo de combate, encerrados no transportador blindado, compreensivelmente tensos, batiam em minhas pernas pedindo que relatasse o que estava acontecendo.

O batalhão atacou a seguir a fazenda Lifune, e nós tomamos o Morro dos Asfaltos num passeio sem problemas, pois o inimigo batia em retirada. Por precaução, procurei metralhar os telhados das casas, evitando surpresas como as que houveram no Congo Belga.

Mas os zairenses que deveriam seguir até a ponte da Barra do Dande encontraram resistência nos morros que intermediavam o caminho e voltaram para Lifune, em começo de pânico! Apesar da pomposa aparência eram covardes como as tropas regulares do Elna, e deram mostra disto ao receberem o tiro de morteiros do inimigo, bem entrincheirado e disposto a lutar.

O coronel Santos e Castro, corajosamente, criticou com violência os chefes do batalhão e nos chamou para "fazermos o serviço".

Aceleramos os veículos e saímos direto aos morros onde o inimigo assentara os ninhos de morteiro. Em campo aberto, começamos a ser alvejados e respondemos fogo, abrindo em linha pelo capinzal pontilhado de nuvens negras das explosões das granadas.

O meu condutor, com a escotilha fechada por causa dos estilhaços, dirigia mal, olhando apenas pelo periscópio. Não tive dúvidas, saltei para

fora, e dependurado na frente do blindado, fui lhe indicando o caminho por onde deveria passar. Isso se tornaria uma constante nos combates e atrairia a admiração dos africanos, ao desafiar os estilhaços e tiros desta maneira. Mas era o melhor método de conduzir o veículo, pois não tínhamos intercomunicadores.

Ao verem que estávamos dispostos ao corpo a corpo, saltando-lhes em cima, o inimigo deu início a retirada, quando um dos nossos jeeps já subira na elevação mais alta, dominando o terreno.

MINAS!

Agora, entre nós e a Barra do Dande, apenas um obstáculo: um areal minado. Um jeep avançou e pediu-me que o seguisse. Recusei, ponderando que o procedimento era continuar à pé. Insistiram, e um capitão assumiu a responsabilidade, julgando que eu estava com medo… Mandei que o condutor seguisse em frente, não sem antes retirar um soldado que se sentara no pára-lamas do veículo:

- Quer virar defunto, imbecil? Vamos pegar uma mina já, já…

Dois metros à frente, no máximo, mal começávamos a mover, uma seca e potente explosão sacudiu os ares. Placas de metal passaram zunindo, fiquei momentaneamente surdo. Uma poeira negra invadiu tudo, as três portas da VTT se abriram e o grupo de combate se precipitou para fora, atordoados. Havíamos apanhado uma mina anti-tanque em cheio. A parte frontal direita da Panhard desapareceu, e o veículo, enegrecido, inclinava-se para dentro de uma pequena cratera.

O jeep, onde estava o capitão "esperto", foi colhido pelos estilhaços e todos ficaram feridos, um com gravidade, enquanto que nós, protegidos pela couraça metálica quase nada sofremos. Ao se dissipar a nuvem de fumaça, não pude deixar de rir: estávamos de tal maneira cobertos de fuligem que parecíamos pintados de negro!

Meu condutor foi duramente atingido na cabeça e o sangue escorria por dentre os cabelos. Apliquei-lhe uma atadura, mas o problema parecia complicado e o remeti para a retaguarda. Dali foi levado à Kinshasa e não retornou, pois apresentava sintomas de ter sido afetado mentalmente.

O capitão, ferido na cabeça, e os outros atingidos foram medicados na fazenda, ao mesmo tempo que o avanço continuava como deveria ser desde o princípio: à pé… O inimigo tentou a intimidação através de mísseis, mas acabou abandonando também a Barra do Dande, que foi ocupada por tropas regulares.

Voltamos e nos concentramos em Lifune para ali passar a noite. Na

casa sede, tudo fora pilhado ou destruído pelas Fapla em retirada: espalhados pelo chão, rasgados e pisoteados, centenas de livros, selos, quadros, remédios e objetos de adorno. Numa jaula, um grande, velho e simpático chimpanzé olhava com ar triste e resignado para o resultado da estupidez do homem: levara um tiro na região lombar, e introduzia o dedo na ferida, repetidamente, lambendo-o a seguir…

Um dos comandos, africano, dado como morto no Caxito, reapareceu na fazenda. Vivera todo esse tempo escondido, rodeado de inimigos e agora se salvava, mas com uma perna dilacerada. Ao ver os desconhecidos uniformes zairenses, acreditou serem cubanos e correu, sendo metralhado. Foi imediatamente evacuado para um hospital em Kinshasa.

Remédios, após uma minuciosa busca, conseguiu duas galinhas, que tratamos de cozer todos os requintes na cozinha da casa sede. Instalei-me para passar a noite na espaçosa torre da casa, da altura de uns três andares, mas apesar da aparente segurança e do "conforto" de umas esteiras de palha, não consegui dormir direito: o major André ressonava mais que uma bateria de mísseis juntos! Um barulho realmente impressionante, delatava sua posição à quilômetros!…

De manhã, preparativos para a partida.

Estou sem a VTT e irei no jeep do major A. Cardoso.

Mas na última hora o chefe de uma Panhard 60 "adoece", e não perco a oportunidade de substituí-lo. O municiador é Leite, um mestiço de Moçambique, ex-flexa e ótimo combatente, e o condutor, Serra, um dos melhores. Salto para dentro e em dois minutos de explicações me converto em chefe de Panhard 60. Estou progredindo…

Sentado na torre de meu blindado, vou contemplando o acontecimento do qual participo; à frente e atrás de mim, uma infindável coluna de homens e máquinas avançando para o combate, lentamente. À beira da estrada, um ou outro cadáver de um inimigo retardatário. Um pouco de gasolina, fogo, e está tomada a medida higiênica, pois não há tempo de enterrá-lo. Depois de queimados, quem passar os empurrará para a vala das chuvas. Restará apenas uma mancha no asfalto e tufos de cabelos encaracolados, que o vento se encarregará de espalhar. Homens matando homens, para a defesa ou conquista de algo que na verdade a ninguém pertencerá.

Nada de novo na nossa marcha, o mesmo de sempre: os mísseis caindo, geralmente em seqüência de quatro. O zunido, as explosões e pronto. Já nem salto para dentro da torre. Embora a pontaria seja boa, os estragos são pequenos, tenho mais medo de um morteiro, mas deste estamos fora do alcance, o inimigo foge mais rápido do que conseguimos avançar…

Quilômetros antes do Caxito deixamos os zairenses, que prosseguem

sós, e nos metemos por uma trilha à esquerda. É estreita e sinuosa, abandonada, mas nos irá levar até as Mabubas sem passar pelo Caxito, depositando-nos às costas do inimigo que aguarda pelo itinerário normal, pois aparentemente não há outro para veículos. Enganam-se, simplesmente rodamos até interceptarmos as torres de alta tensão que vem da represa das Mabubas e seguimos pelo terreno mais ou menos limpo que existia entre suas bases.

O local é montanhoso e em plena noite com homens à pé a indicarem o melhor caminho, Panhard, jeeps e caminhões pesados serpenteiam-se nos incríveis aclives e declives, guiando-se apenas pela minúscula lanterna de combate do carro da frente e evitando pisar no freio, para que não se acendam as luzes correspondentes.

Os condutores realizam verdadeiras proesas anônimas.

Eu, sem mais obrigações que não sejam permanecer no meu posto diante das armas e do visor de tiro, deixo-me levar dentro da torre fechada, iluminada pela pequena lâmpada vermelha da metralhadora, que dá um ar de vôo por instrumento à cabine.

Vou recordando os cansativos vôos noturnos, o T-37 com seu painel fracamente avermelhado, a descida sobre Natal, no Rio Grande do Norte, entre nuvens de chuva piscando ao refletir o "beacon" que girava nas costas do jato. As emergências, os acidentes; Fragoso e Rizzi, meus dois instrutores da Academia estão mortos, arrebentaram-se em uma montanha num vôo por instrumentos. Juntaram-se-lhes vários colegas de curso, e provavelmente outros que ainda não sei…

- Ei chefe, dá uma olhada lá em cima! – é o municiador que me desliga das lembranças.

Apago a luz, abro a escotilha. No céu estrelado, bolas de fogo deslizam céleres e silenciosas. Depois, estrondos abafados.

São os mísseis, lançados contra os zairenses, que devem estar entrando na vila.

- Parece que os cubanos perderam o juízo, lançando mísseis à noite, vão ser localizados facilmente!

E realmente, encurtando a distância, os morteiros acabaram por acertar a base dos tiros, capturando um lançador e cerca de 90 mísseis.

Havíamos progredido até perto de dois quilômetros da estrada asfaltada para Mabubas; fizemos alto e dormimos um pouco, esperando a manhã surgir para atacarmos.

O dia mostrou-se claro e ainda fazia frio quando arrancamos. Um grupo de combate já explorava o terreno e saímos no asfalto. Parte da nossa infantaria desceu até os arredores da Vila do Caxito, no Sassa, para ajudar

os zairenses a fecharem o cerco. Vindos da própria retaguarda do inimigo, os comandos surpreenderam as Fapla matando e capturando inclusive mercenários da Frelimo (Moçambique) cuja presença em Angola ignorávamos.

Os blindados por sua vez dobraram à esquerda até a bifurcação trezentos metros à frente, que levava à represa. Comandos a pé localizaram o inimigo, já abandonando a pequena vila ao lado da barragem e abrimos fogo. Avancei com a Panhard e comecei a disparar as granadas, que com tiro curvo passavam por cima das casas indo cair no aclive por onde as Faplas fugiam. Dei cobertura à infantaria até que a mesma entrasse no meu campo de alcance máximo, e depois rodamos pelas ruas em reconhecimento.

A Panhard 90 e o jeep com o canhão sem recuo montaram um esquema defensivo no cruzamento de Quicabo, pois não sabíamos se o inimigo possuíam blindados ou não naquela zona. Tudo ocupado, saltei da "60" e fui vasculhar o local. Encontrei alguns homens saqueando o ambulatório, e o major A. Cardoso fez com que devolvessem tudo aos seus lugares.

A primeira fase da ofensiva fôra cumprida e a situação estava dominada, mas o inimigo havia destruído as pontes do Sassa e pior ainda, a enorme ponte de Portoquipiri, para impedir nosso avanço. A engenharia tratou de lançar uma ponte de madeira, flutuante, enquanto se processava a reconstrução da principal, que demoraria meses. Quanto à Sassalemba, já estava tomada, e as forças do ELNA se preparavam para a ocupação do Morro da Cal.

Nas proximidades de Mabubas, havia uma enorme fábrica de azulejos, ainda não patrulhada por nós, e ouvi ruídos por lá. Teria pessoal escondido?

Que nada, era o incorrigível Remédios que vinha pedalando pela trilha, montado numa bicicleta sem pneus que encontrara. Estava entusiasmado pelo que vira, e voltei com ele. No interior do prédio abandonado, havia uma camioneta e dois Volksvagen sedan, mas sem as peças essenciais; andei por todas as instalações, tudo razoavelmente conservado, sem sinais que havia sido muito pilhado. Maquinário, peças, ferramentas, tudo estava em seu lugar, inclusive um aparelho de som. Remédios não abriu mão de um saco de moedas, que depois iria espalhando aos ares por onde passasse, qual um grande senhor… Ninguém se interessava pelo dinheiro angolano, que tínhamos aos milhares para as nossas compras nas poucas casas comerciais que ainda funcionavam em Ambriz, e o pessoal se divertia em acender cigarros e fogueiras com as cédulas.

Uma pequena pá carregadeira estava em condições de funcionamento,

e Remédios acionou o motor. Para não ficar atrás, saltei para a caçamba da mesma e voltamos motorizados às nossas linhas.

Os comandos ao ouvirem o som do motor, vindo de um caminho onde não havia veículos, entraram rápidos em posição de combate, pois só poderia ser o inimigo contraatacando!

…Sob a mira dos canhões desembocamos no asfalto, com mil desculpas pelo susto que lhes demos. Mas Remédios não parou, acelerou e eu não podia saltar; dando giros em torno de si mesmo, sob risos de todos, avançamos velozmente, passando pelo sistema defensivo e entrando, pelo meio da estrada e em pleno dia, no território das Fapla, tendo como transporte uma pá carregadeira!

Deixando de lado as aventuras que nos podiam custar o pescoço, fui descansar, amanhã cedo partiríamos para a conquista de Quicabo.

O chefe da Panhard 60 que "adoecera", voltou "voluntariamente" uma vez que expulsamos o inimigo. O que ele tinha era medo e essa doença parecia contagiosa, a medida que a guerra se complicava. Muitos dos "intrépidos" voluntários que apareceram, começaram a fraquejar depois dos primeiros combates.

Quando estávamos para partir, o mesmo indivíduo fica novamente "enfermo"! ele que procure outro, e nem tenho tempo de ficar "a pé"; o atirador do canhão sem recuo simplesmente diz que tem medo mesmo, irá trabalhar na cozinha, mas de guerra, nunca mais! Dois outros minutos de explicações e me instalo desta vez no Jeep do 106mm, rumo ao perigoso Quicabo.

O INFERNO NAS SETE CURVAS

Realmente era um conforto, sentado no veículo sem capota, com as pernas esticadas, tomando sol e apreciando a paisagem, enquanto que a infantaria cuidava da minha segurança…

Tivemos sorte, pois avançamos rápido e o inimigo não pode destruir completamente as pontes, que ultrapassamos sem maiores problemas que a colocação de pranchas metálicas sobre os buracos. Na metade do dia, sol a pino, avistamos o objetivo.

A estrada descia numa só reta, e alguns quilômetros à frente podíamos ver as filas de casas ao lado de uma avenida, o grande portão do quartel, seus edifícios e uma grande caixa d'água.

Focalizamos nossos binóculos, e desta vez o inimigo não fugira: estavam num corre-corre bem defronte o portão, preparando-se para receber-nos.

A Panhard 90 do tenente Paes fez fogo, e uma nuvem de fumaça se elevou do meio do alvo. Mas não podíamos desperdiçar munição nem pretendíamos danificar as instalações, pois nos serviriam. O morteiro 120 entrou em posição para nos apoiar caso necessário e fomos lentamente se aproximando, sem atirar.

Quanto mais perto da vila pior ficava nossa situação, pois a posição se tornava adversa. Estávamos agora a uns trezentos metros do começo da avenida e entramos numa espécie de passarela, a pista asfaltada elevava-se cerca de dois metros do terreno circundante, tirando-nos a possibilidade de abrir em linha com os veículos, e além disto, um alto morro granítico dominava toda a redondeza.

Incompreensivelmente fazíamos o jogo do inimigo, mas eu, simples tenente, não podia dar grandes palpites.

Quando toda coluna se colocou na "passarela", as Fapla abriram fogo a partir de posições em forma de ferradura, envolvendo-nos. De cima do morro, corrigindo seu tiro visualmente, faziam estragos com um pequeno morteiro 60, enquanto que pelos lados da "ferradura" nos metralhavam como patos num stand de tiro.

Ao primeiro estampido saltei para o solo junto com o condutor e o municiador, ao mesmo tempo que via meu cobertor, colocado no banco traseiro, virar frangalhos em instantes pela saraivada de projéteis que levou! Com o canhão 106 nada podia fazer por falta de ângulo, e passei a responder com minha AK-47. Usando balas traçantes, podia ver as trajetórias se curvarem antes de atingir o tôpo do morro. Minha arma individual era inoperante também.

Aos lados nada conseguimos localizar, apenas um ninho de metralhadora à esquerda, que foi neutralizado à bazooka pelo Simões e um grupo com o alferes Esteves seguiu para lá e dominou o terreno.

O pessoal gastava munição às cegas, as Panhards não se moviam e os chefes não resolviam a situação. A troca de tiros arrastava-se pela tarde, com o inimigo defendendo com tranqüilidade sua posição. A Panhard 60 sofre uma explosão; corro até lá, pela vala da estrada e vejo o Leite atirar-se de cabeça ao solo, através da escotilha e rastejar às cegas tapando os olhos com as mãos. Examino-lhe, são queimaduras superficiais e o tranqüilizo. Volto para meu lugar, passando pela VTT e vejo o grupo de combate lá dentro, como sardinha em lata, ao invés de saltarem para a terra. Um fio de sangue escorre pela porta, há feridos dentro.

É incrível, os soldados estão abandonados, ninguém faz nada, começo a perder a paciência, quero avançar!

O major me chama:

- Pedro, vamos nos retirar, estão acabando-se as munições, há feridos graves, e não podemos avançar.

- Major, o inimigo que nos detém está localizado, apenas um punhado deles em cima do morro; quanto aos feridos, já os vi, todos podem esperar e a munição está acabando porque atiram a esmo, sem disciplina. Posso tentar algo?

- OK, mas dei ordem para que o Esteves se retire do flanco esquerdo.

- Eu falo com ele.

Achava tudo tão elementar que não conseguia imaginar o porque de tanta demora para tomar Quicabo, estávamos ali há quase três horas!

O alferes Esteves já se reunia à nós, pedi-lhe que voltasse e mantivesse a posição. Correndo agachado entre os veículos, encostei-me à Panhard 90, chamando pelo tenente Paes.

Mandei-lhe que atirasse em cima do morro, raspando o tôpo, ele ponderou sobre a munição, tinha que poupar, poderiam aparecer tanques, etc, etc, mas Remédios que se encontrava dentro da torre como municiador e também cansado de esperar, apoiou-me. De fora, escutava a discussão, ganha por Remédios. A torre começou a girar e abriram fogo finalmente. O primeiro tiro bateu perto, o segundo fez o inimigo sair em busca de lugar mais seguro.

Quando vi se moverem, recuando, não perdi a oportunidade: eu conquistaria Quicabo!

Fui ao meio da estrada e enquanto todos estavam deitados abrigados, levantei à peito descoberto com a Kalachinikov em punho, dando rajadas e vivas à FNLA, caminhando em direção à avenida e mandando que me seguissem.

- Vamos lá, pessoal, vamos acabar com eles! Viva a FNLA, viva Holden!

Os africanos, sempre sensíveis a estas demonstrações começaram a se levantar e avançar, os brancos seguiram-nos.

Ultrapassei a Panhard 90 que encabeçava a coluna e sòzinho entrei pela avenida, bem pelo meio dela, bem ostensivo. Dependurei a AK-47 às costas e saquei da pistola, disparando para o alto.

A infantaria se entusiasmou e atirou-se para a frente, com vivas e rajadas. Os carros imitaram-nos e fui ultrapassado pela 90, com Remédios saindo pela escotilha e dando salvas com sua pistola também! O blindado lançou-se contra o portão, derrubando-o.

Um grupo de combate atacou o morro; tínhamos agora o que faltava, ânimo, vontade de luta, e em minutos o inimigo batia em retirada.

- Pedro, vá até ao morro apressar o pessoal, leve meu jeep, ordenou

o major.

Agarrei o Toyota, e Oliveira, um português voluntário do 2º grupo, muito falador, quis vir junto. Acelerei por uma trilha, por entre terreno inimigo ainda sendo conquistado, dirigindo-me para a alta elevação.

- Ei, por aqui não há minas? – perguntou o português;

- Claro que há, mas não temos tempo para ver!

- Mas vamos acabar pegando uma, vamos voltar! Vamos à pé pelo mato!

- Quer ir ou não?

- Não, eu salto!

E lá ficou o amedrontado "comando" enquanto eu seguia aos pulos e zigue-zagues pelo caminho que podia.

Encontrei a posição já tomada e o grupo espalhado pelo chão, ofegante, sem água. Capturaram armamento russo, munição… revistas pornográficas! Os fugitivos, levando feridos foram atacados com morteiros do alto da posição, experimentando o sabor do seu próprio remédio. Dali podíamos ver uma viatura inimiga esperando os que batiam em retirada.

Voltei ao quartel, e apesar da má vontade, consegui que a Panhard 90, a 60 e a VTT saíssem para interceptá-los. Enfiei-me no transportador blindado e fui junto. Ao chegarmos perto do local, fomos recebidos por rajadas de metralhadoras, e mais uma vez a coluna parou. Saltei fora da VTT para responder, mas fui o único, as "sardinhas" continuavam enlatadas. A 90 já recuava, e a 60, se não intervenho, caia pelo barranco, pois retrocedia às cegas! Irritado, deixei as mocinhas em suas carruagens e voltei à pé, precedido pela coluna, que havia "posto o inimigo para correr"…

No quartel coloquei o "106" na melhor posição possível, estávamos a mais de 60 quilômetros da última posição do ELNA, e um contraataque nos deixaria em apuros. A retaguarda de um canhão sem recuo tem de ser verificada com cuidado, para não se atingir os próprios companheiros, pois o sopro produzido para trás quando do disparo pode matar um homem até 30 metros, produzindo graves queimaduras e a 120 metros ainda causa estragos (vidros quebrados, etc.)

O tenente Paes arranjou uma bandeira da FNLA e hasteou-a no mastro que havia ao lado de um monumento aos mortos portugueses na guerra colonial, enquanto que o repórter brasileiro, Cascudo, fotografava o evento. No próprio monumento, não muito militarmente, estava eu, deitado, exausto das correrias do dia.

Os feridos foram evacuados para Ambiz e nós dormiríamos no quartel aguardando que tropas regulares ocupassem-no para prosseguirmos.

Como havia sido o primeiro a entrar nas instalações inimigas,

consegui um troféu valioso: um saco com fubá bem pilado! Para nossos maltratados estômagos, movidos à conserva em lata, era um alimento de primeira. Resolvi fazer um mingau, e Remédios, usando de seus artifícios, tratou de enriquecê-lo. Numa ação de comando, esgueirou-se para o quarto ocupado pelo major e capturou a única lata de leite condensado que havia…

- "Quem foi o "fdp" que roubou a lata de leite? Quem foi!
- Remédios, isto é obra sua!
- Não senhor major!

Não adiantava gritar, a essa hora ela já havia esquentado quatro estômago necessitados, o meu, do condutor, do municiador e do autor do "rapto"…

Equipamo-nos também com material de primeiros socorros e medicamentos de um ambulatório deixado pelas Fapla, tudo originário do exército português, como sempre.

Um grupo foi destacado para dormir no alto do morro, em contato rádio conosco e a noite se passou num sono só, pesado. De manhã, um café quente e descansados, entregamos o quartel para os regulares.

Balacende nos esperava, mas não seria tão fácil assim.

Depois de ter observado a performance da maioria dos comandantes e comandados na tomada de Quicabo, passei a agir por conta própria, fazendo a minha guerra, pois sabia que não se podia confiar na equipe como um todo organizado. Solidários comigo haviam outros, e procuramos nos apoiar mutuamente para que se produzisse algo.

Não fosse eu ter me erguido no meio da estrada teríamos recuado, e isso não esqueceria.

Balacende em si não constituía problema, mas antes de lá chegarmos teríamos que passar por uma estrada em terreno montanhoso, cujo trecho conhecido por "Sete Curvas" já tinha sua parte na história da guerra colonial, com trágicas recordações. Além disso tínhamos contra o fator tempo, não podíamos estar ainda fora do quartel de Balacende à noite, na estrada, ou seríamos alvo fácil e isso significava avançar rápido, deixando de lado precauções importantes, essenciais.

Com certeza haveria combate nas "Sete Curvas", lugar ideal para se destruir uma coluna motorizada. Mas nem por isso se bateu as laterais do caminho com a infantaria. Seguimos em boa velocidade até o local mais perigoso e aí então diminuímos a marcha, com os grupos de combate apeando e ladeando os veículos, porém na própria via e não em cima dos morros como se devia.

Sentado no jeep, ia conversando com o alferes Esteves, que marchava à frente de seus homens, já bastante fatigado devido não estar completamente

recuperado do desgaste físico sofrido, quando escapou de Caxito até nossas linhas, durante uma semana pela mata quase sem comer, e embora exausto recusou minha oferta de carona, para não dar mau exemplo ao seu grupo que seguia à pé.

Fomos entrando numa subida suave, em curva fechada, e à minha frente só podia ver o jeep com a antiaérea 12.7; as duas Panhard haviam desaparecido atrás do morro. Seriam sete curvas assim, insinuando-se por dentre paredões à pique, uma verdadeira ratoeira, difícil até para realizar uma manobra de meia volta.

Com o meu canhão 106 ali nada faria também, e certo de sermos atacados, retirei as luvas de couro que usava, dependurei as granadas nos bolsos, e com a "Kalasch" em punho, aguardei.

Não precisei esperar muito, bastou que toda coluna estivesse na armadilha para a "festa" começar, e de início, o próprio terreno já neutralizava nossas armas de maior calibre, ou seja: o morteiro 120, o canhão 106 e o canhão de 90mm da Panhard.

Uma fuzilaria incrível rompeu sobre nossas cabeças, e morteiros enchiam o "labirinto" de nuvens de fumaça, mortíferos pedaços de aço e estrondos, aumentados pela barreira das rochas.

Atirei-me para o chão, enquanto que estilhaços perfuravam pneus e projéteis assoviavam por todos os lados!

Os que permaneceram de pé ou nas viatura por poucos segundos mais, caem mortos ou feridos. Respondo fogo, alvejando as bases das árvores onde estão os inimigos, ao mesmo tempo que permaneço atento ao barranco logo acima de mim, pois posso simplesmente levar com uma granada de mão pela cabeça tal é a desvantagem da nossa posição.

Meu condutor salta de qualquer maneira, sem arma e sem travar o jeep, que começa retroceder sozinho.

- Segura esse jeep, idiota!
- Esqueci o freio de mão, chefe!
- Vá puxá-lo!
- Não dá, estão atirando em mim!

O infeliz preferia segurar o jeep com o corpo que enfrentar as balas. Contornei o veículo, e o mais ágil que pude, acionei a alavanca do freio, enquanto que escondido, o condutor aproveitava a deixa:

- Já agora traga minha arma por favor…

Uma granada de morteiro explode entre nós e o carro da frente, fazendo com que me esparrame no asfalto, mas Cunha, que disparava com a antiaérea não tem a menor chance, é colhido de pé e tomba em cima do veículo, cujos pneus retalhados soltam fumo.

Alguns africanos do meu lado gritam por mim, estão atirados na vala de cimento, impedidos de se levantarem , com as pernas empapadas de sangue e as calças em pedaços; foram atingidos de uma só vez.

Olho para trás, o jeep que me seguia, com o "staff" desapareceu, recuando "estrategicamente" junto com os caminhões; mais uma vez estamos sem comandantes na hora da briga…

Ordeno a alguns soldados que estão deitados que arrastem os feridos até encontrarem os veículos para socorrê-los; na vala corre sangue abundante, irão morrer se não forem feitos torniquetes. Outros dois agarram o Cunha pelos braços, mas olho para ele e ordeno que deixem-no:

- socorram outros, este já morreu!

Em seu pescoço e peito, profundos orifícios de entrada dos estilhaços, sua face está marmórea. Talvez ouvindo minhas palavras, num sopro de vida tenta reagir produzindo um som rouco. Acredito que ele está consciente e tento encorajá-lo, gritando aos que lhe seguram:

- Não, não, este está bom, levem-no para ser medicado, não demorem!

Mas agonizava, e antes que pudessem fazer algo, falece.

Os africanos são arrastados, deixando uma trilha de sangue. Se não reagirmos, vamos acabar todos assim, estaremos perdidos. Nem que fique só não recuarei; enquanto os chefes estão "se agrupando na retaguarda", os mesmos de sempre salvarão a situação e o nome dos comandos, mais uma vez…

Remédios salta para fora da segurança da Panhard 90 e vem pelo meio da estrada, com uma lança granadas, fazendo um bom tiro curvo sobre o inimigo. Acena para mim e no mesmo instante encolhe o corpo num esgar de dor. Depois rindo, mostra-me o dedo atingido por estilhaços! Saio de trás do jeep, ocorreu-me a única saída, irei até o inimigo!

-Ei,Ei!

Oliveira, o português "falador" estendia a mão ensangüentada, sem um dedo, como um passaporte para deixar o inferno…

- Vai embora, homem "prá retaguarda"… Deveria ter arrancado era a língua, não o dedo, completei em pensamento…

- Agarrei-me às raízes que brotavam da terra e com a Kalaschininkov às costas trepei pelo barranco. Num segundo a terra começou a saltar em torno de mim, mas "meu santo era forte" ou eu era rápido demais, e antes que acertassem estava lá em cima, batendo o inimigo a poucos metros.

As Fapla também tem baixas, produzidas pelos poucos de nós que lutam, e se retiram ao verem outros comandos a escalarem os morros. O objetivo era deter a coluna, ganhar tempo e o tinham conseguido. Iriam nos esperar mais à frente, certamente!

Chega uma ordem, 1000 metros atrás, para que retrocedamos. A 90, a 60 e meu jeep voltam, mas eu e Lopes, um comando português que estivera na Legião Estrangeira Francesa, também enojado com a falta de liderança e audácia do grupo, saímos pela crista dos montes em perseguição ao inimigo, cantando bem alto o hino dos legionários paraquedistas.

Para os "valentes" que ficaram na retaguarda, nós só podíamos estar "dopados", no mínimo fumáramos "suruma", a maconha africana! Eu nem mesmo fumava cigarros comuns… Apenas procurava honrar o nome de "comando" que levava e me orgulhava, pois ao contrário, ser chamado de tal seria ridículo.

Sentados à beira da estrada, contemplando o jeep que fora destruído, esperamos por meia hora a coluna aparecer. Eu, Lopes e Remédios comunicamos que iríamos agir por conta própria e abandonamos as viaturas, saindo com a infantaria para bater o terreno. Havia minas na estrada, que foram sinalizadas, mas não a removemos devido ao tempo que se escoava.

Já perto de Balacende, uma enorme reta desprotegida também queria dizer perigo, e por incrível que pareça, a coluna foi diminuindo a marcha, diminuindo, até que parou! Ninguém andava!

Nós três já esperávamos por algo semelhante, e avançamos sozinhos pelo meio da estrada, lado a lado; um comandante africano juntou-se a nós.

Lopes levava uma metralhadora Mag de fita, e Remédios o lança granadas. Desafiando o inimigo, pondo em xeque os companheiros, marchando em atitude propositalmente folgazona, distanciamos cerca de um quilômetro do restante do grupo, que principiou a rodar novamente, mas mantendo a distância.

Não o sabíamos, porém o inimigo aguardava em emboscada e estava confuso: quatro comandos passando-lhes pelas barbas e nada podiam fazer, pois se nos atacassem o grosso da tropa escaparia à armadilha!

Não nos perturbaram, mas de repente senti-me gelar! 1000 metros atrás a coluna é atacada e estávamos isolados, entre o inimigo e os companheiros…

Os primeiros tiros foram dados com RPG, lança granadas foguete russo, e um foi para nós. Felizmente erraram e deixaram-nos de lado, fazendo a concentração de fogo no alvo principal, mesmo porque desaparecemos, espalhados nas valas abertas no capinzal.

- "P.Q.P.", tá vendo no que dá ser herói?

Remédios não se alterava:

- A gente dá um jeito!

- Ouçam!

Podíamos ouvir vozes dos soldados inimigos e um deles,

provavelmente um comissário político, lançava brados de vingança, exaltando os camaradas à luta.

A minha preocupação era que mandassem um grupo atrás de nós, ou pior ainda, que a coluna retrocedesse. Havia uma pequena lombada, tínhamos perdido o contato visual e não se ouviam roncos de motores.

O terreno, perigoso para o ELNA, mais o era para as FAPLA, escondidas num pequeno matagal. As Panhard fazendo fogo direto, acabaram com o inimigo, e dentre os mortos estava o comandante regional militar.

Foi com alívio que vi a coluna surgir no alto da estrada, depois de minutos de silêncio e tensão. Nada mais estava entre nós e o objetivo, e nos aboletamos no meu jeep. Um descanso faria bem.

A tarde estava morrendo e a pressa havia sido inútil; chegaríamos noite feita e teríamos de entrar de qualquer maneira, mesmo com a chance de cair numa armadilha, se o inimigo permanecesse quieto e escondido nos edifícios. As recordações das histórias do Congo voltaram à tona.

Mal se enxergava o quartel na escuridão, mas precavidos, logo saltamos dos veículos, e a partir de uma pequena ponte situada a uns 500 metros da entrada fomos avançando à pé.

Com o seletor em posição de rajada e o dedo no gatilho, cinco ou seis de nós entramos pelos portões abertos. Tudo em silêncio, não se ouvia nem o vento. Vou caminhando pronto para disparar, esperando a qualquer momento o impacto de uma bala. Empurro a primeira porta-pontapés só em filmes, geralmente ela volta e nos dá na cara. Vazio, ninguém. Olho para cima, não há forro, somente as telhas, ótimo. O pessoal vasculha os outros prédios; chuto uma lata colocada no fogo, que arde num pequeno fogão; é "funge", a massa feita de mandioca, a alimentação básica dos africanos. Parece que realmente não nos aguardavam…

Tudo ok, o máximo que pode acontecer agora é que pela manhã nos atinjam com morteiros, previamente apontados e testados para o próprio quartel que abandonariam; é um bom e velho truque, que sempre dá certo.

Uma Panhard avança até a beira do asfalto, acende os faróis iluminando a entrada que é de terra. Faz-se a picagem a procura de minas e todos os veículos penetram no recinto, tomando posições protegidas.

Estamos sem água e com a garganta seca. O rio está a 500 metros, mas não podemos apanhar o líquido na escuridão. Estes locais sempre foram os preferidos para a colocação de minas anti-pessoal. Beber só quando clarear o dia.

- Ei, Pedro "Adalberto"!

Trocando meu nome e imitando o sotaque brasileiro, Remédios me

chama, com um enorme mamão maduro!

Escondidos juntamente com Lopes em um sala escura, devoramos a fruta que nos mata a sede, às gargalhadas, pois a vítima era novamente o major, que estava aos berros:

- Quem roubou a papaia (mamão) do meu jeep! É preciso pegar esse f.da p.!

Remédios se arrebenta de rir, e agachado, come e urina ao mesmo tempo, pois suas calças estão completamente descosturadas. Inadvertidamente surge Paiva, o careca "testa de nabo", chefe do grupo de combate transportado pela VTT, e tido como "puxa-saco" do major.

Mas ele também sofre com a sede, e seu silêncio sobre o mamão é comprado com um pedaço do mesmo! Senta-se na escuridão ao lado de Remédios, e tateando o chão comentava:

Ué, está molhado, aqui tem água! E para frisar sua descoberta, bate com a mão na urina!

Não compreende a nossa hilariedade, mas nem se detém no assunto, deliciando-se com a fruta…

No outro dia percorro com o jeep toda a extensão da pista de pouso, verificando suas condições para que os aviões de ligação da FNLA possam aterrar. Novamente aguardaremos que tropas regulares ocupem o local para que possamos seguir em frente, na última etapa, Santa Margarida, onde faremos a junção com as forças comandadas por Vilela.

Logo pela manhã aparece um dos caminhões Mercedes dos comandos, e da carroceria coberta alguém nos chama, empunhando uma Uzi: é Nelson, um audacioso desertor do Exército Português, que fôra ajudado por E. C. na sua fuga para Rhodésia. Vieira com o terceiro e último grupo de voluntários, que já estavam em Angola. Recém casado, fôra excluído das turmas anteriores, mas não resistiu ao apelo da luta e deixou sua esposa italiana, gestante, esperando aflita em Salisbury.

Trazem comida, e um dos cozinheiros oferece uma caixa de vinho de abacaxi à venda pela melhor oferta. É uma bebida de terceira categoria, mas tivemos que nos apressar para conseguir duas garrafas, a preço de ouro, antes que acabassem em minutos.

É suspensa a próxima etapa, pois Vilela já conquistara Santa Filomena, e na região, apenas Santa Margarida estava nas mãos das FAPLA, cercada e sem meios de subsistir. Decidiu-se por deixar que a abandonassem sem luta, não havia necessidade de causar ou sofrer baixas alí, inimigos ou não, todos eram angolanos e a posição não era de vital importância para nós.

Chegam os regulares e retornamos à noite (!) para Quicabo, onde

deveremos ficar estacionados alguns dias, intervindo na região se necessário, até que se consolidem as posições.

No jeep levávamos a nossa flâmula desfraldada, com dizeres extraídos do hino do paraquedistas da Legião: "Nous n'avons pas seulement des armes, mais le diable marche avec nous!"

Já que a incompetência nos obrigava a deslocarmos sem necessidade em plena noite num território coalhado de grupos inimigos, com faróis acesos e ruidosos motores, porque manter o silêncio "de regulamento" durante a marcha? Seria ridículo! Nós três novamente resolvemos ir cantando, no jeep, hinos legionários que ensinamos ao Remédios.

A coluna pára e o major André, numa infeliz intervenção nos vem mandar calar a boca, pois "estávamos dando um péssimo exemplo aos africanos"!

Ele era estimado por nós, e realmente calamos a boca, não por achar que ele tinha razão, mas apenas em consideração à sua pessoa, excelente sem dúvida. Fôra apenas um desabafo das tensões emocionais, e o compreendemos.

Mau exemplo davam os brancos covardes e não era o nosso caso nem do major e seus auxiliares, que prestavam um inestimável serviço no campo de explosivos.

Em Quicabo passamos o tempo a descansar, entre um ou outro pequeno problema de praxe:

- "Se eu souber quem andou vasculhando as casas da vila eu mando prender!"

Remédios virou para o lado, em seu novo colchão inflável, misteriosamente aparecido, e continuou dormindo, sem se inteirar das ameaças do major…

A pequena pista de pouso de Quicabo recebia novamente os aviões da FNLA, e um deles, com pneu furado, necessitou de chaves próprias para trocar a roda que só haviam em Ambriz. Não seria seguro pernoitar com o aeroplano ali e procurou-se providenciar as ferramentas com urgência.

Eu deixara a chave do Cessna com Carlos, um voluntário do 2º grupo que também era piloto, e foi ele que veio com o pedido. Junto trouxe o Jorge, que fôra ferido quando da conquista de Quicabo e evacuado; agora voltava para indicar o caminho para o piloto novato e rever os colegas, apesar da perna engessada.

O bimotor consertado decolou e Carlos pretendia fazer o mesmo. Alertei-o que não partisse, pois faltava pouco para o pôr do sol e o 150 não possuía as mínimas condições de vôo noturno. Ponderou, conhecia bem o avião, fizera curso na Cessna, etc, e deixei que partisse.

No outro dia o major A. Cardoso me chama:

- Pedro, o Cessna não chegou à Ambriz.

- Então podem procurar que caíram na certa. Desorientação espacial, tal como tive na saida de Carmona, só que em vez de nuvens, foi a escuridão pensei…

Foram encontrar os destroços perto da fazenda Tabi, com Carlos e Jorge mortos entre as ferragens.

Afinal pudemos voltar à casa, apesar de alguns quilos a menos, devido a precária alimentação. Iríamos passar um mês em descanso, salvo pequenas missões em busca de um caminho alternativo para se chegar à Luanda.

Embora o ELNA, do Morro da Cal avistasse a capital, para lá por os pés teríamos que atravessar pelas duas pontes da Lagoa do Panguila, que ladeava a estrada, transformando-a num corredor desprotegido e sem alternativas de desvio, além de enfrentarmos o Morro de Quifangondo, frontal ao Morro da Cal, ao fim de uma reta, interpondo-se entre nós e Luanda,

Em Quifangondo o inimigo construíra abrigos, ninhos de metralhadoras, morteiros, rampas de mísseis e canhões anti-carro. Quase intransponível…

Chefiei um grupo que se embrenhou por uma antiga estrada de caça que ia do Úcua, em nossos domínios, até Catete, nas mãos das FAPLA, de onde saia uma via asfaltada para Luanda, sem passar pelo Panguila.

O caminho, perfeitamente delineado entre as grandes árvores, estava em terreno sêco, coberto de espinheiros, e passados dois dias estávamos em tiras, lambendo folha por folha dos arbustos, pela manhã, procurando aplacar a sede atroz com as poucas gotículas de "cacimbo" (orvalho).

Foi preciso outro grupo com um caçador da área, para se chegar até o final, mas o rio estava cheio; não seria possível a passagem de viaturas por ali a curto prazo.

11 de novembro, data marcada para a independência de Angola estava chegando, não haveria outra solução que a de enfrentarmos o "corredor da morte".

Durante o tempo de descanso a maioria preferia a praia à uns 200 metros do quartel. Com um Land Rover, uma corda e um paraquedas, divertíamos em tentar voar, arrastados pela pista, o que invariavelmente terminava em escoriações.

COMBATE NOS ARES

Notícias alarmantes chegavam de Santa Margarida. Para evitar seu abandono as FAPLA estavam enviando aviões para lá, com comida, munição e pessoal, e isso significava perigo, pois os soldados dispersados por nós de Quicabo e Balacende seriam concentrados lá, e reforçados podiam ameaçar nossos quartéis próximos.

Através da escuta rádio era fácil seguir o movimento das aeronaves, embora a maior parte das conversações se desenvolvessem em castelhano, devido ao controle cubano, verdadeiros donos do MPLA.

Passamos a detectar com segurança a saída do avião que abastecia Santa Margarida, e decidiu-se que o interceptaríamos.

Nossa aeronave mais rápida era um bimotor Beechcraft, e escolhi como arma uma metralhadora média Brownning.30, com fitas de 250 cartuchos em caixas transportáveis com facilidade. Instalei-a na segunda janela do lado esquerdo, atrás da cadeira do piloto, que infelizmente era civil, sem prática para o vôo de ala (paralelo a outro avião), como exigia meu plano. Mas eu seria o metralhador, e teria que contentar com ele, pois não podia fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

Aguardei que o pessoal das Comunicações me dessem a informação da decolagem do inimigo, e passada meia hora partimos.

Com Santa Margarida visual, permanecemos num bloqueio a 6000 pés, sem conseguir o contato desejado. Aproamos Luanda e para lá seguimos, na mesma rota que seguiria o avião das FAPLA.

Mais velozes, logo avistamos um Cheroquee Six, monomotor, voltando para a capital, mais ou menos na nossa altitude. Pedi ao piloto que colocasse o Beech na ala, mas ele queria que eu atirasse por trás, simplesmente impossível pela falta de ângulo.

O problema era medo de ser identificado pelo outro piloto, e finalmente avançou, mas fechando a cortina e apenas espiando pela fresta!… Homens como ele estavam voando na FNLA apenas como um emprego, mercenários, não por ideal e nada podia se esperar deles.

Emparelhados finalmente, soltei o ferrolho da metralhadora para frente e apertei o gatilho. Lancei uma rajada no corpo do Cheroquee, logo atrás da cabine dos passageiros, pois a asa esquerda do nosso avião impedia que acertasse no motor. Na curta distância podia ver perfeitamente os orifícios dos projéteis se abrindo na fuselagem. O Beech subia e descia, não mantendo a ala e tornando minha tarefa difícil. Quanto ao inimigo, houve uma certa indecisão de sua parte, mas em seguida se deixou deslizar sobre a asa esquerda espetacularmente, num mergulho que o levou até

próximo ao solo, fugindo do meu campo de tiro.

O piloto do Beech, ao invés de seguí-lo, ficou olhando para baixo!

- Vamos atrás!!

Numa manobra de senhorita, para meu desespero, o nosso bimotor desceu até o nível do Cheroquee, mais ou menos uns cinco metros do solo, e demos início a uma longa perseguição.

A única vantagem que eu tinha era a velocidade, ao contrário nunca conseguiria acertar um só tiro; ficávamos ao máximo alguns segundos em posição de tiro e o piloto das FAPLA safava-se com astúcia e audácia.

- Entre na ala!!!

- Não dá, ele vai jogar o avião em cima de mim!!

E o Cheroquee arrancava-se pela direita, sobre nós, deixando meu piloto a ver navios…

Sempre rasante à toda velocidade, metralhando quando podia, inclusive com o próprio fio da antena do Beech arrebentado pelos projéteis, via de relance passarem posições do ELNA, que felizmente não abriram fogo, dado que aparecíamos e desaparecíamos em segundos sobre a mata e entre montanhas.

O avião inimigo perdia combustível em grande quantidade, mas não se incendiava aos impactos das balas, uma falha da munição escolhida.

Captando sua comunicação, ouvíamos pedindo ambulância para os feridos, Luanda se aproximava. Trocando rapidamente a fita de cartuchos, depois de gastar as 250 da anterior, fui sacudido pela aeronave: o piloto esquecera-se do seletor de gasolina e deixara um dos tanques se esvaziar por completo, falhando os motores a poucos metros do chão…

Realizou o procedimento de emergência antes que os motores parassem, ganhamos altura e o combustível voltou a fluir nos condutos. Mas obviamente o outro avião não nos esperou e tive que desistir, estávamos próximos à capital inimiga e o Cheroquee desaparecera.

O objetivo foi conseguido, pois ninguém mais quis voar para Santa Margarida, que teve seu abastecimento sustado por falta de pilotos dispostos a se arriscarem.

BOMBARDEIO À CAPITAL INIMIGA

Alguns dias depois, em Ambriz, já tarde da noite, sou chamado pelo major; na mesa mapas e alguns desenhos.

- Tens alguma experiência em bombardeio? Pergunta-me.

- Ataque ao solo, sim, porquê?

- Vamos fazer mais uma missão “das suas”…

O objetivo seria a Rádio Clube de Luanda, que com sua cantilena de chavões marxistas, enchia os ares de mentiras sobre a evolução da guerra. Até hoje ainda não reconheciam a queda de Caxito e o povo ignorava que estávamos à 24 quilômetros da Capital!

Eu cuidaria do lançamento das bombas em si, enquanto que Rabelo, um dinâmico e eficiente piloto civil cuidaria do avião, um Cessna 180. As bombas foram confeccionadas na mesma noite e eram dois sacos de estopa com 50 quilos de explosivos plástico cada um. O cordão detonante saía da boca dos sacos em dupla fiação, e tinha nas pontas detonadores e cordão lento com iniciadores de tração (puxa-acende). Com o pessoal do major André testei cordões semelhantes para ficar com a noção do tempo que teria, 15 segundos apenas, e fui dormir.

A missão estava marcada para a manhã seguinte, e às 07:00 h em ponto deveríamos estar mandando o prédio retransmissor pelos ares.

Quando pela manhã cheguei ao aeroporto, Rabelo já estava lá, e a porta do Cessna havia sido retirada bem como as cadeiras, ficando só a do piloto. Colocamos os pesados sacos no espaço deixado pela cadeira da frente, sem os detonadores, por precaução. Os ligaria no momento, e para isso levava grudado em minha jaqueta camuflada, tiras de fita isolante. Vestindo um arnês de paraquedas, amarrei-o com uma corda de nylon ao interior do avião; se perdesse o equilíbrio, ficaria dependurado.

Não esquecera também a pistola automática e uma AK-47 curta, sem coronha, para o caso de sermos derrubados em território inimigo.

Decolamos e entramos pelo mar adentro sem ganhar muita altura. No ADF (instrumento de rádio navegação) sintonizamos a emissora inimiga, e o ponteiro indicador nos levaria até precisamente acima da antena do alvo, mesmo às cegas, se o tempo estivesse fechado. Mas o dia amanhecera claro e bonito, e rasando as águas azuis do oceano, ouvíamos um programa que logo se calaria. Um belo hino foi retransmitido, e sob seus acordes e as vozes de um magnífico coral, Luanda surgiu no nosso horizonte. Senti-me arrepiar…

Cuidadosamente comecei a montar os detonadores, ajoelhado ao lado dos sacos, com o vento fustigando minha face e orelhas geladas. Testei minhas amarras e esperei.

Via a cidade, eram quase sete horas, e em momentos algo se transformaria, algo aconteceria que seus habitantes não podiam prever. Sensação estranha, a de saber que uma coisa mortal, perigosa, vai acontecer, porque fazemos parte dela, somos por instantes a mão do destino…

Em pleno dia, entramos pela cidade, poucos metros acima das cabeças dos soldados inimigos. Tudo passava abaixo de nós, numa sucessão de

casas, quartéis, viaturas e pessoas. Rabelo grita:

- Alvo à vista, logo à frente! – e aponta para um prédio térreo, com várias antenas à sua volta.

Peço-lhe que desça mais e assim o faz.

Coloco meus pés em um dos sacos, e com as mãos agarro os iniciadores de queima. Agora veremos se os explosivos caem mesmo ou se ficarão presos ao estribo ou no montante das asas como temíamos…

Rabelo, com os pedais, ajeita o avião para que passe bem acima do telhado, sem fazer manobras bruscas. Calculo a distância, grito que mantenha a linha reta e puxo os cabos dos iniciadores. As fagulhas saem do cordão lento, já não tenho 15, mas 14, 13, 12 segundos, o tempo se escoa mas espero, pois acho que cairá antes.

Quando minha conta mental passa pelos 10 segundos, empurro com toda força das pernas, o pesado fardo.

Ufa! Na hora. Creio que nem chegou ao chão, explodiu, lançando nosso avião para cima com sua onda expansiva. Rabelo agarra-se ao manche e recupera o controle, momentaneamente perdido, e lá em baixo uma nuvem de fumaça cobre um terço do prédio. Nosso rádio deixa de receber o som da emissora, conseguimos calar-lhe a boca!

Ainda temos outra "bomba", peço-lhe que ganhe mais altura para não sermos novamente apanhados pela fôrça da explosão, e lanço-a, desta vez aproveitando os 15 segundos integralmente, sem riscos. Vejo-a cair e com o busto para fora da porta, tento tirar uma foto no momento da detonação, uma grande bola de fogo que explode não no edifício, mas numa das torres.

- Vamos embora, para casa!

E o Cessna 180 mergulha mais ainda, colando-se às ondas do mar, depois de ter passado abaixo das antenas de comunicação e ao lado da refinaria de petróleo, dois alvos em potencial, fáceis mas respeitados pela FNLA, como patrimônios a serem conservados para Angola.

Em Ambriz, os comandos que sabiam de antemão do golpe, escutavam a rádio Clube. Às sete em ponto a mesma cessou bruscamente de emitir, provocando uma onda eufórica de vivas no quartel. Com as pernas dependuradas para fora do avião, sobrevoei a cidade, respondendo aos acenos dos colegas, que não sabiam se voltaríamos ilesos. Do aeroporto fui direto à casa de Holden Roberto, onde lhe pediram que sintonizasse a rádio inimiga. Não conseguiu e então lhe deram a "notícia-presente". Ficou realmente contente, me abraçou, parabenizando toda a equipe da missão.

Durante a noite, a rádio Moscou protestou rudemente contra a "escalada da guerra através do uso de aviões para bombardear Luanda",

enquanto que a Rádio Clube, transmitindo através de equipamentos da Emissora Católica, menos potentes que os destruídos, não convencia com a explicação de que "… pela manhã de hoje os habitantes da cidade foram despertados por violentas explosões provocadas por botijões de gás…" porém sem danos a lamentar, etc… e passou, na manhã seguinte a colocar no ar, com menos alcance, avisos que "os lacaios do imperialismo internacional tentaram calar a voz do povo" e ameaças do Estado Maior das FAPLA, que qualquer aeronave sobrevoando Luanda sem autorização, seria "implacavelmente abatida"…

Nesta mesma data, voltei à capital com Rabelo e junto lançamos panfletos sobre o centro da cidade, notificando o desenvolvimento da guerra; nem sequer sofremos um tiro!

Faríamos outras missões, noturnas e diurnas, inclusive passando por entre os mastros dos navios ancorados no porto, lançando panfletos e sempre enganando as FAPLA, vindo do mar ou do sul, e o único avião abatido foi do próprio MPLA, por engano!

Uma comissão da OUA (Organização da Unidade Africana) vem à Ambriz em viagem de trabalho, juntamente com jornalistas de todo o mundo. Um dia antes de sua chegada, sabendo que a maioria dos visitantes irá passar informações ao MPLA, os comandos fabricam algumas "baterias de mísseis", com tubos de papelão, ripas de madeira e muita tinta, instalando-os ao redor da pista do aeroporto, camuflados mas nem tanto que os informantes em potencial não possam ver…

Os membros da OUA assistem a um discurso e desfile das tropas – os comandos, pois são os únicos que sabem desfilar razoavelmente, e que acabam por passar duas vezes em frente à tribuna oficial, "esticando" assim a parada.

Conversando com alguns colegas numa pequena praça, vejo-me súbitamente cercado por filmadoras e máquinas fotográficas, repórteres estrangeiros para quem os brancos militares são o prato predileto. Como só eu falava francês, acabei dando uma entrevista à Televisão Belga, desejosa de encontrar traços mercenários em nós, o que não conseguiu.

A comissão, após ver o que queria, decolou para Luanda onde uma manifestação "monstro", forçada pelo MPLA os recebeu com festas, que provavelmente estimularam o ego e convenceram os "imparciais" observadores.

O ambiente em Ambriz tornara-se incômodo para nós; os zairenses viam-nos com indisfarçável racismo, pressionando para que Holden nos expulsasse. Queriam ser os senhores e donos da guerra, livres para saquear e violar, no que eram impedidos pela presença das disciplinadas tropas

comandadas pelos brancos. Desprezavam os angolanos, e mais uma vez podíamos ver a confirmação de um dito popular entre os europeus em África: "o pior inimigo do africano é o próprio africano"…

Para provar que éramos dispensáveis, conseguiram primeiramente a devolução dos veículos, a nós distribuídos quando da grande ofensiva, isto é, as Panhards e jeeps com canhão e morteiro.

A ordem veio de Holden, e tivemos que acatar, embora o major Alves Cardoso tenha discutido violentamente com o Presidente, passando de aí por diante a não se comunicar mais com ele. O Coronel Santos Castro tentou apaziguar os ânimos e ficou como uma espécie de intermediador entre ambos, nas questões futuras.

Sem armas pesadas, nossa situação era crítica, cercados de tropas hostis. Numa conversa com o major, lembrei-lhe que poderia, caso o problema se agravasse, seqüestrar um F-27, o maior avião que a FNLA possuía, e com os melhores homens fugir de Angola. Discordou prontamente, ou iam todos ou não ia ninguém. Para mim errado, pois os covardes até agora só constituíram-se em um peso para nós, sugando nosso sangue e esforços, e não deviam ser considerados. E para o restante, o F-27 era suficiente…

Sem sabermos, os zairenses haviam tentado por duas vezes conquistar o morro do Quifangondo, para tomar Luanda sem a nossa presença, e reforçar a tese que éramos dispensáveis. Os soldados do Zaire mal pensavam em outra coisa que os saques e as mulheres brancas da capital. Mas só conseguiram verdadeiros desastres, e os veículos nos foram devolvidos e a nossa ajuda pedida.

Recebo uma Panhard 60, e com o condutor e Remédios, que será o municiador, vamos à fortaleza buscá-la. Quando vou saindo, um "técnico"zairense nos barra a passagem, querendo nos chamar a atenção, "pois branco não tem cuidado, só quebram as máquinas", etc, etc. Discuto com ele aos gritos, e soldados zairenses cercam-nos. Estou desarmado mas não me calo, mando-lhe que saia da frente e ordeno ao condutor que acelere e passe por cima, se matar a responsabilidade é minha. Mas o condutor tem medo, hesita e só o empurra com o veículo. Irrito-me e largo a Panhard no meio do portão da fortaleza:

- Fiquem com esta merda!

Vou ao quartel, me armo e volto sozinho para o antro zairense, atrás do criador de casos. No meio do pátio, desafio-o grosseiramente, mas ele desconversa, querendo explicar ao major, que aparecera no momento, que tudo não passou de um mal entendido, devido a diferença de idioma… Comunico à Alves Cardoso que não equiparei mais a Panhard, pois

recuso-me a trabalhar em conjunto com os zairenses. Os próprios ouvem mas se calam, minha Kalaschininkov é convincente, evitando assim um incidente grave e de conseqüências irreversíveis para os brancos.

A GRANDE OFENSIVA

No dia 5 de novembro saímos para o Morro da Cal. Eu e Remédios vamos como autônomos, depois de recusar a Panhard 60 e instalamo-nos em cima do caminhão de munições. Acampamos em Sassalemba onde a atividade era grande, com tropas zairenses bem equipadas e trazendo um canhão de 130mm, superior ao míssil 122 em alcance e potência destrutiva. Afinal!

No outro dia, sob o comando do capitão Valdemar, quatro grupos de combate saíram em caminhões para o Morro da Cal. Teriam a missão de tomar a ponte do Panguila, não conseguida pelos zairense, e isto teria que ser de surpresa, pois o inimigo poderia explodi-la. A Engenharia só possuía material para a construção de uma ponte, e ainda havia a de Quifangondo, mais à frente; daí a necessidade de capturar pelo menos uma intacta.

Infiltrando-se durante a noite o grupo acabou por tomar a ponte, quase amanhecendo, após uma demora inexplicada e várias discussões pelo rádio com o major, junto do qual acompanhávamos o desenrolar da missão, já no Morro da Cal, aguardando seu final para que pudéssemos avançar.

Com o aparecimento do dia, toda a infantaria começa a descer para a baixada da lagoa, para quê não sei. Concentram-se centenas de soldados em um mortífero caldeirão, bem ao alcance do fogo inimigo, que entrincheirado no alto do morro do Quifangondo domina visualmente toda a área. Do Morro da Cal também temos a mesma perspectiva, mas essa só é boa para a defesa, e nós temos que atacar.

No jeep de Staff desço até uns 200 metros da ponte, no local de um antigo britador, creio eu, que nos fornece um razoável abrigo. Ali se estabelece o próprio comando da ofensiva, com o major A. Cardoso, o coronel Castro, o coronel Mamina, do exército zairense e comandantes do ELNA.

O inimigo, após gentilmente deixar que nos concentrássemos, deu início ao bombardeio de mísseis, num tiro fácil e preciso, pontilhando de baixas as nossas fileiras que aguardavam o fogo do canhão 130mm, que deveria destruir as defesas do inimigo para que avançássemos com alguma chance.

A Panhard 90 do tenente Paes toma posição ao lado da ponte, caso os blindados inimigos avancem. Uns 20 metros atrás, deixando o abrigo,

me instalo debaixo de uma árvore, ao lado do jeep do major, onde também estão o major André e dois de seus homens; o terceiro, "o Velho" ficara na retaguarda, preso a uma terrível cólica renal (verdadeira).

Assim estava o front principal ao norte de Angola: na vanguarda, oficiais e comandantes, todos brancos, de arma em punho, enquanto que a tropa enterrava-se no barro, centenas de metros atrás…

Nosso moral é bom, fazemos piadas o tempo todo, enquanto a chuva de mísseis continua. Com os binóculos podemos ver a saída dos "122" russos, contamos os segundos, 18 aproximadamente, e eles caem com seu ruído cadenciado, em torno da ponte onde nos encontramos. O asfalto vai aos poucos se cobrindo de folhas, galhos e terra.

Já estamos preocupados, avançamos ou não? Por que o canhão 130 não atira? No horário previsto, apenas escutamos uma detonação, mas em vão mantivemo-nos em silêncio, para escutar o assovio característico do projétil passando sobre nós.

O que acaba vindo é uma informação urgente e péssima:

Apesar de toda a pompa dos oficiais zairenses, outro fracasso… À ordem de fogo, explodiram a granada, a peça e quem a acionara! Em segundos o canhão se auto destruíra, o oficial de artilharia morrera, e o imprescindível fogo pesado falhou.

E agora? O bom senso mandava que nos retirássemos enquanto ainda controlávamos as nossas assustadas tropas. Sentia-me novamente como pato num stand de tiro, só que desta vez com quase todo o ELNA comigo – poderia ser o fim do exército de Holden!

Estamos pregados ao solo, os órgãos de Stalin enviam suas bolas de fogo por toda a lagoa, espalhando lama e detritos, além de estilhaços que chegam a pesar vários quilos. Quando ouvimos seu ruído, é bom sinal, pelo menos para nós, pois quer dizer que está passando e cairá atrás; deitados na vanguarda, vemos os soldados serem retalhados às nossas costas.

- Lá vem mais para nós!

- Esse é nosso, cuidado!

Colo o rosto no chão, deste não escapo, protejo a nuca com a mão. A explosão, o sopro, o calor, a chuva de lascas de concreto e asfalto. Mexo-me. Estou bem! Os cubanos estão bons de pontaria, foi a duas dezenas de metros! Creio que fui salvo pela borda saliente do asfalto, mas um dos homens de André geme debaixo do jeep. Sentiu algo na sua perna, nem olha para ela, ainda estará lá? Grito para ele que estou vendo o ferimento, "não é nada"!

O estilhaço felizmente só atingira a carne, e é removido para a retaguarda, enquanto que continuamos a espera de uma decisão e que a

sorte nos proteja.

- Que ruído é este?

Olhamos em nossa volta e nada ! Um roncar parecido com granadas de morteiros…

O major André põe-se de pé num salto e sacode o "Gordo", o outro membro da sua equipe:

- Acorda f.d.p.!

De tanto esperar, o descontraído guerreiro dormira em cima do jeep, enquanto à sua volta estilhaços cortavam os ares em todas as direções e os feridos caiam às dúzias! Ressonava como um justo… Gargalhada geral; só rindo mesmo, pois a situação era negra.

Os morteiros 120 tentam alguma coisa, mas não alcançam as defesas inimigas e as granadas são apenas 42; as restantes, milhares, estão guardadas na fazenda Tentativa! Coisas da Logística zairense…

O ar vai se tornando escuro de fumaça, e o "cheiro da morte", sangue e pólvora, começa a penetrar pelas narinas.

… A ponte do Panguila, de concreto, possuía dois altos arcos paralelos com cerca de um metro de largura. Como não tínhamos visão do que se passava logo à nossa frente, e o inimigo podia avançar subitamente sobre nós, Remédios não titubeou, e numa só corrida trepa até o ápice do arco, completamente a descoberto e ao invés de observar com cuidado, se diverte em fazer graças para nós e gestos obscenos ao inimigo! A idéia é boa, mas temos que aproveitá-la melhor, vou até lá em cima também e lhe entrego um binóculo.

Os zairenses e soldados do ELNA querem derrubar-nos a tiro, se não descermos. Crêem que estamos atraindo o fogo do inimigo, como se este não soubesse que lá estávamos! Acabamos por retirarmos, não sem antes invertermos a direção dos gestos obscenos…

O municiador da Panhard 90, o mesmo que eu substituíra na tomada das Mabubas, adoece de medo definitivamente. Remédios salta para dentro do blindado, a pedido de Paes, que é chamado ao QG improvisado. Daí à pouco, o irriquieto companheiro assome pela escotilha do carro e grita, chamando-me com urgência. Entro no posto do atirador do canhão 90 mm pela primeira vez, e Remédios aponta o visor de tiro:

- Olhe, há um Land Rover inimigo se movendo ao nosso alcance!

Não consigo enquadrá-lo direito, está em movimento, mas o português não quer perder a oportunidade e abrimos fogo contra o veículo. Nem sabemos se acertamos ou não, mas demos o primeiro tiro direto do dia contra o inimigo!

O tenente Paes fôra chamado porque uma decisão finalmente havia

sido tomada: as Panhards avançariam mesmo com as defesas do adversário intactas! E a seguir, caminhões com infantaria…

Ordens absurdas, devidas unicamente à luta nos bastidores, para se conseguirem maiores influências com o Presidente: "os zairenses se sacrificam pelo FNLA, ou então, os comandos não recuarão diante de nada", etc. Tudo isso, quando éramos voluntários para sermos lançados de paraquedas sobre Quifangondo ou Luanda, única maneira, ao meu ver, de rompermos a linha inimiga. Mas parece que ganhar a guerra não era tudo… o importante era a partilha de poderes.

Só agora me dou conta que a manhã se passara, estávamos no meio da tarde, sem comer e sem beber, e tudo acontecera como se fosse em meia hora! Havíamos perdido a conta no 114º míssil, e este intenso bombardeio nos mantivera ocupados, corpo e mente, de uma maneira incrível.

As Panhards zairenses sairão na frente, seguidas dos comandos; por último, dois caminhões Mercedes com soldados do Zaire.

Vejo-os passarem por mim, e cruzando a ponte desapareceram na primeira curva, à trezentos metros de nós. Entram na reta para a segunda ponte mas não chegam até lá. Uma fantástica fuzilaria de armas pesadas os recebe, com tal intensidade que parecem rajadas de armas automáticas!

RPG-7, canhões anti-carro, metralhadoras pesadas, tudo é usado contra a frágil coluna atacante. A infantaria se joga dos caminhões para as valas da estrada, sofrendo baixas. As Panhards da vanguarda, sem sequer dar um tiro, manobram freneticamente para voltar, cortando a passagem na estreita via cercada de pântanos. Como o comando do comboio é zairense, o tenente Paes não tem outra alternativa que ordenar aos seus carros o recuo. A maioria dos pneus está em baixo, perfurados; os zairenses atropelam-se uns aos outros para fugir, em desordem.

Os primeiros blindados a surgirem de volta, mal haviam feito a curva manobraram à ré, com desculpas de que traziam feridos graves; estes, deitados sobre os para-lamas, logo saltavam e saiam andando, uma vez em segurança…

Chegam nossas Panhards; a 90mm pára ao meu lado. As escotilhas se abrem e delas emergem Paes e Remédios, com a cara e ombros salpicados de sangue – o fogo fora tão intenso que minúsculos estilhaços penetraram pelos orifícios das escotilhas e visores!

Ao menos conseguiram informações complementares das defesas inimigas: a primeira linha, composta de RPG-7 (um tipo de bazooka russa), entrincheirava-se atrás de um enorme tubo de canalização d'água, que passava pela base do morro. Na reta da segunda ponte, um perigo maior: quem atacasse ficaria frente a frente com canhões anti-carro, capazes de

pulverizar um veículo como a Panhard.

Mas o relatório foi interrompido,a tensão, principalmente dos africanos era grande e aumentou com a volta precipitada das auto-metralhadoras e soldados feridos. Depois, a "gota d'água": o inimigo orientado por bons profissionais, fez exatamente o que devia – com todas as bocas disponíveis cobriram a baixada do Panguila de fogo, e anti-aéreas, provavelmente avançadas, ceifavam tudo e todos.

As árvores incendiavam-se, os milhares de projéteis faziam-nas farfalharem agitadas, e aliadas ao fumo que invadia as posições, o retumbar contínuo e os gritos de dor e agonia, davam um ar de apocalipse, de algo terrível, mas fantástico.

O pânico era de se esperar.

Largando armas e chefes, os africanos agarravam-se aos caminhões e blindados, muitos fora de si, e as mortes se sucediam; aos feridos, ninguém acudia. Quem caísse na estrada tinha o corpo esmagado pelos veículos, cujos condutores não podiam se desviar, mergulhados em uma multidão enlouquecida, nem sequer diminuir a marcha ou seriam fuzilados pelos soldados que só pensavam em sair dali.

Espero a ordem formal de retirada, que é dada. A VTT dos comandos passa por mim como um verdadeiro cacho humano, apinhado de gente. Paiva, seu chefe, grita com histeria para que não suba mais ninguém. Me enoja aquela pressa em fugir, me preocupo com a ponte, pois julgo ouvir os canhões dos blindados anfíbios do inimigo. Estarão vindo atrás de nós? Permaneço atento, vendo todos se afastarem no caminho coberto de mortos e armas ligeiras.

O major André me chama:

- Pedro, vamos embora, tem um lugar aqui para ti, não adianta ficar! Ainda hesito de subir para o jeep, é a vergonha de abandonar a posição, mas que podemos fazer, se não temos força de resposta?

Tomo meu lugar, mas quando vamos sair, Silva um ex-paraquedista português cai ao lado de nós, gritando estar ferido. Salto, agarro-lhe e o coloco em meu lugar. Me puxam para cima de qualquer maneira, e me seguro como posso, sentado no para-lamas. Entramos no asfalto, em meio a uma confusão incrível; uma Mercedez com os pneus arrebentados bloqueia a passagem e engarrafa os veículos fugitivos.

Alguém pergunta ao Silva, deitado de través, com a barriga para baixo e gemendo:

- Onde é que está o seu ferimento? Não vejo nada!

Ele aponta para as costas, evitando se mexer – levara uma pedrada lançada por uma explosão, e ao sentir o impacto na coluna, seus nervos o

"congelaram"!

- Não tem nada rapaz, pode parar de gemer!

Satisfeito, sentou-se, já sem "dor"…

O desespero dos soldados está estampado nos seus semblantes, dependuram-se em tudo que move. Me chamam com um grito entrecortado, quase animal; olho para cima da VTT que está ao nosso lado – é um comando, com um buraco no lugar da glote, e o sangue jorra abundantemente. Penso em colocá-lo no jeep, mas a VTT se desvencilha primeiro e segue mais rápida que nós.

Com o pequeno Toyota conseguimos alcançar o Morro da Cal velozmente, e no tôpo da estrada, com uma G-3 na mão, seguindo ordens do major, forço os motoristas a entrarem com seus veículos numa espécie de abrigo, onde outrora se retirava terra. Caso contrário, só pararão em Ambriz, tal é a pressa em deixar a frente de combate. Um condutor civil, de meia idade, chora, tem medo de morrer, fala da mulher e dos filhos, mas não posso deixá-lo partir, seu enorme caminhão nos é precioso. A VTT vem a toda velocidade, sem pensar em parar, rumo à retaguarda. Entro em sua frente, e apesar dos protestos, a obrigo a entrar no "curral". Enquanto me distraio nisso, o caminhão civil foge em disparada com seu lacrimejante motorista! Boa sorte, homem, mas crie juízo e volte para Portugal!

Muitos soldados se metem pelo mato, abandonando as Companhias, achando que a guerra acabou de vez…

Dali do alto, só se vê uma nuvem negra na baixada onde estávamos. Terrível, sem dúvida uma sensação indescritível, mas que tem algo de emocionante naqueles minutos entre a vida e a morte, oscilando, o barulho atordoante. Como se cavalgássemos lado a lado com as Valquírias, ao som de "O anel de Nibelungo" de Wagner…

Vamos nos organizando da defesa do Morro da Cal, e o inferno vai passando à simples recordações para a tropa que restou, mais confiável, pois auto selecionara-se. Os outros estão metidos no mato, tremendo até agora. O inimigo não aproveitara a grande chance de nos perseguir durante o pânico, avançaria até Caxito, no mínimo.

Já que nos permitiu, voltaremos a tentar!

Dormi pesado naquela noite devido ao desgaste sofrido, mas sem deixar a linha mais avançada. No outro dia, a Panhard 90 e uma 60, além de mim como carona, desceram novamente até próximo da ponte, para rebocar a Mercedes que lá ficara. Meu objetivo era outro, os mamoeiros de uma granja afastada uns 100 metros da estrada. Valia a pena arriscar o pescoço por uma fruta, já que da ração de origem sul-africana que estávamos recebendo, meu estômago só aceitava o café com leite (em pó) e os abricots

sêcos e eu perdia peso acentuadamente.

No capinzal da granja abandonada, ainda haviam alguns mortos de investidas anteriores, em putrefação; levavam carregadores de Simonov, fuzil russo que não usávamos. Eram cadáveres das FAPLA, apodrecendo ao lado dos do ELNA.

Estamos no dia 8 de novembro, faltam três dias para a independência. Camuflado na vegetação, com o peito encostado na terra, observava o Morro de Quifangondo através de binóculos cobertos de papelão para evitar reflexos que me denunciassem.

Em colunas, caminhões carregados de terra iam e vinham, tratores funcionavam ininterruptamente. Construíam mais abrigos, aproveitando-se das lições colhidas no dia anterior. Se estava difícil, agora seria impossível tomar aquele morro com um assalto frontal diurno, através de um só estreito e desabrigado caminho!

Além da idéia de lançar-nos de paraquedas sobre as posições inimigas, à noite, também concordávamos em sermos conduzidos em aviões Hércules C-130 da Força Aérea Zairense, até o próprio aeroporto de Luanda e atacar o inimigo em seu coração. Mas não, a idéia fixa era que nos suicidássemos na maldita lagoa. Iríamos em frente.

Na manhã seguinte , 9, uma nova esperança surgiu: chegou às nossas linhas três caminhões rebocando poderosos obuses 140, e em suas carrocerias, cerca de 1200 granadas! A guarnição, 20 homens brancos que falam "africander" entre si, desembarcados durante a madrugada, de aviões C-130 no aeroporto de Ambriz.

Trata-se de uma ajuda do Exército Sul-africano, já que a artilharia do Zaire não tinha competência para um tiro eficaz. Mesmo assim os zairenses instalaram ao lado outro canhão 130, para ficar com uma fatia do mérito, embora mal soubessem realizar um cálculo de tiro…

A montagem da bateria é rápida, sob ordens curtas e precisas. Um "show" à parte de disciplina e eficácia, enquanto os zairenses tropeçam entre si. Mas estudada as defesas de Quifangondo, o próprio oficial sul-africano afirmou serem necessários muito mais que três obuses para rompê-las. Outro senão, grave: o abrigo onde estávamos, o "curral" anteriormente mencionado, servia de proteção às viaturas e bateria, e era um pico geodésico, inclusive lá ainda existia uma torre de madeira a marcá-lo. Isso queria dizer que num mapa, o ponto estava representado com exatidão, bastando ao inimigo dois ou três cálculos simples para nos alvejar, na "mosca"…

O novo ataque seria amanhã, 10, véspera da independência. Para descansar tranqüilo, fui dormir embaixo de uma Panhard; esperança vã, pois um terrível temporal caiu sobre nós, inundando tudo e prosseguindo

noite afora, sem diminuir de intensidade. Saltávamos de um lugar para outro à procura de onde pudéssemos dormir, mas isto era impossível. Rajadas de vento, trovoada, um aguaceiro que jamais vira em Angola. Enlameado, acabei alta madrugada, embaixo de um precário teto construído com folhas metálicas encostada num barranco, encolhido com todo o encharcado staff.

Quando afinal fecho os olhos de cansaço e sono, me sacodem pelo ombro. Um vulto coberto com um pedaço de lona me estende o braço, e em sua mão uma caneca de café fumegante! Simplesmente fantástico alguém ter conseguido esta verdadeira façanha debaixo da tempestade. Obviamente tratava-se do incrível Remédios, que descobrira uma protegida fogueira nas posições zairenses, bastante afastada, e "infiltrando-se" com suas conversas, acabara por ganhar o café, que para mim teve o mesmo valor do que passara Kirkop através das grades, na fria prisão de Córsega. Amigos dedicados, impossíveis de se conseguirem nos egoístas e competitivos "tempos de paz".

Consegui dormir um pouco. Logo com o aproximar do dia a agitação dos soldados aproveitando o fim da chuva me acordou. Torciam seus uniformes, dependurando-os sobre os veículos e pequenas fogueiras.

Os sul-africanos atarefam-se como formigas, em silêncio. Tomam posição ao lado da peça, como num exercício, e o oficial dá ordem de fogo. Num clarão de relâmpago, o potente obus 140 rugiu, cuspindo fogo e assustando os desprevenidos.

Assoviando, a granada afastou-se de nós, e só um abafado estrondo conseguimos ouvir, era em Luanda! Segundo o plano de tiro, primeiro se bombardearia alvos estratégicos da capital, incluindo o aeroporto, por onde uma ponte aérea despejava soldados cubanos e armamentos. Depois foi a vez de Quifangondo, tentando se destruir os abrigos; uma nuvem de fumo erguia-se de todos os pontos do morro, num tiro preciso e seletivo.

Às 7:00h chegou a vez dos blindados descerem a Lagoa, no mesmo avanço realizado na tentativa anterior. Mudou-se apenas a ordem: para não haver retiradas precipitadas, as Panhards dos comandos iriam à frente. Seguiriam-nas as restantes, mais caminhões com tropas zairenses.

À medida que fossem detectados focos de resistência aos blindados, os obuses iriam fazendo seu tiro de proteção.

Numa posição abrigada aguardo minha hora de seguir, novamente no jeep do staff. Observo a coluna blindada passando pela granja, chegando à ponte de Panguila, e sem esperar sou surpreendido por explosões de mísseis, caindo à minhas costas! Olhamos apreensivos para os obuses e as centenas de granadas ali empilhadas, exatamente no local atingido, de onde sobe o fumo de duas séries de quatro mísseis cada, num golpe inesperado

que causa baixas entre os sul-africanos.

Como, se a distância entre as linhas de frente era maior que o alcance dos 122 russos? Com os binóculos, momentos antes, havíamos notado reflexos se movendo ao redor da lagoa; simplesmente contornaram o pântano e nos atingiram lateralmente, com os "órgãos de Stalin" montados em caminhões, recuando em seguida, antes que revidássemos. Brilhante!

O golpe, embora não tenha causado grandes perdas e os obuses continuassem atirando, foi de grande efeito moral, como se pode imaginar. Mal refeitos da desagradável surpresa, assistimos ao compacto fogo com que recebiam nossos carros depois da primeira ponte. Na linha do tubo d'água, um só clarão de ponta à ponta denunciava a saída dos RPG, mas sem que contudo fossem alvejados pelos sul-africanos, que insistiam em alvos mais acima, sem grande valor imediato no combate que se travava na estrada. Porventura a ajuda era uma farsa, e não interessava à África do Sul nossa entrada em Luanda? Outra luta pela partilha?

O reduto inimigo, reforçado desde o dia 7, concentrava todas suas armas na coluna, mas desta vez os blindados da vanguarda não recuavam, seguiam em frente, e já em distância de tiro, abriam fogo com o canhão 90, morteiros 60 e metralhadoras.

Encabeçava o avanço uma Panhard 60, chefiada por Lopes. Enfrentou a impossível barreira, chegou à menos de 100 metros da segunda ponte - Quifangondo – mas não a conseguiu transpor. Um violento choque os jogou para o lado: atingidos!

O estampido, a pancada, o forte calor que se fez foram momentâneos, estavam vivos e o motor ainda funcionava no veículo inclinado, cuja parte traseira direita fora volatilizada. O condutor conseguiu manobrar o veículo, cuja parte destroçada, agarrando-se ao asfalto, facilitava o giro. Lentamente, foram se arrastando pela pista, em direção à retaguarda.

Cruzaram conosco, e Lopes me acena, indicando a traseira de seu veículo, vão tentar colocar uma roda e voltar ao combate.

- É a nossa vez, vamos descer! Avisa o major.

Saímos à frente, segue-nos duas Mercedes; por nós cruzam em alta velocidade as Panhards zairenses, intactas, recuando. "Para remuniciar"!, gritam, explicando-se. Haviam mudado de tática, os covardes: após cruzarem a ponte, descarregaram a esmo todas as suas armas em ritmo alucinante, embora o inimigo ainda não estivesse ao alcance e voltaram, pois a munição se esgotara em "plena batalha"…

Nossos blindados avançaram sós, e deviam estar lutando pela segunda ponte no momento. Tínhamos que ajudá-los.

Na verdade, já não existiam. Dentro da Panhard de Lopes viera um

quarto tripulante, espremido entre as ferragens, ensangüentado: Simões "pequeno", o condutor do tenente Paes. A Panhard 90 sofrera um impacto direto que a destroçara, após ter avançado o máximo possível, fazendo certeiro fogo e destruíndo vários ninhos de metralhadoras e canhões. Agora, incendiava-se; dentro Paes e Remédios provavelmente mortos…

Simões, cujo assento de condutor se situava aos pés dos outros dois tripulantes, tivera as costas retalhadas por centenas de estilhaços, o que levava a crer que toda a cabine atrás explodira. Nem toda "arte e engenho" de meu amigo Remédios o safaria desta.

O único que se movera fora o condutor, saindo da carcaça blindada aos tombos e correndo direto à Panhard 60 de Lopes, já atingida e recuando com dificuldade. Puxaram-no para dentro, e enrodilhado como podia na exígua cabina, conseguiu ser salvo.

Não viram a outra P.60 dos comandos, e os zaierenses haviam desaparecido. Estavam sós na estrada.

A Panhard desaparecida, comandada por Oliveira, um ex-flexa, havia caido no pântano devido aos tiros que recebera, e como se encontravam ilesos, trataram de abandona-la o quanto antes. Mas somente o municiador Azevedo, conseguira retornar, agarrando-se a um carro zairense que fugia, escapando dependurado entre os para-lamas.

Após a ponte só ficaram nossos blindados destruídos, a infantaria zairense com metade de seus homens mortos ou feridos e os sobreviventes imobilizados pelo fogo.

Saltamos debaixo de forte bombardeio antes da ponte.

Queremos avançar rápido, ainda não sabemos do que aconteceu lá na frente e a única preocupação é dar proteção às duas Panhards que não voltaram, e acreditamos estarem lutando.

Os homens titubeiam, uma verdadeira barreira de mísseis cai à nossa frente. Mas há pequenos intervalos e procuro aproveita-los; primeiramente tentamos passar por baixo da ponte. Um pântano coberto de folhagens nos espera e nosso avanço é detectado. Chovem granadas e "122", pelo som acredito que existam morteiros 81 nos alvejando. O inimigo deve ter avançado pela direita, numa trilha , e essas granadas fazem mais vítimas que os mísseis; vamos pouco a pouco sendo reduzidos em número.

Agachado no aterro na base da ponte, espero que um comando passe minhas observações pelo rádio, não dará para atravessar. Os estilhaços voam à minha volta, mas o atingido é o operador que enviava a mensagem, praticamente protegido atrás de mim! Retiro-lhe o transmissor e comunico a informação.

Depois subo pelo barranco e volto ao ponto de partida, debaixo de

uma árvore, onde agora há um buraco suficiente para dois homens; dentro, como um rato, o capitão F. que não para de cavar com uma faca.

- Que que é isso capitão?!

- É a força do desespero, Pedro! E ajeita um pedaço de tábua à suas costas, ao mesmo tempo que arregala os olhos para os dois metros de antena que levo no rádio!

- Pelo amor de Deus, abaixe essa antena, vamos nos denunciar!

Avisto Alves Cardoso e lhe grito que vou passar por cima da ponte mesmo, será mais rápido. Temos 18 segundos entre cada explosão e eu e Nelson resolvemos dar o exemplo, senão ninguém sairá do lugar.

- Já!

Ainda caem terra e os galhos das últimas detonações e correndo, entramos pelo tabuleiro de concreto, que parece mais longo ainda.

- Não vai dar!

No meio da ponte jogamo-nos ao chão, acreditando na sorte. Quatro mísseis à nossa frente nos fazem sacudir. Pulamos do piso empoeirado e numa nova arrancada, desta feita até o fim. Uma tentadora vala oferece abrigo, mas justamente onde sempre caem os mísseis da barragem; sem parar, arriscamos mais uma dezena de metros já sem fôlego.

- Pro chão!

Pegos no descampado, atiro-me de braços estendidos, o rosto raspa na terra, a G-3 escapa-me das mãos, mas os fragmentos passam por cima, ainda não era nosso dia ou hora.

Quase sorrindo, chegamos aos relativamente protetores escombros da primeira casa que ali havia. A ponte ficara para trás mas apenas três ou quatro homens vinham tentando nos seguir. Nelson se instala numa espécie de trincheira, aberta para construção de alguns alicerce, interrompido pela guerra. Com a movimentação das poucas boinas vermelhas avançando, o inimigo dobra seu fogo sobre nós, já ao alcance de suas antiaéreas e morteiro.

Rastejando como uma cobra - não me restava outra alternativa – vou ganhando terreno pouco a pouco. Impossível correr ou pôr-se de pé. Tudo é despedaçado, saltam lascas de reboco e barro, telhas e pedaços de madeira. Os vidros partidos abrem cortes em minhas mãos, mas nem os sinto. A "droga" combate é poderosa, me empurra para a frente, quero avançar. Por um buraco na parede entro num quarto, passo por cima do que era a cama, saio por outra brecha e já no quintal me lanço numa caixa de cimento, o comedor para os porcos, no preciso instante que uma granada arrebentava com o resto do teto.

Ergo a cabeça e fico frente a frente com dois assustados olhos numa face negra, à alguns palmos de distância. Instintivamente meu dedo indicador

se curva sobre o gatilho da G-3, mas não disparo. É aliado, ou melhor, o que resta do aliado – seu corpo é só uma pasta de sangue.

Atingido várias vezes não consegue mais se mover, viera se arrastando desde a primeira curva, onde saltara do caminhão, por uma providencial vala cavada pelas chuvas, paralela à estrada.

Me olha suplicando auxílio, e não há como seguir em frente sem ajudá-lo. Agarro seus braços, o zairense grita e se contorce de dor, procuro alguma parte por onde possa segurá-lo, mas o homem está simplesmente feito peneira. Pego-lhe no colo como um bebê, e uns vinte metros depois encontro o capitão Valdemar, que me ajuda.

Deixamos o ferido no buraco do alicerce, de onde três comandos se encarregarão de levá-lo. Olho para a ponte, o major André a ultrapassara e estava de pé, justamente no tal lugar sempre batido pelo fogo de barragem.

- Sai daí homem!

Já que ninguém avançara, ele se sentiu no dever moral de nos apoiar, embora não fosse sua obrigação. Conta-nos que o major A. Cardoso fora ferido na virilha e evacuado.

Volto a avançar. Ultrapasso as casas, rastejo por um terreno limpo e acabo imobilizado perto da curva, onde já avisto o caminhão abandonado.

A intensidade do fogo é muito grande, mal posso me mover, as anti-aéreas assoviam sobre mim. Valdemar chega à uns trinta metros atrás, lhe grito que se deite, e os projéteis o convencem rapidamente. À minha direita surgem zairenses bastante feridos, recuando numa trilha de sangue. O Adjudant Falanga, um dos poucos com quem conversava amigavelmente, aparece com a orelha esquerda e o couro cabeludo esfacelados, me reconhece, ri, mas diz frases desconexas, está cambaleante e tem a mente afetada.

Tento conseguir-lhe informações acerca das Panhards;

- Acertadas em cheio, estão pegando fogo!, é a sua resposta.

Os restantes zairenses não conseguem recuar e os soldados do ELNA nem sequer desceram à lagoa. Nossas autometralhadoras estão destruídas e os tiros dos obuses 140, cada vez mais raros, acabam por cessar completamente. Eram 16:30h, e desde às 07:00h estávamos sendo surrados, e eu, o homem mais avançado dos comandos, não havia progredido nem 1000 metros!

Tudo está perigosamente paralisado na mortal baixada da lagoa, sem o apoio da artilharia pesada. A ajuda sul-africana não fora efetivamente real, apenas uma máscara para encobrir sua intenção de ocupar Luanda sozinhos, pelo sul. Bastariam insistir no tiro que o morro do Quifangondo seria abandonado pelos seus defensores, já com sintomas de pânico, como

posteriormente se soube.

Ainda tentávamos ganhar terreno quando os sul-africanos abandonaram a luta, sem comunicar a ninguém, rebocando os obuses para além do Caxito, e os homens sendo evacuados por helicópteros mas levando as culatras para que não utilizássemos as armas deixadas para trás.

Nada mais restava fazer que ajudar a carregar os feridos para a retaguarda e recuperar as armas dos mortos; estava tão esgotado que nem podia com minha G-3. O bombardeio tornou-se mais intenso, mas não havia soldados para entrar em pânico como no dia 7; apenas um punhado de comandos que foram sendo levados para o morro da Cal, pela VTT.

Ainda tentamos esperar mais um pouco, antes de abandonarmos as posições, pois a retirada sul-africana não era do nosso conhecimento.

Deitado debaixo da VTT durante as explosões mais intensas, levei com uma pedra na cabeça, ricocheteada no pneu e que me deixou momentaneamente atordoado. O major André, levantado, com o pé nas minhas costas como num troféu de caça, ria das minhas precauções. Logo a seguir uma inofensiva folha de zinco despencou-se com estardalhaço, e foi a vez dele, desprevenido, de se atirar ao solo e a minha vez de rir!

Na última leva da VTT embarquei, quase que forçando o major André para fazer o mesmo, relutante que estava em desistir da luta. Mas sozinhos não ganharíamos a guerra. Sem correrias, o veículo partiu debaixo de cerrada fuzilaria e dos incêndios das árvores, deixando-nos antes do morro da Cal, onde chegamos caminhando lentamente. Agora tínhamos certeza que a batalha de Quifangondo estava perdida, não haveria novas tentativas…

Na linha avançada do ELNA, morro da Cal, não encontramos mais que duas dezenas de comandos, o coronel Santos e Castro e o major A. Cardoso, que insistiu em voltar à frente de combate depois de socorrido. Éramos 26 homens e a ordem foi manter a posição. O resto do Exército de Libertação Nacional de Angola vagava desordenado e sem chefes, pelas estradas que levavam à retaguarda. Ali ficaríamos defendendo a frente norte da guerra civil, na crucial noite que se avizinhava, quando às zero horas Angola receberia a independência de seu colonizador há quatro séculos, Portugal.

Espalhados em semi-círculo, preparamo-nos para a vigília, mas os oficiais fariam as vezes de sentinelas – certos comandos planejavam roubar o jeep do coronel e escapulir. Já quase não restava em quem confiar.

Quando enfrentávamos o fogo no Panguila, aqui em cima praticamente protegidos, muitos voluntários criavam cenas patéticas devido ao mêdo doentio.

… com um pontapé numa folha de zinco que se mexia no chão, descobriu-se um "valente" abraçado aos seus próprios joelhos e com os olhos fechados; escondera-se para não descer conosco à lagoa…

Outro, traído pelo nervosismo, abaixou as calças e agachado, aplacou uma terrível diarréia – só então descobrindo que se esquecera de tirar também as cuecas!

Quanto ao nosso conhecido "doente", o comando que abandonara por três vezes sua Panhard, simplesmente dera um tiro no pé, para encerrar de vez sua carreira. Alegou ter sido acidente, à ninguém convenceu, porém ele estava aliviado, longe dos combates: Remédios havia tomado seu lugar…

Por volta das 22:00h, os zairenses que não conseguiram recuar, aproveitando-se da escuridão agruparam-se no Mercedes abandonado na curva e empurraram-no até passada a ponte. Depois saltaram para dentro e ligaram o motor, trazendo alguns de seus mortos que estavam por perto.

Seguíamos os movimentos pelo rádio, mas mesmo assim, tomamos posição na estrada, com bazookas, pois podia se tratar de um truque do inimigo para avançar até nós sem problemas. Logo o caminhão se delineou no escuro, rodando lentamente. Os homens vinham arrasados, prostrados na corroceria, e em que pese sua falta de combatividade, haviam sofrido demasiado numa guerra que afinal foram obrigados a participar. Mas o trabalho do militar não é a guerra? Será que eles só queriam ser militares em tempo de paz? …

Trocamos informações sôbre a situação e eles seguiram para o Caxito.

Havia muita tensão em nosso acampamento, apenas 26 homens com uma VTT e um jeep, segurando uma frente de combate sem armas pesadas, defronte a um inimigo numeroso, bem equipado e com a moral alta após duas vitórias consecutivas. Se resolvessem atacar, seríamos dizimados.

Apenas metade do grupo mantinha a serenidade, e durante a noite tivemos que prestar mais atenção em nossos soldados que no inimigo. No negro horizonte, very-lights iluminavam-se a todo o momento, com os defensores de Quifangondo atentos à alguma surpresa, impossível de acontecer. Perto da segunda ponte, a Panhard de Paes e Remédios era um clarão, que volta e meia explodia, resto de munição detonando com o calor.

Meia noite foi chegando e com ela a independência oficial da colônia portuguesa. Surgiriam duas Angolas, a República Popular em Luanda, e a República Democrática em Ambriz. Entre as duas, uma lagoa "terra de ninguém" com centenas de mortos, vigiada de cima de dois morros, Cal e Quifangondo.

Neste último, a meia noite foi saudada com disparo simultâneo de milhares de armas ligeiras e pesadas, very-lights, projéteis traçantes, que

iluminaram o céu e davam uma perfeita idéia de números de ocupantes que lá haviam. Em toda sua extensão não parecia haver um só metro sem alguém! Víamos também Luanda, de onde subiam riscos de fogo, festejando a independência e a vitória.

Quanto a nós, fatigados e escoriados, permanecíamos em alerta, defendendo um País bebê, sem muitos irmãos a se interessarem por ele.

11 de novembro amanheceu calmo, e parte do pessoal se retirou para a fazenda Tentativa, onde seria criado o QG. No morro da Cal ficou a VTT com oito homens sob meu comando e um morteiro 81; diariamente uma companhia zairense viria nos reforçar, revezando-se. Meus comandos também se alternavam, com exceção de mim, Farinha e "Morteirete", voluntários para permanecer em tempo integral na frente. Estávamos ali para lutar, não para descansar.

Farinha fôra da DGS, a polícia política portuguesa e trabalhara na famosa prisão para terroristas da Ilha do Ibo, em Moçambique. Com seus quase quarenta anos, cabelos vermelhos e um sorriso constante, aliado a uma simplicidade à toda prova, era um ótimo e sacrificado combatente, leal.

Já "Morteirete" era muito jovem, 17 anos, e sua arma, o mortífero "81". Filho de portugueses, nascido em Angola, fora raptado durante uma ação terrorista na guerra colonial e levado para a base de Quincuzo, no Zaire. Crescera no meio dos terroristas e falava sua língua correntemente. Deram-lhe um curso de antiaérea e morteiros, ministrado por instrutores chineses e voltara para lutar. Visitara seus pais em Negage e depois unira-se aos comandos. Era audacioso embora infantil, mas podia-se confiar nele durante um combate.

Nossa missão era apenas observação, pois não tínhamos condições de enfrentar um ataque, e o ELNA não possuía mais tropas organizadas para lá colocar, Rebelo e Vilela estavam em outros pontos críticos e não podiam ser deslocados. Quanto aos zairenses, à menor suspeita de atividade inimiga debandavam. Representavam apenas um perigo suplementar para nós, pois não simpatizávamos mutuamente, e eu não lhes poupava críticas ao passar pelas suas posições.

Para agravar, as águas destruíram a ponte de madeira em Portoquipiri, e como a principal estava ainda em construção, ficamos isolados do resto da tropa. Apesar de meus apelos, nada foi feito para a defesa eficaz da frente de combate, e o inimigo apenas esperava que o ELNA terminasse a montagem da ponte para avançar!

Eu, Farinha e Morteirete fazíamos patrulhas pelas imediações, chegando até a praia ou a ponte, e os zairenses quando iam acabavam por

criar casos. Um sargento e um cabo quiseram acompanhar Farinha numa destas missões. Passado algumas horas retornaram, dizendo que o comando havia sido capturado, tropas desembarcavam na praia, etc. Ficamos preparados para a eventualidade de sermos atacados, mas eis que no fim do dia surge Farinha, tranqüilo – os dois zairenses haviam ficado com mêdo de seguir em frente, deixando-o só; como tinham "certeza" que ele seria capturado, voltaram e inventaram a história, para não passarem por covardes.

No meio de suas posições, descarreguei os palavrões em francês que aprendera na Legião, pedi punição para os dois ao oficial que os comandava, cuspi no chão, fiz e falei o diabo! Mas também dormimos de sobreaviso, com um olho aberto e outro fechado e o dedo no gatilho…

…numa patrulha, eu e Farinha caimos num campo supostamente minado, e seguindo os procedimentos indicados para o caso, estávamos perdendo muito tempo. A paciência logo se esgotou, e resolvemos arriscar, saindo andando rápido de qualquer maneira. Inopinadamente demos de topo com um cadáver e nosso passo seguinte ficou suspenso no ar; nosso olhos fixaram-se nos pés do defunto: estava com botas, ufa! Caso estivesse sem os pés teríamos que ir picando o terreno para sair dali, pois ele morrera vitimado por mina com certeza. Logo, haveria outras semeadas ali por perto…

No mormaço da paralisação da luta se seguiu uma semana inteira, em que apenas observávamos a intensificação das defesas de Quifangondo. Mas a ponte de Portoquipiri estava ficando pronta e o inimigo ousara sobrevoá-la em helicóptero, para ver se estava ao seu gosto! Nem um tiro sequer foi disparado pelo ELNA.

Depois foi a nossa vez; um avião da FAPLA veio nos espionar, passou alto a primeira vez, desceu mais um pouco na segunda, e na terceira passada, ao alcance da minha G-3, eu e Farinha disparamos dois carregadores completos em rajada contra ele, que mergulhou e desapareceu, enquanto que nós éramos batidos por uma salva de mísseis, como "castigo"!

Mas o meu "falecido" Cessna 150 estava vingado na mesma moeda pelo que nos aconteceu em Martins de Almeida!

Não tínhamos mais dúvidas que o ataque era iminente; captando suas transmissões, ouvi o inimigo emitir a já conhecida frase-senha que antecedia os avanços: "corvos aos imbondeiros". Corvos eram as FAPLA, e imbondeiros eram as nossas posições, desta vez realmente cobertas por esse tipo de árvores gigantescas.

Por mais que solicitasse armas mais pesadas, nada me entregavam. O ELNA já não existia, aos zairenses só interessavam o avanço do inimigo e o fim da guerra, para que voltassem à casa com seus saques, e os comandos

estavam reduzidos a poucos combatentes eficazes. O restante se transformaram em cozinheiros!

O COMEÇO DA DERROCADA

Dois dias depois dos vôos de reconhecimento o ataque começou. A típica barragem de mísseis caia sôbre nós como preparação do avanço. Bastaram os primeiros disparos dos "órgãos de Stalin" para que os zairenses desertassem em minutos, fugindo pelo mato. Estávamos sós novamente, seis comandos e o condutor da VTT. Três se meteram dentro do blindado e nem pelas escotilhas queriam olhar.

Eu e meus dois companheiros, com binóculos, víamos a chegada de dois caminhões com infantaria, um deles equipado com "órgãos de Stalin". Desceram tranqüilamente no sopé do morro e iniciaram o avanço para nós.

Haviam também infiltrado várias companhias atrás de nossa posição durante a noite, mas não sabíamos que estávamos quase cercados. Comunicamos o ataque pelo rádio e tratamos de sair dali. Antes porém, eu Farinha e Morteirete tivemos que carregar o morteiro e granadas para dentro da VTT, pois os três comandos que lá se enfiaram tinham medo de sair e ajudar-nos; só sabiam implorar que fôssemos embora depressa.

Como a barragem de mísseis estava bem concentrada ao nosso redor e o inimigo se aproximava, o condutor, extremamente nervoso, não conseguia fazer o transportador blindado andar, a VTT saltava e não saia do lugar; mais uma vez dependurei-me ao lado de fora, e pela escotilha fui dizendo ao assustado motorista o que devia fazer, sob a chuva de estilhaços. Simplesmente ele esquecera de apertar a "bola" de alavanca de câmbio, que nas Panhards faz as vezes de embreagem, acionada eletricamente.

Conseguimos arrancar e pedi-lhe que parasse quando o conta quilômetros acusasse distância percorrida igual ao alcance máximo do morteiro. Assim que ele parou o veículo, saltamos e assentamos o morteiro, alvejando em rápida sucessão nossas antigas posições. Outro avião nos localizou, e com a metralhadora MAG, montada em cima da VTT, fiz fogo contra o aeroplano, que se afastou.

Os três ratos continuavam enlatados, enquanto que Farinha municiava e Morteirete disparava o "81". Só que desconhecíamos o fato de termos parado justamente à algumas centenas de metros do inimigo que se infiltrara a noite!

Recolhemos a arma e saímos em frente. Na estrada asfaltada, dezenas de soldados estão parados, confundo-os com os zairenses. Eles saltam para o mato ao nos verem e ordeno ao condutor que feche a escotilha e acelere;

mantenho-me com o busto para fora empunhando a MAG, protegido pelo pequeno escudo blindado.

Não abro fogo, eles não trazem nenhuma identificação visível, e também creio que os confundi, talvez por não saberem que possuímos o transportador blindado. Acabamos por passar entre o numeroso grupo, sem disparar um só tiro, e acelerados rumamos para Sassalemba. Eram os inimigos infiltrados na noite anterior! As três "donzelas" no interior do blindado estão em vias de desmaiar de terror, provocando o estridente riso do Farinha. A VTT vai aos zigue-zagues, e mando o condutor abrir a escotilha, ou nos atirará no barranco.

Em Sassalemba, Panhards 90 zairenses enviadas para ajudar-nos já se encontram prontas para a fuga. Chegamos ao mesmo tempo em que o grupo, por entre o qual passamos, começava a disparar as armas em ritmo cadenciado, como lhes era peculiar em suas avançadas. As Panhards evaporaram-se sem ao menos conversarem conosco.

Nós três descemos e, penetrando nos edifícios, deparamos com uma grande quantidade de provisões enlatadas e fardamento, tudo abandonado pela Companhia zairense lá instalada. Fugiram às pressas deixando tudo ao inimigo, que agora está próximo de nós.

Também temos que fugir, não sem antes, mantendo a tradição do "falecido Remédios" como passamos a chamá-lo, carregar a VTT com caixas de bolachas e sardinhas. Já estávamos cansados de passar fome, e valia a pena se precaver contra a logística.

Na ponte de Portoquipiri, alguns quilômetros à frente encontramos Holden Roberto, completamente desinformado da situação, correndo o risco de ser pego "à mão" pelo inimigo. Não acreditou no que conto ao coronel Santos e Castro, à sua frente. Diz-me que deveríamos combater, resistir, etc. Tive vontade de lhe perguntar onde estava seu exército, pois queria que seis homens fizessem frente ao avanço das FAPLA!

O ingênuo Holden pede aos zairense que "salvem a situação"; sem o menor titubeo, as Panhards 90 atravessam a ponte rumando contra o inimigo. O presidente fica satisfeito com seus aliados

Quem não fica contente sou eu, considero-me injustiçado. Voltarei, não gosto de passar por mau militar. O condutor não tem condições, e o outro que lá está, Pires, é um covarde declarado e se recusa a avançar. Instalo-me como condutor, com Farinha e Morteirete como tripulação e tentamos sair com o blindado. Mas não acerto passar das marchas lentas para as de estradas (são sete marchas à frente), pois isto não pode ser feito em movimento, e também não sei quais as rotações a observar.

Iremos a pé!

Morteirete com um morteiro 60, Farinha com seis granadas para ele e eu com duas bazookas, cruzamos a ponte recém construída e andamos em direção a uma pequena casa, no alto do aclive, onde tentaremos deter pelo menos momentaneamente o avanço. Nem levo a G-3, apenas a pistola. Logo após a ponte, longe dos olhos de Holden, estavam as Panhards zairenses, escondidas atrás da igreja!

Seguimos, deixando-os para trás com sua fraqueza. Suávamos com o peso do equipamento, estávamos fracos e chegamos esgotados à tal casa. Deixei-me cair no terraço, ofegante, aproveitando a sombra. Farinha entra num quarto, olha pela janela e o mundo vem abaixo – Tínhamos toda vanguarda inimiga chegando ao quintal!!!

Estávamos à muito detectados, e eles vinham nos capturar. Jamais em minha vida estivera dentro de tal fuzilaria, toda para mim! Cerca de 100 metros nos separavam, e só nos salvamos devido ao barranco ao lado da casa. Nem ao menos pude disparar a bazooka, as balas sibilavam aos meus ouvidos.

Cheio de energia instantânea, em dois saltos estava me atirando do barranco abaixo, sem conjecturar ao menos se era baixo ou era um abismo. Por imbecil que seja, pela minha cabeça passou o pensamento "que afinal os filmes de cowboy não eram tão inverossímeis como imaginava, com suas saraivadas de balas assoviando ao redor dos personagens, sem acertá-los"!…

Correndo em zigue-zague, obviamente deixando o morteiro e bazookas ao inimigo, procuramos chegar ao mato mais cerrado. A nossa resistência estava por ordem rigorosa de idade: Morteirete na frente, eu no meio e Farinha começando a parar, muito atrás.

- Força, Farinha!
- Vai embora, estou velho demais para correr! Podem me deixar!
- Uma ova, bandido, vamos todos!

E diminuímos a corrida para o "velho" nos acompanhar ao mesmo tempo que não acreditávamos na nossa tremenda sorte! Só lamentávamos que na desabalada carreira nenhum de nós apanhara uma apetitosa tartaruga, com quem cruzamos debaixo dos tiros…

Finalmente conseguimos voltar à enorme ponte metálica, que estava sendo preparada pela Engenharia zairense para ir aos ares, dois ou três dias depois de ter sido concluída! A estupidez reinante fizera com que se lhe construísse, sem contudo haver condições para servir-se dela para atacar, e nem ao menos para defendê-la. Ao ELNA, depois do dia 10 de novembro, só deveria interessar a passagem destruída, retardando o avanço inimigo até que conseguissem formar um exército coeso.

Trabalharam para o inimigo, que aproveitou plenamente a chance. Como se podia esperar, a "Engenharia" não conseguiu fazê-la explodir, e lançaram a culpa na "sabotagem de três comandos, que foram os últimos a passarem por ela"…Nós!

Ao saberem que a ponte estava intacta, os zairenses da fazenda Tentativa bateram em desordenada retirada, abandonando 14 toneladas de munição e fugindo de um inimigo dez vezes inferior em número.

Eu já nem agüentava em pé após a corrida forçada, e logo que vi o jeep do staff, amontoei-me nele, ali ficando sem falar ou mover-me; gastara o resto da energia que possuía. Lopes chorava de raiva, incontrolável diante da nova retirada. Mabubas, Sassa Caxito, tudo ficou deserto sem que o inimigo avançasse além da casa onde eu fôra surpreendido, que era o ponto em que começava um declive para a baixada, onde se situavam nossas posições.

Algumas companhias foram para Lifune, os comandos que restavam, uns vinte, ficaram na nova linha de frente, morro dos Asfaltos, mas sem que se fosse tomada qualquer medida para reter o avanço, pois não havia a mínima condição.

O jeep seguiu para Ambriz, à noite e debaixo de forte aguaceiro. Deixei-me levar, que adiantava sacrifícios? O temporal desabava sobre minha cabeça, e nem ao menos procurei cobrir-me com uma lona. Tentava lavar as crostas de desânimo que me envolviam…

Em colunas infindáveis na estrada, via desfilarem os civis, mulheres e crianças, com suas trouxas na cabeça, velhos arrastando-se, fugindo novamente à guerra num vai-e-vem que durava meses. A água escorria-lhes pelos trapos que vestiam, tinham fome e cansaço, as crianças choravam e as mães estendiam as mãos em mudos apelos. Eram closes dramáticos, rápidos, iluminados pelos faróis do jeep, a que assistia apático, sem reação.

Em Ambriz tomei um banho, algo que não fazia há uns quinze dias e cai na cama, só acordando com o dia já adiantado. O jeep havia retornado na mesma noite, e refeito, peguei uma carona num caminhão de víveres, que me deixou nos Libongos. Dali fui à pé até o morro dos Asfaltos, onde o coronel Santos e Castro chefiava o nosso pequeno grupo, que permaneceu nesta posição uma semana até ser substituído por zairenses, para que pudéssemos nos recuperar em Ambriz.

Nesta semana, os soldados do Zaire simularam um ataque, lançando granadas de morteiros à nossa volta para que fugíssemos, pois sòzinhos não daria para desertarem da frente sem motivos e o presidente Mobutu Sesse Seko já estava farto das covardias de seus soldados nesta guerra, prometendo duras punições.

Nada conseguiram, mas logo que nos substituiram e se viram sós, encenaram um ataque e fugiram para o cruzamento Ambriz-Ambrizete, não sem antes explodir a ponte dos Libombos, impossibilitando a reocupação do local. E a verdade era que nem o Caxito havia sido ocupado pelo inimigo, desconfiado de tanta facilidade…

Antes disso ainda havia voltado à Vila do Caxito, o jeep rodando solitário por entre as ruas silenciosas, portas e janelas abertas nas casas desventradas. Como era estranho caminhar por esta cidade fantasma, a sacrílega sensação de entrar irreverentemente na igreja à procura de velas, a indignação refreada ao ver os soldados metendo o pé na porta da sacristia e saírem vestidos com paramentos sagrados, fazendo chacota; que dizer, amanhã poderemos estarmos todos apodrecendo à beira da estrada, que vivam e se divirtam como quiserem agora. E um não deixa por menos, na sua vingança contra as normas que regem a sociedade dos homens: de chapéu e botas, desfila imponente pela rua principal, nú!

Nas casas mais elegantes, uma ou outra geladeira que escaparam ao saque zairense; os colchões no meio da rua lembravam uma intimidade violentada…

Não me sentia um sêr deste mundo, era uma coisa que ali descera e que era estranho a tudo que me cercava, pois não tinha laços com aquele símbolo de amor a um lugar, construídos por anos a fio e abandonados com desespêro pelos seus donos, por lhes ser impossível o que para mim era concedido, estar ali, pisar ali.

Eu pertencia à tempestade da qual fugiam. Amigo ou inimigo…

… nossos aliados recusavam-se a lutar e Holden finalmente foi obrigado a curvar-se às evidências. Não tivemos tempo de nos recuperarmos fisicamente, e os vinte e pouco homens em condições de combater enquadraram os restantes comandos africanos, recebendo novamente blindados e viaturas: uma Panhard 90, uma 60, uma VTT, um jeep com canhão sem recuo de 106mm.

O tenente Paes estava morto, e o oficial operacional indicado para assumir o comando do Grupo Blindado fui eu. A frente seria no rio Onzo, cuja ponte fôra dinamitada. Como proteção teria a excelente Companhia regular comandada por Rebelo, juntamente com outra companhia regular africana e um grupo de comandos. Praticamente, em fins de novembro de 1975, o ELNA se resumia nestes 300 homens, reunidos numa linha de defesa sob minha responsabilidade, operacionalmente falando.

Paralela à posição do Onzo, havia a fazenda Tabi, um ponto pelo qual poderia haver penetração inimiga. Como éramos poucos, fiquei com a Panhard 90 nas defesas principais, enquanto que a Panhard 60, a VTT e o

106 permaneciam em alerta, no Ambriz, prontas para se deslocarem ao Tabi ou ao Onzo, onde a situação se agravasse. O jeep do Pancrácio, o "toureiro", com antiaérea 12.7 foi colocada para dar proteção imediata ao meu blindado, fazendo às vezes da Panhard 60; cavaram-se trincheiras e abrigos, algo que até agora o ELNA nunca se preocupara em fazer.

Como chefe operacional da única posição de vanguarda na Frente Norte em condições de resistir, estava determinado em não ceder. Chegara minha vez de tomar decisões de efeitos mais profundos nessa guerra, e contava com o apoio incondicional de Rebelo.

A partir daí nossos grupos unidos representavam uma força considerável, não só para o inimigo… Não faríamos jogo sujo, política, faríamos guerra. Ordens da retaguarda somente seriam acatadas as que concordássemos, outras seriam ignoradas, sem alardes.

Em Ambriz, numa reunião sigilosa, Alves Cardoso me comunicou que iríamos fazer uma triagem para selecionar os elementos; uma grande parte não queria permanecer em Angola, e não iríamos sustentá-los em sua indisciplina e inércia. Seria construído um campo de prisioneiros e os elementos descontentes lá ficariam até a fim da guerra, guardados por africanos.

Fui totalmente contra, por crer que isto nos deixaria mais vulneráveis contra o mal disfarçado racismo com que éramos tratados; o melhor seria, ao meu ver, que fossem expulsos para o lugar de origem, sem mais problemas, e nossa fraqueza interna não apareceria tão flagrante aos olhos dos africanos. Mas o major foi irredutível, embora devido ao desenrolar da luta, seu plano não tenha chegado a concretizar-se.

No quartel, cada comando entrava por vez numa sala, onde se defrontava com o major, sentado atrás de uma mesa, interrogando e anotando. Ao seu lado, eu observava os homens que poderia contar ou não; realmente dava vontade de encarcera-los! Cada qual era um valente, pronto para a luta, mas que infelizmente havia uma esposa doente, ou um filho, a mãe velhinha, um problema no coração, etc, nenhum ou quase nenhum admitia seu mêdo, sua covardia. Um realmente ficara com problemas cardíacos, mal se podia falar em tiros à sua frente, e estivera entre a vida e a morte, jogado num colchão no chão de seu quarto. Outro chegou, e sem rodeios, se abriu:

- Tenho muito medo, sou covarde mesmo, gostaria de ser valente mas não há jeito não, sinto muito!… este contou com meu apoio e procurei facilitar-lhe a vida.

Simões "pequeno" – este apelido o distinguia do Simões "comprido", o ex-flexa –queria partir, em suas costas ainda haviam estilhaços menores,

não extraídos após seu ferimento como condutor do tenente Paes na batalha de Quifangondo. Convenci-o a ficar, segredando-lhe o que os esperava ao invés de uma passagem de avião, ele era um ótimo condutor e o queria na minha Panhard, além do Farinha como municiador, que aceitou encantado com o fato de não ter mais que andar a pé…

Lopes partiu para a Europa, pois sua condição para permanecer em Angola foi a de passar as festas de fim de ano com a família, no que o atenderam, era um elemento necessário ao grupo.

Depois de triados, os que queriam permanecer na luta foram reunidos para uma notícia, de conseqüências boas e más: como Angola já não pertencia a Portugal, éramos estrangeiros e como tal seríamos pagos pela nossa ajuda. Pelo lado financeiro, bom; por outro lado mal – seríamos considerados mercenários?

Já havia deixado claro que viera como voluntário e me era indiferente receber ou não, continuaria a combater. Mas o dinheiro não constituía problema, todos seriam pagos. Eu receberia mensalmente, mais bônus por missões especiais.

Coloquei o bônus, dez notas de 100 dólares, em um saco plástico, juntamente com o passaporte, carregando-o sempre comigo para qualquer emergência. Estávamos perdendo terreno, e a porta de saida era o Zaire, que não nos receberia de braços abertos com certeza…

O coronel Santos e Castro viajou à Europa para contatos e o major André e seu grupo também, desistindo da luta por ordem superior, mas com pesar. Seriam para nós uma grande perda.

Aproveitando a ida à Ambriz, realizei um vôo de reconhecimento sobre minha própria posição no Onzo e adjacências, rascunhando um mapa para me orientar no tiro curvo com o canhão de 90mm da Panhard. Depois, com um jeep e a VTT, entrei por uma estrada abandonada que ia até Quicabo, outra provável via de acesso do inimigo. Como pretendia resistir, tínhamos que fechar todos os caminhos às nossas costas. A trilha estava bastante ruim, com árvores crescendo na abandonada pista, e uma grande vala cavada pelas chuvas impedia a passagem de veículos. Mesmo assim mandei Morteirete minar o terreno, por precaução.

Rio Onzo, dezembro. Mantendo um ótimo relacionamento com as Companhias regulares, íamos reformando e reforçando nosso sistema defensivo, organizando a rotina no acampamento e procurando viver o melhor possível. Problemas ocorriam, alguns graves outros de rotina, como num quartel, só que minha disciplina era bastante elástica, adaptada à situação, mas também sem perder o controle da mesma.

Para melhorar nossa alimentação, de Ambriz nos enviam carne

bovina, mas essa volta e meia era interceptada por tropas dispersas à nossa retaguarda e não chegava até nós. Para inspecionar o sistema, fui assistir um abate: meia dúzia de regulares chegavam na fazenda Loge, um verdadeiro império dos tempos coloniais, e aproximando-se do ainda grande rebanho, praticamente abandonado, lançavam rajadas à esmo, mais ferindo que matando, numa carnificina bestial e inútil. Recolhidas uma ou duas cabeças, até chegar em Ambriz o caminhão era sistematicamente parado e pilhado por militares e civis famintos, que já aguardavam sua passagem.

E haviam ainda os zairenses, que pouco a pouco iam voltando para seu país, roubando e violando por onde passassem. Em suas viaturas acumulavam-se eletrodomésticos, bicicletas, mobílias. Começava a acreditar que para nós fora providencial a derrota em Quifangondo; caso entrássemos em Luanda, seríamos poucos para conter os ímpetos selvagens dos "aliados", que saqueariam a cidade ao seu bel prazer, e provavelmente, com a guerra acabada, terminaríamos assassinados, ao tentar defender a integridade das propriedades e das mulheres, principal alvo dos indisciplinados soldados…

No acampamento, fizemos camas nativas, acima do solo e com mosquiteiros; a lona da Panhard serviu de coberta a um refeitório e camuflamos toda a parte frontal das trincheiras.

… Um africano da Companhia Rebelo, muito esperto, encontrou um método que julgou revolucionário para cozer seu feijão: apanhou uma caixa metálica de munições, vazia, colocou a água, o sal e o feijão e a fechou, colocando no fogo. O sistema de fecho destas latas as selava hermeticamente, como uma panela de pressão, mas sem válvulas! Agachado ao lado da fogueira aguardou, até que fomos surpreendidos por uma explosão, correndo até o infeliz e descobrindo o que ele havia feito, porém tarde demais – estava com o corpo totalmente coberto por queimaduras e foi levado para Ambriz, em meio a estertores…

Algo mais grave foi detectado: pegadas cruzavam as margens do rio, indo e vindo, e nossas armas mais pesadas começaram a aparecer com barro e galhos socados dentro do cano! Havia um ou mais traidores entre nós, e provavelmente o inimigo recebia informes de nossas defesas. Um sistema de vigilância interna foi imposto, fazendo rarear as sabotagens mas os culpados não apareceram.

Tínhamos tempo para divagar… "A morte tem medo de nós", extraído de um título de livro, tornou-se divisa, escrita na torre de nossa Panhard, cujos três tripulantes haviam escapado por pouco de situações mortais – eu, Farinha e Simões. Sobre mim, Remédios e Lopes, após a conquista de Quicabo e Balacende, os africanos diziam que tínhamos "feitiço" a nos proteger.

Nos cofres laterais do blindado, onde geralmente se pintavam o nome do comandante, colocamos como homenagem póstuma os nomes de Paes e Remédios… Um africano se aproxima de mim e diz que está doente e quer medicamento; digo-lhe que não tenho, que mande pedir em Ambriz. Ele não se convence e aborrecido comigo aponta para o cofre onde se lê: Remédios…

Por ordem do major Alves Cardoso apresenta-se a mim um novo voluntário, recém chegado de Portugal. Trata-se do Tenente da Arma da Cavalaria do Exército Português, senhor Osório, ou melhor, Don Osório! Com seu bigodinho aparado cuidadosamente, traz no dedo o anel de sinete com o brasão de sua nobreza…

Muito educado, mas acostumado aos quartéis europeus e rígida observação da hierarquia e regulamento, raridade desconhecidas nestas paragens. Apanha logo fama de excêntrico, quando na minha ausência, reúne o pessoal dos blindados e após ordenar que limpassem e enfileirassem as viaturas, faz uma preleção sobre os deveres e direitos dos militares, lembrando à todos que deveria ser tratado por tenente e eu por comandante, não "Pedro ou Pedrinho como já ouvira várias vezes"!

Desavisado, chego e chamo meu municiador!

- Farinhaaa!!

Este vem correndo, bate os tacões e grita:

- Pois não, meu comandante!

Arregalo os olhos de espanto, será que este sacana resolveu me gozar?

- Que porra é essa, "meu sargento"?

Farinha cai na gargalhada e conta o que se passara.

Mas Osório era bom sujeito, e apesar de não abandonar nunca certas maneiras "nobres", adaptou-se à nós, resistindo até ao final da guerra as privações e situações perigosas. Só pecou na sua "estréia", por falta de iniciativa, quando me substituindo por um só dia na Panhard, deixou de acertar quatro cubanos que inadvertidamente apareceram no Onzo, falta que as Companhias regulares nunca perdoaram. Sempre que eu tinha que sair e ele me substituía, o pessoal não permitia a Rebelo se afastar também, temendo "indecisões" de meu segundo em comando, que afinal não era tão mal assim, como veio posteriormente demonstrar.

Este caso com os cubanos realmente fôra como o que acontecera comigo perto da ponte de Portoquipiri, outra fuga "impossível", e o considerei uma dívida paga com a sorte! À frente de nossa posição estava a ponte dinamitada, e do outro lado subia um trecho de mais ou menos 500 metros da estrada asfaltada para Libongos, base avançada das FAPLA. Os cubanos, provavelmente debutantes como o tenente Osório, simplesmente

desceram pelo meio da pista, descontraídos, luzindo em novos uniformes e com suas Kalaschinikovs.

Do lado de cá, o pessoal se entreolhava atônitos diante da ousadia. Rebelo logo ordenou:

- Ninguém atira, vamos pegá-los à mão!

Ele sabia que quatro fontes de informação valiam muito mais que quatro cadáveres…

Com se fosse pouco estar na estrada, os inimigos desceram ao rio e treparam pela coluna central, que resistira à explosão, ficando em cima do pedaço de concreto, como um troféu!

Rebelo já descia ao local para capturá-los, quando alguém - certamente o traidor e sabotador – disparou um tiro de aviso atrás de nossas posições.

Os cubanos, ou "super-cubanos" pelo visto, "voaram" para o leito do rio, vários metros abaixo, subiram pelo barranco e num desrespeito total à nossa pontaria, correram pela estrada acima – não pelo mato – enquanto que todas as armas ligeiras faziam fogo contra eles, que atingidos várias vezes, caiam, se levantavam e continuavam sua carreira, até a curva, onde desapareceram ! Deles só restou sangue no asfalto, assinalando seu trajeto.

De mãos vazias após a "impossível" fuga, voltaram-se contra Osório, que à postos na Panhard, não fez uso do canhão (com munição anti-pessoal) ou mesmo da metralhadora MAG. – "Se fosse o Pedro teria atirado", era a acusação feita!

Para evitar novas surpresas, já que os cubanos conheciam nossa localização, criamos um pequeno posto avançado no final do declive, onde diariamente cinco homens se revezavam, munidos de rádio, bazooka e uma MG-42.

400 ou 500 metros abaixo, em nosso acampamento, Cuba, um professor primário, que voluntário, só queria ganhar a guerra para voltar a lecionar, mantinha a escuta permanente no receptor. Sua função era também comunicar-se diariamente com Ambriz e nunca desistia, embora geralmente a transmissão e recepção fossem fracas. O dia inteiro ouvíamos seus apelos "leão, leão, pacaça!". (leão era o QG e pacaça, nós), tornando-o alvo de gozações. Pacato e educado, tinha o "grande defeito" de querer que prestássemos atenção às suas poesias, bem feitas mas totalmente dispensáveis numa guerra.

Fiquei livre desta "agonia" quando uma tarde, ele tanto insistiu em recitar, apesar de meus rogos, que perdi o tato e lhe mandei um tiro de pistola, pondo o guerreiro poeta em fuga, que embora não indignado, lamentava meu ato – que concordo, foi estúpido… mas deu resultado!

Do posto avançado, via-se além da curva, tudo correndo sem novidades até 25 de dezembro. Neste dia, vindo pela estrada começaram a surgir cubanos. Um após outro, em coluna, num total de quarenta homens bem equipados.

Nossa patrulha nos avisou e eu corri com minha equipagem para a Panhard 90 ao mesmo tempo que o pessoal se preparava nas trincheiras. Os cinco soldados do posto avançado esperaram até os cubanos se aproximarem, despreocupados em sua marcha. Com uma bazooka e a metralhadora MG-42 os comandos finalmente romperam o silêncio, apanhando o inimigo desprevenido.

A bazooka acertou em cheio, mas a MG-42 encravou no primeiro tiro, malogrando o sucesso da emboscada. Agarraram-se às G-3, porém já em desvantagem, pois a grande parte dos cubanos escaparam aos estilhaços da granada da bazooka e respondiam fogo, embora sem precisão, dando-se cobertura para sair da estrada onde se encontravam. Cinco homens contra uns trinta pelo menos, a situação do pequeno grupo tornara-se aparentemente difícil.

Mas resistir ou atacar não era o objetivo dos cubanos, que aterrorizados armaram um verdadeiro pandemônio, atirando à esmo, correndo, largando as armas para socorrer os companheiros feridos, de quem despojavam de toda a correagem com cantil, pistola, porta-munições, etc, para aliviar-lhes o peso, todos davam ordens e ninguém se entendia.

Rebelo e seus homens, sem necessitar de uma só voz de comando, saltaram para a frente numa carga que lembrava os ataques da primeira guerra mundial, com os combatentes subindo pelo parapeito da trincheira e lançando-se com verdadeira fúria estrada a cima, totalmente desprotegidos mas vibrando pela chance de combater novamente.

Pelo visor da Panhard, vi a nuvem de poeira levantada pelo disparo da bazooka, indicando a posição dos meus companheiros e a pequena nuvem de fumo, que assinalava o inimigo. Gritei ao Farinha:

- Tira a anti-carro e bota uma anti-pessoal!

Deixava sempre na culatra uma granada anti-carro, poderosa suficiente para perfurar os T-34 e T-54 russos se aparecessem de surpresa. Mas uma das "colmeias" de projéteis da nossa cabine era só de munição anti-pessoal, que costumava usar em tiro curvo, dando apoio à infantaria.

Levantando ligeiramente o corpo na apertada câmara, o municiador puxou com violência a alavanca da culatra para trás. Esta abriu-se e a granada 90 foi trocada rapidamente – bastava um empurrão e o pesado projétil deslizava para o seu lugar, fechando automaticamente.

O grande problema era que o inimigo e os comandos estavam

separados por poucas centenas de metros, ambos no mesmo raio de ação dos estilhaços da 90. Além disso Rebelo e seu pessoal se aproximava velozmente do local, correndo enquadrado pelo meu visor de tiro.

Mas não seria desta vez que os cubanos escapariam ilesos, pelos menos a metade levaria seu presente de natal!

Trocando rápidas informações pelo rádio, consegui uma aproximação razoável do alvo, através do próprio grupo que combatia.

- Estão à nossa frente uns trezentos metros, na curva, recuando! Baseando-me no meu rascunhado mapa, regulei o canhão para 400 metros de alcance, a distância que me separava do inimigo, e depois girei a torre para a esquerda algumas milésimas. Teria que atirar por cima dos homens de Rebelo, num tiro rasante de uns dez metros, e acertando ao lado dos comandos! Tudo isto, é claro, medido, pensado e pesado em poucos segundos.

Num ato reflexo, meu dedo indicador bateu no interruptor da caixinha negra ao meu lado, onde se liam as palavras canhão, metralhadora, ventilador. A luz vermelha correspondente ao canhão acendeu-se, avancei o calcanhar do pé esquerdo, por precaução girei a torre mais um pouco à esquerda e deixei cair meu pé sobre o pequeno pedal branco, que disparava eletricamente a peça.

Segurei o punho de metal sobre minha cabeça para não ser lançado contra as ferragens, e na detonação a Panhard empinou-se como um cavalo bravo, cuspindo uma lança de fogo.

- Outra!

A cápsula vazia mal caíra enfumaçada no receptáculo e Farinha empurrava a seguinte para dentro. O cheiro de pólvora era intenso, mas não acionei o ventilador-exaustor, cujo ruído atrapalhava as comunicações internas.

Pelo visor, vi os homens de Rebelo atirarem-se ao solo ao primeiro tiro, mas ela passou por eles, e certeira – com sua dose de sorte – caiu na trilha do inimigo que fugia, que se vendo debaixo de fogo pesado, acabaram por abandonar todo seu material, só pensando em escapar. Tudo que lhes atrapalhava a corrida foi deixado para trás!

Só fiz mais um tiro corrigido ligeiramente e deixei a tarefa restante para os infantes, que bateram o inimigo sem dificuldades.

Haviam certamente em Cuba, neste instante, algumas famílias em suas mesas de natal, pensando nos filhos ou maridos distantes sem saberem que os mesmos estavam caindo às nossas balas, defendendo o imperialismo russo que os escravizava…

O rádio me comunicava os bons resultados dos tiros, fiquei tentando

a dar outros mas o grupo de Rebelo já estava na "zona de morte", e não arrisquei em feri-los. Abri a escotilha e assomando por ela esperei pelo fim do combate, já apenas travado por tiros esporádicos. Logo, no alto da estrada retornavam os regulares, sorridentes, com equipamentos cubanos dependurados aos ombros e vários quepis verde oliva, que segundo eles ficaram presos num grande espinheiro, justamente por onde os assustados cubanos tiveram a infelicidade de fugir!

Ali no Onzo, na minha posição, pela primeira vez o inimigo se fizera presente ao combate, sem tentar "empurrar-nos" antes com armamento pesado. Dera-se mal, pois ali também pela primeira vez se lutou sem recuar automaticamente ao avanço do adversário. Estava determinado a acabar com a ridícula frente elástica e agora, com força para isto, estávamos conseguindo. Já não éramos apenas eu, Morteirete e Farinha a enfrentar o embate inimigo…

- "Que viessem lutar corpo a corpo!", desafiávamos.

Não viriam, e voltando à covarde tática do "empurra", que sua fonte inesgotável de abastecimento garantia com farta munição, passaram a bombardear ininterruptamente nosso acampamento, onde, a partir do dia de natal, não mais se andou com o tronco ereto – curvados, correndo de abrigo em abrigo, realizávamos as tarefas diárias, e até cozinhávamos debaixo do tiro de barragem, que metódico e certeiro tentava nos intimidar.

Disciplinados, todos acatavam a ordem de não responderem ao fogo inutilmente, pois deveríamos estar sendo observados para a determinação de alvos e correção de tiro. As explosões se sucediam e ninguém quebrava o silêncio no acampamento, apenas o inimigo que continuava sem referências mais exatas, pois não nos delatávamos.

Passava a maior parte do dia no meu posto de combate sentado na pequena banqueta giratória, observando pelos visores. Sentia-me seguro, pois o míssil 122 era uma arma anti-pessoal, não faria grandes danos à Panhard 90, a não ser nos pneus. Mas o ruído dos mísseis mudara, não conseguíamos identificar o que estava sendo usado para nos atacar, até que um dia, após assobiar sobre nós, o projétil não detonou.

Contra as mais elementares regras de segurança, que nunca seguíamos, trouxeram-me a granada, desenterrada do parapeito de uma trincheira. Reconhecemos de imediato a munição e a arma: tratava-se de um B-10, canhão anti-carro, demonstrando que o objetivo dos cubanos era destruir a Panhard 90, através de um tiro curvo que pontilhava à minha volta, e que se tocasse no blindado o transformaria num monte de sucata! Mas a infantaria por sua vez passou a ficar mais tranqüila, pois a munição de carga ôca do B-10, terrível para o carro, poucos estilhaços lançava à sua

volta, atuando na base de um jorro de fogo concentrado.

Neste período, entre Natal e o fim de ano, uma Organização que creio ser a Cruz Vermelha Internacional tentou chegar até nós, trazendo como presente, queijos, doces, conservas, num gesto que me tocou realmente. Mas infelizmente, alguns quilômetros antes de nosso acampamento, o grupo estancou ao ouvir o rotineiro bombardeio que sofríamos. Entregaram os presentes a alguns regulares que encontraram e trataram de retornar, muito sàbiamente, à segurança o mais depressa possível.

Apesar dos desvios ainda tivemos em nossas "festas" um bom queijo suíço e outras raridades, além do QG em Ambriz me enviar uma garrafa de Porto e duas de champagne, "dádivas do céu" num tempo que tudo que contivesse álcool era bebido, inclusive loções após barba!

Tentado a consumi-las sòzinho, a solidariedade falou mais alto, e todos que se reuniram ao redor da Panhard 90 na última noite do ano, tomaram um gole de cada garrafa que passaram de mão em mão, inclusive de beberrões incorrigíveis, que se limitaram estoicamente a dar apenas uma "bicada" e entregá-la ao companheiro seguinte. Depois fomos dormir, metidos em nossas tocas ou camas de galhos, junto com nossos "sonhos impossíveis" que foram o tema da conversa: banho quente, mulheres, roupas finas, colchão, cerveja, pão…

Era incrível a fixação por pão, um desejo unânime, citado como se fosse caviar ou qualquer outra especialidade exótica!

Acordamos em 1976 debaixo de tal chuva de tiros que me senti na frente russa! Apelando talvez para o sentido social do primeiro dia do ano, os cubanos tentavam nos desmoralizar, estragando-nos qualquer possível festa, com um bombardeio cerrado do alvorecer ao pôr do sol.

Permanecemos paralisados o dia inteiro, e entre as detonações se ouviam as chamadas de "leão, leão", do "pacaça" Cuba (raio de nome), até que o mandei calar a boca. Às dezesseis horas mais ou menos, fui alvejado – moralmente – em cheio; alguém batia à porta do blindado, abri, e Cuba, o poeta que quase alvejara a tiro, me oferecia uma caneca de chocolate quente da ração, meu primeiro alimento do dia, que ele confeccionara debaixo de fogo e tivera a delicadeza de se lembrar que o pessoal da Panhard, por dever de não abandonar a mais importante arma de defesa do acampamento, não pudera preparar qualquer comida… Pois é, "vergonhas" que se passam e que humildemente não devemos esconder… Obrigado, poeta duma figa!

Através de binóculos víamos os observadores cubanos a se agitarem, mas nenhum tiro partia de nossas posições. O inimigo estava inquieto, já realizara um enorme esforço na reconstrução da passagem da ponte dos Libongos, destruída pelos zairenses, e agora queria nos expulsar do Onzo,

para que pudessem preparar o caminho de seus blindados e avançar contra Ambriz, vencendo praticamente a guerra.

Mas nem os maciços bombardeios nos faziam mover um centímetro sequer, e os acessores russos trataram de buscar outra saída, mudar a frente de batalha, pois representávamos um obstáculo ao qual os cubanos se recusavam a atacar diretamente.

O outro caminho era nada menos que por Negage, a grande base aérea, e Carmona, a capital política da República Democrática de Angola! Atacando por estas frentes que teoricamente deveriam ser mais fortes que a nossa, procurariam nos envolver num bolsão, repetindo as táticas usadas em larga escala na segunda guerra mundial, no front russo. Sem entrarem em confronto conosco, nos deixariam em delicadíssima situação, cercados.

No dia 4, uma ordem do QG me chama à Ambriz com urgência. A caminho, no próprio Land Rover que me veio buscar, fico sabendo das más novas: Carmona caíra sem disparar um tiro! Tanques pesados encabeçavam a coluna inimiga que no dia anterior tomara Negage, de um ELNA desmoralizado que corria à sua frente.

O poderosamente equipado exército cuja passagem bloqueávamos no Onzo, despejara-se por um caminho perigoso, a zona mais habitada da FNLA, com carros de combate T-34, T-54, transportadores blindados de grande capacidade, canhões e foguetes, num total de mais de 150 veículos. Um aparato bélico impressionante que se tornava até ridículo em face da realidade: apenas um ou outro abnegado "herói" se lhes interpunha, isolado, lançando um tiro de bazooka ou morteirada, antes de empreender a fuga.

Os tanques passeavam, empurrando e deixando para trás, metidos no mato, os soldados do acéfalo exército de Holden que nestas cidades só se preocupavam com o bem estar próprio, esquecidos da guerra, morando nas casas dos brancos, com bebedeiras e mulheres, posto que na única frente estávamos sempre nós, segurando o inimigo e sofrendo seus ataques.

Os cubanos não sofreram nenhuma baixa numa estirada que nos ameaçava as costas, se partissem para Nambuangongo, e este fôra o principal motivo por que havia sido chamado.

Na casa que servia de QG aos comandos encontrei-me com um desconhecido, fardado, falando inglês – tratava-se de "Callan", o nome usado pelo grego Costas, contratado por Holden, e que daria à nossa guerra idealista, um aspecto mercenário, amplamente divulgado nos jornais de todo mundo.

Sempre pressionado contra nós, Holden pensava em substituir-nos por mercenários ingleses e americanos, cuja chefia entregaria à Callan, que exigia a patente de "coronel"… na verdade tratava-se de um ex-cabo do

Exército inglês, um bom soldado para a luta, mas não para comandar, como demonstraria. Estava nervoso, fugira de Carmona, onde fora surpreendido pelos tanques russos a passarem pelas ruas!

Recebo a notícia que Nambuangongo também caiu! Vamos ser cercados se permanecermos no Onzo, agora uma posição inútil. Mas o inimigo tem pela frente um terreno montanhoso em estradas de terra, e diminui seu ímpeto, com medo de alguma surpresa tipo "mina-emboscada", ideal para aquela zona.

Coletando informações trazidas pelos fugitivos e reconhecimentos aéreos, vamos tentando determinar os próximos passos do inimigo. Permaneço dois dias num Ambriz agitado, cheio de deserções, há um clima de desastre pairando no ar. O iate pertencente ao ELNA desaparece com desertores à bordo, numa aventura que os levará até o Gabão, após serem socorridos em alto mar por um barco israelense.

No dia 6 decide-se pela minha retirada do Onzo até o cruzamento Ambriz-Nambuangongo-Ambrizete, servindo de tampão enquanto a população civil e militar de Ambriz será evacuada para Ambrizete!

A perda de Carmona e agora a entrega de Ambriz, é um fato que nos indica um final de guerra próximo, uma rápida derrota militar se algum aliado do Ocidente não nos ajudar.

Num jeep escoltado pela Panhard 60, volto ao Onzo para ordenar a retirada. Como sempre continuam debaixo de fogo, e tenho que abandonar meu veículo e se aproximar com a "60", e depois à pé, aos lances, correndo e me jogando na vala ao lado do asfalto.

Ligeiramente escoriado, entro finalmente acelerado, acampamento adentro, e das trincheiras o pessoal me saúda, desconhecendo a situação atual da guerra. Salto para o fundo de um abrigo e conferencio com Rebelo e os outros comandantes de Companhia. Sairemos em silêncio, tentando retardar ao máximo esta informação ao inimigo. Devido ao ruído do motor e para precaver contra uma possível aparição de algum blindado a fustigar os retirantes, a Panhard 90 sairá somente quando todos estiverem fora das posições.

Rebelo também fica com o jeep da 12.7 para minha proteção, e um a um vão esvaziando os abrigos, os combatentes se embrenhando pela mata lateral e saindo mais acima na estrada, onde os caminhões Mercedes os esperam. Era triste ver os soldados abandonando aquela posição que defendíamos a todo custo, mas agora urgia escapar ao cerco, encontrariam-nos pela frente, não pelas costas, como pretendiam!

Nunca havíamos feito fogo contra os observadores inimigos por nós assinalados, para não denunciarmos as reais posições das armas, mas agora

era diferente: uma vez os infantes fora de perigo, volatizei com um tiro do canhão 90, a árvore onde se instalavam os espias, no alto da encosta, enquanto que a 12.7 estraçalhava a vegetação ao redor. O bombardeio que sofríamos, aumentou, mas já não nos assustava, estávamos de saída.

A nova posição era difícil de manter, terreno plano e limpo, e avancei algumas centenas de metros pela estrada de Nambuangongo, e lá camuflei a Panhard 90 e o canhão sem recuo 106, únicas armas em condições de lutar contra os T-34 e T-54. O restante do pessoal ficou no próprio cruzamento, sua presença era inútil contra a vanguarda da coluna inimiga.

No dia seguinte, outra notícia alarmante; os cubanos que paralisaram seu avanço em Nambuangongo – o cerco tornara-se impossível com o nosso deslocamento – avançavam na estrada de Toto e isso queria dizer um bolsão maior ainda, pois sairiam em Ambrizete, ao norte de Ambriz e para onde a população desta última estava sendo evacuada.

Fechava-se um semi-círculo de aço e dentro estaria praticamente toda a tropa do ELNA, com o mar pelas costas…

Seria uma corrida contra o relógio, se não nos apressássemos ficaríamos presos neste novo abraço mortal. Um avião informou-nos que havia homens, blindados e tratores no Onzo, tentando juntar o entulho da explosão e construir uma passagem pelo leito do rio, colhendo-nos sob dois fogos se conseguissem.

O QG ordenou que permanecêssemos no cruzamento, porquanto no dia seguinte seríamos deslocados para o Ambrizete e o inimigo não teria tempo de nos apanhar. Mas não concordei com isto, e ordenei à Panhard 60 e ao jeep com a metralhadora 12.7 que me escoltassem num ataque relâmpago à ponte, para causar baixas e retardar o serviço de reconstrução.

Um dos condutores insubordinou-se, contrapondo a ação e dizendo ser a mesma um suicídio; da torre da Panhard, pronto para a partida, indignei-me com ele, um homem em quem depositava confiança e saquei da pistola para obrigá-lo a cumprir minhas ordens. Não podia deixar que o exemplo se alastrasse ou tudo estaria perdido, com a dissolução do único grupo coeso ainda em operação.

A tripulação empurrou-o para dentro, ao seu posto, e ele acionou o motor, demonstrando que iria em frente sem criar mais problemas. Fôra, como explicou mais tarde, um desabafo impensado, mas o momento não era para tal. Manteria a disciplina à custa de fusilamento se necessário; tinha autoridade para isso e a usaria, embora a condenação, se o fatos o permitissem, seria dada por um conselho de comandantes, e não por mim isolado.

Seguimos em velocidade máxima pela estrada – a Panhard alcança

os 90 Km/h – direto ao inimigo.

Quando o alvo entrou no raio do canhão, deixei o jeep para trás e progredimos com os dois blindados. Conhecendo o terreno, foi simples plotar nosso antigo acampamento, e em rápida operação, bombardeei o local, com o municiador se esforçando na alimentação da culatra de tal maneira que, somente com um canhão conseguimos ter uma granada explodindo, duas no ar e outra saindo, numa saraivada que fazia o inimigo julgar-se debaixo de um ataque em escala maior.

Um avião do ELNA nos acompanhou, e pelo rádio comunicava que os cubanos abandonavam as posições, tanto a infantaria como os blindados, que possuíam poder suficientes para agüentar-se no terreno e nos reduzir à pó. O golpe dera certo, tão cedo não voltariam ao trabalho e eu poderia dormir tranqüilo, enquanto que o inimigo teria que pensar em criar postos avançados para sua proteção.

Esquecera-me de fechar a escotilha, e uma dor aguda no ouvido direito atacou-me por alguns dias, acompanhada de uma razoável surdez, que só me deixou meses mais tarde, devido aos estampidos ecoando dentro da cabine metálica.

Dia 8 de Janeiro de 1976 - Ambriz deserta, via sair o último Land Rover dos comandos, que teriam a função de guardar a ponte da fazenda Loge, fazendo-a explodir assim que todos os retardatários que viessem de Nambuangongo passassem para o norte. Na estrada principal, a ponte Freitas Morna seria destruída imediatamente após a passagem do meu grupo.

No cruzamento, deixamos escritas no asfalto, com tinta branca, mensagens aos cubanos, prometendo voltar a nos encontrar; depois cruzamos o rio Loge e por volta das 13:00h, quando foram acionadas as cargas de TNT, a mais comprida ponte que encontrara até então em Angola virou um amontoado de cascalho no leito raso e largo do Loge.

Numa enorme coluna de veículos, o maltrapilho e maltratado ELNA seguiu para Ambrizete; encabeçava-a minha Panhard 90, visto que não sabíamos se encontraríamos uma cidade amiga ou uma posição recém tomada pelos tanques cubanos.

No meio da tarde, sentado sobre a escotilha, Farinha me aponta a cidade, já visível uns cinco quilômetros adiante. Um "frio" passa de súbito pelo meu estômago: algumas nuvens de fumo erguem-se das casas. Já estaremos cercados?

Levanto a mão direita e o longo comboio se detém. O jeep do major Alves Cardoso avança para saber o que se passa. Por alguns momentos observamos a fumaça e resolvemos continuar, não se trata nada de anormal aparentemente.

Entramos pela cidade provocando o entusiasmo da desinformada população, com os blindados e os veículos de Rebelo confundindo o povo, que otimista pensa se tratar de uma contra-ofensiva em direção a Carmona. Logo ficam sabendo que o que viam era o que restava do Exército de Libertação Nacional de Angola e que se não apressassem, nem teriam tempo de abandonar suas casas, pois o inimigo já percorrera uns 400 quilômetros em uma semana...

No bairro central, coloquei meus veículos enfileirados na calçado de um hotel, onde nos acomodamos. Ainda haviam várias famílias brancas por ali, pela primeira vez a guerra chegava realmente até eles, e o desespero e confusão eram grandes.

Enquanto deixava os homens descansando e se banhando, aproveitando o pouco de civilização que encontravam, fui com Rebelo procurar um lugar propício à defesa. A estrada que vinha do Toto saía uns dois quilômetros antes da ponte do rio M'Brigde, e após esta trataríamos de criar um novo Onzo. Subindo à pé pelo terreno montanhoso, escalando grandes pedras, procurávamos visualizar a posição. Dado momento entreolhamo-nos surpresos: suávamos e estávamos quase desmaiando pelo pequeno esforço realizado, só agora dando conta da nossa desnutrição.

A ponte, menos comprida que a Freitas Mornas, era porém mais alta e maciça, uma grande obra de engenharia que seria preciso deitar abaixo quando todos passassem para o norte. Voltei à Ambrizete e com um Cessna 176 sobrevoei a zona, confeccionando outro mapa para a orientação de tiro.

Chegando ao hotel, mal saltei do Land Rover uma cena me chamou a atenção: contrariando minhas ordens, a Panhard 90 estava literalmente coberta de garotada nativa e soldados, numa verdadeira algazarra, tagarelando e comendo amendoins, cujas cascas se espalhavam por todo lado. Deixara Farinha cuidando dela, e chamei-lhe a atenção, fazendo com que todos saíssem imediatamente dalí.

- Muito bem seu Farinha, isto é coisa que se permita?

Ao que respondeu o fiel municiador:

- Hoje é o dia de meu aniversário, faço 40 anos e estávamos comemorando...

Que fazer depois disto? Deixei-os à vontade, embora pedindo um pouco mais de cuidado, pois com o canhão permanentemente municiado, podiam provocar um acidente grave...

Detivemo-nos no hotel por três dias, em que aproveitei para lavar minha roupa e a barba e cabelos que há mais de seis meses não cortava, deixando-me com um aspecto "hippie", não fossem os acessórios militares.

Aliás, o grupo parecia um bando de apóstolos, alguns com os cabelos a tocarem as espáduas.

No dia 11, Toto caiu, como se adivinhava, sem luta. Já lá estivera em viagem de inspeção, e não encontrei nenhuma preparação para a defesa, embora o terreno montanhoso isto favorecesse, mesmo contra os tanques, ou melhor dizendo, principalmente contra tanques.

Foi convocada uma reunião com todos os comandantes do ELNA, e os dez ou quinze chefes presentes discutiram durante uma hora as medidas a tomar. Mas de todos os presentes, somente o major e eu podíamos precisar o que tínhamos em mãos em matéria de elementos para a luta, e acabou prevalecendo a decisão de Alves Cardoso. Tão logo saímos da reunião, já noite, os civis e militares começaram a ser evacuados para o norte do rio M'Bridge, a pé; o combustível estava se tornando precioso e os veículos não podiam ficar realizando várias viagens.

Quanto a mim, já acostumado a ser "saco de pancadas" para proteger as fugas, sabia o que fazer. Com a Panhard 90 e o canhão 106, seguimos para a estrada de Toto, camuflando-nos e esperando conseguir agüentar com aquela frente, enquanto se processava a evacuação.

O pessoal que ficara no Loge explodiu a pequena ponte e juntou-se aos outros. Segundo informações aéreas, o inimigo estava progredindo rapidamente, disposto a fechar o cerco desta vez.

Não pude dormir, olhos atentos na estrada. Em Ambrizete, destruía-se tudo que pudesse servir ao inimigo; o gerador de luz da cidade foi deixado funcionando, sem o óleo no motor, para que fundisse. No aeroporto, não havia modo de retirar o Cessna 180 e um helicóptero Alouette III, o único piloto presente era eu, e minha missão no momento era sem dúvida mais importante que as aeronaves. O capitão Valdemar, auxiliado por dois comandos, espalhou gasolina e as incendiou. Depois, na foz do M'Brigde, onde havia uma ligação para uma estrada secundária ao norte, mas sem ponte, destruiu-se a balsa, com dois tiros de bazooka, afundando-a.

Nisto foi consumido quase todo o dia 12, e eu esperava, algo nervoso, o embate com os tanques inimigos que podiam surgir a qualquer momento. A lenta evacuação a pé arrastava-se às minhas costas, gente que contava comigo e o 106 para sobreviver, e eu sabia que não podíamos errar o primeiro tiro, o que nos denunciaria ou seríamos esmagados. Tinha certeza também, que se destruísse um carro inimigo apenas, os cubanos recuariam e procurariam nos empurrar através dos mísseis, bem os conhecíamos...

Eram cerca de 17:00h quando Ambrizete ficou totalmente abandonada, e fui surpreendido pelo major, que seguiu até nós, com o jeep em alta velocidade, gritando para que saíssemos dali rapidamente, o avião

avisara que os tanques estavam à nossa frente e tínhamos a chance de escapar para o norte antes que se explodisse a ponte.

Ordenei ao 106 que levantasse acampamento e sumisse, enquanto eu o protegia - não por "heroísmo", e sim por obrigação, pois o canhão era montado num jeep, totalmente vulnerável. Logo foi minha vez, e com a torre virada para trás, recuei. Cheguei à estrada asfaltada, girei à direita e dois quilômetros adiante cruzei o rio, com indisfarsável alívio.

Safara-me por pouco, porquanto ouviam-se o som de metralhadoras pesadas dos blindados russos, ceifando tudo à sua frente, no ponto onde saíra momentos antes, no asfalto. Não fora tão simples como no Onzo escapar deste cerco, desta vez fôra por minutos, e não por dias. Se seguisse neste passo, na próxima teríamos encrenca na certa.

Tomei minha nova posição atrás de uma barreira de terra levantada às pressas por um pequeno trator, e ao olhar para a ponte assustei-me com sua detonação, que não esperava sem que avisassem. Um jorro de fogo, compacto, ergueu-se como uma muralha, e as duas metades da maciça ponte se abateram com estrondo, ficando de pé a coluna central, como no Onzo.

Podíamos respirar agora, anões assustados que pela segunda vez escapavam à garra de aço de um gigantesco inimigo. Este, mais uma vez, só encontrava silêncio à sua frente, e um outro obstáculo a impedir-lhe os passos. Sem a força dos monstruosos T-54 eles não avançavam um metro sequer, pois na luta homem a homem éramos temidos pelos cubanos, que combatiam sem um ideal, por isto, sem a tenacidade com que os enfrentávamos.

Não entraram em Ambrizete, bombardeando-a durante a noite com mísseis, e somente durante o dia seguinte se aventuraram, ocupando a cidade e seguindo para Ambriz, na vã esperança de nos encontrar num beco sem saída.

Tratei de arrumar a nova casa da melhor maneira possível, uma vez que novamente estava no comando operacional da Frente Norte, sendo que o Q.G. se instalou em Tomboco, uma vila de porte médio, algumas dezenas de quilômetros à retaguarda.

Coloquei a 90 e o 106 em posição de tiro paralelo, à direita da ponte, enquanto que a 60 e as duas antiaéreas 12.7 ficavam do lado oposto da estrada, mais elevado, facilitando seu trabalho anti-infantaria e protegidos dos carros de combate. A VTT posicionou-se atrás de todos, com o único fito de ajudar numa retirada. À dois quilômetros da ponte foi assentado o morteiro 120, em segurança, para ter condições de fazer um bom tiro orientado por nós pelo rádio.

Estávamos envolvidos por morros, às costas e à direita, e aí, no ponto mais alto, foram colocados três comandos com um rádio e um morteiro 60, em situação de visualizar a estrada de Ambrizete e avisar quando da progressão inimiga.

O major Alves Cardoso, que resolvera jogar mais claro ainda com Holden, diante da situação crítica, pediu-lhe por escrito e com urgência providências sem as quais se podia dar por terminada a guerra; entre elas a reorganização dos militares espalhados e sem chefes, que deveriam ser concentrados e treinados física e moralmente em regime intensivo, garantia logística, principalmente em munições e alimentos para o pessoal da frente, um comando centralizado e observações aéreas freqüentes, regulares.

Mas estávamos "caindo em desgraça" com Holden Roberto, que por incrível que pareça, não enxergava que éramos apenas nós, um bando de portugueses e uma centena de africanos chefiados por brancos que estavam segurando com unhas e dentes o que restava de sua República Democrática.

Sua esperança eram os mercenários ingleses, que só empanariam a luta com lances criminosos em seu curto aparecimento em Angola. Estavam sendo recrutados em Londres principalmente e concentrados em Santo Antônio do Zaire, quase duzentos quilômetros à nossa retaguarda, longe da luta mas cercados de jornalistas e "brincando de maus", tentando imitar os tempos do Congo Belga e entrar na história militar. Entrariam, mas como símbolo de fracasso - seriam praticamente dizimados em seus primeiros confrontos.

Os cubanos não se fizeram esperar em nossa nova posição. Confiantes, após seu longo passeio, conquistando as duas "capitais" inimigas, e não sabendo que agora éramos nós que teriam novamente pela frente, vieram inspecionar a ponte do M'Bridge, com um grande transportador blindado escoltando um jeep, também russo, com os comandantes da vanguarda cubana.

- Pedro, o rádio, rápido!

Farinha me chamava para dentro da Panhard. Respondi ao chamado, eram os homens do morro que comunicavam, eufóricos, que um blindado e um jeep vinham pela estrada, em nossa direção.

Gritei ao pessoal que tomasse posição, e o 106 trocou sua munição anti-pessoal por uma anti-carro. Quanto à 90, já estava preparada, e dei ordem que aguardassem meu primeiro tiro e abrissem fogo também, inclusive com os morteiros.

Com o olho colado ao visor de tiro, que me mostrava um trecho de apenas 100 metros antes da ponte devido à curva, ia ouvindo as mensagens-rádio, que me deixavam ao par da aproximação do inimigo. Ao receber o

aviso de que entraram na curva, preparai-me para recebê-los.

Em boa velocidade o transportador blindado apareceu, e em seu bojo aberto, pude ver os capacetes verdes dos soldados cubanos; abri fogo à menos de trezentos metros e o 106 me imitou, mas angustiado não pude ver o resultado do tiro, uma grande nuvem de poeira erguera-se à minha frente com o disparo, devido ao parapeito de terra que me protegia não ter sido molhado com antecedência.

Corrigi o tiro um pouco mais além, e o pessoal do rádio avisava que o blindado girara sobre si mesmo e caíra pelo barranco à sua direita. O pequeno morteiro 60 do morro fez fogo contra o jeep, pois podiam corrigir o tiro visualmente. A Panhard 60 entrou no combate com seu morteiro e duas metralhadoras, mas o veículo blindado inimigo, protegido pelo barranco, saiu aos trambolhões pela vegetação, e os comandantes que iam no jeep, sob fogo, abandonaram-no, saltando para o outro veículo que escapava.

A nuvem de poeira, mais tênue, permitiu-me fazer um tiro por entre as árvores, tentando pega-los pela lateral, onde a blindagem era menos espessa que a frontal, uma verdadeira muralha de aço.

A concentração de nosso fogo fez com que recuassem sem poder se aproximarem do jeep, e Rebelo, o mais rápido que pode, atravessou o rio, com alguns homens em uma precária canoa, enquanto que eu mandava alongar o tiro para protege-los. O veículo foi capturado e em seu interior haviam cartas para serem enviadas à Cuba, de grande valor para informações. Nos bancos encontraram o "ideal" que empurrava o inimigo para a luta: meio quilo de maconha e cantis com uísque. Boas pistolas russas e algum equipamento também foram largados pelos chefões comunistas, apressados em salvar a pele.

As cartas me foram entregues e as abri, em busca de elementos que nos pudessem ser úteis, eram de dois oficiais e dez soldados, mal escritas e notadamente de gente humilde e de pouca instrução; entreguei-as depois a um comissário político do ELNA que por lá apareceu.

O jeep foi levado até a ponte, e o despedaçaram nas rochas abaixo, no rio, garantindo sua inutilização com um tiro de bazooka.

No dia seguinte voltamos à velha rotina: os bombardeios, mais uma vez tentando nos empurrar para poderem trabalhar na ponte. Mas desta vez havia dois fatores contra nós que me preocupavam seriamente; a outra saída de Ambrizete - a da Balsa - poderia ser cruzada com blindados anfíbios que nos pegariam depois pelas costas. A ponte derrubada no M'Bridge, situava-se num corte muito profundo do terreno, e duvidava que os técnicos resolvessem tentar algo por ali.

O segundo fator foi uma surpresa desagradável, um poderoso canhão

que desconhecíamos foi usado contra nós, sem chance de defesa, num tiro certeiro e demolidor. Começara a atingir os morros à retaguarda e depois foi descendo, em direção aos blindados. Sem dúvida havia observadores corrigindo-o, pois também para o sul haviam morros, que facilitavam ao inimigo.

- Pedro, se a VTT não sair dali, vai ser atingida!

O capitão Valdemar, 2º comandante do grupo de Alves Cardoso alertava para o perigo que igualmente me preocupava. Reuni-me com Rebelo e o próprio Valdemar, e de comum acordo resolvemos abandonar aquela posição e ocupar dois cruzamentos 20 quilômetros atrás, um nesta mesma estrada, outro na secundária, que fôra ligada pela balsa. Estes dois pontos eram unidos por uma estrada, de uns 40 quilômetros, formando um grande quadrado: o Rio M'Brigde, as duas vias paralelas e a última citada.

Assim, fora do alcance do fogo inimigo, controlávamos as duas saídas de Ambrizete, eliminando o risco de sermos envolvidos.

Seguimos pela estrada asfaltada até o cruzamento, denominado "casa da telha", e ali deixei sob o comando do tenente Osório, o 106, uma 12.7, o morteiro 120 e a VTT, com a proteção de comandos e regulares de Rebelo.

Com o pessoal restante e o próprio Rebelo, a 90, a 60 e uma 12.7, rumei para a outra posição, de onde saía a estrada para Santo Antônio do Zaire (Sazaire), covil dos mercenários ingleses. Escolhi esta estrada por crer que serviria de escoamento ao avanço inimigo, porquanto os trabalhos para a passagem seriam mais simples que na ponte destruída.

Em meio do caminho que ligava as duas posições, deixei um operador rádio, para servir de intermediário entre nossa comunicação, truncada devido a distância. Manteríamos as margens do rio em observação, bombardeando-as ao menor sinal de atividade de reconstrução, com um sistema de deslocamento de pontos de fogo, evitando sermos plotados e atingidos.

Embora nosso recuo estratégico não tivesse agradado ao Q.G., acabaram por admitir que era o melhor a fazer, e um memorando para Holden Roberto que me passou pelas mãos explicava claramente os objetivos de tal.

... "nossas atuais posições:

I - Na casa de telha - cruzamento situado a 17 km da ponte.

II - No cruzamento da estrada direta Ambrizete (jangada - Sazaire resultou dum profundo estudo (sic) quanto à possibilidade de montar uma defensiva tanto quanto possível eficiente, em termos de retardarmos ao máximo, senão mesmo paralisar, a ofensiva inimiga em direção ao Norte; para tal, contribuíram os seguintes fatores:

1 - Efetivos muito reduzidos, que não podem ser sujeitos a qualquer

espécie de dispersão.

2 - Desgaste físico e psicológico a que este pessoal vem sendo sujeito desde a ponte do Onzo, sempre o mesmo a manter o contato e a confrontação direta com o inimigo.

3 - Meios de fogo que não nos permitem resposta adequada e constante, em confrontação direta com o inimigo.

4 - A existência de duas vias de penetração que saem do Ambrizete em direção ao Norte e cujo controle e defesa só podem ser assegurados através de uma conjugação de esforços, entre as forças que defendem cada uma das vias, motivo por que se considerou conveniente manter entre uma e outra a menor distância possível.

5 - Apesar da não existência de meios rápidos, as posições da zona da ponte e na zona da jangada tem sido mantidas debaixo de apertado controle, quer através de observação aérea quer através de patrulhas que diariamente são lançadas até essas posições.

Os resultados práticos deste dispositivo tático estão bem patentes no fato de o inimigo não ter até agora sequer dado início a quaisquer trabalho, tanto na ponte como na jangada, que lhe permitam passar para o Norte com os meios de fogo necessários para a continuação da ofensiva. Depois de (a coluna blindada) ter percorrido cerca de 500 km sem encontrar resistência, foi pelo menos temporariamente barrada pelas nossas forças, que, apesar de seus reduzidos meios de fogo e grande desgaste físico e moral, continua a manter-se nas suas posições e a cumprir da melhor maneira as diretivas superiormente definidas"....

Um belo relatório, feito no conforto e segurança de Tomboco.

Com nosso sistema, copiando a ação relâmpago que fizera contra o Onzo, passamos a fustigar Ambrizete, avançado e alternando tiros de 90 e morteiro 120, e cujos resultados os informantes nos traziam: mortos e feridos, e num golpe de sorte, a destruição do próprio Q.G. dos cubanos, que perderam vários oficiais.

As poucas tentativas que o inimigo fez em acercar-se das passagens do rio para trabalhar foram desbaratadas com o morteiro 120, e até o jeep com canhão sem recuo, desguarnecido, chegou às margens do M'Bridge para alvejar a cidade.

Os cubanos deixaram de aparecer novamente, mas novos perigos se apresentavam para nós: a confirmada presença de navios russos capazes de desembarcar carros de combate numa praia qualquer, pesqueiros espiões, e pior ainda, outra nova tentativa de cerco, desta vez por Maquela do Zombo.

Para lá pretendia-se enviar Callan e seus homens, pois já era tempo de fazerem algo mais que se deixarem fotografar pela imprensa

sensacionalista.

No cruzamento havia algumas palhoças abandonadas e uma aldeia habitada cerca de um quilometro de nós, e que nos vendia galinhas e um ou outro cabrito, além de ter contratado um pescador que nos abastecia regularmente. O alferes Esteves, com sua infinita paciência, saía pelas aldeias próximas negociando víveres com os nativos, trabalho de longe mais complicado que negociar na Bolsa de Valores.

Partindo de Tomboco, um Land Rover com uma equipe chefiada por um caçador profissional nos enviava carne de caça, desde javali até elefante, embora o trivial fosse a pacaça, espécie de "boi-cavalo" ou gnú, encontrados em grandes manadas. Na pesca, predominava o tubarão, recusado pelos nativos, mas que comíamos de bom grado, e também após limpa-lo, Esteves distribuía aos africanos como "corvina".

Até vinho o Q.G. nos enviou e estávamos começando a recuperar um pouco dos quilos perdidos até então. Um ancião me trazia pelas manhãs uma cabaça contendo uns cinco litros de seiva de palmeira (malufo), que dependendo do tempo de fermentação podia ser tomada como refresco ou como uma bebida alcoólica fortíssima. Para colhe-la era preciso cortar o topo da palmeira, onde se colocava uma cabaça para receber a seiva, ou então derrubava-se a planta inteira, cavando um buraco no tronco caído, que se enchia do líquido durante umas 12 horas. Para cada colheita, uma palmeira era morta.

Com a Panhard estrategicamente colocada, passava as noites deitado em sua torre, enrolado em um cobertor, para me defender do forte cacimbo (sereno) e pronto para saltar ao meu posto de combate, enquanto que a tripulação, Farinha e Simões, dormiam no chão, ao lado do veículo, em camas improvisadas.

Construíram uma mesa rústica para que o meu staff fizesse suas refeições mais à vontade, com um pouco de normalidade. Quanto à mim, passava a maior parte do dia deitado, pesava pouco mais de 40 quilos, e qualquer esforço me fatigava. Nas proximidades, além da praia havia um rio, onde o pessoal ia se banhar aos turnos, com exceção minha, que não podia abandonar a Panhard, deixando o acampamento a mercê dos tanques inimigos. Voluntário, instrui o alferes Esteves no manejo do canhão 90, e ele tomou meu lugar na única vez em uns 20 dias que tive a tranqüilidade e o prazer de mergulhar e me lavar.

O local do banho distava uns três quilômetros, e todos os dias um caminhão Mercedes levava um grupo para lá, onde ficavam por uma hora, mais ou menos. Mas os africanos começara a desprezar este conforto de uma hora para outra, sem que eu atinasse a razão, havia algo, mas não

diziam, meio envergonhados. Jamal, um ex-flecha, moçambicano, e que viera conosco da Rhodésia, me contou o que se passava indignado, e embora concordando com ele, não pude conter o riso. O motorista do caminhão, um português de uns 40 anos, grandalhão e meio desajeitado, que ultimamente andava obcecado por sexo, perseguindo as nativas na aldeia, fizera-lhe propostas e aos seus companheiros, e diante das recusas, insistia oferecendo dinheiro, irritando com sua persistência os "banhistas", que ainda por cima o surpreenderam se masturbando, dentro da cabina do caminhão, enquanto os observava se despirem!!!

Raios o partam, um tarado no acampamento!

Chamei-o, contemplei-o com uma lição de moral que fez Farinha cair na gargalhada, diante da insólita cena, e o liberei para ir - à pé - à aldeia todas as noites. Que se virasse por lá, e se arranjasse confusão, não teria nosso apoio. Com um novo condutor, Godinho, as coisas se normalizaram, e os banhos puderam continuar em "ambiente rigorosamente familiar"...

Diariamente cruzavam por nós africanos, levando e trazendo informações a nós e ao inimigo, num vai-e-vem que eu permitia, pois se os impedisse, passariam de qualquer maneira, pelo mato, sem serem vistos, e me tornaria antipático, fazendo com que favorecessem os cubanos.

Mas um dia apareceu um tipo mais perigoso, agitador. Sentou-se à nossa mesa e lá ficou sem ser incomodado durante toda a tarde, apesar de estranho - coisas de guerra em África... Na hora do jantar perguntei quem era o sujeito e ninguém soube responder, perguntei-lhe pessoalmente e ele disse que estava ali para comer, que tinha direito, estava na sua terra, e outras frases ensaiadas. Mandei-o cair fora, e o africano pretendeu encetar um discurso em voz alta, saltei-lhe para cima e surpreendentemente, com minha fraqueza fraturei-lhe o maxilar.

Uns cinco comandos dominaram-no, enquanto ele gritava o que sem dúvida lhe haviam instruído: "irmãos negros, os brancos estão me matando!", etc, etc, tentando provocar um incidente racial, sempre delicados e verdadeiros estopins para grandes problemas. Mas o nosso relacionamento entre raças sempre fôra impecável, pelo menos no grupo comandos / Rebelo, e o agitador acabou sendo espancado pelos próprios "irmãos negros".

Mandei que o revistassem, e encontraram duas identidades da FNLA, com sua foto, mas com nomes diferentes. Já sem dúvidas e como era noite, ordenei que o atassem, pés e mãos, e o prendessem pelo pescoço ao jeep, onde ficou até o dia seguinte, sob guarda, amanhecendo com o rosto inchado como um bola. Um caminhão levou-o para Tomboco e o entregou para a Policia Militar. Fôra a primeira vez que usara de violência contra um prisioneiro, não me senti bem com isso, mas talvez tenha evitado um mal

maior. Por sorte não estávamos entre os zairenses, pois então a história teria sido diferente, sem sombra de dúvidas.

Como num pequeno quartel, pequenos problemas... Já estávamos reduzidos a uns 26 brancos e 90 africanos, divididos nas duas frentes... Um português chamado Barata, e se portando como tal, fora me enviado como motorista de caminhão. Provavelmente um marginal, começou a criar problemas disciplinares, tentando se impor perante os africanos, já que era desprezado no convívio dos outros portugueses. Expulsei-o do grupo, e naqueles tempos isto era uma sentença pesada, pois não havia outro modo de sobrevivência para um branco senão como militar. Sumiu em direção ao norte e dele não tive mais notícias. Foi outro fato isolado que também não tornaria a acontecer.

A minha atividade do momento era atirar em todo barco que surgisse no horizonte, e à noite, com o Panhard na areia da praia, fazia fogo de máximo alcance contra vários rumos onde se viam luzes ou reflexos, lembrando ao inimigo que estávamos atentos à um desembarque. O resto era "burocracia", pois todo nativo que quisesse se deslocar de uma aldeia para outra, tinha que levar um passe assinado por mim, para livre trânsito em nossa área de ação, o que me dava a oportunidade de ouvir explicações incríveis dos espertos africanos. O morteiro 120 passou a castigar Ambrizete diariamente, escoltado pelo VTT, e rebocado pelo jeep com a metralhadora 12.7. Estas ordens vinham de Tomboco, e embora não colocasse entraves ao seu cumprimento pelo grupo comandado pelo Osório, também não mais participava com a 90, deixando por conta do tenente aceitar ou não a missão. O motivo da minha recusa era que uma regra básica, elementar, estava sendo quebrada, a repetição da base de fogo. Era como um ladrão assaltar todo dia na mesma esquina e à mesma hora. Acaba sendo pego, é claro.

Numas destas missões, o jeep e a VTT, ao chegar ao descampado a 6 quilômetros de Ambrizete, toparam com um grupo cubano, calmamente descansando no capinzal, após terem plantado várias minas anti-carro na estrada.

O metralhador da 12.7 que vinha atrás da VTT abriu fogo primeiro que esta, colhendo o inimigo com os mortíferos projéteis explosivos, enquanto que a VTT era sacudida por violenta explosão, acionara uma mina que lhe destroçara a frente, ferindo alguns de seus ocupantes. O jeep desviou-se para o capinzal, onde não corria perigo e saiu atrás dos restantes cubanos, que estupidamente corriam em direção ao próprio acampamento, logo à frente e ocupado por uns 50 homens.

O jeep com a terrível 12.7 pegou-os desorganizados, fugindo semi-despidos pelo meio do matagal, pois os uniformes secavam, após terem se

molhado na travessia do rio.

O veículo, impedido de continuar pelas árvores não avançou, sabiamente, pela estrada, havia a ameaça de mais minas. Chegando ao local, atraído pelo fogo, trouxera a 90 e a 60, batendo a área por alguns instantes e entrando no acampamento já ocupado. Os cubanos haviam construído cabanas, onde abandonaram grande quantidade de minas, equipamentos, armas espalhadas por todo lado, muita maconha, charuto, dinheiro, e provavelmente quase toda a roupa que possuíam, porquanto ajuntamos um impressionante monte de vestimentas diversas. Os uniformes fizeram sucesso, principalmente os chapéus camuflados, com mosquiteiros em suas abas, um conforto para os "muchachos", que resolvemos aproveitar, agradecidos à Fidel pela gentileza.

Esperávamos a qualquer momento um contra-ataque com mísseis e canhão, e nos apressamos em rebocar a VTT. Mas a maldita sorte falhou, e a Panhard 60 ao entrar na estrada detonou outra mina, apesar de ter sido feita a picagem pela infantaria.

Mais um ferido e outro blindado perdido, não iria me arriscar mais, nem deixá-los para o inimigo: com uma bazooka, Farinha atingiu a VTT e eu a 60, incendiando-as e retornando à nossa posição. Os charutos "Havana" haviam ficado amargos demais.

Logo a seguir recebemos outra 60, recuperada com peças de vários outros blindados sucateados, e cujo motor, funcionando sofrivelmente, não era confiável.

O ataque de mísseis não viera simplesmente porque em Ambrizete não se sabia o que estava passando, as dezenas de cubanos que foram desbaratados, sem armas e sem roupa, deixaram-se ficar na mata durante 8 dias, só depois aparecendo na vila, segundo nossos informantes; sem dúvidas foram motivo de chacotas, apesar das baixas sofridas.

Um grupo misto, de angolanos e zairenses veio ocupar uma posição próxima ao local das minas, para atuar como proteção aos blindados. Era uma espécie de pelotão correcional, composto da escória do ELNA e do Exército do Zaire. Mal chegaram começaram os atritos conosco, desde a alimentação - que tínhamos que dividir com eles, que sempre se julgavam prejudicados na partilha - até nas deserções, diárias.

Quanto à comida, os marginais fartaram-se de comer tubarão por "corvina", graças aos artifícios do Esteves, que mandava retalhar as postas. Já nas deserções, tínhamos que atuar como PMs, desarmando-os e entregando à Tomboco, atados, o que provocava confrontações armadas, chegando ao ponto de eu intervir, com a escolta da metralhadora antiaérea, dentro do próprio acampamento deles, capturando quatro elementos que se

recusavam a ser amarrados e avisando que os próximos seriam fuzilados sem contemplação. Quem quase o foi, no momento, fui eu próprio, sentindo a tensão crescer aos limites máximos, cercado pelos indisciplinados homens do pelotão de castigo, mas tendo acima de mim, no jeep, a 12.7, capaz de destroça-los e cujo operador só esperava um gesto meu, de antemão combinado e que felizmente não foi preciso, pois eles estavam sendo punidos exatamente por serem covardes e não reagiram.

O mesmo tratamento preparei aos mercenários ingleses, que Callan avisou que enviaria ao meu acampamento, para se inteirarem da situação da Frente.

Caso tentassem se impor como vinham fazendo na retaguarda, abriríamos fogo sem mais conversas, mas até nós veio apenas um, portando-se de maneira militar, limitando-se a pedir informações.

O tempo passava e nossa situação tornava-se perigosa, os navios-espiões russos movimentavam-se, e uma noite fomos sobrevoados à grande altura por aviões de caça, provavelmente Migs, vindo da direção do Congo-Brazaville. Estava chegando a hora, o avanço por Maquela do Zombo também paralisara devido a pontes dinamitadas, e a única solução era um desembarque de pesados, após o M'Bridge.

O Q.G. avisou que deveríamos recuar em caso do inimigo avançar com carros de combate, uma ordem de caráter humanitário, pois seríamos esmagados se tentássemos resistir à tal desigual confronto. Já não valia a pena o esforço, o Mundo Ocidental virara-nos as costas, calando-se diante das conquistas russas pela força em África, dominando a rota alternativa do petróleo, desde Guiné-Cabo Verde, passando por Angola e Moçambique. Todo o trajeto que um navio teria que percorrer, partindo dos países árabes, em caso de obstrução do canal de Suez, facílimo em caso de guerra.

Os acontecimentos se precipitavam, o ELNA, além do inimigo, debatia-se em problemas internos, com Callan criando problemas graves que repercutiam mundialmente, provocando a repulsa de vários países e organismos. Num recrutamento em que se escondia a verdadeira situação da luta, chegaram em Angola uma centena de ingleses e americanos, ávidos para "terminar de ganhar a guerra contra selvagens armados de lanças" mas se defrontaram com um verdadeiro apocalipse; haviam sido lançados num inferno!

Alguns se amotinaram e Callan fuzilou 14 deles, após ter feito que circulassem um atrás do outro, somente de cuecas e correndo. O primeiro foi morto por Callan com um tiro de pistola, quando tentou contestar, o restante foi sendo derrubado como num tiro ao alvo, enquanto corriam em círculo. Foram precisos tiros de misericórdia em quase todos, pois

agonizavam com ferimentos no ventre e pernas. Empilhados, foram queimados com gasolina.

No dia 3 de Fevereiro, dois acontecimentos marcavam o início do fim: a captura do chefe dos mercenários - a esperança de Holden - e concretamente, o ataque às nossas posições. O inimigo finalmente colocara pelo menos 11 pesados T-54 na margem norte do rio.

Callan deixou-se colher pela explosão de um caminhão de munições cubano, em Quibocolo, durante uma emboscada. A tremenda detonação desencadeada por um tiro de bazooka, fez desaparecer o veículo mas atingiu o autor do disparo, o mercenário, que acabou sendo pego sem oferecer resistência numa cabana próxima. Seria mais tarde julgado e fusilado em Luanda.

COMBATE DE TANQUES

Aproveitando-se de uma curva do rio M'Bridge, os cubanos aproximaram-se ainda na margem sul, da posição da casa "casa da telha" e a bombardearam pelo flanco esquerdo. Recebendo o informe pelo rádio, dirigi-me para lá com a 90, mas chegando ao local verifiquei tratar-se provavelmente de um truque, atraindo nossa atenção para o lado errado. Como não havia perigo de contato direto com o inimigo, deixei-os e voltei ao meu acampamento.

Quase no fim da tarde, estava eu deitado, fui alertado por um matraquear grave de metralhadoras pesadas. Saltando para a Panhard, dei sinal à 60 que arrancasse à minha frente - seu poder de fogo contra a infantaria era maior à curta distância e sua área de visão também, servindo de batedor ao meu veículo.

Logo encontramos os homens do pelotão de castigo fugindo, e interrogados disseram ter avistado tanques já por volta das 15:00h. Eram 16:30h. Não nos comunicaram nada pelo rádio, limitando-se a debandar.

Ordenei à 60 que recuasse, os carros de combate eram serviço para mim, e pedi que comunicassem Rebelo, teriam que se retirar enquanto eu agüentava o embate, tentando retarda-los, ou seriam mortos ou capturados sem chance alguma. Pedi também que preparassem minas, caso eu conseguisse paralisa-los e recuasse.

Pela descrição, sabia o que encontraria pela frente. O zairense dissera "tanques com lagartas", não havia engano, não eram os frágeis blindados anfíbios. Em matéria de armamento, o canhão da Panhard era tão poderoso como os do inimigo, mas sobre rodas, o condutor devia ser avisado de cada tiro, para que parasse o veículos e debreasse, ou teríamos panes nas

transmissões do motor.

Ajeitei a boina vermelha na cabeça, Farinha empunhou sua FN por vias de dúvidas, e ambos, com o tronco a sair pelas escotilhas individuais, deixamo-nos levar em frente por Simões "pequeno", o condutor.

Sentia intensamente o sabor da cavalaria, a carga, o embate, a glória de caminhar ao encontro da morte, de enfrenta-la. Era meu dever e o cumpriria, retardar a coluna e se conseguisse, ser o último a recuar, dando proteção à nossa coluna de surrados companheiros à caminho da última etapa de sofrimento, era impossível continuar, encostavam-nos ao Zaire, na fronteira, sob a indiferença de uma civilização que queríamos defender.

Pensando em honra e glória fui surpreendido pelo grito de Simões:

- Eles já estão aqui!

Mesmo ali, à frente, a uns trezentos metros, deparamos com um monstruoso T-54, verde escuro, sinistro, um gigante que fazia a Panhard parecer um brinquedo. Não os esperava tão cedo, acreditava que estivessem perto do descampado e no meu pensamento imaginava vê-los ainda ao longe, ter tempo para um combate mais equiparado.

Mas estavam defronte mim, 8 tanques russos com equipagem cubana, longamente treinados para o combate em carros. Para enfrenta-los, uma frágil Panhard, veículo originariamente construído para missões de observação, tripulada por um condutor - o único treinado, um municiador que tinha a profissão de polícia e um atirador-chefe de carro que era piloto de aviões.

Dois inimigos frente à frente, duas reações rápidas e decisivas, entre a vida e a morte. O cubano ao invés de canhonear-me lançou uma rajada de metralhadora pesada, suficiente para perfurar a Panhard. Farinha, antes de se jogar para dentro atirou-lhe, por instinto, com a inócua FN, lançando-a fora em seguida. Quanto à mim, mal cai em meu assento, o olho tocou no visor e o Deus Marte me sorriu - de antemão havia regulado para curta distância e o inimigo enquadrara-se na mira, por conta própria. Nem toquei no interruptor elétrico e pedal, minha mão bateu quase com raiva contra a alavanca manual, e a resposta ao cubano era dada, fulminante. O estrondo, o cheiro de pólvora, a cápsula caindo vazia, o pequeno blindado empinando-se e a onda de euforia, de prazer, que só quem combateu com blindados, com a Cavalaria, pode sentir: atingira em cheio, bem no centro do T-54 que explodia numa nuvem de fumo e fogo, incendiando-se.

Ainda instintivamente, meu dedo tocou o botão da metralhadora MAG 7.62, mas não foi preciso - nenhum tripulante saltou para fora da tumba de aço.

Agora veríamos se minha teoria estava certa, derrubando o primeiro,

os outros não avançarão. Pelo menos momentaneamente estava errado... O tanque que vinha atrás do primeiro atravessou pelo fumo e o vi surgir, com fogo a jorrar de seu canhão.

Enquadrei-o com a dificuldade, girando a torre rapidamente, pois a Panhard manobrava no estreito caminho para recuar; atirei. Nada aconteceu. Elétrico, manual, emergência, freneticamente acionava tudo, mas o tiro não saia. Olhei para o lado, na escura cabine, e o municiador, senhor Farinha estava entretido a observar o combate pelo seu visor, esquecendo-se de remuniciar o canhão, que estava vazio.

- Farinhaaa! Seu cão! Outra, rápido, porra!

Os tanques se aproximavam, mas só o da frente atirava pois felizmente a estreita estrada e as árvores não permitiam que se desdobrassem, pulverizando-me.

Farinha, meio atrapalhado , colocava outro projétil, enquanto eu o "animava".

- Não adianta ficar nervoso, já estamos f.. mesmo, o negócio é manter a calma e pelo menos dar trabalho a eles. Já me julgava meio-morto, seria questão de segundos.

Mas os tiros do cubano, talvez mais nervoso ainda, passavam por nós e eu respondia-lhe, também errando, porque ao mesmo tempo chutava o ombro do Simões, compreensivelmente apavorado depois do choque de Quifangondo, e que tentava abandonar o carro, deixando-nos à mercê dos tanques. O condutor gritava e chorava, mas consegui que manobrasse a Panhard, que com a torre virada para trás podia atirar em movimento. A cada tiro meu, Simões dava gritos de verdadeiro pavor, crendo-se atingido, devido à explosão e ao solavanco.

Pelo rádio, ordenava a evacuação e o recuo da 60 e do jeep com a 12.7, que com Rebelo, sem se importar com sua fragilidade, avançavam para me apoiar.

Ao chegar no acampamento, o pessoal ainda subia nos caminhões, e tomei posição para protege-los. O tanque que me perseguia desistiu, quando recebeu uma traçante-perfurante ao seu lado, que eu, com o carro parado, lhe enviava, corrigindo a pontaria. A minha teoria, depois do susto afinal estava certa, os sete blindados restantes não seguiram em frente, a nuvem de fumo negro do T-54 atingido aumentava, cremando seus companheiros e servindo-lhes de exemplo.

A casa da Telha deveria também ser atacada por 3 tanques, que por uma trilha antiga tentaram chegar até lá e depois nos encurralar. Mas não contavam com problemas que o terreno oferecia, e se atrasaram para minha sorte. Ordenei a retirada na posição às pressas, e fugimos para Tomboco.

Aí também não pretendia ficar, pois era um verdadeiro túmulo, facilmente envolvível de vários lados, e sem nenhum valor militar.

O comandante Tonta, que era o maior graduado do ELNA nesta cidade, completamente embriagado, voltou com um Land Rover à noite, perto da casa da Telha, onde se encontravam os cubanos, para apanhar um morteiro lá deixado, atrasando toda a retirada, pois ninguém também ficaria em Tomboco sem nossa proteção. O capitão Valdemar foi junto, por dever com a FNLA, pois ali comandava substituindo o major Alves Cardoso, que se encontrava em Kinshasa e não mais retornaria à Angola.

A guerra estava completamente perdida, nada de feitos heróicos. Coloquei meu pessoal pronto para partir e não para resistir. Iríamos se possível direto à fronteira, recusava-me a lutar para prolongar uma carnificina inútil, e deixei isto bem claro.

Tivemos que abandonar a Panhard 60, cujo motor avariara de vez, e a deixamos estacionada em frente à igreja, com a torre virada para a entrada da cidade. O chefe do veículo, que se esforçara para me ajudar no combate à pouco travado, tudo fizera suplantando um terrível paludismo que o atacara dias antes, e o mantinha quase prostrado. Era Azevedo, o único que escapara da Panhard 60 comandada por Oliveira, na batalha de Quifangondo; continuavam a serem os mesmos poucos abnegados a fazerem a guerra, sempre agüentando com o embate enquanto os outros fugiam em segurança.

Tomboco, para minha um pouco sádica satisfação, parecia um galinheiro assaltado por raposas, um corre-corre tremendo numa demonstração de energia incomum nos "bon vivant" da retaguarda.

"Tremei Roma, que os ossos de meus legionários não mais embranquecerão em vão nos poeirentos caminhos de África."

O FIM

Noite escura, um forte aguaceiro a inundar tudo, e os veículos fugindo, carregados de civis, militares e material, diretos rumo ao Zaire. A estrada de terra transformara-se num lodaçal, e nós, dos últimos a passarem - mas não o último desta vez - deslizávamos em sua superfície com a pesada 90. Estávamos um pouco isolados dos outros veículos devido ao perigo de abalroamento, pois os freios de nada serviam naquela lama, e com as escotilhas abertas e o peito para fora, conversava com Farinha, debaixo da chuva que amainara, deixando que ela batesse no meu rosto de "ressuscitado", após a última batalha... Era bom sentir a natureza.

Algo mais quase bate também em nossa cara: ao passar pelas palhoças, uma garrafa zuniu diante de nós, arremessada com força e vontade, à coberto da escuridão, por algum simpatizante do MPLA, que já colocava

as garras de fora.

Pensamos de imediato em revidar, metralhando tudo, mas de que serviriam estas mortes, nada mudariam. Havíamos vindo para Angola a fim de ajuda-la em sua transição da época colonial para a precoce mas inevitável independência, sem que fosse subjugada pela URSS, urso voraz que nunca perdia a oportunidade de devorar as recém criadas nações. Não viemos para matar, viemos para combater um inimigo. Nem nos sentíamos moralmente, mercenários, embora estivéssemos recebendo dinheiro para lutar. Não éramos marginais satisfazendo nossas taras contra a sociedade.

- Segue em frente Simões, deixa para lá.

De tanto em tanto, um africano pedia carona, e logo estávamos fechados dentro da cabine, com a torre coberta de soldados, sobrecarregando a Panhard e transformando em árdua tarefa a missão do condutor, que se superava para manter o veículo na estrada, às vezes girando em torno de si mesmo devido ao piso liso como sabão.

A noite toda seguimos em frente, e pela manhã, após cruzarmos um rio, sua ponte foi destruída. Partimos dali para M'Pala, um ex-quartel português à 60 quilômetros da fronteira com o Zaire, mas Morteirete quis ficar na ponte destruída com seu morteiro, revivendo o sonho do Onzo. Expliquei-lhe que isto já não tinha sentido, ninguém nos ajudaria, e tanto aquela posição como M'Pala eram plausíveis de serem cercadas, não merecíamos cair prisioneiros ou morrer no fim de uma guerra em que havíamos cumprido com o nosso dever.

Mas o rapaz estava irredutível e lá ficou, embora a solidão pesasse e ele se juntasse à nós novamente, uma semana depois, não sem deixar de fazer um pequeno bombardeio antes de abandonar sua posição.

Em M'Pala aguardavam-nos más notícias, haviam pressões no Zaire para que não nos deixassem entrar em seu território...

O golpe final, a punhalada pelas costas. Queriam nos empurrar para o combate de qualquer maneira, guerra terminada significa o fim de ajuda monetária e mordomias. Os mercenários nos contataram, acerca de Tomboco, "abandonado sem luta" e para lá rumaram, a fim de ocupar uma posição inútil e indefensável. Resultado: dizimados pelos tanques russos, mesmo antes de bronzearem pelo sol africano seus rosados rostos de europeus sonhadores com batalhas épicas... Os caminhões em que seguiam foram mandados pelos ares por canhonaços, num tranqüilo tiro ao alvo, eliminando os mercenários que em sua maioria intervinham pela primeira vez na luta.

Falei com Rebelo, e separamos nossos carros para a estrada de Nóqui, saindo do quartel, amotinados, se assim o julgarem. Três homens de minha confiança foram até a fronteira, observar pontos que me interessavam, barcos

no porto, base aérea e tropas estacionadas (zairenses).

Iríamos para o Zaire quer esse país nos aceitasse ou não. Tomar de assalto um barco ficou fora de cogitação, pois seríamos facilmente interceptados na foz do Congo, tanto pelos zairenses como pelos cubanos. Quanto aos aviões, os de grande porte não usavam com freqüência a base próxima à Matadi, a primeira cidade após a fronteira.

Decidimos que entraríamos pela fronteira terrestre com a Panhard 90 na frente, protegida por uma 12.7, os veículos restantes, e a outra 12.7 fechando o comboio rebelde, que seguiria à toda velocidade para a capital, Kinshasa, onde invadiríamos uma certa embaixada, pedindo um irrecusável asilo. Eram cerca de 300 quilômetros a percorrer, mas sabíamos que os completaríamos antes que houvesse reação dos nossos amplamente conhecidos militares zairenses.

Não havia nada a perder, e escaparíamos por um lado muito mais fraco que a muralha de tanques que pouco a pouco se acercava. Dei a entender o que pretendíamos a um emissário que veio da capital, e somado ao fim precoce dos cinematográficos guerreiros ingleses, resolveram por bem nos receber.

Viajamos para Nóqui e ali passamos a noite num quartel. Ao tomar um banho de chuveiro - que luxo! - descobri no meu pé, cujas botas não descalçava há algum tempo (sempre dormíamos calçados), uma "matacanha", espécie de bicho-do-pé, que cavara um considerável buraco na carne, sem que eu me desse conta. A arte africana cuidou de extrai-la com um palito, e o orifício foi preenchido com cinzas...

Poderíamos entrar no Zaire em trajes civis, desarmados e a pé. Ônibus nos esperariam do outro lado para nos levar até Kinshasa. Um tanto indigesto, visto as antigas rixas, mas que fazer? Tentaríamos... Por perto, na fronteira, ficariam nossos companheiros africanos, armados, só se dissolvendo quando o inimigo chegasse.

A despedida me tocou, pegando-me desprevenido. Trajando civil, mas com o cinturão e pistola, recebo o apresentar armas dos comados especiais, africanos, em formatura.

Ordeno "descansar", e rígidos, ouvem minhas emocionadas palavras de despedida. Entrego minha arma à um companheiro africano, e simbolicamente, neste ato nosso grupo deixava de lutar, acabara-se a guerra civil no norte de Angola.

Às 10:30h do dia 11 de Fevereiro de 1976, deixamos uma República Democrática que agonizava, pisando o solo zairense.

O imperialismo russo dera mais um passo em direção à escravidão do homem. Vietnan, Moçambique, Angola..., a lista ia aumentando. Lembrei-me das proféticas palavras de Marcelo Caetano, ao defender a presença dos soldados portugueses em África: "... a Europa está a ser cercada...

defendemos em África não uma civilização, mas a própria Civilização..." Naquela luta inglória, também defendera o Brasil. Compreenderiam isso um dia meus conterrâneos, sem me chamarem de mercenário?

Sem nos causarem problemas, e com a surpresa de ser cumprimentado na fronteira por militares zairenses que comigo estiveram em Quifangondo, viajamos para Kinshasa onde ficamos hospedados no hotel Le Fleuve.

Cabelo, barba e bigode cortados, sentia-me mais jovem, estranhando as roupas leves, a ausência do peso da arma na cintura, que às vezes me sobressaltava, como se tivesse esquecido ou perdido algo importante. No próprio hotel recebemos os meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro, tocando-me uma considerável quantia de cédulas de 100 dólares.

Encontrei-me com Nelson, companheiro da Rhodésia e Quifangondo, que viera antes, doente. Estava entusiasmado com uma nova "ofensiva" que os mercenários ingleses remanescentes prometiam, e seguiu com eles, morrendo na mesma semana, junto com os outros aventureiros.

Um encontro mais interessante foi com uma brasileira, companhia agradável nos 4 dias que lá passei. No Intercontinental hotel, J.C., que estivera conosco em Ambriz, contata-me a pedido do Coronel Santos e Castro, que gostaria de falar comigo em Madrid, onde se encontrava. Tenho uma passagem para Lisboa, com escala na capital espanhola, e aproveitarei para me comunicar com ele.

Alves Cardoso por sua vez virá para o Brasil, Rio de Janeiro. Pretendendo ficar, virão outros, como o capitão Valdemar, Simões "comprido", Ferreira, etc; acostumados com África, não queriam retornar à Portugal e o Brasil teoricamente para eles, era uma espécie de Angola.

Antes de partir anoto o endereço dos melhores homens, para manter o contato e junta-los novamente, se possível. Rebelo, que não pertencia aos comandos e sim ao ELNA propriamente dito, recebe apenas uma bonificação, uma ingratidão do Holden, a quem o bravo comandante havia, durante os primeiros conflitos em Luanda, entregue um caminhão carregado de armas, capturadas ao Exército Português, num valor de milhares de dólares...

No dia 15 de fevereiro embarco no jato da Ibéria, que me levará de volta à Europa. Junto comigo, um grupo de cinco ou seis companheiros, com destino à Lisboa, e entre eles, Morteirete, menor de idade, guerreiro veterano, sem nenhum documento, pois nunca os teve. Tentará a sorte, não passávamos pelo controle em Kinshasa, o problema seria na Espanha. Iria à Portugal e conseguiria, apesar de ficar retido durante a noite no aeroporto de Barrajas. A conexão para Lisboa se faria no dia seguinte, e sem Morteirete, o carro da Ibéria nos levou até o hotel de trânsito, através da fria noite que fazia nosso corpo estranhar a brusca mudança.

Cap. V

NA GUERRA DE INFORMAÇÕES

Deixei-me ficar mergulhado na banheira. Com alguns milhares de dólares, na Europa, sem ninguém tentando me dar um tiro ... deveras repousante, para o corpo e para a mente.

Mas trazia a revolução portuguesa atravessada na garganta, e não iria me acomodar tão cedo. Contemplando os despidos galhos das árvores, através das embaçadas janelas, telefonei para o Coronel.

Atendeu o capitão Barata, que estava atuando como uma espécie de ajudante de ordens de Santos e Castro. O coronel não estava, mas sabia da minha vinda, e queria falar comigo.

- Amanhã vou à Lisboa, Barata!

- Esqueça, você agora está por conta do coronel, precisamos de ti!

Adiei minha viagem "quase turística "com prazer, afinal logo estaria operacional de novo, e não podia perder oportunidades, principalmente junto a um homem da estirpe de Santos e Castro, que devolvera sua farda e condecorações ao Exército Português, após a famigerada revolução que enodoou as Forças Armadas.

Na manhã seguinte instalei-me no confortável hotel Flórida Norte, a uns 300 metros da Plaza de Espanã e da Gran Via, no coração de Madrid. No bar do Florida, sentei-me com o capitão Barata e Lopes, o velho companheiro de luta, que, encarregado do recrutamento de novos elementos em Portugal, acabara ficando na Europa, com o fim abrupto dos combates.

Esperava minha vez para falar com o coronel, mas este ao me ver interrompeu sua conversa, vindo ao meu encontro. Apesar de ser um militar de "linha dura", dava valor aos seus subordinados, respeitando-os da mesma forma que o era por todos. Queria que eu ficasse em seu "staff"; eu e Lopes seríamos seus homens operacionais, preparados para qualquer eventualidade.

Como piloto, pára-quedista, chefe de carro de combate e comando, me transformara num oficial polivalente, podendo ocupar o mesmo lugar que vários outros de uma só especialidade. Era veterano, passara por guerrilhas e por uma guerra convencional; saltara pelos postos hierárquicos e tinha plena confiança em minha capacidade militar. Eu era, finalmente, o que me propusera ser. O aprendiz de guerreiro já não existia.

Prorroguei indefinidamente meu período de recuperação em Portugal, permanecendo na Espanha "patrocinado" pelo coronel, que por sua vez tinha seus patrocinadores. Que não eram os propalados ELP (Exército de Libertação de Portugal) nem muito menos o MDLP (Movimento

Democrático para a Libertação de Portugal), as duas organizações contra-revolucionárias que nasceram devido ao "entreguismo" do novo governo.

Aos contatos destes, ansiosos para poderem usar a força de seu nome, Santos e Castro respondia com trocas de idéias, conselhos, mas mantendo distância. Ainda estavam "verdes" demais, teriam que crescer e organizar-se melhor, se quisessem sobreviver e produzir algo de concreto.

A primeira semana foi deixada para minha climatização. Nas "Galeria Preciados" e no "Corte Inglês", renovei meu surrado guarda roupa, adaptando-o ao ainda inverno europeu. Em Puerto Cerrado, à poucos quilômetros de Madrid, divertia-me na neve, com tobogãs e esquis, que me faziam permanecer mais tempo na horizontal que na vertical... Passeava longamente pelo grande zoológico e "Parque de Atraciones", e vendo as crianças brincando despreocupadamente, os adultos alegres, pisando o tapete de folhas douradas que caiam secas das árvores, fui aos poucos entrando em forma, ganhando tranqüilidade e peso...

Numa pizzaria italiana, na calle de Los Libreros, onde sempre jantava, reunia-me com os membros da Ordine Nueva, com Walter, ex-capitão dos Panzer de Wehrmacht na II Grande Guerra, que muito tinha de interessante para contar, e outros espanhóis e sul americanos. Cantavam-se hinos e degustavam-se boas pizzas e lasagnas.

O coronel que não se fiava em boatos, queria saber a verdade sobre a situação do povo português, principalmente acerca das infiltrações de técnicos e agitadores profissionais. Partindo em dias diferentes para pontos diferentes, Lopes e eu deveríamos, separadamente, vasculhar Portugal de cima à baixo, colhendo informações.

Embarquei no aeroporto de Barrajas, para Lisboa, num vôo que atrasou meia hora para sair. Teria também, agora, a chance de rever os ex-comandos do ELNA e fazer um "mapa" de suas posições atuais e ocupação, o que poderia ser-me útil. Pensava, já, em organizar as Brigadas Lusíadas, que haveriam de reconquistar pela força, a independência de Portugal.

Já pela parte sentimental, gostaria de reencontrar pessoas que me trataram com amizade, quando dos meus primeiros passos em território africano: os padres de Nampula e outros, que agora se encontravam no norte de Potugal. Iria visita-los, se tudo saísse bem.

Corria o ano de 1976, apenas quatro da minha primeira estada em Portugal. Mas a revolução fizera sua obra, fiquei desolado com o país que agora encontrava.

Que diferença dos bons tempos, severos sim, mas seguros de Marcelo Caetano. Onde estava a ordem, a limpeza exemplar que vira em anos atrás? O que era aquela imundície nas paredes, nas ruas, no metrô? Por quê aquela

multidão de mendigos? Por quê aquela garota bonita, que estudava no Liceu em Moçambique, engraxando sapatos na praça do Rossio para ter que ganhar a vida? Por quê não houve controle na alfândega do aeroporto, por acaso a ninguém interessava se eu trazia uma mala com drogas para semear vícios e destruir jovens? Ou armas? Onde estava a lei e a ordem?

Onde estava, sobretudo, o orgulho de uma nação que mantinha suas colônias em África, firmemente decidida a não deixa-las nas mãos de oportunistas de Leste, e aos poucos, com sacrifícios, ia dando-lhes autonomia e progresso, ganhando uma batalha que as grandes potências haviam perdido por falta de garra, deixando suas posições entregues às lutas tribais e à escravidão marxista...

Contemplei um Portugal doente.

Um povo que se dividia ostensivamente em ex-colonos, sofridos, que tudo haviam perdido, chamados de "retornados", e os que não deixaram o solo europeu, e egoístas, se sentiam prejudicados pelos irmãos que voltavam precisando de casa, comida e trabalho.

Quem vinha da praça dos Restauradores e entrava no Rossio, à direita, na primeira calçada iria encontrar os retornados de Moçambique, às centenas, tomando todo o espaço, em torno de um café ou em grupos, comentando os tempos passados e os magros dias do presente. Mais à frente, no segundo calçadão, os retornados de Angola. Do outro lado da praça, em frente à Confeitaria Suiça, misturavam-se timorenses e outros. Em todos os grupos, a mesma conversa. E a mesma vontade de se rebelar contra aquela situação estúpida. Faltavam líderes e organização suficiente, para terem condições de luta contra os maquiavélicos esquerdistas e suas revoluções pré-fabricadas, modelo padrão, made in URSS.

Faltavam as "Brigadas Lusíadas", para receber estes homens e criar uma nova Pátria.

Comecei minha missão pelo sul, por Faro, passando por Beja e Èvora, nas quais demorei-me bastante. Estava por ali o cancro que fazia Portugal adoecer... Ao mesmo tempo ia contatando ex-comandos das localidades, cujo endereço trazia comigo desde Kinshasa. Preciosa e segura fonte de informações, deixava com eles o número de minha caixa postal em Madrid, que comprara unicamente com este fim.

Animava-os e pedia que permanecessem alertas. O fato de me verem chegando às suas casas, demonstrava que havia algo em marcha, nem tudo estava perdido. Se por um lado cumpria minha missão, colhendo informações, por outro ia solidificando meus planos da Brigada. Nunca gostara de sonhar acordado, haveria de conseguir.

Em um carro alugado, pesquisei, juntamente com Azevedo, (do grupo

blindado), zonas do campo onde se localizavam "fazendas coletivas", comunas que eram verdadeiros ninhos de víboras. Haviam armas de guerra, principalmente G-3, espalhadas pelo sul de Portugal, e notadamente um sem número de granadas.

Se bem que infiltrações cubanas fossem difíceis de detectar devido ao seu tipo, semelhante ao português, o que se via e recebia informações, era sobre a presença de um grande contingente de portugueses, praticamente criados em países socialistas de Leste, atuando de forma aberta na mentalização do povo mais humilde, sustentando-se sem trabalhar, o que constituía um mistério bem fácil de ser elucidado.

À medida que caminhava para o norte, o vermelho se transformava em rosa e acabava desaparecendo já nas proximidades do Porto, berço de grandes tradições de amor à Pátria.

Hospedado no Grande Hotel da Batalha, após contatos valiosíssimos, resolvi visitar meus amigos padres, que viviam nas cercania da velha cidade.

Qual não foi meu espanto e desilusão, quando num meio de evasivas apressadas, os representantes do Senhor na terra fugiam esbaforidos diante da minha presença, visto no mínimo como embaixador plenipotenciário de Satanás em Portugal! Haviam perdido todo aquele entusiasmo por Marcelo Caetano e o Império Português, que de sobra extravasavam. Pensavam em sua própria sobrevivência, entocando-se de medo ao menor sinal de alguém que não estava nas graças do revolucionário governo. Voltei para o Porto, a fim de que saíssem finalmente debaixo de suas camas. Era a hora do terço, pois!

Voltei à Espanha com meu relatório, encontrando Lopes, que me havia precedido por dois dias. Também trouxera informações interessantes.

Mas, à exemplo do acontecido com a contra revolução moçambicana, o ELP e o MDLP se debatiam em intrigas e rivalidades internas, perdendo pouco à pouco suas forças e diluindo outras que por ventura houvessem. Ainda voltei à Portugal, para assistir e fotografar certo comício, e como ponta de lança segui para o sul da Espanha, tratando da segurança de um encontro sigiloso, perto da fronteira. Foi meu último serviço.

Depois de uma conversa com o coronel, que para mim teve o valor de um curso pós graduação, dissolvemo-nos. Despedi do "velho"e fui tratar de meu futuro, pois muito pretendia ainda fazer. E se Angola fora a escola prática, Espanha e Portugal, com os longos monólogos de Santos e Castro, fôra a teoria que me faltava.

Entre dois goles de Àguila Real, resolvi dar um salto ao Brasil, de onde estava ausente há quatro anos. Foi uma decisão repentina, mas acreditei que me faria bem. Comprei uma passagem para o Rio, e pela primeira vez,

em dezenas de viagens aéreas, resolvi num "ímpeto de xenofobia", vir pela Companhia Brasileira. Mal o vôo começou e eu já me arrependera. O péssimo atendimento, a comida à nível de restaurante de 3ª categoria, as aeromoças arrogantes. Pisei no Brasil irritado, mas logo voltei ao normal, no caminho para São Paulo. Em quatro anos o valor do dinheiro mudara bastante, e ficava estupefato aos ver os preços, pois não seguira seu paulatino aumento. A solução foi indo transformando-os mentalmente em dólares ou pesetas, para ter o valor real de cada coisa.

Em São Paulo encontrei E.C., de quem não tinha notícias há muito, já veterano num curso de Direito e com uma filha ao colo. Adaptara-se bem, o "guerreiro part-time"!

Em minha pequena cidade natal, à 190 quilômetros da capital do Estado, a tranqüilidade de estar com a família, e outras pequenas grandes coisas.

E lá mesmo, a surpresa de encontrar, enriquecendo o Corpo Docente da Faculdade de Direito, com uma colaboração semanal, o grande Ministro do Ultramar e ex-governador de Moçambique, Doutor Baltazar Rebelo de Souza, com quem tive a honra de conversar e passei a manter correspondência, para dar-lhe notícias de Moçambique, que realmente amava e sofria com a atual situação da antiga província que governara.

Mas a roda do carro de Marte, Deus da Guerra, não pára.

Recebo cartas de vários pontos, por onde se espalham ex-comandos. Como se escutassem à um apelo, pensam em voltar para a Rhodésia, não estão se adaptando à vida que agora levam, e ainda não se conformaram com a escravidão que sofrem seus países adotivos, Angola e Moçambique. E Rhodésia, que sempre nos acolhera bem, está alí, encostada no bosque enfeitiçado de Samora Machel...

Mal passaram dois meses de minha chegada, e já pensava em voltar à atividade. Alguém tinha que ajudar a libertar aqueles países; por que não nós, outra vez, atuando como catalisadores de legítima revolta de um povo oprimido?

Desta porém, eu queria dar as cartas. Ao meu modo. Queria africanizar minha idéia das "Brigadas Lusíadas".

Há meses que os portugueses refugiados em Rhodésia, tentavam criar com os experientes ex-comandos especiais, grupos de guerrilha que servissem de bola de neve, na avalanche que soterraria Machel e seus lacaios. Faltava um chefe que fosse aceito por todos eles, um tanto rebeldes após os sofrimentos de Angola. Cogitaram meu nome, e não houve opiniões contra. Sofrera com eles, do princípio até o último dia da guerra civil, e nunca me acomodara na retaguarda.

Daí foi um passo para me ver sentado diante da simpática funcionária da South África Airwais, adquirindo meu bilhete para Salisbury. Voltaria à África, desta vez plenamente consciente do que me esperava, e com "know-how" para enfrentar as circunstâncias.

Após cruzar o Atlântico pela quarta vez, desta feita pelo sul e escalar em Johanesburg, cheguei à Salisbury. No rígido controle alfandegário, os turistas que não portassem passagem de volta nem comprovassem possuir suficiente dinheiro para a estadia que se propunham, eram "devolvidos" no mesmo avião. Apesar da minha passagem ser apenas de ida, um telefonema do Special Branch, o serviço secreto rodesiano, bastou para que fosse liberado, com votos de boa "estadia"...

Cap. VI

RESISTÊNCIA MOÇAMBICANA

Rhodésia, o Land Rover da Resistência. O 1º à esquerda é Rui, capturado e fusilado, na extrema direita, Silva, o gordo.

Rhodésia, fazenda de fumo. Começo a disciplinar o 2º grupo da Resistência

Cumprimentando o Cmte. André, logo
após a libertação da Gorongosa.

Trincheira na fazenda do Special Branch. O uniforme é do Exército Rhodesiano e a arma uma RPG russa.

Moçambicana típica

A Resistência atravessa a difícil fronteira Rhodésia - Moçambique

Eleven, Backer avenue, again. Ao chegar à pensão, recebo as boas vindas de Godinho, ex-condutor de pesados do grupo dos comandos e a novidade é que a pensão pertence agora ao Theófilo, ex-agente da DGS que conseguira após dificuldades iniciais, se firmar em Salisbury. E um amigo dos tempos difíceis, que também teve que fugir pela fronteira rhodesiana, na mesma odisséia que tantos outros. Antes de atravessar a pé a divisa dos dois países, incendiou seu carro, para que a Frelimo não o incorporasse às suas mordomias.

Tudo bem, estou "em casa" novamente, e até o Farinha é um dos hóspedes. Agora vamos trabalhar; à guerra senhores!

Repetindo o trabalho de Alves Cardoso em 1975, faço um levantamento de pessoal, ex-comandos ou não, e seleciono-os. Pretendo formar um grupo de guerrilha que entre em Moçambique recrutando elementos da população africana, e então procuraremos criar bases dentro do território agora inimigo. Os papéis se inverteram, Frelimo é o governo e nós os guerrilheiros!

Reunir e equipar militarmente um grupo, mesmo pequeno, custa caro. Passamos a contatar os empresários portugueses, e as contribuições em dinheiro ou material começaram à chegar. Póvoa, ex-comando, conseguiu quase a metade da verba que temos, são mais de US$ 10.000,00 suficiente para o início. Godinho também é o grande "relações públicas", incansável.

Por Rh$ 700, (dólares rodesianos), compramos um Land Rover e com ele passamos à fase final, que seria a aquisição das armas e equipamentos. Para evitar qualquer indiscrição ou movimentos em demasia, reduzo o efetivo ao número de um grupo forte de guerrilha, 8 homens. Desligo os outros, que permanecerão em disponibilidade, mas sem participar dos últimos preparativos.

Em lojas de campismo encontramos mochilas, botas, facas, capas especiais para caçadores; em farmácias adquirimos o indispensável para nossa empresa, desde ataduras, grampos de sutura, injeções anti-hemorrágicas, até soro anti-ofídico. O maciço montanhoso por onde passava a linha fronteiriça, na região de Umtali, local que escolhera para nossa entrada, era infestado de cobras cujo veneno matava em poucos minutos.

Conseguir armas era a tarefa mais difícil e dispendiosa. Teria que escolher entre os tipos civis disponíveis, aqueles que agüentassem um combate, ou pelo menos sustentassem o primeiro embate com o inimigo, de quem conseguiríamos bom armamento.

No meu quarto, na "Coimbra Boarding House", acumulavam-se as mochilas empilhadas, cheias, e as armas no armário. Com o dono da pensão, Theófilo, nenhum problema tínhamos, é claro. O quarto permanecia

trancado, só aberto pelo homem da limpeza, ex-carcereiro da DGS e atual informador do Especial Branch, que ia seguindo ao longe nossa evolução.

Conversara longamente com "Jack", o chefe do S.B., que embora achasse minha idéia boa, indo de encontro inclusive com outra que ele tinha, foi sincero ao afirmar que nada conseguiria com os portugueses, ao seu ver "heróis de bar", muita bravata e pouca ação. Expliquei-lhe que eram homens já com experiência em guerra, com bons serviços prestados em Angola.

"Jack", cujas mãos pararam de tremer após o primeiro copo de cerveja com conhaque, pediu a terceira rodada, sorriu e disse que ficaria a ver-nos, duvidava que eu chegasse ao menos, à organização completa do grupo.

Pois veria, assegurei, tomando minha Black Label, a mais forte cerveja rhodesiana.

E ele estava recebendo seus informes agora. Nosso "arsenal" se completava. Três Remington. 22 com silenciador e mira telescópica, que seriam usadas para a abertura de emboscadas, desorientando o inimigo, uma Winchester 33, uma Lee Enfield 303, uma Hornet, uma pistola Beretta 9mm e uma pistola Colt 32 para mim.

Biltong, a carne seca rhodesiana era a base de nossa alimentação, enriquecida com vitaminas e proteínas em cápsulas. Um binóculo, uma bússola, mapas e uma máquina fotográfica completava nosso equipamento. Num bosque dos arredores de Salisbury foram afinadas as pontarias das Remington; um amigo rodou 400 cópias de um panfleto, escrito por mim, explicando quem éramos, o que pretendíamos e o que deveriam fazer para ajudar-nos. Pensando no nome que deveríamos receber, veio-me a idéia de Resistência, que completei finalmente com Resistência Moçambicana.

Nascia ali hoje a poderosa e mundialmente conhecida Renamo.

Nada faltava, marquei o dia da partida e designei os relações públicas que atuariam na retaguarda, através de informes e propaganda. Estávamos prontos.

- Telefone para ti:

- Diga!

- "Jack" quer falar contigo, e quer que lhe apresente o grupo. Vamos te ajudar... Esteja na esquina da Mofatt com a Jameson hoje às 14:00h.

A velha raposa esperara até o último instante, e finalmente convencera-se que eu não blefara! Mas quem telefonara em seu nome falava português correto, e "Jack" não tinha acessores portugueses...

Não sabia até onde chegava o serviço de informações da Frelimo, e embora tivesse certeza que este era fraquíssimo, resolvi me precaver.

Compareci ao encontro, coberto à distância por dois elementos de

meu grupo, preparados para alguma surpresa. Anotariam a matrícula do carro que me apanhasse e suas características, seguindo-o de longe com o Land Rover.

Na hora marcada surgiu Renault R-16, dirigido por um indivíduo um tanto quanto gordo, cabelos escuros, e embora alto, tinha o fenótipo latino, aparentando uns 45 anos. Com o motor funcionando, apresentou-se e subi ao veículo. Tratava-se de Peter, um rodesiano nato que vivera muitos anos na fronteira com Moçambique, falando português sem nenhum sotaque. Sempre alegre, simpático, tornou-se um elemento precioso nas relações do grupo com o Special Branch, até a sua morte, meses depois.

Lá atrás o Land Rover arrancou, seguindo-nos à distância, num trajeto que nos levou ao Beverly Rocks Motel, bem afastado da cidade. Numa mesa protegida por guarda-sol, no bem tratado relvado, "Jack" me esperava, com seus inseparáveis conhaque e cerveja.

Pediu-me um descrição detalhada dos nossos progressos e propósitos, à que ouviu pacientemente por uns dez minutos.

- Well, principiou ele com sua voz pausada... "o que tenho a oferecer - e lhe aconselho a aceitar - visto que em seu plano a audácia entra a maior porcentagem de responsabilidade pelo sucesso, é o seguinte: pela insegurança de seu armamento civil, dou em troca Kalachinikovs, granadas, RPG-2 ou 7, minas, todo o explosivo que necessitarem, de origem comunista."

Estiquei-me na cadeira com a atenção dobrada, deixando a cerveja esquentar no copo. AK-47, Kalachinikovs, era a arma que mais desejávamos para ações contundentes e rápidas. Continuei a ouvir, sem nada dizer.

- Vocês não tem uma base, e cria-la em território inimigo leva tempo e muita resistência física, que os brancos não possuem; dou-lhes uma fazenda, com sede, instalações completas, inclusive com piscina, à 5 quilômetros da fronteira, um ex-motel abandonado por causa da guerra."

Comecei a desconfiar de tanta generosidade.

- Dou ainda treinamento adicional, comida, transporte. Que pensas?

- Bem até agora, tudo ótimo. E o que daremos em troca?

A resposta de Jack foi sem rodeios:

- A libertação do Campo de prisioneiros da Gorongosa. Aos outros lhes comunicará quando estiverem todos concentrados na fazenda; terão o direito de aceitar ou não. Realizarão uma missão difícil, mas que será boa tanto para nós como para vocês, aumentado-lhes o efetivo e podendo combater melhor a Frelimo, nosso inimigo comum.

- Não preciso pensar nisto, à princípio aceito, Jack.

Um aperto de mão e retornei à cidade, recebendo instruções de Peter

para a apresentação do pessoal à Jack no dia seguinte, numa das saídas de Salisbury.

Meus companheiros, sentados em meu quarto, ouviram as novidades. Tive dificuldade de convencer a todos, pois alguns não queriam se comprometer com o governo rodesiano, fazer algo só "lusíada", voltado única e exclusivamente para Moçambique.

Lembrei-lhes que a própria Frelimo sobrevivera porque suas bases principais eram na Tanzânia, a FNLA no Zaire, o MPLA na Zâmbia, a UNITA na Namíbia. Não podíamos prescindir da ajuda do governo ou ficaríamos entre dois fogos. O argumento das AK-47 foi porém decisivo. Os veteranos não resistiram à tentação de trocar seu heterogêneo armamento por aquela máquina de fazer guerra. Conservaríamos porém as Remington, usando-as como previsto.

O encontro do pessoal com Jack foi curto mas de impressão favorável. Apesar dos resmungos, pedi-lhes que fizessem ou aparassem as barbas, cortassem o cabelo, coisas indispensáveis à visão inglesa do chefe do SB... Tudo combinado, partiremos às 04:30h, máximo sigilo, nada de despedidas ou bebedeiras comemorativas. Dormir cedo é minha ordem.

Reúno-me com um colaborador e delego-lhe autoridade para receber correspondência em meu nome e responde-la, como Delegado da Resistência Moçambicana em Salisbury. Que aliás se transformara em Resistência Nacional Moçambicana, idéia do Special Branch, e que poria no ar uma rádio pirata, a "Voz de Moçambique Livre".

Toda notícia relativa à combates e progressos da Resistência seria divulgada na imprensa falada e escrita; o mundo deveria saber que a reação contra a escravidão começara no jovem País africano banhado pelo Índico.

À hora marcada, somos recolhidos por dois Land Rovers do S.B. Vou no da frente, dirigido por Mike, um agente dos mais operacionais que conheci. Tinha gosto pela aventura, e aventuras era o que não lhe faltavam. Só lamentava não poder participar da nossa missão.

Eu ainda não sabia o local exato da fazenda, só seu nome, para mim desconhecido. Dirigimo-nos para o sul, sempre bordejando a fronteira, por boas estradas asfaltadas, mas desertas. Por ali, os civis só trafegavam em comboios protegidos. Subindo sempre, o clima tornava-se frio e úmido. Transpúnhamos belas florestas, e não raro, bandos de macacos cruzavam a nossa frente.

Em Mellsetter, última vila branca antes de chegar ao destino, Mike parou para compras. Depois penetramos por uma agradável estrada de terra, cheia de curvas e estreita, por locais mais altos e frios. Estávamos junto à fronteira, cada vez mais sós. Logo, à frente, uma pequena placa indicava:

Alice Dale.

- Here we are! exclamou Mike.

Curvou para a esquerda, subindo por um íngreme atalho, que contornava um morro. Lá em cima, toda cercada por alambrados, estava nossa "base", uma aprazível "Guest-House" desativada devido o terrorismo. Alice Dale, com sua sede tipo suíço, sua lareira e sua piscina! Nada mal!

Distribuí o pessoal pelos quartos de hóspedes, e me instalei na suíte. Afinal, não ia abrir mão de um pequeno privilégio como este!

Mike mostrou-me o depósito de víveres, atulhado de rações de combate rodesianas. Poderíamos usa-las como reforço alimentar, enquanto lá estivéssemos.

A região era "zona 100%", e logo atrás de nossas instalações se erguia uma montanha, a última antes de Moçambique. Em caso de ataque com morteiro, estaríamos como patos em barraca de tiro. Mas quanto à isto nada havia a fazer; organizei um sistema de sentinelas, apenas para evitar a aproximação excessiva do inimigo e dar o alarme. Todos dormiriam com as armas ao alcance das mãos.

O motor gerador seria desligado às 20 horas, diminuindo assim o perigo de sermos ofuscados durante a noite. Conhecendo nossos domínios, a escuridão nos ajudaria na defesa.

Naquele cenário aparentemente tranqüilo, cercado de verdes montanhas e respirando um ar privilegiado, fomos dormir. A alvorada seria às sete horas, e antes do breakfast, havia prometido que teríamos corrida. Tinha que tornar meus homens novamente operacionais, faze-los expelir a cerveja do corpo e agora era a oportunidade. Temia que me dessem trabalho em matéria de resistência física, o que logo ficou demonstrado.

_ Um, dois, um, dois! Vamos lá pessoal! Descendo pela ladeira ninguém reclamava, esbanjavam forma. No sopé do morro dei meia volta e ao contrário do que esperavam, atirei-me estrada acima, lembrando que a minha única medalha ganha em esportes, fôra em Cross Country, em Barbacena, sempre gostara de corrida rústica.

Silva, o mais gordo da turma, ex-membro da PATU (Patrol Anti Terrorism Unit), do Rhodesian Army, começou a empalidecer e ficar para trás, mais dois o imitaram. Acelerei o passo para ver com quem teria que "forçar a barra" futuramente. Entramos em fila indiana pela "farm", e ao redor da piscina voltamos à calma. Ali, nas espreguiçadeiras, estavam Mike e um estranho, haviam cruzado por nós na subida, no Land Rover do S.B., com mais dois africanos.

- Helo Pedro!

- Hei Mike!

Apresentou-me Danny, outro agente, um dos campeões de tiro de Rhodésia (sua esposa era a campeã feminina), e instrutor dos Selous Scouts, a "task force" de elite do Exército. Sem dúvida um profissional competente, mas com quem viria me antipatizar, por causa de seu métodos.

Danny ficaria conosco, para acompanhar minha instrução e para ministrar outras. Quis conversar comigo imediatamente sobre a missão e do treinamento a ser dado. Após o banho e o café, reuni-me com Mike e Danny, munidos de mapas e fotos.

O campo de prisioneiros da Gorongosa, no coração do antigo parque do mesmo nome, distava uns 150 quilômetros da fronteira, em percurso a pé. Mantinha em suas instalações, em regime de escravidão, cerca de 1200 dissidentes da Frelimo, grande parte deles por motivos fúteis.

Em duas partes distintas, separadas por um riacho, ao norte estavam localizadas as casas do guardas e do comandante, e ao sul, as instalações reservadas aos prisioneiros. A Força Aérea Rhodesiana fizera um bom trabalho de fotos, tiradas à grande altitude mas perfeitas.

Danny fez sinal para que os dois africanos se aproximassem. Ao que aqui chamarei de Paulo, fôra um comandante da Frelimo, entrara em dissidência por não participar da corrupção que grassava entre os oficiais logo após a independência, e com isso ganhara uma estadia para "reeducação" no campo da Gorongosas, de onde fugira para a Rhodésia, juntamente com Jonas, outro recluso. Ambos falavam português, inglês e os dialetos africanos locais.

Todas as minhas dúvidas foram por eles esclarecidas, tais como efetivo, armas, turnos de sentinela, entradas e saídas de campo, obstáculos naturais e artificiais, moral dos prisioneiros e guardas ,etc. E melhor notícia, era que nos iriam acompanhar como guia e combatentes. Apresentei-os ao pessoal, e passaram a participar do treinamento.

Obrigava o grupo subir pela montanha várias vezes, sempre seguindo técnicas de combate, observando silêncio, apagando pistas, etc, etc, e fomos aos poucos nos entrosando. Num stand escondido em meio dos pinheirais, exercitamo-nos com as Kalaschs no tiro de precisão, instintivo, rajadas curtas, pois três dos homens ainda não conheciam a AK-47.

Apesar de alguns atritos com Danny, chegamos ao final do período de reaquecimento, inteiros, e prontos para a partida. Fomos fechados na traseira de um Land Rover, e escondidos, rumamos para as cercanias da vila de Umtali, cuja rodovia e ferrovia ligavam-na à cidade da Beira, nas costas do Índico. Agora, ambas vias estavam cortadas e minadas na fronteira.

No período colonial, era por alí que transitavam as centenas de turistas rodesianos em busca da praia e dos afamados camarões da Beira, Inhambane

e outras localidades moçambicanas. Era pela estrada de ferro também, que o bloqueio econômico contra a Rhodésia era furado com maior intensidade, com a concordância do sensato governo português da época.

Umtali igualmente era procurada pelos portugueses, pelo seu clima de montanha, bons hotéis e boa bebida, além de abrigar como residentes, uma grande colônia lusa.

Num clube de campo abandonado, saltamos finalmente de dentro da carroceria do Land Rover, ofuscados pela claridade. Esticamos as pernas e preparamos uma espécie de pic-nic, enquanto aguardávamos a chegada de Mike e Taborda para as instruções finais.

O velho Taborda, que lutara em Angola estava como chefe de uma base de S.B., onde treinavam africanos vindo de Moçambique e de onde Paulo e Jonas saíram. Muitas das informações que seriam dadas eram secretas, e para evitar qualquer deslize, só agora é que nos revelariam.

- Reunir o pessoal!

O veículo esperado se aproximava.

Sentados em semicírculos, iniciamos o briefing. Mapas no solo, Mike mostrou rapidamente e com eficiência os pontos minados, as zonas de patrulha que deveríamos evitar, trilhas, etc. Ponto de partida: uma fazenda ao lado de Umtali; ponto de chegada: um maciço montanhoso ao norte, já perto de Tete, o território inimigo encravado na Rhodésia. Taborda e seus homens lá estariam, passados 10 dias, em vigília diária.

Sempre camuflados no Land Rover, partimos para o ponto de saída, seguidos pelo segundo veículo, mas bem afastado.

Eram pouco mais da 17:00h; de um caixote, retiramos uniformes da Frelimo e despimos nossos trajes civis. Perto, alguns homens do S.B. mantinham-se alertas, porquanto logo abaixo da estrada onde estacionamos, iniciava-se o outro país, inimigo.

Uma novidade foi a pasta denominada de "Black is Beautiful", que tivemos que passar nas partes do corpo que não eram cobertas pelo uniforme. Com o rosto, mãos e pescoços enegrecidos pela miscelânea criada pelo Rhodesian Army, seríamos facilmente confundidos, à distância, com tropas africanas.

- Em forma! Preparar para a revista!

À minha ordem, os 9 homens se perfilaram, mochilas colocadas, armas cruzadas e abertas. Sem perda de tempo, inspecionei em cada um, a munição, arma, cantil, comida, a perfeição do "Black is Beautiful" e a ausência de metais que pudessem criar reflexos luminosos. Tudo em ordem. Chegou a hora, mais uma vez. Depois de uma pausa, aqui estávamos nós. A guerra de Angola ainda estava bem viva nas mentes, todo aquele sacrifício,

aquele esforço do qual não pensara recuperar tão cedo. Mas o tempo passou rápido e Angola transformou-se em apenas uma batalha, a guerra continuava e nossas armas romperiam seu silêncio.

Enquanto pensava, com a bússola tirei o 1º azimute a seguir na longa jornada. Ok, não falta mais nada!

- Boa sorte! Mike a Taborda cumprimentaram um por um, e o grupo seguiu-me trilha abaixo, rumo à Gorongosa.

DE VOLTA AO COMBATE

Um combatente se sente renascer quando, afastado finalmente de tudo que não seja a situação de guerra, caminha através de mata, arma em punho, cantil na cintura, olhos e ouvidos aguçados. Naqueles momentos ele é rei, é lei, é vida e é morte. E perto desta, a vida passa a ter mais valor, mais sabor.

Avançamos pela trilha, distanciados de cinco homens, em silêncio. Uma chuva fina começa a cair, para nosso júbilo, pois apagará pistas e confundirá ruídos.

O declive termina, vamos entrar na planície; a fronteira foi deixada para trás. Levanto o braço esquerdo e me agacho. Todos me imitam sem ruído e passo a ordem: sair da trilha, camuflar-se na vegetação e esperar o anoitecer.

Todos se acomodam da melhor maneira, cobertos pela lona individual, pois a chuva engrossou e parece que vai durar. Entregues aos pensamentos, deixamos a tarde morrer. Só se ouve o barulho das gotas caindo...

A noite ainda não chegara, mas uma neblina adensava-se entre as árvores, tornando-as apagadas. Achei por bem avançar.

Dei o sinal, e como fantasmas em suas capas de lona negra, foram saindo de suas tocas, sacudindo-se da água acumulada. Debaixo da garoa fina que volta e meia aumentava, progredimos em território inimigo. Logo o suor produzido pela marcha forçou-nos a retirar as capas, embrulhadas e colocadas de novo nas mochilas, deixando nossa roupa molhar, mas equilibrando melhor o calor do corpo.

O terreno, que há muito deixara de ser limpo ou habitado, agora cobria-se de alta vegetação, que agarrava-se à nós e procurávamos evita-la, serpenteando entre as “ilhas” de mato, mas sem escapar do capim, que me preocupava bastante devido ao rastro deixado. Era impossível apagar todos os sinais numa longa caminhada ou progredir em linha aberta, o que marcaria menos, mas os acidentes de terreno não permitiam.

Paulo ia à frente, conhecia a região, seguido de mim, e fechando a coluna ia Alex, um português que não fora aceito nos comandos em Angola por intrigas de inimigos pessoais, tornando-se depois desta chance negada, quase um vadio, sem trabalhar, sem cortar a barba e o cabelo, andando inclusive descalço.

Resolvi lhe reabilitar contra todas as opiniões, sabia que era um elemento valioso.

Uns dez dias antes da partida, lhe comuniquei que havia "algo", e ele seria aceito se, obviamente, mudasse seu comportamento. No outro dia, um novo homem aparecia à minha frente: barba raspada, cabelos cortados à militar, porte ereto e botas!

Cheio de entusiasmo passou a fazer exercícios físicos pelas manhãs, deixando inclusive as costumeiras bebedeiras de lado. E não me enganei, tornou-se um combatente eficaz, sacrificado, fiel, conquistando o lugar de "cerra-fila", importantíssimo numa guerrilha, pois é o indivíduo que apaga os rastros, permanecendo atento à retaguarda, nos ruídos de uma possível perseguição, um posto para homens de confiança.

As nuvens baixas do temporal eram instáveis, às vezes deixando surgir uma lua enorme, clareando tudo e semeando sombras.

Depois de andar horas, chegamos à locais habitados, com grandes machambas (plantações) de milho principalmente. E nos milharais havia vigias, quase sempre acompanhados de cães vadios, aquecendo-se na pequena fogueira que queima por toda a noite, debaixo de um abrigo de palha. Aqui e ali, extensas faixas de terra preparadas para plantar complicavam-nos a progressão, pois nossa passagem deixaria profundas marcas no solo macio e molhado.

Um cachorro desata a latir feito um desalmado, sentindo a nossa presença, denunciando-nos. Era o primeiro cão comunista que encontrava, mas na hora não senti graça alguma. Afastamo-nos com rapidez, dando uma longa volta mas caindo em uma plantação que além de maior, era limitada por um profundo riacho, estreito mas não o suficiente para que passássemos sem ter que afundar até o pescoço, erguendo armas, munições e mochilas acima da cabeça, produzindo inevitáveis ruídos.

Depois do rio, um barranco alto e despido. Quanto estávamos no meio da subida, as nuvens se espaçaram e a lua brilhou sobre nós. Angustiado, vi as sombras projetadas, compridas silhuetas em negro, cortando o aclive.

Um vigia começou a bater numa lata, rompendo o silêncio da noite, fôramos visto sem dúvida, e as batidas, fortes como as do meu coração no momento, prometiam caçada para o dia seguinte. Sabia que com pista ou

sem ela, amanhã nos procurariam por todo o lado.

Tinha que tirar o pessoal daquele perigosa zona fronteiriça em marcha forçada, mas Silva, o gordo, começava a apresentar problemas, que eu já esperava e temia. Caíra várias vezes, e as paradas para descansar tinham se tornado freqüentes, alguns outros também estavam fatigados devido à progressão pelo terreno molhado mas era preciso seguir.

Empurrava-os, ora ameaçando deixa-los para trás, ora animando-os; não queria amanhecer o dia em perigo, numa má posição, teríamos que acampar em terreno que nos favorecesse e para isso urgia sair daquele buraco, chegar aos morros que se delineavam no horizonte.

Malgrado meus esforços e a tentativa de aliviar peso das mochilas de quem estava mais estafado, transferindo parte da carga a outros mais resistentes, não foi possível leva-los adiante. A chuva, a lama, a vegetação, o peso do equipamento e a marcha forçada, haviam colocado dois dos homens completamente esgotados, sem condições de caminhar alguns metros.

Estávamos em uma pequena elevação, no sopé de outra bem maior, onde pretendia passar o dia, mas a única solução foi sair do capinzal espalhados em linha, cada qual apagando seu rastro e enfiar-nos numa "ilha" de mato cerrado, que se erguia no declive adiante distante uns 200 metros. Péssima posição, escondida mas de maneira que o inimigo nos pegaria sempre de cima para baixo, e à retaguarda só escaparíamos rolando ladeira abaixo, caindo provavelmente em campo aberto.

Cada qual isolou-se num canto entre as árvores, num raio de uns 15 metros e cobertos pela capa adormeceram de imediato. Permaneci sentado algum tempo, esticando-me depois no solo mas sem pregar o olho. Estava excitado demais para dormir, sentia-me como caça que pressente o perigo, fôramos detectados e ainda estávamos cerca de uns 4 quilômetros distanciados do maldito milharal, embora caminhássemos muito mais devido aos zig-zagues que nos vimos obrigados a realizar, progredindo num terreno cheio de obstáculos e um famigerado rio, repleto de curvas fechadas, com o qual topamos umas três ou quatro vezes.

O dia amanheceu limpo, dando-me um nó na garganta. Mas só restava continuar deitado ou sentado, esperando a acolhedora noite voltar.

Aquela zona era bastante habitada, e ouvíamos ruídos de conversas e trabalhos domésticos, em casas que provavelmente teríamos encontrado se progredíssemos mais algumas dezenas de metros à frente!

Por associação de situações, veio-me a lembrança de anos atrás, estar sentado na porta de um pequeno Piper Cub que sobrevoava a praia de Itajaí, Santa Catarina, à uns 1200 pés de altura, e eu, com as pernas dependuradas

para fora e o paraquedas às costas, preparava um salto no vazio. Era o terceiro ou quarto que dava, principiante, e só naquele é que tive bem a noção dos fatos, antes encobertos pelo entusiasmo. Veio o medo se infiltrando e pensei:.. "ninguém mandou me meter nesta fria, podia estar muito bem lá em baixo tomando uma cerveja..."

E agora também, podia estar em Pinhal, minha cidade, tomando uma batida no bar do "Tekila", com "muitos anos de vida pela frente", ao invés de estar aqui contando os minutos, esperando a qualquer momento a visita da morte, velha namorada... "quem mandou me meter nesta fria?"...

Logo identificamos barulho de armas, e guerrilheiros da ZIPA - Zimbabwe (Rhodésia) Independence People Army - iam e vinham à vontade em suas casas!

Havíamos caido num vespeiro de guerrilheiros rodesianos, tropas tanzânianas e advisers cubanos, que substituíam a decadente Frelino naquela zona perigosa. O mínimo movimento desastrado e o barulho poderia atrair o inimigo para cima de nós, visto que deveriam ter recebido informações sôbre nossa passagem e estavam alertas.

O sol apareceu, aquecendo-nos e dei à contra gosto, permissão para tirarem as botas e secarem as meias. Não era aconselhável, mas por outro lado a caminhada que nos esperava logo mais exigia pés e meias em boas condições. Preferi ficar calçado, sentia-me nu sem as botas, quando em situação de guerra.

Outros dois problemas logo apareceram: a tosse e o cigarro. Os corpos molhados durante várias horas se ressentiam, e a tosse veio, irreprimível e violenta. Os homens tornavam-se roxos, tapando a boca com as mãos, fortemente, e agitando-se em espasmos para contê-la.

Uma mistura de licor Cointreau com mel, que, precavido trouxera, amenizou um pouco o problema mas criou outro, a falsa crise de tosse para poder bebê-lo!

O vício do fumo, que eu não tenho, obrigava-me a não proibi-los totalmente, apesar do perigo, porque não sei aquilatar a intensidade desta vontade, desta falta, e suas conseqüências no estado psicológico dos meus companheiros. Fumava-se por turnos, tragando e espalhando com as mãos a fumaça que escapava, precauções que não dissipavam o odor, sentido à distância na mata, pelo menos por um não fumante.

Embora alguns glutões passassem o tempo a mastigar o "biltong", nada comi, sem apetite. Chegamos ao meio dia incólumes, e a tarde seguiu-se, com todos nós acompanhando as horas pelos relógios, uma por uma. O pôr do sol seria às 18:30h, e isto significava uma mão estendida para nos tirar de um atoleiro.

14, 15, 16 horas, chegaremos lá apesar do movimento à nossa volta!

Já esperançosos, víamos o ponteiro ir chegando às 17 horas, quando à minha esquerda, pressentiu-se o caminhar de guerrilheiros, conversando entre sí, demonstrando que não imaginavam nossa proximidade e pelo lado que vinham, não podiam estar seguindo pista alguma. O barulho de galhos se partindo aumentou, estavam penetrando na mata justamente na direção onde estavam Póvoa, eu, e mais perto deles, Rui, um caçador em cujas terras, que perdera com a Independência, passaríamos, servindo-nos de guia.

A lombada e o mato fechado fariam que, se continuassem a progredir, só viessem a nos avistar praticamente cara à cara. Devo lembrar que não nos interessava qualquer confronto antes de libertarmos Gorongosa, a missão principal. Evitar tiroteios era a ordem.

Estes momentos de "pré-combate" à curta distância, de expectativa, é uma sensação angustiante, completamente diferente de um embate com blindados, por exemplo, ou mesmo o ataque e defesas de cidades ou posições, em que se vê o inimigo ao longe, e ainda que depois possa se transformar numa luta corpo à corpo, não há surpresas. Ali sabíamos, que antes mesmo de visualizar um rosto, os estaríamos matando ou sendo mortos.

Não gosto de esperar a luta deitado. Sinto-me mais frágil, mesmo que esta posição me favoreça. Ajoelhei-me, e Póvoa fez o mesmo, assim veríamos e seríamos os primeiros a serem vistos. Destravamos as armas segundo eu lhes instruíra, forçando a pequena tecla para fora antes de abaixa-la, a fim de que não produza ruído.

Mas Rui, o primeiro na linha de fogo, deitado e talvez nervoso, colocou a tecla em posição de rajada num só movimento, com o estalido característico alertando o inimigo, que claramente ouvimos fazer o mesmo e calarem as conversas. Deram dois ou três passos cautelosos, e não sei quem apertou o gatilho primeiro, creio que Paulo, o ex-comandante da Frelimo, que embora afastado, estava em posição mais alta. Praticamente todos atiraram juntos, por segundos de diferença, nós e o inimigo.

Na frente vinha um negro de calções brancos e chapéu de palha pintado com tinta vermelha (!) com sua Kalash. Todos os outros portavam as mesmas AK-47.

Quatro de nós, melhor colocados, abrimos fogo: eu, Póvoa, Paulo e Zeca. O dono do chapéu teve seu peito arrebentado por dezenas de balas, mas creio que ainda foi sua rajada que nos atingiu com mais danos. Os que vinham atrás, já surgiam, mas com rajadas desordenadas, tentando fugir ladeira abaixo. Rui gritou de dor e Zeca apenas disse - "já estou!"

Balas por todo lado, eu e Póvoa descarregamos juntos os carregadores de 30 cápsulas 5.56 das AK-47, e rastejando - de costas - protegendo-nos

mais na lombada, trocamos os "pentes" e aproveitei para sacar também uma granada chinesa, de meu colete peitoral.

Metralhando em leque para baixo, ainda pegamos dois ou três guerrilheiros, que gritavam o mais que podiam. Zeca estava bem, com apenas o braço atingido mas Rui tinha suas pernas arrebentadas, principalmente a esquerda, quase cortada fora. No cotovelo de minha blusa, dois furos indicavam a entrada e saída de um projétil que não me tocou!

A aldeia agitava-se, mulheres faziam alarido, correria, tiros eram dados à esmo. Em nossa volta, capinzal, e acima, o sol que teimava em brilhar. Ao derredor, enxames de guerrilheiros,

- Vamos dar o fora daqui! Vamos sair "na marra" e tentar chegar ao tôpo do morro maior de qualquer jeito! Dois de vocês abandonem as mochilas e carreguem o Rui!

Após gritar as ordens, saí em frente, para o descampado. Paulo recolheu a arma do morto mais próximo, haviam outros dois estendido atrás, e abaixo, feridos que gemiam. O capim dava-nos pela cintura, e agachados ficávamos cobertos, mas não abrigados.

Progredi pelo campo, pronto para disparar, girando em torno de mim. Meus homens acompanhavam, bem espaçados, e logo à direita já havia uma casa, mas abandonada às pressas para nossa sorte, ou dali seríamos ceifados com facilidade. O barulho de um motor de veículo soou como uma condenação - podia significar o deslocamento de tropas, cortando nossa retirada.

Em verdade, o inimigo, sofrendo um ataque em pleno dia, superestimou nosso grupo, fugindo sem saber que éramos pelo menos 10 vezes inferiores em número ao efetivo lá existente.

- Onde está Rui? Quem está com ele? - perguntei quando já havíamos avançado uns 300 metros em direção ao morro. Ninguém respondeu à minha interrogação, só vi cabeças apontando do capim, caladas. Não fora socorrido...

Voltei imediatamente com Paulo e penetramos novamente na mata. O ferido estava no mesmo lugar, sofrendo, e a pequena sacola que continha injeções descartáveis de morfina rolara para fora de meu alcance. Mesmo sem proteção tivemos que dependurar as armas à tiracolo e suspendemos Rui em "cadeirinha", com seus braços em nossas costas. Para ele, ser transportado sem a morfina era uma verdadeira tortura, urrava devido à dilacerante dor que sentia, sua perna esquerda balançava-se com os ossos partidos e expostos.

Avançamos com ele o mais que pude, ladeira acima, mas rapidamente esgotei minhas forças. Nossa fuga estava se atrasando, e ali não havia modo

de contemporizar; ou desaparecíamos ou ninguém escapava.

Quando do recrutamento, fora claro ao informar que, se um ferido ameaçasse todo o conjunto, seria abandonado, e isso aplicava-se mesmo o ferido sendo eu próprio, assumindo o sub-comandante, e embora teoricamente fosse o Silva, apenas pela idade, entregaria o comando ao Póvoa ou ao Zeca, mais audaciosos.

Deitei-o no chão. Eu quase não conseguia falar, extenuado pelo esforço.

- Vamos ter que deixar você aqui, não há outra maneira de salvar o grupo com segurança. Você tem que ser medicado logo, e se o pegarem irá para um hospital.

- Vocês continuam? perguntou;

- Não, voltaremos para a Rhodésia.

Pelos seus olhos passou uma tênue esperança, a salvação ali tão perto, e íamos deixa-lo. Não prosseguiríamos justamente porque ele seria capturado, e debaixo de tortura podia relevar o plano da Gorongosa e a missão ser desbaratada. Eu não o levaria, embora duramente penalizado, devido seu estado e ao mesmo terreno que teríamos que enfrentar, desta vez debaixo de perseguição e em marcha forçada. Inclusive ficaria para trás o "gordo", se não agüentasse.

O ferido escutou sem se rebelar ou implorar que o salvássemos. Portou-se com dignidade, e calmo, pediu-me que guardasse seu anel e relógio, para leva-los à sua mãe. Apertando-lhe a mão o deixei, juntando-me aos outros, mais à frente.

Progredimos morro acima, e a chuva que nos negara a proteção, aparecia agora, pesada, mas tarde demais, pelo menos para Rui, cujos gemido ouvíamos ao longe. A dor provocada pela água a escorrer-lhe pelas feridas abertas deviam o estar deixando fora de sí.

Uma atadura foi colocada no braço de Zeca, que não apresentava maiores problemas nem mesmo hemorragia; fôra uma bala traçante, ela própria praticamente cauterizara o ferimento.

Tratamos de realizar uma grande curva, descendo o morro ao escurecer e debatendo-nos mais uma vez contra o maldito rio. Interceptamos uma estrada, haviam pegadas de botas militares e a abandonamos, apagando o local por onde cruzamos. Com o inimigo aos calcanhares, não houve ninguém caindo de cansaço... chegamos são e salvos à fronteira, apesar de seguir por locais ditos minados. Quanto à Gorongosa, teríamos que esquecer por enquanto, ou os pegaríamos prevenidos.

A RESISTÊNCIA SE FORTALECE

Permanecemos na clandestinidade, e o S.B continuou a nos ajudar, além de entrarmos em contato com outros resistentes isolados, que engrossaram nossas fileiras. Alguns portugueses desistiram ou foram excluídos por mim, e no ambiente de intrigas que se seguiu ao fracasso da primeira missão, acabei injustamente por eliminar do grupo o Godinho, excelente elemento, mas vítima de inimigos - por sua mania de falar demais - que com falsas informações o colocaram em "desgraça" perante mim.

O fato de ser o chefe, não me tornava infalível, e iria cometer mais erros, mesmo durante missões, mas que serviram para ensinar-me a ser mais humilde e menos egocêntrico.

Diriam inclusive em Salisbury, mais tarde, que eu matara Rui, sacrificando o ferido para que não fosse interrogado pela Frelimo. Carreguei com a falsa acusação até que os jornais o mostraram vivo e curado, mas para na verdade padecer durante dois anos de cativeiro e ser, posteriormente, fuzilado como "mercenário" numas das ridículas e funestas demonstrações de força, que periodicamente o governo de Samora Machel realizava, para se auto afirmar.

Contudo, crescíamos em força e tamanho...

Um novo ponto para entrar em Moçambique com tranqüilidade foi achado: o Eskeleton Pass. Altos paredões de pedra cercavam um vale, cavado em forma de "U", como feito por uma geleira nos tempos glaciais. Aqui e ali, estranhamente isolados, enormes blocos de granito jaziam no meio do quilométrico corredor.

Por alí, segundo os mapas históricos, passaram os primeiros colonizadores, com suas carroças de quatro rodas puxadas por bois, cujos vestígios ainda estavam presentes, intocados em sua solidão, na forma de objetos de ferro e restos de madeira.

Neste desfiladeiro muitos homens perderam suas vidas, colhidos pela febre ou animais selvagens.

Mudamos de fazenda, passando para uma onde se cultivara fumo, e o grande galpão de secagem das folhas serviu de alojamento aos moçambicanos que apareciam de todas as partes, contatados por nossos colaboradores.

Gorongosa por sua vez seria libertada, não por mim, mas pelo comandante André, outro ex-Frelimo que se juntou a nós. Profundo conhecedor da região e também ex-prisioneiro, dirigiu um grupo constituído só de moçambicanos negros, que pela sua resistência física percorreriam os pelo menos 300 quilômetros de ida e volta sem problemas, façanha

infelizmente quase impossível para homens brancos que não possuíssem constituição atlética. Ao mesmo tempo que ele chegava à Gorongosa, no campo chamado Sacudzo, meu grupo realizava missões de sabotagem, para desorientar a Frelimo.

André perdeu apenas um dos libertos, morto ao fugir, e o caudal da Resistência aumentou ainda mais com essa adesão maciça de novos elementos.

Eu e meu grupo original, nos constituiríamos em advisers, recebendo um curso de demolição dado por Danny, na base aérea de Gwelo. Durante uma semana trabalhamos com os mais variados tipos de material, tanto ocidental como dos países de Leste, aprendendo todos os truques na arte do manuseio de explosivos e confecção de minas e armadilhas.

Fisicamente não podia competir com os africanos, e em sã consciência sabia que um branco só atrasaria as progressões, além de até atrapalhar em caso de terem de passar despercebidos em vilas e cidades. Eu lançara a semente, a Rhodésia cedera-nos o adubo, e daí nasceu uma planta forte, vigorosa, a Resistência Nacional Moçambicana, que antes de nós já existia, na forma de ações individuais e isoladas de reação armada.

Aglutinamos tudo isso e dei-lhes um nome. A planta frutificou, e já não precisava de mim, reles jardineiro. A fim de não criar divisões, tentando impor meu método pessoal sobre a vivência dos africanos, compreendi que havia chegado a hora de partir.

Fizera o que devia, mas além disto não podia ir ou seria ultrapassado. E deixando tudo aos africanos, dissolveria como sempre o inevitável circo de parasitas da retaguarda, homens que em Salisbury se intitulavam porta-vozes do nosso grupo e criaram um "conselho da Resistência", desfilando com ar misterioso pelos bares, alimentando sua sede de glória, incapazes de a conseguirem de arma na mão.

Deixara a fazenda equipada, havia idealizado e construído uma pista de treinamento, distribuíra trincheiras estrategicamente colocadas, abrigos contra morteiros e dera instrução militar à todos os civis voluntários.

Devo me apressar, a Europa é minha meta - tenho que divulgar esta luta ao mundo. Voltei à Salisbury e à civilização, com mais uma etapa cumprida contra o comunismo internacional.

Cap. VII

ESCRITOR "REACIONARIO"!

...mas não seria fácil mesmo na "civilizada" Europa, onde as influências da esquerda e de uma parte altamente corrupta das direitas se consumiam, muitas vezes, pelo assassinato puro e simples de quem se constituísse num obstáculo. E eu pretendia falar aos jornais, escrever um livro, reunir o pessoal, lutar como sempre contra a corrosão comunista. "A Europa está sendo cercada", nunca me esquecia.

Mike trouxe os travelers checks em dólares americanos que pedira para me conseguir e que seriam suficientes para os primeiros meses no velho continente. O próprio agente me acompanhou ao aeroporto, desvencilhando sem problemas os complicados trâmites legais, usando para isso a "palavra mágica", S.B.!

Na cabine de revista corporal, o policial encarregado sorriu e sem me tocar, pediu que "desse um tempo" e depois saísse. Sem complicações, e com votos de boa viagem...

O meu "Rhodesian Herald" anunciava que tropas do exército rodesiano estavam à 120 quilômetros dentro de Moçambique, numa expedição punitiva. Eram 6 de junho de 1977, e na sala de espera aguardava o embarque no 737 da Rhodesian Airwais, para Johanesburg. A guerra nesta parte do mundo prosseguiria sem mim, já dera meu quinhão.

Após um vôo normal, passei a tarde no Aeroporto Jan Smuts, acompanhado de duas simpáticas rodesianas, com quem almoçara e que seriam minhas companheiras na longa jornada de 11 horas para Madrid. As duas viajavam desacompanhados e logo nos tornamos amigos, em que pese a diferença de idade: ambas juntas somavam uns 150 anos! Alegres e descontraídas velhinhas!

O Boeing 747 "Jumbo" da South Africa Airwais não era tão confortável como se esperava do maior avião comercial do mundo. Reformado para transportar um máximo de passageiros, as poltronas eram muito próximas, incômodas até para mim, um "mignon".

Durante a noite, após o jantar, assistimos enquanto sobrevoávamos o Atlântico, o filme "Guerra nas Estrelas" e depois de um pouco de música clássica, adormeci num sono agitado e desconfortável.

Aterramos em Barrajas, onde desci em companhia de uma das velhinhas que iria para Almeirim. A outra seguiria no mesmo avião para Londres. Esperava apreensivo que minha valise passasse pela rigorosa revista da Polícia espanhola, mas surpreso verifiquei que a morte de Franco tivera seus efeitos: os policiais, antes severos, limitavam-se agora simplesmente à

apalpar a bagagem pelo lado de fora, liberando-as.

Recolhi as malas da rodesiana; depois uma das minhas, só faltando o que continha documentos reservados. Porém, para minha angústia, o polícial tateou algo rígido dentro dela e pediu-me para abri-la! Como se um jovem viajando em companhia da "avó" pudesse portar algo proibido... Enfiou as mãos para dentro, descobrindo que o que tocara eram minhas botas, e deu-se por satisfeito. Maldito suspense, pensei, parecia até filme!"

Depois de servir de intérprete para minha colega, que embarcaria em um vôo doméstico, tomei um táxi para Madrid, não sem antes ouvir mil conselhos maternais na despedida.

Minha passagem pela capital espanhola deveu-se à dois motivos: o reencontro com amigos de outros grupos, para atualização, em especial com os portugueses e italianos e também porque queria entrar em Portugal pela fronteira terrestre, mais tranqüila e menos rígida que o aeroporto. Não queria que alguns inimigos me detectassem logo de início.

Estive com o pessoal da Ordine Nova, italiana, da Fuerza Nueva, espanhola, e conversei nos pontos de encontros dos portugueses acerca da situação da velha e maltratada nação lusa. Como sempre, por lá havia muita conversa e pouca ação apesar do descontentamento quase geral da população.

No guarda-volumes da estação ferroviária de Atocha, deixei minha mala maior, que continha muitos documentos e fotos que no momento ainda não poderiam vir à público. Caso fosse revistado com maior rigor, devido ao meu passaporte que continha carimbos de países como a Rhodésia e África do Sul, não haveria problemas com a polícia portuguesa, nada de anormal encontrariam. Sobretudo, queria proteger os remetentes da farta correspondência que trazia comigo, pois muitos ocupavam cargos de importância em seus países ou eram muito conhecidos.

Embarquei mais uma vez para Lisboa, agora de trem. Na fronteira não encontrei dificuldades de maior importância, e decidi que mandaria algum português com "ficha limpa" à Madrid, afim de trazer o resto da minha bagagem, o que fiz logo que cheguei ao destino.

Lisboa, já sem segredos para mim, recebeu-me com seu clima agradável, e logo à noite encontrei-me com o capitão Valdemar. Estava hospedado em um casarão particular na rua das Flores, junto com o alferes Esteves. Lá também me instalei e comecei meus contatos com os conhecidos.

A primeira grande surpresa que Portugal me reservara foi uma reportagem num jornal, em que apareciam "perigosos mercenários" da FNLA, que capturados em combate, viviam em prisões na capital angolana. Seis fotos mostravam meus colegas, alguns dos quais julgávamos mortos,

como o motorista Pereira, e o municiador ... Remédios! O "bandido" estava vivo! Diziam que era o prêso que divertia a prisão com suas palhaçadas de sempre, fôra retirado da Panhard pelos inimigos e conduzido a um hospital - tivera seus joelhos estraçalhados pelo tiro, mas salvara as pernas, e hoje já andava, embora manco. Tenente Paes falecera realmente em combate. Os outros eram Fernandes, capturado no Caxito, Quintino, idem, e os dois tripulantes da Panhard 60, capturados na batalha de Quifangondo, Oliveira e Serra. Estes últimos deram entrevistas criticando a FNLA, e desconfiava-se que haviam se entregado, não capturados.

O Coronel estava às voltas com a criação de um partido político e foi na sede deste que o encontrei. Alí igualmente fui apresentado para um representante da FUMO - Frente Unida de Moçambique - que pretendia estar lutando em guerrilha, contra o regime de Samora Machel.

Tratava-se na verdade, de mais um grupo que vivia de boatos e bravatas, servindo com isso apenas para desviar os esforços de pessoas e entidades verdadeiramente interessadas na libertação de Moçambique, atuando como um autêntico agente do inimigo, pois favorecia-o. Mais grave ainda, é que o FUMO assumia na Europa, os feitos militares de nosso grupo de Resistência, tendo dado entrevistas com alarde, sobre a libertação do campo de concentração da Gorongosa, realizado por André. Nunca vimos sequer um "guerrilheiro" deste pretenso movimento..."

Perguntei ao representante da FUMO, que não me conhecia, sobre Gorongosa. Ouví uma explicação por alto, pois "tratava-se de assunto reservado", mas assegurou-me que foi um sucesso a missão de seus homens.

O capitão Valdemar começou a rir e me apresentei, deixando o "revolucionário" desconcertado. Avisei-lhe que possuía fotos e documentos, e que deviam se retratar nos jornais, sob pena de serem desmascarados. Assim foi feito, e alegaram que a "confusão" foi criada devido à "grande distância entre as Bases(?) de sua guerrilha e o comando central, dificultando por isso a comunicação..."

Continuavam com o uso da mentira para aferir lucros, sendo que nunca provaram terem pelo menos meia dúzia de homens armados em África.

Aos marginais deste tipo, com máscara de idealistas, tanto de esquerda como de direita, me tornava freqüentemente em um espinho, pequeno mas incômodo, pois não me estagnava em palavras, agia sempre, atrapalhando-lhes a "caixa".

Mas não era espaldado por ninguém poderoso, ao contrário de meus inimigos, e ao mesmo tempo que dava entrevistas à jornais portugueses e a correspondentes estrangeiros, o tapete estava sendo preparado para ser puxado sob meus pés...

Parecia difícil, principalmente para a esquerda, que eu, tendo lutado em todos os países recém invadidos por cubanos, tendo viajado constantemente entre três continentes, pregando o movimento armado contra a infiltração comunista, não tivesse respaldo de alguma organização.

Certos jornais me chamavam de "mercenário à soldo da CIA", "lacaio dos imperialistas" e outros chavões.

O BEST-SELLER

Numa tentativa da reerguer o moral dos ex-combatentes portugueses, lancei, com a ajuda do capitão Valdemar e o Alferes Esteves, o livro "Angola-Comandos Especiais contra os cubanos", com prefácio do coronel Santos e Castro, e que descrevia a luta armada contra a venda das colônias de Portugal aos russos, embora omitindo muitos detalhes, pois o objetivo era propagandístico. Queria mostrar que um grupo de portugueses não se rendera e lutava ainda em várias partes de África. Porque não em Portugal, povoado de traidores que precisavam ser extirpados?

A Brigada Lusíada criava forma, os Comandos Especiais poderiam atuar na Europa.

O livro saltou logo entre os dez mais vendidos em Portugal, e os exemplares das duas edições esgotaram em um mês, demonstrando que "batera na tecla certa", e o pequeno espinho mais incômodo se tornou para a esquerda e a direita corrupta, de onde, creio eu, partiu uma "mini conspiração" para me desacreditar.

Fui Contatado pela FLEC - Frente de Libertação do Enclave de Cabinda - parte de Angola encravada no território do Zaire; moçambicanos em Lisboa vieram me sugerir outra frente de combate no norte, à partir de bases no Malawi. Aos poucos ia fazendo planos e conseguindo adeptos, homens que queriam realidade, não a verborréia dos pseudos grupos de reação.

Quase toda noite encontrava-me com amigos na boite "Gruta", e foi ali que uma conhecida me revelou ser agente de Polícia Judiciária, enviada para me observar. A PJ, que perdera seus bons agentes com a revolução, era agora um clube de amadores. A missão da jovem era travar amizade comigo, o que conseguiu à bom tento, culminando com noites bem passadas no Sheraton Hotel.

Segundo ela, queriam saber de onde eu conseguia verbas para sobreviver, e havia pessoas insistindo junto à PJ, em me relacionar com assaltos à mão armada ocorridos em Lisboa, ainda sem solução, isto é, encaixar-me em vários crimes sem autores conhecidos, o que solucionaria os problemas de diferentes grupos, inclusive da P.J. Até "testemunhas"

seriam "encontradas"...

Mas o meu círculo de "operacionais" abrangia também a P.J., e um de seus inspetores, na madrugada de 22 de Março de 1978, bateu na janela do apartamento térreo que estava ocupando à três quarteirões do Cassino do Estoril, para onde me mudara à cerca de dois meses atrás.

- Abra a porta, rápido! Preciso falar contigo!

A CILADA

Ainda sonolento, ouvi a informação que pela manhã, cerca das 07:00h, a P.J. desencadearia uma operação de cerco das duas residências onde me hospedava alternadamente e eu seria detido. Ao mesmo tempo, alguns jornais me relacionariam com os tais "crimes sem dono", que serviriam de pretexto para me manter na prisão.

Despedi-me agradecido daquele que arriscava seu emprego e sua liberdade para me ajudar, mas o momento não era para lamentos, e preparei a fuga do País. Iriam me atingir da forma mais baixa possível - ser eliminado só serviria para fortalecer a causa que defendia - alvejando-me moralmente, fazendo descer sobre mim um véu de suposta desonestidade, justamente o crime que eu impedia com minha ação contra os falsos movimentos, que só buscavam dinheiro. Cerca das 02:00h tinha uma valise pronta. Havia raspado o bigode e mudado o tipo de penteado.

Às 05:00h, dirigi-me ao guichê de tickets da Estação Santa Apolonia, onde comprei dois bilhetes para duas localidades diferentes. Embarquei no primeiro trem à sair, e quando ele começou a mover-se, mudei rapidamente de vagão e saltei de volta à plataforma no meio da multidão que aguardava sua vez - para alguma coisa servem os filmes e romances de espionagem!

Aí então tomei o trem para uma vila onde havia um entroncamento para a fronteira. Lá desci já com outros trajes e embarquei para Vila Formoso, local que conhecia bem e sabia ser um ponto pouco controlado.

Metade do dia transcorrera quando cheguei ao destino, e a operação em Lisboa se frustrara, mas qual seriam as providências que adotariam? Comunicariam os postos fronteiriços? Ou pensariam que estava algures na capital, sem nada saber?

À pé, dei um passeio "despreocupado", passando pela frente do posto policial e depois pelas imediações da Alfândega. Tudo normal.

- Pois é aproveitar agora, pensei.

Tomei um táxi e mandei rumar para Fuentes Oñoro, no lado espanhol.

- Para onde?, perguntou o motorista.

- Para o melhor hotel que houver por lá - respondi, evitando revelar o lugar para onde verdadeiramente me dirigia, a estação ferroviária.

No controle alfandegário havia uma fila de uns cinco carros, e sugeri ao motorista que levasse os passaportes para carimbar, o que fez, sem problemas. Permaneci no veículo, com um ar indiferente de "turista cansado". Um guarda civil indagou se eu levava alguma bagagem além da valise, e diante da reposta negativa e dos passaportes já carimbados, mandou-nos avançar, e ultrapassando a fila, entramos em território espanhol.

Saltei diante do hotel e mal o táxi se afastou entrei no primeiro bar para tomar um bom vinho tinto da terra, com a tranqüilidade de não se sentir com a cabeça a prêmio. Depois fui a pé até a estação, onde comprei uma passagem para Madrid, de olho nos policiais portugueses que lá estavam, conversando com seus colegas espanhóis, como de costume.

Algumas horas depois o trem partiu, e vendo a fronteira se perder ao longe, respirei mais aliviado. Outro "cerco" que não se fechara...

Na capital espanhola instalei-me num hotel que ficava ao lado do restaurante italiano na Calle de Los Libreros, que tinha a vantagem de estar à 50 metros da Gran Via e ser ponto de hospedagem de outros conhecidos. Teria que passar dez dias esperando, até que um "correio" mandado por amigos, me trouxesse as novidades, meus arquivos e dinheiro: receberia um cheque no dia 24, referente aos direitos autorais do livro.

Mas as coisas se complicaram. Apesar de terem recebido o dinheiro, não conseguiam enviar-me, pois eram vigiados de perto pela P.J. O capitão Valdemar foi chamado para depor e nada de concreto lhe disseram acerca das acusações. Enquanto isso os jornais de esquerda acusavam fictícias "associações de malfeitores" incriminava-me como o "pistoleiro do Picoas", uma ocorrência de tiroteio havida em plena luz do dia no início do ano, no bairro deste nome etc, apresentando-me como um marginal e mercenário da mais baixa qualificação. Quanto aos jornais descomprometidos ou de direita, derrubavam uma por uma das acusações, todas feitas sem muito conteúdo e convicção.

Uma observação de "O Dia" me fez sorrir, eu não poderia ser o "pistoleiro de Picoas", visto o mesmo ter errado três tiros à queima roupa na vítima. Uma falha impossível, devido ao meu "currículo"!

Mas haviam testemunhas compradas, e o esquema fora montado para vencer. O prudente seria não retornar, quem me espaldaria? Estava só, e na "democracia" portuguesa, não teria chance alguma. Senti pelo meus arquivos, centenas de fotos, documentos, correspondência, medalhas e outras lembranças de África, arbitrariamente recolhidas pela P.J., e que hoje deve servir de decoração nas casas de alguns agentes.

Cap. VIII

LEGIÃO ESTRANGEIRA ESPANHOLA

Instrução em Tafia,
Fuerteventura.
Ao centro, o galego.

Folga na instrução, legionários bebendo
"sangria". Ao fundo de pé, o Basco.

Em Puerto Del Rosario. À esq. Kim, à dir. Johny, no centro, o autor com um dedo esmagado por uma metralhadora

Pausa no deserto para a cerveja

Sofrendo com o frio no deserto.
Ao centro a cadela Haisa.

Tercio Sahariano D. Juan de Austria
3 de La Legión

Compañía

Relación nominal del personal de la expresada que embarca la marcha en el día de la fecha

VARIOS	CLASE	N O M B R E	DESTINO	TARJA	OBSERVACIONES
1					

Tercio Sahariano D. Juan de Austria
3 de La Legión

PROHIBIDO HACER AUTO-STOP

Compañía 2º ESCUADRON

Relación nominal del personal de la expresada que emprede la marcha en el día de la fecha

a la Plaza de Madrid. Permiso de B.C. (30 dias)

UNIDAD	CLASE	N O M B R E	HABERES	PERCIBE	OBSERVACIONES
2º Esc.	Cabo	ANTONIO PEREIRA DA SILVA	Sueldo Extranjero		

El personal comprendido en la presente Hoja de Marcha la emprende socorrido de Plazas en Rancho hasta el dia de la fecha, ha percibido sus haberes correspondientes al presente mes por la Caja Principal de este Tercio. Ha sido justificado en esta Unidad a la que pertenece en plantilla. Se le recuerda la obligacion de pasar la Revista de Comisario del proximo mes de Mayo. Es portador de un Traje de Tercio en responsabilidad con esta Unidad.

Pto. Rosario a 5 de Abril de 1.979

EL CAPITAN

Isolado em Madrid, um tanto desgastado psicologicamente e enojado com a podridão dos políticos, senti falta da disciplina da caserna; um quartel me faria bem. Uma idéia veio-me à mente.

Era um ciclo que se fechava: começara com a Legião Estrangeira Francesa, terminaria com a Legião Espanhola, o famoso Tercio de los Etranjeros, de Franco. Nos primeiros dias de Abril, apresentei-me no quartel de Leganês, como voluntário.

Duas sentinelas montavam guarda. Uniformes verde oliva, equipamento de couro negro e na cabeça o "chapiri", gorro de feltro de dois bicos, sendo que no da frente, um inesperado berloque de fios vermelhos se dependurava, oscilando sobre a testa dos legionários. Uma lembrança dos tempos do Marrocos, onde fora criado o Tercio de los Estranjeros em 1928, por Milan-Astray, carismático general que perdeu um olho e um braço em combate.

Lembro-me de anos atrás, quando me dirigia à outra sentinela, daquela vez em Paris. Outros tempos, outra Legião. Minha experiência militar multiplicara-se, tivera aventuras incríveis. Agora, para colocar uma pedra sobre tudo isso e descansar o espírito, voltava ao princípio. Sem nome e sem passado.

- Buenos dias. Soy voluntário para la Legion, disse à guisa de apresentação.

- Venha comigo.

- "Tão simples como na Francesa, pensei.

Mas seria ainda mais sucinta minha incorporação. Aguardei na sala de entrada, adornada de bandeiras, brasões e o onipresente retrato de Franco.

Um oficial assomou a cabeça pela porta, fitou-me e balançou a cabeça afirmativamente ao sentinela. Este veio até mim, pediu que o acompanhasse e me deixou no pátio interno do quartel, onde haviam alguns civis e pequenos grupos de legionários fazendo instrução.

Eram cerca das 09:00h e até as 11:00h ninguém havia me chamado, pelo menos para pedir meus documentos. Acerquei-me de um civil e expliquei meu caso, pois pensava que me haviam esquecido.

O paisano, natural da Galícia e que viria ser um bom companheiro no futuro, sorriu por detrás de sua espessa barba, e disse que estava tudo normal. Com ele também acontecera isso, ficara por dois dias sem ser incomodado, passeando pelo quartel, indo às refeições e dormindo no alojamento, até ser chamado para uma entrevista superficial sobre sua identidade e um exame médico.

O grupo de civis voluntários se reuniu para conversar e trocar impressões. Seríamos provavelmente da mesma turma de instrução e

procurávamos descobrir o que nos esperava. Havia alguns portugueses, um alemão, um africano e o restante eram espanhóis.

Esta Legião, como pude observar era mais "caseira" que a francesa, e bem mais ao modo latino.

O alemão, bastante forte mas um tanto quanto maluco, fazia se entender por gestos, e quando troquei algumas palavras em seu idioma, passou a ser um colega inseparável, pois eu era o único alí a entendê-lo um mínimo.

As informações que consegui entre eles, é que haviam três opções para os voluntários espanhóis, ir para Ceuta, Mellila ou Fuerteventura. Os dois primeiros eram enclaves no Marrocos e o último era uma das ilhas Canárias, a mais deserta, às costas do Sahara. E era esta ilha, a única "opção" para os estrangeiros, de onde não poderiam desertar tão facilmente...

Formamos logo um "subgrupo", de quatro elementos, o que em lugares como as Legiões, é ótimo para a sobrevivência e tranqüilidade. Eu, o galego, o alemão e Jonhy, o africano. Este era de Gana, morara na Suécia onde fora "prostituto" e nas voltas do destino acabara caindo na Legião. Falava apenas inglês, e foi um dos motivos que o ligou ao nosso convívio, pois podia conversar comigo e com Frolich, o alemão. O africano era tão forte como Frolich, e enquanto eu entrava na parte de intérprete para os dois, estes me davam proteção física. Quanto ao galego, era uma espécie de ponte com os espanhóis, todos bem mais novos que nós.

O clarim anunciou a hora do rancho, e lá fui eu, entrar na fila sem mais problemas. Até agora ninguém sabia quem eu era, ou se portava uma arma, etc, e isso dentro de um quartel.

O refeitório apresentava-se bem limpo, e a comida excelente, acompanhada de vinho. Tudo um pouquinho superior às instalações e alimentação postas à disposição de um oficial no Brasil. As primeiras impressões eram tranqüilas. Após comer fomos ao cassino, onde havia máquinas eletrônicas, discos, TV, alguns jogos e bar, servindo lanches e bebidas pagas, naturalmente. Passei a tarde bebendo um bom conhaque e travando uma boa conversa com os colegas estrangeiros.

Na hora do jantar tudo se repetiu, e depois fomos ao alojamento. Num depósito, aberto, apanhei um colchão e meia dúzia de cobertores (as noites eram ainda bem frias em Abril), e instalei-me o mais confortavélmente possível, após tomar um banho quente.

_"Viva a mãe legião, pensei, estamos em casa!"

E assim passei dois dias de férias, antes de ser chamado a uma sala, onde fui entrevistado. Entreguei meu passaporte português, e passei a me chamar Antônio Pereira da Silva. Fizeram perguntas sobre experiência

militar e tempo de serviço, mandando-me em seguida para o exame médico, bastante superficial e que não durou mais de dez minutos.

Fui considerado apto e enviado para o almoxarifado, onde recebi uma muda completa de uniforme. Quanto à roupa civil, era fornecido material para que a empacotássemos e remetêssemos à família, desde que fosse dentro da Espanha. Como para mim não era possível, tive que desfazer de meus trajes, e sem mais qualquer vínculo com o passado, tornei-me novamente um recruta legionário.

Leganês distava alguns quilômetros de Madrid, e ali passei cerca de uma semana. Mesmo contando o quartel com cabines telefônicas para chamadas internacionais, não pensei mais em contatar meus amigos em Lisboa. Que me guardassem o dinheiro e objetos pessoais, já não precisava mais destas quimeras propulsoras da vida em sociedade civil.

Tinha uma farda, um nome de guerra e um número. Éramos todos iguais, regidos por um regulamento, sem punhaladas nas costas em cada esquina.

Recebi um livrete que devia decorar e seguir à risca: o "Credo Legionário", conjunto de definições, chamadas de "espíritos" de legionário, sofrimento e dureza, da morte, etc., e onde se destacava o de "companheirismo": - À la voz de "á mi la Legion", acudirán todos, y con razón o sin ella, defenderán el legionário que pida auxilio. Poderia mais tarde verificar que isso era cumprido, onde houvesse mais legionários, um não brigava sozinho, com razão ou sem ela.

O não acudir quando algum companheiro gritava por ajuda era um ato desonroso, punido com trabalhos forçados.

Pela manhã tínhamos rudimentos de ordem unida e pela tarde teoria, para nos inteirarmos do mínimo essencial da disciplina nas Forças Armadas Espanholas, antes de sermos enviados aos centros de instrução.

Quando o grupo continha cerca de 16 voluntários, partimos. Após receber o soldo equivalente aos dias que lá passamos, (umas dez vezes mais o que ganhava um soldado espanhol em regime de serviço militar obrigatório), saímos de madrugada pelos portões do quartel em coluna por um, até a estação ferroviária.

Alí embarcamos numa litorina para Madrid, onde, na estação Atocha, aguardamos pelo trem que nos levaria até Valencia, no litoral mediterrâneo.

Tudo lembrava os procedimentos da Legião Francesa, salvo que embarcaríamos para a ilha de Fuerteventura, ao invés da Córsega. Juntou-se à nós um pequeno grupo de "quintos", que são espanhóis em idade militar que optaram por servir na Legião. Lá ficariam por 14 meses, ao contrário de nós, com contrato de 2 anos.

Por todo lado era grande o movimento de recrutas das mais diferentes armas, que às centenas aguardavam os respectivos trens. Todos à civil ainda, apenas nós vestíamos farda, e pude verificar que a Legião provocava nos espanhóis um misto de respeito, mêdo e desprezo.

A viagem corria sem muitos problemas, e passávamos por entre lugares interessantes e agradáveis. Bebia-se bastante, e houve apenas uma rápida luta corporal entre dois "quintos", sem maiores conseqüências que um olho roxo e um lábio partido. De modo geral, o ambiente era mais saudável que a Legião francesa.

Em Valência esperava-nos caminhões pesados do Exército, que nos transportaram até o porto, onde entramos imediatamente em formação. O barco, com o mesmo nome da cidade, era pequeno, mais parecido com um pesqueiro, e devia ter capacidade para cerca de 40 passageiros.

Embarcamos e fomos distribuídos em camarotes de três a quatro beliches. Havia um pequeno refeitório e um razoável bar, no convés superior. Os demais passageiros eram uma dupla de hippies escandinavas e outros dois civis.

O pequeno e balouçante barco haveria de levar quatro dias até Puerto del Rosário, capital de Fuerteventura. O pessoal dividia seu tempo entre o bar e tentativas de aproximação das duas únicas passageiras, firmemente entrincheiradas para a defesa de sua integridade física. Em que pese nossa má fama, nenhum desacato foi cometido, e mesmo um grupo de seminaristas não se comportaria tão bem nesta viagem, como nós.

Surgiram no horizonte os primeiros contornos das Canárias, e pequenas ilhotas vulcânicas saltavam ponteagudas para fora do oceano. O barco passou pelas costas de Lanzarote, ilha bem habitada e verdejante. "Engraçado, pensei, as voltas do destino". Naquela ilha estava morando a família do político moçambicano que espionara no Salisbury Hotel, anos atrás.

Logo pudemos ver o extremo norte de nossa ilha, Fuerteventura, segundo os espanhóis, Fuertedesgracia"...

Dunas e mais dunas dominavam a paisagem deserta. Uma ilhota, dos Lobos, colocava-se entre as duas ilhas maiores. Uma pequena vila, Corralejos, estava plantada na costa rochosa, e alguns minutos depois, descendo para o sul, deparamos com o hotel Três Islas, luxuosa e bizarra construção cercada pelas dunas, onde turistas alemães costumavam praticar nudismo.

Depois, só pedras e mais pedras. Não se via nada verde, ao contrário de Lanzarote, e assim foi, até chegarmos ao nosso destino onde éramos esperados no porto, pela banda que entoava o hino dos legionários e pelos

instrutores, em traje camuflado, perfilados.

Grande quantidade de civis também ali se encontravam, assistindo a cerimônia de recepção aos novos voluntários. A capital, pequena, ondulava-se em cima de colinas e parecia ser agradável. Mas tivemos pouco tempo para contempla-la, pois nosso campo de treinamento era em Tefia, bem ao centro da ilha.

Caminhões militares, pintados em cor areia, aguardavam enfileirados. Foi dada a ordem para descermos e nos dirigirmos à eles. Desci pela escada do navio, e passo rápido, marchei para os veículos, seguido pelo restante do pessoal, em fila indiana. Os instrutores saíram de forma, fomos distribuídos, e acompanhados de dois veteranos em cada carro, rumamos para o interior, abandonando Puerto del Rosário.

A INSTRUÇÃO - RECRUTA NOVAMENTE!

Logo que saímos do perímetro urbano, enveredamos por uma boa estrada asfaltada, serpenteando entre montanhas rochosas, às vezes em curvas incríveis, mas que nos desvendavam belos vales, imensos e desérticos. Raras casas, todas de pedra, que era só o que se via ao redor. Algumas cabras e um camelo foi tudo o que vi de animais, durante a viagem.

O caminho subia sempre, e era notável as semelhanças que vinham se acumulando entre as duas Legiões, agora era vez das mesmas estradas sinuosas, sempre mais alto e para o interior, tal como a de Corte, na Córsega. Só que no momento, em vez de frio sofríamos um calor intenso, que emanava do solo sêco.

O caminhão diminuiu a marcha e fez uma curva fechada à direita, rodando por um caminho de terra poeirenta, que invadiu a carroceria, fazendo-nos tossir. O trecho, largo e reto, desembocava na entrada do acampamento de Tefia, logo depois de passar por um moinho de vento, abandonado, transformado em bar pelos legionários.

Duas guaritas brancas guarneciam o portão principal, de onde saíam os muros baixos, de pedra, que circundavam o campo de treinamento. Além do prédio principal onde se instalavam o comando, refeitório e enfermaria, havia uma pequena igreja, um almoxarifado e as instalações sanitárias, sendo que uma parte dos chuveiros, era ao ar livre.

Todas estas construções em alvenaria, baixas e caiadas de branco, lembrando as casas marroquinas. Atrás destas, estavam nossos alojamentos, 20 barracas de campanha, de lona camuflada, colocadas em duas fileiras, com ruas de cascalho separando-as. Placas marcavam as "Agrupaciones", em número de quatro. As três primeiras eram para espanhóis que fariam o

serviço militar, e a quarta agrupacion era formada por estrangeiros e espanhóis, que tendo já servido as forças armadas, se ofereciam como voluntários por dois anos.

Esta agrupação sempre mantinha a fama de mais dura na disciplina, e onde o treinamento superava qualquer outro grupo em matéria de sacrifícios exigidos, servindo também de pelotão de castigo aos "quintos", que para ela eram transferidos, se rebelassem em suas seções.

Não se tratava de perseguição aos estrangeiros, e sim porque estes eram considerados profissionais, que provavelmente continuariam na Legião, necessitando por isso de boa formação enquanto que os "quintos" passariam ali apenas os 14 meses do serviço militar, e estes sim eram vistos com desdém.

Formados, em posição de descansar e com a mochila ao solo, éramos chamados e instalados nas barracas. O nosso instrutor, cabo Jeffrey, um inglês com oito anos de Legião, me colocou na 1ª barraca da quarta agrupação, juntamente com Johny, Frolich, o galego, de la Prieta, que era um basco enrolado como ele só, Colacho, um espanhol com cara e tamanho de garoto, mas que futuramente nos iria surpreender, e mais 8 outros, completando assim os setes beliches que lá haviam.

No centro da tenda, uma mesa e dois bancos, além de um suporte de madeira, para serem colocados os fusis Cetme "C", a mesma G-3, fabricada sob licença.

Me instalei rapidamente no melhor lugar, o leito superior do beliche mais afastado da entrada. O sono é precioso nestas situações, e em coletividade militar uma cama mal colocada acaba virando sofá para reuniões e o ocupante não consegue descansar. Tinha que me precaver, pois meu sono era extremamente leve, fruto das campanhas em África, onde tinha o costume de dispensar sentinelas, confiando que acordava sempre ao menor ruído.

No leito inferior se instalou o basco, e no beliche a seguir, o alemão e o africano, que passaram a discutir amiúde, por serem despertados um pelo outro, pois ambos tinham sono agitado. E o mediador desses atritos era inevitavelmente eu, que acabei por me divertir com os conflitos dos dois, que sempre acabavam amigos.

Volta e meia, quando todos descansavam, Frolich irrompia em gritos de "schweine, schweine!" (porco) e partia para cima do Johny, que possuía a não invejável capacidade de produzir flatos de cheiro insuportável, principalmente para o alemão, que dormia na cama de baixo.

O africano, de bom humor, levava quase sempre na esportiva, o que irritava ainda mais o indignado ariano...

Quanto ao basco, já no primeiro dia só pensava em desertar, ocupando seu tempo em traçar fantásticos planos de fuga.

Tivemos uns dias de tranqüilidade, porquanto aguardávamos a vinda das outras três agrupações, para o começo de treinamento. Outros estrangeiros se viriam a juntar-se à nós, e estes dias de espera foram usados para a barbearia, o recebimento de uniformes camuflados, e as vacinas de praxe. O corte dos cabelos era à zero, aliás muito bom para a higiene e toda barba e bigode cairam fora, até que se terminasse o período de instrução, quando então seriam liberados.

Os uniformes estavam bastante surrados, e cada um recebia uma calça e uma túnica, de qualquer tamanho, e devia se virar para trocá-los com algum colega, até conseguir algo razoavelmente nas suas medidas. Toda semana devíamos devolve-los e receber outros já lavados. Se durante este tempo a calça se rompia toda, como era normal acontecer, o jeito era agüentar com as cuecas à mostra até o fim da semana, mas tal fato era visto com naturalidade, de tão comum. E naquele deserto, não havia razões para pudores deste tipo e os chuveiros ao ar livre eram uma mostra disto!

Um grupo de dez coreanos aparece para reforçar nosso grupo, surgidos não se sabe de onde. São bastante unidos, agressivos ao extremo, e irão se constituir numa dor de cabeça constante aos instrutores e colegas de instrução. Converso com Kim, que mantém sobre eles uma espécie de liderança. É o único que fala inglês, os restantes apenas coreano.

Kim era sargento da Divisão Tigre, de voluntários que lutaram no Vietnã, e muitos dos outros haviam sido seus soldados, o que explicava sua precedência em relação à eles. São peritos em uma espécie de karatê, ótimos profissionais militares, e seis deles trazem marcas de balas do viet-cong no corpo. Começo a lhes ensinar espanhol em troca de lições elementares de coreano, o que lhes agrada, e quebram comigo a barreira que mantinham contra os ocidentais.

Kim e Chou se tornam bons amigos, além de Ho, que é a "ovelha negra" do grupo, não foi militar - era pescador - não luta nada, e não quer saber dos trabalhos militares, causando verdadeiros transtornos por não querer acordar para os plantões noturnos, e nem ao menos carregava o fuzil como deveria ser, lançando-o ao ombro como se fosse uma vara de pesca. Às advertências apenas sorria "orientalmente" e encolha os ombros, mas os exasperados instrutores tinham ordem de não molestarem os asiáticos, pois a diferença de civilização e idioma era tanta, que necessitariam um tempo maior de "aclimatização"....

Afinal chegam os "quintos", e a instrução começa à valer. Dois meses se passaram, enfrentados por mim com estoicismo para poder agüentá-los,

arrastando-se na poeira o dia todo, com os cotovelos permanentemente feridos de tanto rolar pelo solo nas "tablas de combate", exercícios repetidos até a exaustão. Treinamento noturno, tiros, granadas, tudo já por mim sabido, apenas de interessante o conhecimento à fundo das armas espanholas, que sentávamos e desmontávamos apenas pelo tato, com os olhos vendados. Os quilométricos cross-country eram feitos com uniforme completo, incluindo botas, e o fuzil às costas. Mas quando voltei para Puerto del Rosário estava em excelente forma física, "destilara" todo o Gin que bebera em Lisboa.

Fui um dos melhores da instrução - sem nenhum mérito em se tratando de apenas repetir o que já fizera muitas vezes, tanto como instruendo como instrutor - e o único estrangeiro da turma destacado para servir na elite do III Tercio "Don Juan de Austria": O Grupo Ligeiro de Cabalaria, equipado com... Panhards 90 e 60!

Kim não completaria a instrução, ferido na perna por uma rajada de sub-metralhadora desferida por Jeffrey, durante uma das inúmeras rixas que os coreanos criaram. Ho acabou como cozinheiro...

Frolich e Jonhy foram destacados para as duras "bandeiras", batalhões de infantaria em constante treinamento.

Eu ficaria um ano em Furteventura, com suas pequenas tempestades de areia, camelos, prostitutas árabes, minha barba aumentando como de um eremita, e em nove meses tornei-me cabo legionário, passando à frente de todos os veteranos, com muitos anos de Legião, e apontado para o curso de "cabo 1º", a graduação seguinte.

Com as duas tiras vermelhas no uniforme, já não tinha preocupações, limitando-me a dirigir a "equipe A", responsável pela manutenção mecânica das Panhards, assunto do qual nada entendia, além de ser atirador de uma 90, da qual já entendia algo...

Percorríamos todos os desertos recantos da ilha, com as Panhards e Land Rovers subindo por montanhas incríveis, em paisagens lunares, dia e noite. Numa praia em Tostón de la Baleña, tive a surpresa de encontrar um enorme iate metálico, de dois mastros, jogado à costa durante uma tempestade e abandonado. Sempre havia algo interessante, intocado pelo tempo. Inclusive um "Ducke", o jeep anfíbio americano usado durante a II guerra mundial encontrei, ao lado de um dos numerosos "bunkers" espalhados pela ilha, também datando da mesma década de 40 e cobertos pela rala vegetação sahariana.

No quartel, a vida não era menos cheia de surpresas, o basco se metera em complicações com a ETA - movimento separatista do povo basco - e numa tentativa de deserção com roubo de dezenas de armas, foi preso, enquanto que um dos companheiros morria metralhado junto ao muro do

quartel.

Frolich, ajudado por uma aeromoça alemã que eu lhe apresentara, desertou após seis meses de Tercio, e Colacho, o pequeno espanhol com cara de criança, ganharia todos os combates de box no campeonato interno, invicto. Havia sido lutador profissional e conservara isso em segredo...

Tendo-me alistado como português, vivia meu papel de "cabo Pereira" com energia, voltando a ter entusiasmo e esperança no mundo - não confiança - e preparando-me para enfrentá-lo numa vida comum.

Completado um ano de serviço em abril de 1979, o cabo "Pereira" recebeu um mês de licença para passá-la em Madrid. Precavido, recebera pelo correio, de contatos "lá fora", travelers checks comprados com o dinheiro dos direitos autorais e documentos. Despedi-me dos colegas e num pequeno barco fui à Lanzarote, e de lá para Las Palmas, embarcando num enorme Ferry-boat inglês que me levou até Cadiz. Do sul da Espanha dirigi-me à Madrid. Depois, Paris, saindo tranqüilamente pela estação ferroviária Atocha, onde deixei o uniforme e identidade militar num guarda-volumes.

Ainda estive em Bruxelas, retornando à Paris e de lá para o Brasil.

Mas haveria um último susto. O meu vôo obviamente era direto, Paris-Rio, sem passar por Lisboa. Já pronto para o embarque no Orly-Sud, a viagem foi adiada e os passageiros hospedados no Orly Hilton até o dia seguinte.

Pela manhã, tudo ok, instalei-me na poltrona, e turbinas acionadas ouço a voz do comandante a nos saudar e comunicar "que o vôo com destino ao Rio de Janeiro e escala em Lisboa..." Via Lisboa! Faríamos uma escala em Portugal! Afundei-me na poltrona, desolado... Um ano apenas se passara... Mas tudo correria bem, na desorganização pós-revolução a eficiente DGS não mais existia.

Aliviado, vi a Península Ibérica ir ficando para trás, próxima parada, Brasil, e os primeiros passos de um civil, que sonhara como todo jovem, mas que realizara seus sonhos, ou pelo menos lutara por eles. E que o destino, sabiamente, havia devolvido tal qual o recebera - um legionário. Sem vaidades, apenas com um passado que muito me ensinara.

Entre os vinte e os trinta anos vivera intensamente; os melhores anos da vida, dera-os a uma causa, um ideal, poderia ser agora um pacato cidadão, distinguindo sonhos da realidade, sem paixões e conquistara o direito de opinar...

EPÍLOGO

... E escrevi este livro, sobre um passado sepulto - mas como um alicerce - mostrando que com coragem e determinação tudo se consegue ou suplanta, e também para que não se fiem nas "belas e heróicas" historinhas contadas pelos "revolucionários de bar", sobre as "florescentes" nações socialistas africanas, que não passaram de pobres escravas do falecido império soviético.

Valeu a pena meu esforço?

Ouso dizer que sim, pois todos nós que optamos pela espada e não por palavras, fomos as verdadeiras pedras no caminho deste inimigo amoral. Discursos não o deteriam. Tornamos o inimigo mais lento em seu avanço, enfraquecendo-o com suas vitórias de Pirro e conseguindo que desmoronasse antes que alcançasse seu nefasto objetivo…

Que memórias de guerra como as minhas se encerrem ao virar desta última página, porque eu lutei para que os jovens de hoje não tenham que escrevê-las.

p.a.marangoni
caixa postal 20
esp.sto.pinhal - sp
13990-000

Fôrça Aérea Brasileira
Legião Estrangeira Francesa
Milícias de Intervenção do Niassa
Exército de Libertação Nacional de Angola
Rhodesian Special Branch
Resistência Nacional Moçambicana
Grupo Ligeiro de Cavalaria do Tercio D.Juan de Àustria,III da Legião Espanhola